



“Dois adolescentes lutando  
extraordinariamente contra um  
trauma.” — PUBLISHERS WEEKLY

# um dia de cada vez

COURTNEY C. STEVENS







“Dois adolescentes lutando  
extraordinariamente contra um  
trauma.” — PUBLISHERS WEEKLY

# um dia de cada vez

COURTNEY C. STEVENS



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

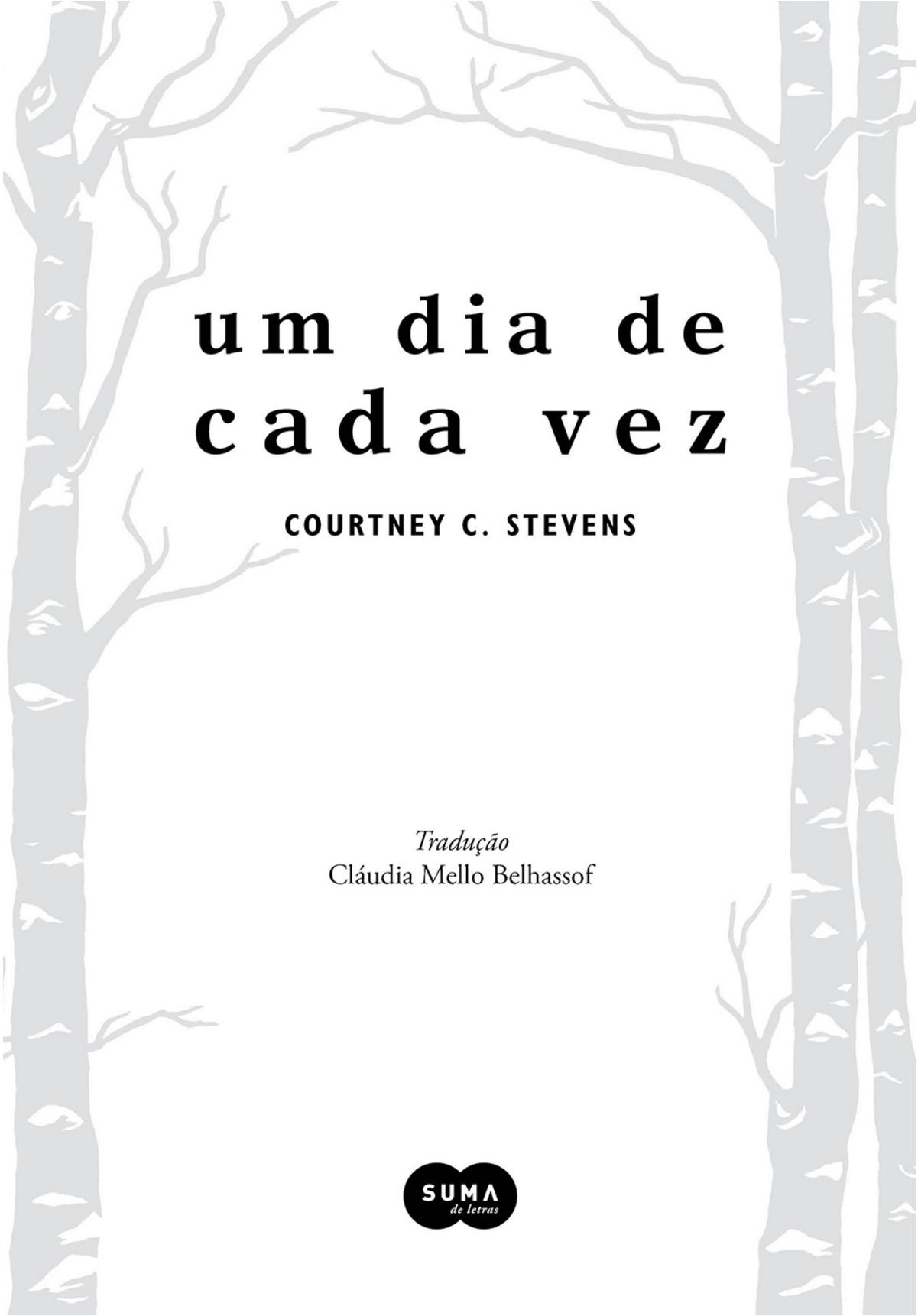
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



A stylized, light gray illustration of a tree with bare branches, framing the central text. The tree is composed of several vertical trunks and a network of horizontal and diagonal branches, creating a simple, graphic representation of a forest scene.

# um dia de cada vez

COURTNEY C. STEVENS

*Tradução*  
Cláudia Mello Belhassof



Copyright © 2014 by Courtney C. Stevens

Publicado originalmente por HarperCollins Children's Books,  
uma divisão da HarperCollins Publishers.

Direitos de tradução negociados por Taryn Fagerness Agency  
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

*Faking Normal*

Capa

Marcela Perroni sobre design original de Laura Lyn DiSiena

Imagens de capa

Foto © 2014 Nadia Raigel/Getty Images

Ilustração (árvores) © 2014 Julene Harrison

Revisão

Rita Godoy

Fernanda Villa Nova

Cristiane Pacanowski

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S869d

Stevens, Courtney C.

Um dia de cada vez [recurso eletrônico] / Courtney C. Stevens ; tradução Cláudia  
Mello Belhassof. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *Faking Normal*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

223 p. ISBN 978-85-8105-248-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título.

14-14515 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

# sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Aos leitores](#)

[Agradecimentos](#)

Para minha mãe, que segurou minha mão a cada palavra; e meu pai, que rezou por cada palavra; e meu irmão, que me ensinou a inventar personagens; e para todas as meninas e meninos que precisaram de um Bodee.

EFÉSIOS 3:14-21.

## capítulo 1

Vestido preto de funeral. Sapatos pretos de salto alto. Faixa preta no cabelo. A morte tem seu estilo. Fico feliz por não ter que usá-lo com muita frequência.

Meu vestido, que eu encontrei depois de revirar os fundos do meu closet, ainda tem um leve cheiro de verão e cloro. O cheiro provavelmente é apenas uma lembrança.

— Alexi, chegue mais perto, para Craig se sentar com Kayla. — A voz da minha mãe me desperta do meu sofrimento e me leva de volta para o funeral.

Minha mãe abre espaço para eu me aproximar dela no banco da igreja, e eu deslizo obediente para baixo de seu braço enquanto o namorado da Kayla se junta à nossa família. Embora eu não conte isto para minha mãe, é bom quando o braço dela repousa no meu ombro, e sua mão me dá um tapinha-aperto que demonstra que ela me ama. Se não estivéssemos em um funeral, eu provavelmente a afastaria. Mas isso seria meio egoísta, já que a sra. Lennox sempre participara do grupo de oração da minha mãe.

— Como está Bodee? — pergunta minha mãe.

— Não o conheço direito — respondo.

— Vocês estão na mesma escola há onze anos.

Dou de ombros.

— Ele é o Garoto Ki-Suco.

O que faz os adultos sempre acharem que as crianças devem ser amigas só porque suas mães são? Compartilhar a primeira aula e armários vizinhos não significa que se conhece a pessoa para além de seu rótulo. Do outro lado do corredor da igreja está Rachel Tate, a garota cuja mãe transou com o diretor James no ônibus 32. Eu sou a irmã mais nova e cópia da Kayla Littrell. Antes desta semana, Bodee era o Garoto Ki-Suco. Agora, ele vai ser o garoto cujo pai matou a mãe. Esse rótulo vai ser passado de ouvido em ouvido sempre que Bodee andar pelo corredor. Antes era apenas fofoca maldosa, agora é por pena.

— Seria bom se você oferecesse ajuda. — Percebo que minha mãe tem mais a dizer, mas a música muda, e ela se vira para a frente.

Não há letra na música, e isso me deixa triste. Toda música merece ter palavras. Merece contar uma história. A história da sra. Lennox acabou, então talvez ela não precise de palavras, mas Bodee deve precisar. Oferecer ajuda para ele é uma daquelas coisas cristãs sobre as quais minha mãe fala, mas não dá para compartilhar um closet e uma pilha de figurinhas de futebol com alguém que mal se conhece. Então, eu faço uma oração e espero que ele encontre um lugar para se esconder.

Mas, provavelmente, ele sempre vai voltar a essa questão. Mãe. Sem mãe.

Essa é uma mudança definitiva. Eu nunca entendi que a vida pudesse ser tão drasticamente dividida, mas pode. E é. Só existe o depois. E o antes.

Aconteceu comigo perto da piscina; para Bodee, é ao lado do caixão. Ou onde quer que ele estivesse quando descobriu sobre a mãe.

Kayla se afasta do Craig e pergunta:

— Alexi, ele é do seu ano?

Faço que sim com a cabeça e desejo que Kayla abaixe o tom da voz.

— Meu Deus, como ele é feio — acrescenta ela.

— A mãe dele morreu — digo. E me aproximo mais da minha mãe, o que não é exatamente possível. Kayla está errada, de qualquer maneira. Ele não é feio; é desleixado, o que é diferente.

Eu preferiria me sentar com Liz e Heather, mas todos os pais estavam com os filhos amontoados ao redor, como se estivessem tentando compartilhar um guarda-chuva em uma tempestade. Eu amo minha família, mas parece que, nos

momentos em que estou mais triste, estou sempre cercada de pessoas com quem não sei conversar. Com Kayla e Craig, sua sombra. Ou com meu pai e minha mãe, a professora.

— Com quem ele anda? — insiste Kayla.

— Com ninguém.

Minha mãe dá aquele olhar para Kayla, e olhamos os programas.

Repito o Salmo 23 com o restante da multidão e me pergunto se Deus alguma vez considerou escrever o salmo no passado, já que muitos pastores o leem em funerais. “Ainda que eu tivesse andado pelo vale da sombra da morte” é mais adequado para sra. Lennox.

— E agora — diz o pastor — vamos ouvir os dois filhos de Jean: Ben e Bodee.

Ben vai até a frente sem erguer o olhar. Pega um pedaço de papel no bolso. O ambiente está silencioso, e eu ouço a folha fazer barulho quando ele a alisa no púlpito. Ele entorta os lábios fechados para um lado e para o outro e, em seguida, abre a boca e canta — meio lendo, meio chorando — parte de um hino. A canção é linda, e eu me pergunto se a música é a verdadeira linguagem da tristeza.

— Minha mãe sempre cantava isso enquanto cozinhava. — Ben encara o teto ao dizer: — Não sei como vou sobreviver sem você, mãe.

Sua dor e seu medo se propagam pelo ar como eletricidade. Eu também não sei como eles vão sobreviver.

— Obrigado, Ben — diz o pastor. — Bodee, pode subir aqui, meu filho.

Todos os olhares se voltam para a esquerda, de onde Bodee se levanta do assento reservado à família.

O cabelo de Bodee está louro, hoje. Sempre pensei que seus cachos coloridos de Ki-Suco fossem para disfarçar a calça jeans desajustada e as camisetas brancas genéricas. Para fazê-lo parecer artístico, em vez de apenas pobre, mas agora não tenho tanta certeza.

Minha mãe tira o braço do meu ombro para pegar um lenço de papel e secar as lágrimas.

— Ai, não consigo nem imaginar.

Não consigo tirar os olhos de Bodee. Os ombros dele estão curvados como a barra de metal do meu closet, que afunda com o peso do meu casaco de inverno. Quero colocar a mão no meio de suas costas, forçá-lo a se endireitar. O arrastar preguiçoso de seus pés é tão triste quanto seus ombros.

— Acho que ele está usando a calça cáqui antiga do Craig — diz Kayla. — Está vendo a marca circular da latinha de tabaco no bolso de trás?

— Metade dos caras em Rickman mascam tabaco — digo. Mas Kayla tem razão: já vi essa mesma calça se embolando com ela no nosso sofá.

— Bom, é a calça de alguém. — Tem solidariedade na voz dela. — Talvez *você* devesse levar o garoto para fazer umas compras.

Mesmo sendo a coisa mais gentil que Kayla disse até agora, eu sussurro:

— Por que *você* não o leva para umas compras?

— Talvez eu leve mesmo.

Craig revira os olhos para mim, porque ele sabe tão bem quanto eu que a última coisa de que Bodee precisa é se tornar um dos bichinhos de estimação de Kayla.

Agora Bodee está no púlpito, e minha mãe não é a única pessoa que precisa de um lençinho de papel. Enquanto o ambiente todo funga, limpa a garganta e seca os olhos, ele agarra o nó da gravata como se fosse uma barra de segurança em uma montanha-russa.

Ele não olha para ninguém. O microfone ecoa sua respiração curta para o ambiente.

Vamos lá, Bodee. Fale alguma coisa.

Mas ele só respira e ajeita de novo a gravata com uma das mãos enquanto esconde a outra no bolso da antiga calça do Craig. Eu aliso os amassados do meu vestido. Kayla faz a mesma coisa. Minha mãe aperta a mão do meu pai. O resto do ambiente se remexe, desconfortável pelo Bodee.

— Coitadinho, coitadinho — sussurra minha mãe.

Uma letra de música surge em minha cabeça enquanto observo Bodee se afogar.

*Sozinho.*

*Diante desta multidão.*

*Sozinho, neste sonho de matar.  
Quem sou eu neste silêncio visível?  
Será que alguém me ouve gritar?*

Eu me pergunto se Bodee conhece essa música. Duvido. Brinco com a ideia de escrever a letra na parte de trás do programa. Eu podia colocar no armário dele na segunda-feira. Mas talvez ele entenda errado.

Mas meu cara misterioso da carteira não entenderia errado. Ele escreveu essa mesma letra na minha mesa na primeira semana de aula. Oito de agosto. Dezenove dias depois que minha vida mudou.

Acho que uma letra aleatória não vai ajudar Bodee.

Ele não vai falar.

É como se ele estivesse amordaçado. Um ladrão de palavras estivesse em ação.

Bodee sai correndo do púlpito e dispara porta afora.

— Vá — pede minha mãe.

Pela primeira vez, temos o mesmo impulso. Meu joelho bate no encosto do banco à nossa frente. O barulho anuncia meu movimento e efetivamente acaba com o silêncio que Bodee iniciou. Craig me apoia enquanto eu pulo por cima dele e de Kayla.

— Boa ideia — diz ele enquanto eu saio.

Não estou saindo porque minha mãe mandou ou porque Craig acha que é uma boa ideia. Eu sei como é encarar o silêncio sozinha.

Bodee está no jardim dos fundos. Estou sem fôlego quando o alcanço, mas tudo bem, porque a situação já é esquisita por si só. Toda essa empatia, ou o que quer que seja, vai sumir quando o sinal tocar às 7h55 da manhã de segunda-feira. O corredor da escola é uma guerra de diferenças, e Bodee e eu temos muitas. Incluída; excluído. Faz compras no shopping; não faz compras. Calada, exceto com os amigos; calado o tempo todo. Mas hoje nós temos uma coisa em comum além de sobrenomes que começam com a letra *L*.

Nós dois perdemos algo que nunca mais vamos recuperar.

O banquinho de concreto treme quando acrescento meu peso a ele. Bodee me olha por tempo suficiente apenas para registrar quem eu sou. Não apenas

parece surpreso por eu tê-lo seguido até este esconderijo ao ar livre. E ele não me lança o olhar de *quero ficar sozinho*.

O tempo passaria mais rápido se eu falasse, mas não me importo que o tempo passe lentamente. Eu me pergunto o que Liz e Heather estão pensando de eu ter saído tropeçando do banco da igreja, e se todo mundo lá dentro acha que eu vou voltar com um Bodee consertado e falante.

Mas não digo a ele para voltar lá para dentro nem que vai ficar tudo bem. Só fico sentada ao lado dele, mantendo um centímetro entre minha perna e os destroços dele. Ele estala os dedos compulsivamente, e eu encaro uma rachadura no concreto onde mora uma pequena erva daninha.

Quando o diretor do funeral nos encontra, eu finalmente falo:

— Vejo você na segunda?

— É.

E só. Deixo Bodee no banco. A distância entre nós agora é elástica, se esticando de um centímetro para alguns metros.

Quando chego perto da minha mãe, ela beija minha testa.

— Lex, eu te amo — diz ela.

— Eu também te amo. — E, enquanto digo isso, penso: ninguém mais vai falar isso para Bodee.

## capítulo 2

A vida começa no quarto tempo de aula.

Não é por causa da aula de psicologia avançada nem porque esta é a única aula que eu tenho com Heather nem porque o almoço vem em seguida. É por causa da carteira e das letras de música. E, como é segunda-feira, é minha vez de começar.

Sobre o que eu deveria escrever hoje? O funeral? Garotas que conversam com garotos que elas mal conhecem? Sexo? O medo que as garotas têm do sexo? Não. Vou manter a ilusão intacta, já que a maioria dos caras prefere acreditar que as garotas gostam tanto de sexo quanto eles. Esse flerte disfarçado com o Cara da Carteira é como ler um romance. O amor no lápis é mais seguro que o amor na vida. Então escolho um trecho de cultura pop que descreve meu fim de semana todo depois do funeral.

*Você tem um minuto?  
Que tal um convite para entrar  
para assumir o controle?*

Heather se debruça para ler o que escrevi.

— De jeito nenhum que o Cara da Carteira vai entender essa. E, se entender, tenho certeza de que é uma garota brincando com você.

— Não é uma garota. Eu já perguntei.

— Você não pode confiar na honestidade de uma carteira — diz ela. — A minha tem “Mark ama Lisa” entalhado e sublinhado. E, hum, todo mundo sabe que a única pessoa que o Mark ama é ele mesmo.

A carteira da Heather é chata, mas eu confio na honestidade da minha.

— Droga — diz ela quando vê meu rosto. — Se você quer que seja um cara, é um cara. Tenho certeza de que o Capitão Letra de Música vai completar você totalmente que nem ele faz com esses versinhos bonitos que vocês escrevem um para o outro. Mas, no caso de ele não completar, Dane vai ao jogo de futebol com a gente amanhã.

Apago a palavra *minuto* da carteira e reescrevo para ficar mais fácil de ler.

— Por que você sempre faz isso comigo? — digo. — Eu nem conheço o Dane.

— Bom, ele é primo do Collie. Eu já lhe dei quase dois meses para marcar um encontro com esse Capitão Letra de Música. Como você nem tentou descobrir quem ele é, eu assumo o comando da sua vida social. A fila anda, queridinha, e você está parada. Pelo menos ele é bonitinho.

— Só porque você tem o Collie não significa que todas nós queremos o que você quer.

— É um jogo de futebol, não é um pedido de casamento — diz ela.

— Graças a Deus.

— Ah, você sabe que quer o que Collie e eu temos.

— Hum, não. Não quero. — A ideia de qualquer coisa parecida com um relacionamento me dá alergia. Primeiros encontros são bem seguros, porque qualquer cara que queira passar dos limites no primeiro encontro é um idiota. Mas um cara que depois de seis meses de namoro não quer passar dos limites tem problemas sexuais. Pelo menos é isso que Kayla diz.

— Você e o Collie ainda se falam?

Heather sabe que a resposta é não. Já é difícil separar os dois, imagine ter uma conversa com ele sem ela saber. Mas ela ainda está procurando um motivo para minha amizade de infância com Collie ter esfriado.

— Não, desde o verão — respondo com sinceridade.

— Estranho — diz ela, mas aceita minha resposta balançando a cabeça. — Tem alguma coisa errada?

— Não. Só não temos nada para conversar ultimamente.

— Vocês podiam falar sobre mim.

— Isso é tudo o que a gente sempre fez — digo.

— Então você não quer um namorado, mas quer o Capitão Letra de Música.

— Eu nem sei quem ele é — respondo. — A escola é chata, e esse negócio da carteira é a única coisa que estimula minha curiosidade.

Fico vermelha antes mesmo de Heather dizer:

— Eu diria que estimula mais do que sua curiosidade.

— Meninas no fundo da sala — interrompe a sra. Tindell, nossa professora substituta. — Vocês podem falar baixo? Os outros grupos estão tentando trabalhar.

— Sim, senhora — respondo.

Heather escreve TRABALHAR em letras grandes no caderno e depois o levanta para esconder seu sorriso. Apenas duas tranças castanhas ficam visíveis atrás do caderno, e ela fica parecendo um pouco com Heidi, da biblioteca. Abaixo a cabeça para evitar dar um risinho da palhaçada dela.

Heather aproxima um pouco a carteira dela da minha, e isso faz um barulho que parece o de uma coruja. Nós nos escondemos atrás dos livros e esperamos a sra. Tindell parar de olhar para a gente.

— Você pode não gostar do Dane ainda, mas precisa fazer alguma coisa para se recuperar da missão de salvamento do Bodee Lennox no funeral. Confie em mim: você pega o Dane e ninguém vai se lembrar de mais nada.

Eu a encaro seriamente.

Heather revira os olhos.

— Pegar significa dar uns beijos, Lex. Eu sei que você é toda apavorada com virgindade.

— Não sou. — Mecanicamente, abaixo a voz quando a sra. Tindell nos lança outro olhar frio. Dou a primeira desculpa que parece que vai convencer.

— Eu só quero fazer isso com o cara certo. Sabe como é? Tem caras demais farejando aqui em Rickman.

— Cara, você e Liz vão ficar velhas antes de eu conseguir falar com vocês sobre essas coisas.

— Liz não vai transar com um garoto de Rickman, Tennessee.

— Assim diz o Senhor — acrescenta Heather.

Liz tem um monte de cachos louros, uma coleção de camisetas vintage e um desejo de *esperar*. Heather não vai à igreja com a gente, por isso ela não entende essas coisas de anel de virgindade e promessas. Ela acha que até mesmo as pessoas que usam esses anéis costumam tirá-los e colocá-los como se fossem revestidos de manteiga. Mas Liz acredita nisso de verdade. Ela tem tanta convicção quanto eu tenho medo.

— Desculpa — diz Heather. — Estou sendo injusta. Eu não ia querer que você fizesse isso com alguém que você não ama. Só queria ter alguém com quem conversar. — Seus olhos oscilam entre chuvosos e nublados, e eu percebo que estamos tendo um momento íntimo. — Collie e eu chegamos bem perto — admite ela.

Heather não se mostra com muita frequência. Ela é a mais ousada do nosso trio, mas, por baixo de todas aquelas palavras atrevidas e sensuais, evidentemente ainda há uma menina virgem. Eu tento não parecer tão chocada.

— Se vocês dois querem, por que ainda não fizeram? — pergunto.

Mal dá para ouvir Heather.

— Tenho medo de ele partir para outra.

— Então por que você ainda está com ele? — Sei a resposta antes de Heather dizer.

— Porque detesto ficar sozinha.

Heather é linda, enquanto eu sou normal. Ela poderia encontrar outro cara que a amasse em um minuto, mas Collie é seu adesivo; ela está grudada nele há anos.

— Ficar sozinha não é terrível.

— Não sei. — Ela suspira. — Queria poder conversar com Liz sobre isso, mas ela não entende.

Sou uma boa segunda melhor amiga, por isso digo:

— Ela entende. Você devia conversar com ela.

Heather escreve o próprio nome e depois o do Collie em uma folha em branco.

— É isso que você faz? Liga para Liz?

— Não. — Faço uma cara irritada. — Como você disse antes, minha fila não anda. Então não tenho nada para dizer.

Deve ser chato ser a Heather. Sua melhor amiga é uma virgem abstinente e a segunda melhor amiga não consegue fazer nada.

— Mas podia ter — diz ela.

Pelo modo como ela está piscando, sei que está pensando no Dane. E em mim. Sendo pervertidos. Não consigo enxergar Dane assim. Nem ninguém. Mas não posso contar isso para ela.

— Não, você não entende — rebato.

— Você é quem nunca vai entender *isso*. Nem eu.

Ela parece estar irritada com nós duas. Mas Heather não compreende. Mesmo que eu tivesse coragem de contar para ela todos os motivos por que eu não estou interessada em ir à Victoria's Secret, nem em falar de pornografia, nem em sonhar com o Dane usando apenas meias, isso não ia ajudar.

*Ele* ainda estaria no corredor, e eu ainda teria que passar por ele. Ele ainda faria parte da minha vida. Que só mudaria para pior se eu contasse para elas.

Porque aí elas saberiam, e ninguém pode “des-saber” alguma coisa.

— Talvez um dia você conheça o Capitão Letra de Música e esteja pronta — diz Heather. — E, quando esse dia chegar, você tem que prometer que vai me contar tudo.

— Claro.

— Sério? Porque eu me sentiria muito melhor se soubesse que não sou a única.

Meu coração bate forte quando escolho as palavras.

— Prometo que vou ligar primeiro para você.

Um sorrisinho maldoso aparece nos lábios da Heather e, de um instante para o outro, sua incerteza desaparece.

— Mesmo que seja com Bodee Lennox.

— Mesmo que seja. — A folha de exercício que a sra. Tindell nos deu no início da aula ainda está em branco, então digo: — Ei, é melhor a gente fazer isso.

— Faço do um ao cinco se você fizer do seis ao dez.

Respondo que sim com a cabeça e abro o livro na página certa. Essa estratégia fez a gente conseguir notas A até agora. Quando nossa professora fixa, a sra. Tomlin, voltar da licença-maternidade, essa chatice de folha de exercício finalmente vai acabar. Li esse capítulo no fim de semana, por isso levo apenas cinco minutos para preencher minhas respostas. Fico com dez minutos livres para pensar no Capitão Letra de Música, no Dane e no Bodee.

Alma gêmea. Encontro. Ponto de interrogação. Nessa ordem. Nenhum deles ia me querer se soubesse a verdade. E eu não quero nenhum dos três de verdade.

Sei que vou me obrigar a sair com Dane amanhã à noite para deixar - Heather feliz. Liz faz uma aula de artes marciais, cujo nome eu não consigo pronunciar, na terça à noite, então não posso contar com a ajuda dela. Que saco essas habilidades dela de Karatê Kid.

— O que eu devo vestir? — sussurro.

— Alguma coisa que mostre seus peitos.

— Que peitos?

— Usa aquele sutiã que eu lhe dei de aniversário e uma blusa justa. Talvez aquela vermelha com botões estilosos.

Não tenho mais esse sutiã, mas balanço a cabeça. Talvez eu pergunte a Liz o que vestir.

Esse negócio de encontro é um problema. E se o Capitão Letra de Música souber quem eu sou? Ele pode achar que estou a fim do Dane. E se ele parar de completar minhas letras de música na carteira? Esse encontro com Dane pode arruinar a única coisa que está me ajudando a sobreviver ao terceiro ano. Pode significar que o Capitão Letra de Música nunca vai confessar que queria ser padre até o dia em que me viu no corredor. E eu nunca vou conseguir uma chance de garantir a ele que o celibato é algo bastante aceitável para mim. Porque eu não deixaria isso nos afastar.

Sou mais parecida com Heather do que ela pensa. Apavorada demais e esperando que um garoto um dia me ame, mesmo eu sendo problemática. E Dane provavelmente não está procurando amor.

Além de pensar em como Heather vai ficar furiosa se eu der um jeito de dispensar o Dane, não sei o que devo fazer em relação a Bodee. Se é que devo

fazer alguma coisa.

Minha mãe se expressou perfeitamente quando disse: “Ah, coitadinho.” Hoje as pessoas o chamaram de coitadinho o dia todo. Rolou um boato de que alguém do time de futebol americano até perguntou se ele queria almoçar na mesa deles. E eu ouvi uma professora dizendo que foi buscá-lo para vir à escola hoje. Acho que talvez ele tenha uma semana de folga antes de voltar a ser o Garoto Ki-Suco e todo mundo na escola seguir em frente para a próxima tragédia.

Hoje foi dia de cabelo azul. Adequado, pensei durante nossa conversa de manhã. O que me tornou parte do grupo em Rickman High que está sentindo pena dele.

Eu disse:

— Ei.

Ele disse:

— Ei.

Depois eu disse:

— Vejo você por aí.

E ele disse:

— Obrigado por, hum, você sabe.

E fechei meu armário com uma batida e me afastei.

Bodee é tipo uma árvore alta e morta no meio de uma floresta verde. Ou uma sempre-viva cercada por carvalhos no inverno. Eu mal consigo ignorá-lo, porque ele é como essas árvores. A gente nota antes de qualquer coisa.

Depois de dividir aquele pedaço de concreto no sábado, comecei a me perguntar todas as coisas que não sei sobre ele. E a lista é longa.

Eu nem sei qual é a cor dos olhos dele, já que Bodee não olha diretamente para ninguém. Verdes? Azuis? Castanhos, que nem os meus? Engraçado como as pessoas valorizam os olhos quando, na verdade, a opção de cores é superlimitada. Duvido que alguém gostaria de uma caixa nova de lápis de cera se só viesse com os tons de cores dos olhos. E talvez seus dentes sejam estranhos, porque, nas raras ocasiões em que ele sorri, a boca fica fechada.

Além da dor, o que está por baixo daqueles fios de azul Ki-Suco?

Na minha frente, percebo que não há barulho de lápis quando Heather para de escrever.

— Você lê essas lições antes da hora ou alguma coisa assim? — pergunta ela.

Claro que sim, e é por isso que eu sempre termino antes dela. Não consigo evitar; minha mãe é professora. Mas respondo que não. Porque não vou admitir que tenho esse nível de responsabilidade.

E que me distrair com o dever de casa me ajuda a ficar fora do closet.

O closet é minha maldição e meu lugar de paz. Por pelo menos uma hora todos os dias, eu me escondo lá. Encolhida e aninhada. Abraçada aos joelhos, enquanto forço minha mente a não viver no modo louco de “antes e depois”. Mas é inútil. Porque me esconder atrás de meus quadrinhos, figurinhas de futebol americano, bichos de pelúcia ou do meu exemplar do livrinho infantil *Superfudge* nunca funciona de verdade.

— Está pensando no Dane?

— Não consigo evitar — respondo.

O sinal toca e Heather enfia o fichário na bolsa gigantesca.

— Oba, hora do almoço. Pizza ou comida de micro-ondas?

Comida de micro-ondas geralmente é mais segura, mas meu estômago não aguenta um pacote de pipoca de cheddar, e favorita da Heather.

— Pizza.

— Vejo você lá dentro.

Heather sai enquanto eu demoro para arrumar minha carteira. Amanhã, se o universo não tiver me esquecido, a letra dele vai aparecer abaixo da minha. E eu terei 53 minutos para escapar da realidade nas palavras dele.

Passo pelo corredor com a cabeça baixa e fones de ouvido. Não paro até chegar ao meu armário. Muitas pessoas derrubam bandejas quando tentam carregar livros e comida, por isso prefiro guardar minhas coisas e depois entrar na fila gigantesca para o almoço.

Percebo que Bodee não está no armário dele.

Talvez a gente não tenha o mesmo horário de almoço. Ou talvez ele esteja aproveitando o novo status de amigo dos jogadores de futebol americano. Por

outro lado, se minha mãe morresse, eu estaria no banheiro chorando e manchando o rosto de rímel.

Saber onde Bodee está não é da minha conta, mas de alguma forma o silêncio que compartilhamos no banco nos conectou. E eu fico me perguntando se ele está bem.

Ou só fingindo estar bem.

Bodee realmente não é da minha conta. Mas eu o segui quando ele saiu do funeral. E, embora eu me pergunte por que fiz isso ou por que estou pensando nele agora, eu sei a resposta.

Porque também estou fingindo.

## capítulo 3

Meu despertador grita *É dia de escola!* e me arranca das poucas horas de sono que consegui ter. Não foi uma das minhas melhores noites.

Estou no chuveiro quando Kayla bate na porta.

— Lex, anda logo. Craig quer fazer xixi.

— Por que ele não usa seu banheiro? — grito.

— Porque papai está lá. Corre, senão Craig vai se atrasar para a escola.

Por que ele está aqui em casa às 6h45 da manhã? Ele tem uma casa na mesma rua. E seu próprio banheiro. Será que eles realmente não conseguem ficar sem se ver antes de ele ir dar aula e ela ir para o trabalho?

— Saio daqui a um minuto! — berro de novo.

Os banhos mantêm minha sanidade. E me dão paz. Parece que hoje de manhã eu não vou ter nenhuma das duas coisas.

Mas é melhor evitar brigas com Kayla, então engulo a frustração de ser apressada pelo Craig (o professor de educação física preferido da Rickman High) e troco o chuveiro pelo meu quarto.

Entre as roupas e os sapatos familiares e as coisas da minha infância, com Binky, o Elefante, apertado na minha barriga, eu me sinto um pouco melhor. Com o caderno cor-de-rosa cheio de rabiscos do fim do ensino fundamental. Meu velho quadro mágico. O macacão do Acampamento Espacial. Nada disso tem objetivo a não ser me consolar, por isso eu guardo tudo.

Assim como guardo meu segredo.

Hoje de manhã, o segredo tem garras. E está subindo pelas paredes do meu estômago, retorcendo minhas entranhas, agitando e revirando e queimando.

Um ácido vermelho-quente no fundo da minha garganta. Pronto para explodir.

E eu tenho que impedir que esse vômito atinja toda a minha vida.

Mas eu me pergunto por que eu sequer tento controlá-lo. *Eu* devia ter raiva *dele*.

Eu devia querer arrancar suas bolas e servi-las em uma bandeja de prata.

“Sua masculinidade, seu babaca”, diz meu eu imaginário.

Mas não digo isso. Nem tenho mais fantasias malignas sobre castração. Na verdade, costumo ser legal com ele quando conversamos. Ele provavelmente acha que eu não me importo com o que aconteceu. Já que, depois, na única vez em que falamos da situação, eu ignorei o assunto. Eu disse um monte de baboseira, como “está tudo bem” e “eu entendo” e “podia ter acontecido com qualquer pessoa”, então ele provavelmente acha que me deu o presente da experiência.

O problema é que eu não estou com raiva *dele*. Não estou com raiva dos meus pais. Nem da Kayla. Nem dos meus amigos. E não é culpa da escola.

É minha.

— Você é a idiota burra. Ele fez isso porque você deixou. Você deixou. — Agora minhas unhas aparecem. Rasgando a pele vulnerável na minha nuca. — Você deixou. — As feridas que precisaram de uma noite para se curar estão sob minhas unhas outra vez.

Não importa o quanto eu arranhe, as palavras continuam na minha cabeça.

O sangue mancha a gola da minha blusa. Não vou deixá-la no cesto de roupa suja para minha mãe lavar.

— Ele fez isso porque você deixou. Você deixou. — Meu Deus, eu queria poder extirpar esse cara da minha vida.

Se ao menos eu conseguisse fazer o lado de fora doer mais do que o lado de dentro.

Para me impedir de coçar mais e mais, abro um pouco a porta e encaro o teto do meu quarto. Minha respiração falha e os números começam automaticamente. A compulsão é mais forte que eu. Tenho que contar.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Oito. Nove.

Sem piscar. Meus olhos começam a queimar.

Dez. Onze. Doze. Treze. Quatorze. Quinze. Não posso piscar. Estou quase lá.

Dezesseis. Dezessete. Dezoito. Dezenove.

Pisquei.

Droga.

Não importa. Vou recomeçar e tentar de novo chegar até 23.

Às vezes eu fico em pé na minha cama e passo a mão pela grade de metal do duto da ventilação, como se fossem um tipo esquisito de Braille. Aquelas aberturas soltam ar frio em mim. Vinte e dois buracos de escuridão. Vinte e três espaços de luz. É difícil contá-los à noite, depois que ficam borrados como um buraco negro.

Agora entendo todas as meninas da minha escola que se cortam. Eu pensava nelas como idiotas que não sabiam lidar com as coisas. Agora, percebo que elas *estão* lidando. Só que não tão bem quanto eu.

Ninguém sabe que eu fico contando, e ninguém percebeu meu pescoço. Nem mesmo minha mãe, e ela é bem observadora. Espero que minha dor seja invisível. Não quero que ninguém chame o esquadrão que cuida dos “malucos”. Professores, pais, médicos, terapeutas. Quando o esquadrão chega, os amigos desaparecem. Já vi isso acontecer.

E já estou presa a Heather e Liz por uma corda fina.

Meus pais entenderiam minha dor, mas, ai, meu Deus, as complicações. Haveria choro e ranger de dentes e mais choro. Pena. E, depois que eles estivessem desidratados e tivessem rezado, as lições sobre perdão iriam começar.

E eu já sei tudo de cor.

Ouçõ a voz deles na minha cabeça.

“Alexi, entenda o nível de dor em que ele estava para atacar você desse jeito. Se você não perdoar, isso vai consumir você.” E eles não tirariam mais os olhos de mim. Estragando ainda mais minha vida.

Eu não preciso de nada, e já o perdoei — bem, segui em frente —, então eu uso as unhas. Encaro a ventilação e conto. E mantenho a boca fechada.

Heather vai chegar a qualquer momento, e eu não estou pronta para ir à escola. Ainda não consigo contar mais de vinte grades sem piscar, mas me dou

mais um minuto de paz no closet.

Sessenta segundos depois, uso lenços umedecidos para limpar o sangue. Meu pescoço está irritado e vermelho, mas uma blusa polo cobre a maior parte das feridas.

— Lex, Heather está aqui. A torrada está pronta! — grita minha mãe.

Minha blusa de encontro-com-o-Dane, apesar de não ser a vermelha que Heather sugeriu, já está na mochila. Fecho a porta do closet e pego minhas bolsas ao sair do quarto.

— Dormiu bem? — pergunta minha mãe quando entro na cozinha.

— Contei todos os carneirinhos — respondo. A grade da ventilação tem um nome novo. Enfio um pedaço de torrada na boca. — Não esqueça que eu tenho jogo de futebol. Devo chegar em casa umas oito horas.

— Você tem carona? — Ela vasculha a tigela na bancada, e eu sei que ela perdeu os óculos de leitura de novo.

— Estão perto da sua cadeira — digo. — Eu tenho carona, sim.

Minha mãe beija minha testa como faz todas as manhãs.

— Divirta-se no jogo. Ei, reunião de família hoje à noite, quando você chegar.

Enfio o resto da torrada na boca para não ter que falar.

— Pare de torcer o nariz para mim.

O tom dela é brincalhão o suficiente para eu perceber que posso responder.

— Vou parar de torcer o nariz quando pararmos de ter reuniões de família.

Minha mãe joga na pia o copo de plástico que eu deixei na bancada na noite passada.

— Você prefere que a gente nunca peça sua opinião?

— Não adianta nada, já que vocês nunca aceitam — rebato.

— Desta vez a gente vai aceitar. — Ela está com lágrimas nos olhos. O que não é tão incomum, mas hoje está com jeito de ser algum assunto ruim. Kayla e eu temos uma lista de coisas que fazem a mamãe chorar. São sete páginas, frente e verso, e a gente mostra para ela de vez em quando, só para provocar.

Heather buzina.

— Vá. Você vai se atrasar. E ninguém está morrendo. Eu sei o que você está pensando.

Abro a porta dos fundos e me escondo atrás dela.

— Promete que não é nada ruim.

Ela não me olha diretamente, mas diz:

— Não é ruim.

Liz me deixa entrar no banco de trás do Malibu da Heather.

— Mais um dia na Littrell-topia? — pergunta Heather.

Coloco o cinto de segurança.

— Reunião de família hoje à noite.

Heather levanta os óculos escuros para me olhar furiosa pelo retrovisor.

— Você não vai usar isso como desculpa para escapar do jogo.

— Bem que eu queria — provoco. — Não, é depois. Ela disse que não é nada ruim.

— Então tenho certeza de que não é — diz Liz, tentando ser solidária. — Sua mãe não ia mentir para você. Então, o que você acha desse negócio do Dane? Heather me contou tudo por telefone.

— Quer dizer que vocês conversaram sobre garotos ontem à noite? — pergunto.

Heather agora não está mais com o olhar furioso. Ela está me dando o olhar de *Nós não falamos de sexo*.

— É — diz Liz. — Bom, falamos principalmente de você e do Dane.

— Ótimo. Você falou para ela que eu não preciso de um namorado? — comento.

— Aham. — Liz dá um tapinha na coxa da Heather e diz: — Você sabe que a gente está vendo sua cara de escrota para a gente, né?

Heather ri como uma hiena. O cinto de segurança me prende com força quando ela freia em cima da faixa branca pontilhada. Heather tem uma risada ótima.

— Cara de escrota. Não acredito que você disse isso. Alexi, liga para o Irmão e conta para ele sobre nossa amiga, a boca suja.

— Tenho certeza de que o Irmão Jacob não ficaria tão chocado — diz Liz, mas com o rosto vermelho.

— Tanto faz — diz Heather.

— Tanto faz — dizemos juntas Liz e eu.

Também me sinto culpada por xingar. Mas só faço isso quando estou muito chateada. E mesmo nesses momentos eu queria ter outras palavras para *porra* ou *merda*, mas, se essas palavras existissem, eu também me sentiria culpada por usá-las.

— Cara de escrota — diz Heather para si mesma de novo. — Sou a rainha da cara de escrota.

Ela é mesmo, e todas nós sabemos disso, então rimos de novo.

O Malibu não nos deixa na mão. Chegamos à escola com tempo suficiente para passar nos nossos armários antes da primeira aula.

Nossa risada nos acompanha pelo corredor. Estou com um sorriso no rosto e o compartilho com Bodee.

Ele ainda está com cabelo azul, mas acho que é resto de ontem. Na verdade, parece que ele é o resto de ontem. Mas como saber quando um cara que veste exatamente as mesmas roupas todos os dias? Eu me pergunto se são as mesmas ou só várias parecidas.

Ele sorri em resposta.

É um sorriso audível, quase um suspiro feliz.

— Ei — diz ele.

Ai, ai, ai, estamos de volta aos “eis”. Eu me abaixo para abrir o armário.

— Ei — respondo. — O cabelo ainda está azul.

— É. — A porta do armário dele, que é logo acima da minha, não faz nenhum barulho quando ele a fecha. Mas ele me encara. — O pescoço ainda está vermelho — diz ele.

Minha boca se abre, e as mãos sobem para alisar e ajeitar o cabelo já liso sobre o pescoço, de modo que mais ninguém veja as feridinhas.

— Acontece quando eu durmo — digo.

— Comigo também — comenta ele. — Eu acordo e meu cabelo está com uma cor diferente.

Bodee joga o cabelo de um jeito que não é nem metido nem para fazer graça. Sua voz é suave, parecida com a do meu pai. Isso mantém minha voz calma quando digo:

— Não conta para ninguém.

São palavras de zumbi. Eu imediatamente desejo não ter dito ao Bodee o que me disseram.

Ele sorri de novo. Mas, dessa vez, agora que o cabelo sai da frente, vejo seus olhos. São castanhos.

— Não tenho para quem contar — diz ele.

Caminhamos até a sala, lado a lado, mas com espaço suficiente para o carrinho de golfe do Craig passar entre nós. Enquanto eu registrava um fato sobre Bodee olhos castanhos ele conseguia uma informação que eu sequer compartilhei com minhas amigas mais próximas.

Isso muda o jogo. Porque o que eu sei sobre ele?

Cabelo azul de um dia atrás.

Não tenho o menor motivo para achar que ele não vai contar para alguém. Talvez ele conte para o novo amigo do futebol americano, e esse amigo vai contar para Ray no treino, e Ray vai contar para Liz por telefone, e Liz vai contar para Heather, e as duas vão contar para meus pais. Será que elas fariam isso?

Ou talvez Bodee já tenha contado para alguém. Para a mãe dele antes de morrer, e ela contou para minha mãe no grupo de oração.

Ai, meu Deus, meus pais sabem.

É sobre isso a reunião de família. Não é *ruim* como alguém ter câncer; é bom do tipo *A gente vai conseguir a ajuda de que você precisa*.

Estou ouvindo, agora.

Merda. Merda.

A sala já está cheia. Bodee vai para a carteira dele, à esquerda da minha, e volta ao seu antigo eu mudo. A face está apoiada na mesa, escondida atrás de um punhado de cabelo azul. Não tem como tentar adivinhar o que ele está pensando.

Meu coração agora está batendo em um ritmo próprio, deixando uma montanha-russa no chinelo. E pistas de esqui das mais perigosas. E aviões - caindo do céu.

Alguém dá um tapinha no meu ombro.

— Alexi.

Minha cabeça está girando. Se eu me virar para olhar Maggie, vou vomitar.

— Lex?

Maggie Lister se senta na cadeira exatamente atrás da minha. Mas hoje ela deve estar no lugar errado, porque sua voz parece muito, muito distante.

— Você vai sair com o Dane? — insiste ela.

Ela dá outro tapinha, mas eu estou congelada.

— Ei — diz Bodee.

A voz dele me tira do torpor.

— Ei — respondo.

Não ouço nada, mas leio seus lábios.

— Mesmo que eu tivesse para quem contar, juro que não contaria.

Respiro. E faço que sim com a cabeça. Ou ele é um mentiroso tão bom quanto eu ou está falando a verdade. Como basicamente só troquei frases de uma palavra com ele, não sei se consigo avaliar muito bem. Mas seu rosto está corado, e eu devo parecer branca como a neve. E a um passo de entrar em coma.

Maggie é esquisita. Não me sinto mais tão enjoada como há um minuto, então eu me arrisco a me virar e olhar para ela.

— Desculpa. — Penso rapidamente em uma justificativa para explicar meu estado surpreso e confuso. — Acabei de lembrar que temos prova de psicologia hoje. E eu tinha esquecido.

— Ai, que droga. Temos? Achei que fosse na próxima terça-feira. — Ela vasculha freneticamente a bolsa até encontrar um bloco de anotações. — É, está aqui. Dois de outubro. Na próxima terça-feira.

— Ufa! Graças a Deus. Eu quase surtei.

— Eu também — diz ela ao jogar o bloco de anotações de volta no abismo que ela chama de bolsa. — Você tem que me contar do Dane.

Dou de ombros.

— Garota, você não pode sair com o Dane Winters e não ter nada para contar.

Bodee se deita sobre a outra bochecha. Está olhando em minha direção, mas parece sonolento e desinteressado.

— Heather armou tudo — digo para Maggie. — A gente vai no jogo de futebol, e a gente não está namorando.

— Então não tem nada entre... — Seus olhos disparam entre mim e Bodee.

Lanço a ela meu melhor olhar de *Você acha que eu sei quanto é 4.678 vezes 7.543?*

— Ótimo. Tudo bem. Constrangedor — diz ela, tirando as próprias conclusões.

Talvez exista alguma coisa entre mim e Bodee. Só que eu não sei o que é.

E isso me assusta demais.

Pelas próximas três horas, as aulas passam sem eu nem perceber. A prova de psicologia que eu inventei na sala foi profética: teste surpresa sobre distúrbio de estresse pós-traumático. Mas passo com sucesso total. Finalmente, meu conhecimento pessoal sobre estresse tem alguma utilidade.

A carteira é minha salvação.

Ali, debaixo da minha escrita caprichada de ontem, a letra firme dele que eu esperei 24 horas para ver.

SEGURE FIRME  
ENQUANTO EU ME PERCO DE NOVO

Depois, alguns espaços abaixo, vejo que ele escreveu o novo desafio de hoje.

VOCÊ ME VÊ NESTE LUGAR?  
UM CONTO DE FADAS PRESTES A ACABAR

Eu me sinto aquecida quando pego o lápis. Ele acertou minha letra de música, e a nova é fácil. Não preciso pesquisar.

— Acho que ele acertou — observa Heather, vendo meu sorriso.

— Aham.

— O que ele deixou para você? Sinatra?

— Isso foi na semana passada. — Pego meu celular e mostro a ela a foto da carteira na última sexta-feira, antes de o zelador limpar, apontando para parte de *Old Blue Eyes*. — Dessa vez ele foi mais *folk*.

Ótima mudança de estilo, sussurro enquanto escrevo.

*Não serão cavalos a correr  
Não serão homens a andar  
Põe minha alma de volta no lugar*

— Talvez vocês dois se mereçam — diz Heather. — Porque isso é maluquice. Nunca ouvi essa música.

— Você acha que o Dane consegue fazer isso? — pergunto.

— Ninguém consegue fazer isso. Não sem internet.

Fico entre o ânimo de uma letra de música e o desânimo do Bodee pelo resto do dia. Dane mal aparece no meu radar. Ele nem apita na tela até eu entrar no banheiro da pizzaria e perceber que não estou usando o sutiã certo para minha blusa do encontro.

— Por que você está demorando tanto? Os garotos já entraram no campo — questiona Heather.

Tirar o sutiã não é uma opção. Kayla vai estar no jogo, já que Craig ajuda o técnico de futebol nas noites em que não há futebol americano. Ela vai dar um ataque se eu aparecer usando a roupa “Heather” em vez de ter escolhido alguma coisa no armário dela.

E eu posso precisar que ela fique do meu lado na reunião de família.

Heather bate na porta da cabine.

— Alexi, não pode ser tão ruim. Me deixa ver.

Não tenho escolha. Não posso usar um sutiã preto por baixo da blusa branca. Vou ter que colocar a polo que usei na escola. Hora de encarar Heather.

— Não foi o que eu sugeri — diz ela. — Mas talvez você sinta frio com aquela. — E aponta para a bata branca.

— É, foi isso que me preocupou.

Às vezes, as mentiras que eu conto para Heather não são pequenas e eu não sou transparente. É como se eu passasse base cor de mel às manchas da minha vida.

O lado bom dessa noite com Dane é que eu não preciso pagar para entrar no jogo de futebol. O lado ruim é o cabelo do Dane. Ele tem uns cachos bem

enrolados, frisados. A maioria das garotas acha que isso o faz ficar bonito, mas não consigo levar a sério um cara que se parece com a Annie morena.

— Você quer pipoca ou alguma coisa antes de se sentar? — pergunta ele.

Eu não vi as mãos dele saírem dos bolsos até agora, então fico tentada a dizer sim. Em vez de usar uma mochila, o cara gosta de usar as garotas para carregar seus livros. O que leva à pergunta: se ele pode ter qualquer uma das garotas fúteis da escola, por que decidiu sair comigo?

— Obrigada, estou sem fome.

— Tem certeza? Não me importo de pagar — diz Dane.

A oferta é simpática, mas balanço a cabeça. Talvez as próximas duas horas não sejam tão terríveis.

— Você quem sabe — diz ele.

E aí ele gasta 24 dólares em comidas de lanchonete para si mesmo. Eu carrego dois cachorros-quentes e a pipoca para ele conseguir carregar os nachos e um energético. Que ele bebe antes de chegarmos aos assentos.

— Cara, você é útil — diz ele e dá um soquinho no meu ombro. Depois acrescenta: — Foi o que ela disse. — Como se essa fosse a melhor piada do século.

Collie passa um dedo pelo pescoço, fazendo um sinal para o primo parar com aquilo, e diz:

— A Alexi odeia piadas com “foi o que ela disse”.

— Não odeio, não — digo, embora ele esteja certo. Começo a desejar que o sétimo círculo do inferno abra um buraco que seja suficiente para engolir o campo de futebol inteiro. Até Heather parece envergonhada com a babaquice do Dane.

— Você gosta de música? — pergunta ela a Dane.

Ele enfia o resto do segundo cachorro-quente na boca, mas responde assim mesmo.

— Sim. Adoro rap. O que você ouve? — pergunta ele.

— Tudo. Nada em especial. Eu gosto de palavras — digo, evitando vê-lo comer.

— Rap tem palavras.

Não existe um jeito bom de responder a isso. É, que gênio: rap tem palavras. Acho que posso eliminar Dane como possível Capitão Letra de Música.

Dane dá um gole grande na bebida do Collie.

— Para uma garota que gosta de palavras, você não fala muito.

Ele levanta um dedo. Prendo a respiração enquanto El o coloca nos meus lábios.

— Shhh — diz ele, brincando.

Fico em silêncio.

Congelada.

Lembrando.

*Mais um dedo nos meus lábios. Mais um “shhh” seguido de “não conte para ninguém”. Mãos na minha cintura. Contra minha pele.*

*— Por favor, não — suplico, mas estou com muito medo, e o “não” morre no ar noturno. Ele acha que estou implorando por mais. É quando o demônio entra, segurando minha boca e prendendo minhas mãos e me deitando em um silêncio sufocante.*

*Isso me apavora e o excita.*

O juiz sopra o apito, e eu volto a mim. Meu rosto está molhado de lágrimas, e Heather me chama:

— Alexi?

— Preciso ir embora — digo a ela.

— Claro. — Irritada, mas claramente preocupada, ela acrescenta: — Vou ou fico?

— Fica. Eu pego uma carona. — Eu me inclino na direção dela e sussurro: — Desculpa. Meu avô fazia isso comigo.

— Ah, sinto muito, Lex.

Deixo todo mundo na arquibancada. Mas ouço Dane resmungar:

— Que droga, se ela quer falar, deixa ela falar. Eu só estava brincando com ela.

— Cala a boca, seu babaca — diz Heather. — O avô dela fazia isso.

Continuo andando. Meu avô nunca na vida me mandou calar a boca.

## capítulo 4

Depois do jogo, quando Heather chega ao Malibu, estou sentada na vaga dela, recostada no pneu do lado do carona.

Desligo a música quando ela diz:

— Achei que você fosse pegar uma carona.

— Decidi esperar. Eu não queria ir para casa chorando e ter que me explicar — esclareço.

— Eu poderia ir nua para casa e não teria que dar satisfação.

Não sei ao certo se Heather tem orgulho ou está reclamando disso. Ela destrava as portas enquanto eu me alongo. A hora e meia que passei no chão foi tão dura para minha bunda quanto para minha saúde mental. Pensar é um saco. Eu queria ser uma androide. Ou ter um interruptor de liga-desliga instalado na cabeça. Liga: Lexi consegue fazer o dever de casa, escolher uma faculdade, planejar uma viagem nas férias da primavera com os amigos. Age normalmente. Desliga: Lexi vive em um mundo sem pensamentos, repleto de estrelas e músicas e cachorrinhos. Não sente nada.

Os dedos da Heather se enroscam no bagageiro; ela me encara por cima do teto do carro.

— Nós ganhamos. Dane perguntou de você.

— Perguntou se eu sou maluca?

— Ele não entendeu o surto, mas ainda acha que você é bonita.

— Então eu posso morrer feliz — digo.

Heather dá a volta no carro e reaparece ao meu lado. Ela tem braços e pernas mais longos que os de uma modelo de passarela, então, quando me

abraça, é como uma jiboia me matando.

— Sinto muito por você ter tido uma noite difícil — diz ela.

Meus braços ficam pendurados, mas eu me permito apoiar a cabeça em seu ombro.

— Você tem andado meio estranha ultimamente, e eu estou preocupada com você.

— Você está sendo estranha agora. Desde quando a gente se abraça?

Os braços de Heather me soltam e ela me analisa de novo.

— Liz também está preocupada com você.

— Isso é uma intervenção? Porque eu tenho uma reunião de família e prefiro estar lá.

— Não. Só estou lembrando que nós estamos aqui se você precisar.

Ótimo. Minhas duas melhores amigas estão falando de mim. E eu realmente pensei, exceto por hoje à noite, que estivesse disfarçando bem. Hora de me esforçar mais.

— Eu posso querer conversar em algum momento. Não é nada de mais, só estou perdida com meus pensamentos. Tenho muitas perguntas sobre Deus.

— Ah. — Heather recua.

Não é justo eu conhecê-la tão bem para atingi-la justamente no seu ponto fraco. Ela vai contar para Liz hoje à noite por telefone, e todas as minhas ações vão fazer total sentido através das lentes espiritualmente pintadas da Liz.

— Então é meio parecido com o que Liz teve no ano passado, depois que aquele garotinho foi atropelado por um carro?

Faço que sim com a cabeça. E agora toda a minha esquisitice parece lógica. Acabei de conseguir mais um mês antes que elas perguntem de novo.

— Perguntas desse tipo são um saco. Sinto muito — diz Heather.

— Obrigada — digo, e falo sério. — E obrigada pelo abraço.

O Malibu vira uma boate da escola até minha casa. Evidentemente, essa é a solução de Heather para todas as grandes questões da vida. Cantamos e não precisamos conversar.

— Vejo você amanhã — diz ela antes de se afastar.

Agora é hora de encarar a música de verdade: a reunião de família.

Dentro de casa, tiro os sapatos na porta dos fundos e pego água na geladeira antes de minha mãe me ouvir.

— Estamos na sala de estar! — grita ela.

O piso de madeira range enquanto eu passo devagar pelo corredor. Minha mente é como ossos velhos que rangem junto com o piso. Isso pode mudar minha vida. Posso não conseguir mentir para escapar. De que outra maneira eu posso explicar os arranhões?

Briga com Kayla. Não, ela vai estar junto, e ela mente melhor do que eu.

Briga na escola. Não, minha mãe descobriria.

Durante o sono.

Essa opção me deixa mais confiante. Na verdade, é a única opção. Mas é meio como escolher entre um barco com buraco e uma balsa com vazamento. Eu vou me afogar de qualquer jeito.

Eu me escondo atrás da porta para dar uma olhada rápida na sala de estar. E meus joelhos ficam tão fracos que eu poderia me dissolver em uma poça no chão.

Bodee está no assento do meio do nosso sofá, com meus pais, um de cada lado. Ele não levanta o olhar, mas meu pai, sim.

Não vai contar para ninguém. Idiota. Ele nem esperou um dia.

Meu pai acena para eu entrar na sala.

— Entre, Alexi. Kayla e Craig acabaram de ligar. Vão chegar a qualquer momento.

— Craig também vem?

— Querida, eles estão praticamente noivos — diz minha mãe. — Além do mais, você sabe que ele é bom em ajudar Kayla a tomar decisões. — Minha mãe pisca, um código que me lembra dos nossos Debates Secretos sobre a Kayla. Um ano atrás, depois de um litro de sorvete e duas colheres, criamos uma estratégia para usar Craig de modo a conter a pior parte do comportamento explosivo da Kayla. É mais fácil lidar com ela quando ele está por perto.

Meu pai olha pela janela da frente.

— Eles chegaram.

Bodee está desconfortável. Do mesmo jeito que ele fica na escola, com os ombros e o queixo encolhidos, quando ele é obrigado a falar com um professor. Claro que seu rosto está escondido atrás do cabelo, então o fato de eu estar lançando um olhar mortal para ele é totalmente ineficaz.

— Chegamos. Podem começar a festa! — grita Kayla antes de entrar quicando na sala com Craig a reboque.

Ao ver Bodee, ela me faz um gesto que facilmente identifico como “mas que droga”. Dou de ombros enquanto ela e Craig se sentam no sofá pequeno. E eu jogo as pernas de lado sobre o braço da poltrona; meu pai odeia isso e provavelmente reconhece como uma demonstração de raiva.

Meu pai quer começar a discorrer sobre os maus-tratos com os móveis, mas minha mãe começa a falar antes dele:

— Bem, tenho certeza de que todos vocês conhecem Bodee Lennox. — Seus olhos ficam cheios de lágrimas quando ela fala o nome. — E vocês sabem que a mãe e eu dele éramos amigas.

Fazemos que sim com a cabeça, e ela continua:

— Tive a oportunidade de conversar com Bodee várias vezes durante os últimos dias. O que levou a algumas conversas entre mim e o pai de vocês. — Meu pai sorri e dá uma batidinha na mão da minha mãe.

Dou uma olhada na seção infantil da reunião de família para obter alguma pista do que está acontecendo. Kayla está confusa; Craig está com um franzido entre as sobrancelhas. Bodee está fazendo o que Bodee faz: nada. Meus dedos dos pés começam a se contrair, sinto câibra na batata da perna e mudo de posição. Meus dedos batucam no joelho, loucos para chegar ao pescoço. Mas não posso. Não posso. Não aqui. Respira.

— Agora, Alexi — diz minha mãe. Disparo meus olhos para longe das minhas mãos. — Isso vai afetar mais a você do que Kayla e Craig. — Meus pais trocam mais um olhar de pena. Bodee ainda parece um boneco quebrado.

Ai, meu Deus, preciso de um milagre. Por favor. Cure meu pescoço, rezo, e eu prometo nunca mais mentir. Um tremor que eu tenho certeza de que todo mundo percebe desce da minha cabeça até os pés. Enfio as unhas nas palmas da mão e rezo um pouco mais.

Deus não vai aceitar minha mentira.

— Já conversamos com o psicólogo da escola e com um advogado.

No sofazinho, Kayla se aproxima de Craig, e os dois me lançam um olhar ansioso.

É pior do que eu pensava. Minha família toda vai me condenar. Por arranhar o pescoço. Algumas vezes. Não é justo. Não é justo, poxa. Minhas entranhas se contraem enquanto eu juro levar comigo todas as meninas que se cortam. Se eu me ferrar, todas as garotas que usam manga comprida em Rickman vão junto comigo.

— E...

Minha respiração para nesse *e*.

— Achamos que Bodee ficaria melhor morando aqui até o final do período letivo, em vez de morar na casa do irmão dele.

Todo o ar que eu armazenei se solta em um sopro de alívio. Nem Kayla nem eu falamos. Fico tão feliz que a reunião seja sobre Bodee, e não sobre mim, que não me importa onde ele vai morar. Droga, ele pode se mudar para meu quarto, se quiser.

Agora meu pai fala:

— Não chegamos a essa conclusão com tranquilidade. É uma decisão importante acrescentar alguém ao nosso lar. Nós rezamos e pensamos muito, mas a mamãe e eu acreditamos que nossa família deve fazer isso.

— O irmão do Bodee tem três empregos e muita coisa para... para cuidar neste momento. — A voz da minha mãe vacila um pouco enquanto pensamos por que o irmão dele tem tanta coisa para fazer. — Não que Bodee não seja bem-vindo lá, mas Ben concorda conosco que nossa casa pode ser uma opção melhor.

— Agora — continua meu pai de onde minha mãe parou —, não vamos pedir para vocês deixarem seus quartos, meninas. Vamos colocar uma cama para ele no quarto extra, em cima da garagem. Ele está aqui hoje à noite porque garantimos a ele que vocês aceitariam nossa decisão. Vocês não acham que podemos fazer isso funcionar?

— Por que vocês estão nos consultando se já chegaram a uma conclusão? — Kayla vira a cabeça para Bodee.

— Somos uma família — diz minha mãe.

Craig aperta o ombro da Kayla, e ela começa de novo com um tom diferente.

— O que eu quero dizer é: se vocês acham que é certo, provavelmente é.

— Eu sabia que você ia entender, Kayla. Se alguma coisa acontecesse com nós dois, você não ficaria agradecida se a mãe da Liz se oferecesse para ajudar você com a Alexi?

Kayla parece chocada. Mas ela e Craig acenam com a cabeça.

Minha mãe e meu pai foram espertos de chamar Bodee para estar presente. Plano brilhante. A gente não pode votar “não” na frente dele. O menino já comeu o pão que o diabo amassou. E nós todos sabemos disso.

Não que ele esteja demonstrando alguma reação.

— Lex, você está muito quieta — diz minha mãe. — Queremos ouvir sua opinião também.

— Confio em vocês. Ele precisa de um quarto. Nós temos um extra. É perfeito.

O boneco volta à vida. Nossos olhos se encontram, e os lábios de Bodee se movimentam. Ele me gesticulou um *obrigado?*

— Eu sabia que você ia entender. — Minha mãe praticamente explode de orgulho, e meu pai cutuca meu pé para eu tirá-lo do braço da poltrona. Evidentemente, minha aceitação significa que agora ele pode me corrigir.

— Bodee, sei que não podemos substituir sua família, mas esperamos que você concorde em ficar conosco. Vamos fazer todo o possível para você ficar confortável. Acho que é isso... que sua mãe ia querer.

— Obrigado, sra. Littrell. — O tom educado do Bodee parece automatizado, do mesmo jeito que os alunos da minha mãe do segundo ano recitam os resultados de matemática. Ele faz um sinal com a cabeça para meu pai.

— Bem — minha mãe dá um tapinha no joelho de Bodee, como se todos os problemas do mundo tivessem sido resolvidos —, vou pegar uns lençóis para o sofá. Amanhã a gente arruma sua cama, depois que pegarmos suas coisas em casa.

E aí minha família segue minha mãe na saída da sala. Meu pai para seu escritório. Craig e Kayla para a entrada de carros. Os Littrell têm um novo membro na família, e isso é tudo?

Ninguém tem mais nada para dizer.

Pronto.

Reunião encerrada.

Bodee não sai do sofá, então eu coloco o pé de novo no braço da poltrona. Não por raiva. Porque eu não posso deixá-lo sozinho.

— Quer dizer que agora você mora aqui — digo.

— Acho que sim. — Ele afasta o azul dos olhos.

Meu chuveiro vai ficar com manchas de Ki-Suco.

Camisetas brancas no meu cesto de roupa suja.

Presentes para Bodee debaixo da minha árvore de Natal.

Teremos conversas à mesa de jantar aos domingos em que “ei” não vai ser a palavra principal?

Estranho.

Mas minha mãe está certa. Droga. Se alguma coisa acontecesse com meus pais, eu nunca poderia morar com Craig e Kayla. Eu escolheria Liz e a família Pullman a qualquer momento e duas vezes aos domingos em vez da outra opção.

— Você está tranquila com isso? — pergunta ele.

— Você podia ter me contado hoje na escola — digo.

— Prometi para sua mãe que não ia contar.

Bodee honesto e que cumpre suas promessas. Sou uma lesma.

— Tudo bem.

## capítulo 5

Na noite passada, brinquei de culpa por horas. Essa rotina é muito bem-estabelecida. Só tem uma participante: eu. E as lembranças. E a contagem compulsiva. E, flutuando ao fundo, a noção de que a manhã vai chegar cedo demais.

E eu estou certa. Quatro horas de sono se passam como um tiro.

Acordada, mas não desperta, tropeço em direção ao banheiro do corredor.

— Anda logo, Lex. Você vai se atrasar! — grita minha mãe da cozinha.

Tranco a porta do banheiro, levanto o cabelo do pescoço e me viro para ver no espelho. Droga, exagerei na noite passada. A água do chuveiro vai arder demais.

— Você precisa parar — digo para a garota no espelho.

Ela me devolve um olhar vazio. Como se eu não soubesse o que estou pedindo.

Só quando vejo a toalha usada sobre a cortina do banheiro é que me lembro do Bodee.

Nós compartilhamos o banheiro. Claro. Não podemos usar o dos meus pais, e o da Kayla é do outro lado da casa. Abro a cortina e olho para ver se tem resto de pó colorido no chão. Nada. Talvez ele tenha voltado a ser louro. Ele esteve aqui, mas passou pela invasão da casa e do banheiro tão silenciosamente quanto passa pela vida.

Por necessidade, fico pronta em dez minutos. É dia de cabelo molhado e cachos amassados, e isso significa que eu uso calça jeans, sapatilha de bailarina e

uma camiseta que eu tenho desde o quinto ano. Justa, mas não apertada demais.

— Lex!

— Estou aqui — digo ao entrar na cozinha.

Minha mãe avalia minha roupa antes de se inclinar para me dar um beijo na testa.

— Está bonitinha, filha. Eu gosto quando você usa o cabelo assim.

Quase todas as suas avaliações são encorajadoras e do tipo maternal. Dou de ombros.

— Não dá tempo de mais nada.

— Bodee, me ajuda, por favor. Minha filha é a pior autocrítica do mundo.

O cabelo do Bodee está vermelho, com apenas um toque do azul nas raízes. Ele parece um picolé de três cores. E desconfortável com a tentativa evidente da minha mãe de incluí-lo na nossa conversa.

— Sim, sra. Littrell. — Ele balança uma xícara de café nas mãos e encara o líquido preto. — Alexi, você está bonita.

— Viu? Muito bonita. Bodee e eu concordamos.

— Mãe. — Ela não percebe como isso é esquisito para nós dois. Os ombros do Bodee se encolhem, e ele desvia o olhar para beber o café. Coitado. Minha mãe acabou de destruir a concha em que ele vive.

A buzina da Heather toca, e eu percebo que essa é outra questão. Nós vamos para o mesmo lugar. Pergunto se ele quer ir com a gente? Eu perguntaria, mas não avisei Heather e Liz sobre a nova missão familiar que minha mãe e meu pai inventaram.

— Bom, minha carona chegou. — Por favor, mulher, diz alguma coisa. Minhas sobrancelhas se unem ao meu cabelo enquanto rezo para Deus abrir uma comunicação telepática entre mim e minha mãe.

Ela não percebe.

Mas Bodee recebe a mensagem em alto e bom som. Ele se levanta da mesa e olha para minha mãe.

— Sra. Littrell, a senhora poderia me deixar na escola hoje?

Decisões súbitas são terríveis. Não tenho tempo para avaliar como essa viagem vai ser esquisita em comparação aos sentimentos do menino que teve

que pedir à minha mãe uma carona para a escola.

— Você pode ir com a gente — digo, e dou a ele o segundo Pop-Tart do meu pacote.

Minha mãe sorri. Vejo seu olhar de orgulho, que significa “obrigada, Lex”.

— Perfeito — diz ela em uma voz alegrinha. — Amanhã a gente pensa nesses detalhes.

Assim que saímos pela porta, Bodee diz:

— Posso ir a pé.

— Não seja idiota. Você vai se atrasar.

Tem um reflexo no para-brisas, mas ainda consigo ver as expressões da Heather e da Liz. Ou elas acabaram de ter um encontro com alienígenas ou Bodee Lennox é a última pessoa no universo que elas esperam ver saindo pela minha porta dos fundos.

— Vocês conhecem Bodee — digo, depois que entramos juntos no banco de trás. — Ele vai ficar na nossa casa por um tempo.

— Legal — diz Liz depois de um momento.

— É, legal — diz Heather. Mas seu rosto no espelho retrovisor diz outra coisa. Ela acha que isso é loucura. E é.

O carro faz mais barulhos do que nós nos primeiros 3 quilômetros. Quando chegamos, eu me sinto péssima pelo Bodee. Ele é um estudante estrangeiro de intercâmbio entre nós, só que todos frequentamos o jardim de infância juntos. Quero lembrar Heather que ele fala inglês e entende todos os sinais de mão que ela está fazendo.

Bodee e eu deixamos Heather e Liz no corredor e viramos à esquerda em direção aos nossos armários.

— Vejo vocês mais tarde — me despeço por cima do ombro.

— Tudo bem — diz Liz. Heather ainda está me encarando como se eu tivesse levado para a escola um crocodilo como animal de estimação.

— Caramba, isso foi horrível. Desculpa — digo. — Eu devia ter ligado para elas ontem à noite.

— Não é culpa delas. Vou andando para sua casa, depois das aulas.

*Sua casa.* Cara, uma agulha de tricô cega está golpeando meu coração. Ele nem tem mais casa e não parece chateado nem com raiva de mim por minhas amigas serem egoístas idiotas.

— Você não pode fazer isso. — Troco alguns livros na minha mochila por outros que estão no armário. — É burrice.

— Estou acostumado a andar, Alexi.

E ele se afasta. Sem mim.

Coloco algumas músicas para tocar no meu iPhone, me encosto no armário e penso nas minhas opções. Não sou tão importante na hierarquia social da Rickman para que minhas amizades tragam consequências. Liz, que está no conselho estudantil, tem amigos em todos os círculos. E Heather é Heather: amada pelos garotos, desprezada pelas garotas (a maioria). Mas, além das nossas aulas juntas no quarto tempo e das caronas de ida e volta para a escola, a maior parte do tempo dela é ocupada pelo Collie. E pela Liz.

Não há risco pessoal em ser amiga do Bodee. É mais arriscado não ser. Ele sabe demais.

Craig interrompe meus pensamentos.

— Você vai se atrasar para a primeira aula.

— Ah, cala a boca, Craig.

— Ei. Aqui na escola é sr. Tanner.

— Tudo bem, cala a boca, sr. Tanner.

Craig ignora meu sarcasmo.

— Você está bem com a decisão dos seus pais sobre Bodee? — Ele dá um soquinho de leve no meu ombro. Um quase abraço, aprovado pela escola, do meu quase cunhado. — Ontem à noite eu falei para Kayla que a gente devia conversar com você, mas ela disse que você ia ficar bem.

Eu tenho que rir. Se eu estiver com todos os membros no lugar, Kayla sempre vai achar que eu estou bem.

— Estou bem, *sr. Tanner.*

O sinal toca. Craig enfia as mãos na calça cáqui e parece envergonhado.

— Vai lá, antes que se atrase. Diz para sua professora da primeira aula que foi culpa minha.

— Vou dizer — respondo, e saio correndo para a sala.

A professora levanta uma das sobancelhas enquanto eu deslizo para minha carteira, mas não fala nada. Normalmente eu não me atraso, e ela é bem legal.

Bodee assumiu sua postura habitual de ignorar-o-mundo. Dou um tapinha no seu ombro e me inclino para ele. O café no hálito dele veio de uma xícara da minha cozinha; o xampu no seu cabelo veio do frasco no meu chuveiro.

Esquisito. Tão esquisito quanto o que eu digo.

— Vou andando com você, hoje à tarde.

Ele suspira, mas parece concordar.

— Suas amigas vão achar que você surtou.

— E daí? Elas provavelmente acham que eu surtei, tipo, dois meses atrás. Qual o problema de uma caminhada?

— Vou estar no meu armário — diz ele, e sua cabeça desaparece de novo na curva do seu braço.

— Encontro você lá.

Eu sei, muito antes de ver a carteira, no quarto tempo de aula, que é dia de rock'n'roll. O ritmo fica latejando em minha cabeça até eu mal conseguir ficar parada. Não é uma música, mas centenas delas marchando pelas minhas veias. Tristes. Raivosas. Até algumas felizes.

Então, quando o quarto tempo finalmente chega, por que eu não consigo decidir uma música ou escolher pelo menos alguns versos para expressar meu humor?

Mas ele consegue.

SUA MÃO COBRE MEU CORAÇÃO  
COMEÇAMOS JUNTOS ESTE ANO

Como é que ele faz isso? Todo dia ele escolhe alguma coisa que me toca, palavras que ecoam as tristezas e as alegrias da minha vida. Escrevo as duas linhas seguintes na carteira antes de a sra. Tindell distribuir nossa folha de exercício em grupo.

Sobrevivendo, conseguimos enfim  
Afastar nossos medos

— Sua vez de deixar uma música para ele, né? — pergunta Heather.

— É. — Giro o lápis na mão.

— Existem milhões de zilhões de músicas. Só escreve alguma coisa.

— Não posso só escrever *alguma coisa*.

— Hum. Assim como você obviamente não pode *contar* às suas duas melhores amigas a coisa mais importante que está acontecendo na sua vida?

Eu hesito. Ela não sabe nem metade da história.

— Eu só descobri ontem à noite.

— Eu tenho um telefone — solta ela.

— Você tem o Collie — retruco.

— Meninas. O exercício — lembra a sra. Tindell.

Com a desculpa de verificar uma resposta, eu me inclino para perto e sussurro:

— Desculpa.

— Lex, eu tive que falar com Craig, o *sr. Tanner*, na terceira aula, para saber da história. Você devia ter contado para a gente.

— Não é nada tão sério.

— Ah, ok. — Ela desenha na minha carteira. E eu apago imediatamente. — Eu diria que o Garoto Ki-Suco ir morar com você é uma coisa muito séria.

— Ele não foi morar comigo. Ele foi morar com minha família. Na verdade, ele dormiu no sofá por uma noite. A gente não adotou ele, nem nada. E, de qualquer maneira, eu sabia que vocês iam surtar com isso. Como quando eu fui conversar com Bodee no funeral da mãe dele.

Heather parece ter toda razão.

— Bom, sim. E eu também estava certa. Eu sabia que tinha alguma coisa acontecendo.

— Não tem nada. Nossas mães eram muito amigas. Elas frequentavam o mesmo grupo de oração há anos. A mãe do Bodee devia falar sobre o casamento. Minha mãe se sente responsável, agora que a amiga morreu. Culpada, até. Só isso. — Quero desviar a atenção da Heather de mim, mas percebo que o que eu disse provavelmente é verdade.

Heather pega uma caneta e escreve de cabeça para baixo na minha carteira, antes que eu consiga impedi-la. *Você vai acabar ficando AMIGA dele.*

Apago as palavras com cuspe, mas elas ainda estão visíveis. Como uma acusação. Como uma profecia.

— Vai escrever na sua carteira — digo. — E daí se eu virar amiga do Bodee Lennox? Ele precisa de um amigo. Eu preciso de mais amigos.

— Você tem amigos. Você também podia ter o Dane Winters.

— Eu tenho *duas* amigas. E não quero o Dane Winters. — Nem Bodee, lembro a mim mesma. — Então eu acho que, já que tenho que dividir a casa com Bodee, qual é o problema de ser amiga dele também?

— Mas ele é o Garoto Ki-Suco.

— E daí? — pergunto. — Você reclama o tempo todo do Capitão Letra de Música, mas não fazemos ideia de quem ele é. Pode ser qualquer um. Aquele garoto que peida e bufa na educação física. Ou o cara que sempre usa seu capacete da fábrica mesmo quando não está na fábrica.

Isso não é uma coisa que eu quero dizer em voz alta. Nem mesmo pensar. Porque o desconhecido Capitão Letra de Música tem que ser doce e sensível. E sexy. E me amar. Ele é um cara especial e único que vai esperar para sempre e mais um dia por mim.

E não vai me pressionar por sexo.

— Acho que você tem razão — diz Heather. — Mas você tem que admitir. A ideia do Capitão Letra de Música é mil vezes melhor que a do Bodee Lennox.

— Eles não estão competindo — digo. — Bodee mora na minha casa. Ele pode virar um amigo, mas ele não é o Capitão Letra de Música. Acho que ele nem ouve música.

A sra. Tindell passa pelo corredor na nossa direção.

— Qualquer dia, eu vou separar vocês duas.

Deslizo o fichário para cima da letra de música dessa semana, na carteira, e mostro a ela meu exercício pronto.

— Já terminamos, sra. Tindell.

— Falem baixo — lembra ela, e volta para sua mesa.

Heather parece impressionada.

— Como você faz isso? Não respondi a nem uma pergunta.

— Eu consigo pensar e falar ao mesmo tempo.

Ela desenha um rosto chateado na minha carteira e diz:

— Para de fazer essa cara de escrota para mim.

Nós duas abafamos o riso. Essa frase vai pegar.

— Tudo bem, pode ser amiga do Bodee, se quiser. Só não vai beber Ki-Suco. Se é que você me entende.

— Não vou. — Agora que acertamos tudo, e eu digo: — Hoje vou voltar andando com ele para casa. Fala com Liz e, de repente, amanhã a gente pode ser mais legal com ele.

— Ah, tudo bem. — Heather suspira. — Se ele está com você, ele também está com a gente.

— Obrigada. — Deslizo minha folha de exercício para a carteira dela. — Quer copiar minhas respostas?

— Achei que você não ia oferecer nunca.

Agora sou só eu e a carteira. Hora de deixar uma música para o Capitão.

*Dance para se soltar. Dance para perdoar  
Deixa seu corpo com sua mente se juntar*

Imagino a resposta de amanhã nos seus traços fortes e pesados.

**PELO MENOS DESSA VEZ  
DANCE COMO SE PUDESSE VOAR**

Então, cometo o erro de pensar no Bodee. E, pelo resto do dia, até eu me encontrar com ele nos nossos armários, depois das aulas, eu me pergunto por quanto tempo ele vai ser membro da minha família.

— Ei — diz ele.

— Você conhece outras palavras?

Bodee passa os dedos pelo cabelo de picolé de três cores. Seus olhos estão tristes. Ou felizes. Não sei dizer.

— É. Sabe, não pratico muito — diz ele.

— Bom, já que vamos dividir um banheiro, acho que podemos passar para frases completas.

Caminhamos pelo corredor e, por um tempo, ele não diz nada.

— Alexi... eu sei... eu não conheço você o suficiente para perguntar, mas... você pode, quer dizer, será que você podia, talvez... me ajudar com uma coisa no caminho para sua casa?

A hesitação, a precisão meticulosa das palavras e o tempo que ele leva para perguntar deixam claro que esse garoto nunca pede ajuda para ninguém.

Lá vêm as agulhas de tricô de novo para golpear meu coração.

— Claro — concordo.

— Preciso passar na minha casa.

— Tudo bem.

— Você pode... entrar?

— Claro — respondo sem pensar.

Ele fica em silêncio de novo. Estamos do lado de fora da escola, na calçada, quando eu realmente entendo o que ele quer que eu faça. *Ah*.

— Você ainda não entrou, né? Desde que... — Não termino a frase.

— Não. — Ele dá um passo longo para evitar uma rachadura na calçada, e eu tenho certeza de que nós dois estamos pensando no que aconteceu com a mãe dele. — A maioria das minhas coisas está na barraca, mas tem uma coisa dentro de casa que eu preciso.

*Na barraca.* Ele morava do lado de fora? Não pergunto, mas estremeço ao pensar no assunto. Vou saber em pouco tempo.

A caminhada até a casa dele leva 25 minutos. Não falamos, mas agora eu estou mais confortável com nosso silêncio. É como se o outono estivesse falando por nós. Observamos o vento rodopiar a poeira e o pólen e forçar as folhas que giram a se deixarem levar. Uma brisa fria me faz estremeecer, e eu queria ter colocado um moletom na mochila.

Então eu estremeço por um motivo diferente.

Um monte de fita que identifica uma cena de crime, para ser jogada no lixo. Deixado para trás.

Minha mente passa a mesma fita amarela ao redor da piscina do nosso quintal dos fundos.

E se eu tivesse chamado a polícia? E se todo mundo soubesse que um crime foi cometido? Tudo seria diferente. Tudo está diferente — mesmo sem a fita amarela.

Eu vomito na grama.

— Alexi.

Bodee segura meu cabelo quando chego ao segundo round. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria me afastado. Mas ele já sabe das feridas no meu pescoço. Eu me levanto e limpo a boca, e Bodee afasta a mão.

— Desculpa — digo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Lágrimas de vômito; do tipo que a gente não consegue impedir.

— Eu não devia ter pedido para você...

— Eu estou bem — digo.

Seus dedos estão no meu cotovelo, me conduzindo pela rua.

— Não. Vamos voltar para sua casa.

— Eu estou bem. Isso é o que importa.

Ele se balança para a frente e para trás nos calcanhares. Bodee em movimento é como um filme mudo. Palavras sem as palavras.

— Não vou pedir para você entrar lá — diz ele.

— Que pena. Eu vou entrar. — Reúno coragem. — Me diz o que você precisa, ou eu vou entrar e vasculhar tudo até achar alguma coisa.

Bodee não devia me conhecer o suficiente para saber que ele perdeu a discussão, mas ele cede.

— Tudo bem. É um brinco de diamante. Da minha mãe. Deve estar no banheiro, depois da cozinha. — A chave que ele tira do bolso está quente, como se estivesse na mão dele o dia todo.

— Beleza.

Os degraus dos fundos se curvam com meu peso. Eu me concentro apenas na fechadura. Tenho meu closet quando preciso fugir dos meus problemas. Isso aqui é sobre Bodee e seu único pedido.

A porta se abre, e eu entro na cozinha pequena.

— Ai, Jesus — digo.

É uma oração, não um xingamento. Essa é a cena do crime. Não tem sangue. O sr. Lennox estrangulou a esposa. Mas, quando vejo os pratos quebrados, a comida derramada e os móveis virados, não tenho dúvida de que ela lutou muito.

Entro no cômodo destruído na ponta dos pés e me pergunto se essa cozinha algum dia serviu felicidade. Torradas com manteiga de amendoim. Waffles e calda. Hambúrgueres. Macarrão com queijo.

Provavelmente não, acho eu, e engulo a bile na boca.

O banheiro é pequeno. Não tem nenhuma caixa de joias entre o sabonete e as escovas de dentes na bancada. Não acredito que monstros mimem suas esposas a ponto de comprarem presentes para elas. O sr. Lennox provavelmente nunca fez isso.

O armário de remédios range quando eu forço as dobradiças. Meu coração, que está acelerado, se aperta de dor. As prateleiras estão praticamente vazias. Dois frascos de aspirina, um frasco pequeno de remédio para cólica, um antisséptico e curativos de vários tamanhos. Algumas maquiagens: base, blush e um tubo quase vazio de corretivo. Um organizador de comprimidos.

Ai, meu Deus, esse é o kit de disfarce dela.

Esses poucos itens mantiveram seu segredo e esconderam suas mentiras. Eram seu Binky, o Elefante, e suas figurinhas de futebol. Sua ventilação de ar no teto do quarto.

Não vomite. Não vomite, eu rezo.

O instinto grita para eu fechar o armário e sair da casa, mas tenho que encontrar o brinco. Toco nos itens e os deslizo para os lados. E sinto que estou vandalizando a alma da sra. Lennox. Abro o organizador de comprimidos e espero que o brinco esteja em um dos compartimentos diários. Mas não há nada ali. Onde eu esconderia alguma coisa para o sr. Lennox não encontrar? Giro a tampa do frasco de remédio para cólica e vejo um brilho.

— Graças a Deus.

O brinco está no meu bolso, e eu volto à cozinha em um piscar de olhos. Estou quase passando pela porta quando vejo as caixinhas. Elas vêm comigo. Bodee precisa delas tanto quanto precisa do brinco.

Do lado de fora, Bodee está colocando uma barraca em uma sacola de nylon. Ele está com um saco de dormir e uma mala extra.

— Peguei todas as minhas coisas — diz ele sem levantar o olhar.

Todas as suas coisas? Uau.

Eu poderia fazer uma lista de um quilômetro de tudo o que ele vai precisar, mas não tem. Tipo um casaco. Uma touca. Botas.

A mãe dele.

— Encontrei o brinco. E peguei isso para você na cozinha. — Estendo a mão com cinco caixinhas de Ki-Suco.

E Bodee sorri.

Sorri de verdade. O tipo de sorriso que mostra os dentes. (Eles são retos.)

E, mesmo sabendo que eu vomitei, entrei em uma cena de crime e vasculhei os restos da vida da sra. Lennox, eu também sorrio.

## capítulo 6

Quando Bodee e eu chegamos em casa, arrastando a barraca dele e tudo o que ele possui, como se fôssemos os personagens Tom Sawyer e Huckleberry Finn, Kayla e Craig estão sentados no balanço da varanda da frente.

— Vocês vieram a pé? — pergunta Kayla.

— Não — respondo.

— Sempre tão sarcástica.

— Aprendi com a melhor — digo e sorrio para ela.

Ela acena com a cabeça, dá um tapinha nas próprias costas e me faz uma leve reverência.

— Obrigada. Obrigada — diz ela. — Ei, onde estão Heather e Liz?

Faço minha melhor pose de vidente e respondo:

— Heather acabou de ligar para Collie e pedir para ele encontrar com ela no lago Freeman. E Liz está praticando seus golpes ninja.

— Ah, cala a boca. — Kayla joga uma pedrinha do vaso de plantas na minha direção e beija Craig.

O rosto do Craig não consegue conter o sorriso.

— Você parece um daqueles palhaços que vendem pornografia nas horas vagas. Um pouco feliz demais — digo a ele.

— Bodee, fala para ela ser legal — pede Kayla. — Uma garota só passa por um dia como esse uma vez na vida. Adivinha o que aconteceu?

Bodee não parece exatamente com vontade de adivinhar, mas decido que ele precisa de uma dose completa da verdadeira fraternidade Littrell.

— Tudo bem, vamos ver. Você fez a bomba de gasolina parar em exatamente quarenta dólares de novo, Kay? Ou a Sik Purse resolveu fabricar seu tom preferido de batom agora? — Digo apenas as letras que se acendem no letreiro da loja preferida de Kayla em Rickman. — Espera, já sei...

— Você é uma idiota. — Kayla desgruda o corpo dela do de Craig para se ajeitar no balanço. — É por isso que você nunca vai manter um namorado por mais de um dia.

— Não preciso de um namorado.

— Toda garota precisa de um namorado. Especialmente em Rickman — diz Kayla.

— As únicas garotas que precisam de namorados em Rickman são aquelas que não querem ir embora nunca — digo. Minha mãe e minha avó ficaram presas à cidade onde nasceram por causa de garotos. Eu não vou ser assim. Vou encontrar outro código postal onde morar, algum dia.

— Você não saberia do que precisa nem que isso mordesse sua bunda. Que tipo de garota dispensa Dane Winters?

— Kayla — chama Craig.

— Não me chama assim — diz ela. — Foi ela que começou com a grosseria.

Craig beija a orelha dela e sussurra alto o suficiente para eu ouvir.

— Amor, ela só está provocando você. Deixa para lá.

Kayla faz um biquinho e ganha mais um beijo. Bodee vai fazer um terceiro furo no tênis com o olhar antes que eu consiga levá-lo para dentro. Hora de dar o que ela quer.

— Vamos lá, KayKay. Conta para gente a coisa maravilhosa que aconteceu hoje. — Exagero no entusiasmo, mas ela não percebe.

— Quer saber mesmo? — pergunta ela. Cara. É como se a discussão anterior tivesse acontecido em um dia diferente ou em um planeta diferente. É um dos charmes da Kayla. Ela é grossa, mas apenas alguns minutos por vez. Depois, ela parece incapaz de se lembrar que foi grossa. Adoro isso na minha irmã, na verdade. E queria ter uma certa dose disso. Infelizmente, eu me lembro de todas as porcarias que eu faço. E os fantasminhas das palavras que eu disse voltam para me assombrar.

E das palavras que eu não disse também.

— Vocês são assim o tempo todo? — resmunga Bodee.

Faço que sim com a cabeça, enquanto Craig, ainda com aquele sorriso assustador, pergunta:

— Você consegue guardar um segredo?

— Acho que sim — respondo.

Mas então eu entendo, antes que um dos dois responda. Só pela expressão no rosto do Craig, eu já sei.

Porque Craig está olhando para Kayla do mesmo jeito que olhou quando chegou para levar minha irmã para o primeiro baile dos dois. (Eu tinha 6 anos.) Como olhou no dia em que veio buscá-la para a formatura. (Sete.) Como no dia em que ele foi para a faculdade para jogar futebol americano e ela ficou para trás, na Faculdade Comunitária Rickman, para trabalhar no banco com meu pai. (Oito. Nove. Dez. Onze.) E quando ele voltou, depois da faculdade, para assumir um emprego de professor. (Quatorze.) Então, por grande parte da minha vida, Craig olhou para Kayla como se ela tivesse o poder de pegar uma constelação no céu noturno e colocar as estrelas nos olhos dele.

Ele ama minha irmã.

Kayla grita com voz bem aguda as palavras que eu já sei:

— Estamos noivos! — Ela e Craig descem os degraus, e ela me dá um abraço tão forte que me faz engasgar.

— Você vai ficar no altar comigo. Bem do meu lado, Lex.

De repente, tem um bolo na minha garganta.

— Tudo bem. — Eu me afasto da Kayla e digo: — Conta a história toda para a gente.

E eles contam. Só que não tem uma história de verdade.

Porque casais não ficam noivos em uma quarta-feira. (A menos que o Dia dos Namorados ou o Natal caia em uma quarta-feira, o que torna o noivado perfeitamente aceitável.) Um cara não deve fazer o pedido no Festival da Maçã e do Milho do sr. Hoback, logo depois de comprar uma maçã do amor com castanhas extras. Normalmente tem uma história. Uma história romântica.

Existem regras para essas coisas. Expectativas. Todas as garotas de Rickman as conhecem, e todos os garotos também deviam conhecer.

Exceto, parece, Kayla e Craig.

Ridículo.

Mais ridículo ainda é que a não história deles é absolutamente precisa. E simplesmente tem a cara da região de Rickman. Como eles.

— Então simplesmente era hora de oficializar? — pergunto, depois que Kayla tagarela sobre o vagão de feno e a maçã do amor.

— É. — Ela acaricia o peito do Craig, e eu juro que ele ronrona. — A gente decidiu que não queria esperar nem mais um minuto para o noivado.

Craig parece feliz como se seu time de futebol americano tivesse ganhado o campeonato estadual.

— Então, Lex, temos sua bênção?

— Bênção é uma coisa para os pais — digo. — Só estou feliz por vocês terem que substituir aquele anel de compromisso. O dedo da Kayla já está verde para sempre. — Eu rio.

— Ei, isso não é justo. Eu tinha 18 anos, e era tudo o que eu podia comprar. — Craig me dá um soquinho no ombro, sua forma favorita de afeto, e olha para Kayla com olhos de adoração. — Ela vai ganhar uma aliança de verdade assim que a gente falar com seus pais.

— Bem, isso não deve ser um problema para você. — Repito as palavras que minha mãe usa o tempo todo: — Você é praticamente da família.

— Ele é, né? — Kayla irradia alegria.

Minha irmã está radiante. O pensamento é como uma marca ardente aplicada a ferro no meu coração. Não tenho inveja do seu cabelo volumoso e escuro que está sempre liso, nem dos cílios que ela parece ter triplicados. Especialmente, não tenho inveja do seu relacionamento com Craig. Não quero ser Kayla, e não quero o que ela tem. Mas queria que ela não fosse o padrão físico pelo qual eu me avalio.

— Bodee, logo, logo a gente vai dizer a mesma coisa de você, cara — diz Craig.

— O que isso significa? — disparo.

— Só quis dizer que agora ele mora aqui, Lex. Você sabe como são sua mãe e seu pai. Isso o torna praticamente da família. — Craig dá um sorriso tranquilo para Bodee. — Essa é tipo a melhor família do mundo. Você não acha? — Craig pergunta para ele.

Bodee deixa a barraca na entrada da garagem e coça atrás da orelha. Um fio de cabelo azul escondido atrás de uma faixa ousada de vermelho, agora está visível. Ele não se incomoda de ajeitar. Seu cabelo não importa para ele, e uma semana atrás não importava para mim. Mas agora eu quero ajeitar para ele. Quero oferecer para ele palavras que não pareçam tão dolorosas em seus lábios. Quero dar letras de música para ele como faço com o Capitão.

— Eu tinha uma família — diz Bodee.

Então não há mais nada a ser dito.

Bodee ergue a barraca, tira o cascalho que está nela e entra em casa como um fantasma. Até a porta da frente, que normalmente range, está silenciosa. A perda do Bodee é tão inimaginável que aperta meu coração. E, pelo que parece, Craig e Kayla também estão perturbados.

— Craig, você precisa ajudar esse menino — diz Kayla.

— Acho que ele ainda não está pronto para ser ajudado, Kay. Ainda não se passou nem uma semana. Mas talvez eu possa fazer alguma coisa — diz Craig.

— Não. Por favor — digo aos dois. — Vocês não podem comprar um guarda-roupas novo para ele ou cortar seu cabelo e fazer tudo ficar bem. A mãe dele morreu. O pai dele matou a mãe. Não importa o quanto vocês queiram, não existe uma cura mágica para fazer isso tudo desaparecer. Às vezes, a vida simplesmente é um saco. — Em algum momento, talvez eu tenha me esquecido de que o discurso é sobre Bodee. — Então façam um favor ao Bodee e continuem com sua história de amor eufórica e deixem ele em paz. Ele não precisa ser consertado.

Deixo os novos noivos com o queixo caído e os olhos arregalados de espanto, e bato a porta da frente para fazer um contraste com a entrada silenciosa do Bodee. Pisando firme o tempo todo, subo os degraus até o quarto extra.

O quarto do Bodee.

Ele está sentado na beira da cama estreita, que meu pai decorou com os únicos lençóis daquele tamanho que temos na nossa casa. Minha mãe vai ficar horrorizada quando perceber que meu pai vasculhou o sótão e encontrou meu antigo edredom da Cinderela. Bodee dormindo debaixo da princesa amarela é quase insuportável para mim.

— Eu fui grosseiro — diz ele.

— Levanta.

Ele se levanta e, em um movimento só, viro a Cinderela, de modo que o lado amarelo liso fica virado para cima.

— Melhor assim. E você nunca é grosseiro.

Bodee Lennox nunca é nada, na verdade. Aposto que a maioria dos alunos da nossa turma nem sabia o nome dele antes do assassinato. E seu rosto não é inexpressivo como eu achava. Aquele leve entortar dos lábios, um meio sorrisinho, diz mais do que Heather fala em uma semana. Mas o sorriso cheio de dentes, aquele que eu vi hoje na casa dele, é como uma obra de Tolstoi.

Ele não está sorrindo agora.

— Eu não devia ter saído daquele jeito. O sr. Tanner estava sendo simpático.

— É, mas o *sr. Tanner* devia ter pensado melhor antes de dizer algo tão insensível. Bodee, você sabe que a gente não está tentando substituir sua família. Minha mãe e meu pai sabem que não podem consertar a situação para você. Eu sei disso. Nós só queremos... eu só quero que esse ano seja... mais fácil a partir de agora.

Ele fica em silêncio por um instante, depois faz que sim com a cabeça.

— Eu quero isso... para você também.

Tenho tanta coisa para dizer em resposta. Tipo contar a ele que minha dor não é nada, comparada com a dele. Tipo perguntar como ele vê coisas sobre mim que ninguém mais vê. Mas as palavras só vão me deixar mais vulnerável, então eu digo:

— Eu também — e deixo para lá.

Eu abraçaria Bodee, se pudesse. Um abraço de amigo. E talvez, se ele não estivesse hibernando em uma caverna de tristeza, ele me abraçasse também.

Enquanto fico parada ali, sem abraçá-lo, penso que, se fôssemos adolescentes normais, provavelmente nos agarraríamos e soltaríamos suspiros. E deixariamos nossas mãos passearem até acabarmos ficando por uma tarde transando antes do jantar. E nunca mais tocaríamos no assunto.

Mas não somos normais. Pelo menos eu não sou, e aposto que ele também não é. E não sinto vontade de tocar esse rosto confuso que-não-consegue-ter-uma-barba-de-verdade. Nem passar as mãos por seu cabelo de Ki-Suco. Mas eu gosto dele aqui neste quarto. Gosto dele na minha casa.

Em vez disso, eu digo:

— Posso ajudar você a arrumar suas coisas.

Bodee faz que sim com a cabeça; é seu típico consentimento mudo.

Guardo a barraca e o saco de dormir no canto do closet enquanto ele abre o zíper da bolsa. Essa não é uma tarefa para duas pessoas, mas não estou pronta para ir embora.

— Não vai demorar — diz ele.

Estendo a mão para seu exemplar de *Hatchet*.

— Nossa, eu amei esse livro. Onde você quer guardar? — pergunto.

— Debaixo do travesseiro — responde ele.

Bodee tira as cuecas da sacola tão rápido que a pilha cai e vira uma bagunça. Eu não devia ter visto, então seguro o livro e ajesto o travesseiro até ter certeza de que ele terminou. É estranho como algo comum como cuecas boxer brancas podem deixar um rosto vermelho.

— Eu penduro para você — digo quando ele pega a calça cáqui na bolsa.

A gravata, ainda com o nó que eu vi da última vez, uma camisa branca amassada e calças chegam emboladas a mim. Não foram lavadas, e eu sinto nelas o cheiro de terra e suor do último sábado.

— Posso lavar isso antes?

— Vou fazer isso depois que eu comprar sabão.

— Você não vai comprar sabão. Ele meio que, bom, vem junto com a casa. Como meu sabonete do chuveiro e meu xampu azul. E o jantar.

Bodee ajesta o cacho de cabelo azul, aquele que estava me enlouquecendo, e diz:

— E caronas para a escola?

— É, e caronas para escola. E qualquer coisa de que você precisar.

Uma quantidade indeterminada de camisetas brancas, três calças jeans, algumas meias e as cinco caixas de Ki-Suco da bancada da cozinha são os únicos outros itens que ele tira da sacola antes de jogá-la debaixo da cama.

— Acabou — diz ele. — Falei que não ia demorar.

A culpa não me golpeia, mas cutuca um ponto entre minhas costelas.

Quero ver ele sorrir de novo.

— Então — passo os dedos pelas caixas de Ki-Suco que ele equilibrou no peitoril da janela —, que cor você vai usar amanhã?

— Uva diet.

— Você já usou a de limonada?

— Não, é parecido demais com o natural — diz ele. — Esse era para beber.

— Sua mãe comprava para você?

Dessa vez, ele não acena com a cabeça, mas seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Ela era... a melhor.

Agora sou eu que estou com lágrimas nos olhos.

— Vou fazer uma promessa para você, Bodee. Enquanto estiver com minha família, você não vai ficar sem Ki-Suco.

Ele pisca para mim e acrescenta:

— E prometo que vou impedir *qualquer pessoa* que queira machucar você.

Fico ali quase sem respirar, e ele diz alguma coisa que parece ser “mesmo que seja você”, mas as palavras saem emboladas, e não tenho certeza de que ouvi direito.

Se ele fosse Heather ou Liz, eu negaria isso totalmente. Mas não posso mentir para ele. Não depois de hoje, da sua cozinha, do Ki-Suco na bancada, da barraca e da pilha de cuecas derrubadas no chão do quarto extra. Nós já somos mais do que a soma das minhas mentiras. Então eu respiro fundo e olho para o outro lado, tentando não mentir com meu rosto, mas manter a verdade.

Dói.

Há um silêncio total até eu dizer:

— Vejo você no jantar.

— Tudo bem.

— Faz uma pilha, e eu jogo suas roupas na máquina de lavar — digo.

— Tudo bem.

— Vou pedir para meu pai levar a gente em uma loja amanhã, para o caso de você precisar de alguma coisa.

— Tudo bem.

— E não fala nada sobre Kayla, Craig e o noivado. — Esse lembrete é inútil, já que ele raramente fala a não ser que alguém fale com ele.

— Tudo bem.

Percebo que “tudo bem” é o novo “ei”, enquanto o deixo com a Cinderela virada para baixo.

## capítulo 7

Preciso parar de arranhar o pescoço, senão não vou poder fazer um penteado com o cabelo preso para o casamento.

E o casamento é oficial, agora que meus pais já sabem. Houve lágrimas de alegria no purê de batatas do jantar de hoje. E abraços. Imagino que vai haver muito mais também antes do casamento no *Natal*. Caramba, essa foi rápida. Antes eles eram devagar em tudo. Por que precisam fazer isso tão depressa?

Não sei se tenho tempo para meu pescoço cicatrizar.

E... vou precisar estar feliz.

Felicidade está em falta, para mim.

As fendas escuras da ventilação de ar me deixam confusa; é meu único jeito de enfrentar as coisas que não envolve escavar meu pescoço. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Chego a 19 antes de piscar e estragar a contagem. Começo de novo porque o sono me odeia. De novo e de novo, até meu cérebro desistir e permitir que os números me carreguem para a terra dos sonhos.

Na terra dos sonhos tem uma piscina.

Não é a nossa piscina, porque não tem uma cerca de madeira ao redor do quintal, mas parece a nossa. Vários garotos estão ali, sentados na borda, balançando os pés e parecendo preguiçosos, dando chutes para respingar água.

— Ei. Tudo bem. Ei. Tudo bem. Ei. Tudo bem — cantam eles. Automatizados e assustadores, como o grito de um lince. Quero arranhar as feridas do meu pescoço.

Todos os garotos estão usando óculos de mergulho pretos que escondem seus rostos. Em determinado momento, são todos o mesmo garoto, mas no

instante seguinte todos os rostos são diferentes, e eu os conheço: meu pai; Collie; Dane Winters; Bodee; dois garotos da primeira aula que eu conheço desde o jardim de infância; Matt, da igreja; Craig; Hayden, da nossa mesa de almoço; e o diretor da banda, que tem mais cabelo no peito do que um cachorro. O namorado vaivém da Liz, Ray, está lá, e um cara que não conheço, com o rosto pintado como o do Capitão América. Tenho certeza de que tem outros, mas estão borrados demais para identificar.

O cara pintado deve ser o Capitão Letra de Música. Eu o encaro porque preciso saber quem ele é. Mas ele entra e sai de foco, até que seu rosto fica igual ao dos outros.

— Alexi. Alexi. Alexi. — Meu nome nos lábios deles é hipnótico.

— Estou solitário — dizem eles juntos. Agora estão todos produzindo uma fonte de enormes gotas de água no centro da piscina. — Estamos solitários. Solitários. Muito solitários.

— Você sabe como é ser solitário — falam os garotos do lado direito.

Não consigo despertar meu cérebro o suficiente para perceber que estou sonhando. E estou paralisada de medo. E muda.

Então não parece mais um sonho. Eu conheço essa piscina. Conheço esses garotos.

E um deles me conhece bem demais.

Meus olhos congelam nos dele. Tento gritar: *Para!* É mais um gemido do que uma palavra.

Está tudo errado. Uma mão cobre minha boca, mas não é a minha. Não tenho mãos. Nem braços. Essa mutante não sou eu, mas sou.

Os garotos no lado esquerdo da piscina dizem:

— Ela sempre entende.

— Ela não me entendeu — diz Dane.

— Nem a mim — continua Collie.

— Nem a mim — conclui Matt, da igreja.

Outro chute de respingos.

— Mas ela não vai contar — dizem todos eles.

— Ela nunca conta — diz Bodee.

— E somos praticamente da mesma família — diz Craig. — Famílias sabem tudo.

Quero gritar: *Famílias não sabem tudo!*, mas não consigo.

— Eu não sei de nada — diz meu pai.

— Ele não sabe de nada — dizem os outros enquanto suas risadas cintilam ao redor da piscina.

— Tudo aconteceu neste quintal — lembra Hayden. — Mas ele não sabe de nada.

É como um roteiro decorado quando os outros se unem a ele. Mas então alguma coisa muda. Suas mãos vêm em direção ao meu rosto antes que eu consiga virar para o outro lado. Cada um deles agarra parte da minha boca. Eles puxam, e eu grito e sinto o gosto do travesseiro enquanto minha pele se rasga, e lágrimas escorrem dos meus olhos com a dor.

Então acordo. Suando e tremendo e com a boca seca, com gosto de sangue na língua.

Antes do despertador. E não quero pensar no sonho.

Pareço uma sonâmbula até o quarto tempo de aula.

Heather está em uma vibe falante.

— A gente foi legal com Bodee no carro — diz ela, como se as duas merecessem um prêmio.

— Foram, mesmo — concordo, apesar de mal me lembrar da ida até a escola.

— Então, me fala. O que vocês fazem à noite?

— Bodee e eu? Não fazemos nada. — Elevo a voz, e olho para ver se a sra. Tindell percebeu, mas ela está com o nariz mergulhado em um livro. — Não somos os únicos em casa. Noite passada, ficamos sentados à mesa com a família enquanto Kayla e Craig falavam dos detalhes do casamento.

— Você não parece superempolgada por eles. Caramba, se minha irmã fosse se casar com um cara como Craig, você sabe, com um emprego, sem filhos e sem ficha criminal, eu estaria surtando. Mas Hallie tem uma queda pela sarjeta, então eu duvido que isso aconteça.

— Desculpa se eu não estou cheia de pétalas de rosa e “Cânone em Ré Maior”. Dormi supermal noite passada. Parece que minha cabeça foi atropelada por um trator. — Não é mentira. — E, de qualquer maneira, eles estão juntos há tanto tempo que isso nem foi uma notícia tão grande. Meio que como Collie dizendo que gosta dos seus peitos. Já ouvi isso um milhão de vezes.

Heather revira os olhos.

— Ele não diz isso. Não um milhão de vezes.

— Estou brincando — digo, sabendo que Collie só falou dos peitos da Heather para mim uma vez. E foi depois de beber algumas cervejas.

— Ele é meio tarado — admite ela.

— Não quero ouvir isso — reclamo.

A voz da Heather sai estranhamente chorosa quando ela diz:

— Você disse que eu podia falar dele com você.

— Hoje não. Estou exausta demais para discutir sua vida sexual.

— É, minha vida sexual inexistente. Você acha que ele está transando com outras garotas?

Apoio a cabeça na dobra do cotovelo, uma técnica de desaparecimento que aprendi observando Bodee.

— Hoje não, Heather.

— Ótimo. Fica aí sentada, remoendo.

— Não estou remoendo. Estou pensando. Você devia tentar. — Não levanto a cabeça.

— Não precisa ficar chateadinha. Está cansada demais para o Capitão Letra de Música?

— Não. — Mostro a carteira para ela.

Debaixo das frases de ontem estão as novas que eu escrevi hoje, antes de Heather chegar para a aula.

*Nada é certo, só você  
Nada é seguro, só você  
Nada mais resta no mundo  
Só você*

— Ótimo. Uma balada.

— Shiu. Só estou pensando no casamento — digo, porque sei quais são as frases que vêm em seguida. *Promete que vamos nos casar. Que você vai ficar; para sempre. E sempre. Só você.* Será que o Capitão vai escrever esses versos como minha letra de música do fim de semana?

— Você tem sorte porque o sr. Wixon gosta de você — diz Heather.

— Fiz um acordo com ele — respondo, sabendo que nosso velho zelador, o sr. Wixon, pode usar macacão para trabalhar, mas, no fundo, é um sonhador.

— Claro que sim.

— A gente escreve a lápis e apaga nas sextas-feiras. Ele passa água sanitária nas carteiras no fim de semana. Não estamos estragando nada — defendo.

Heather sorri.

— Ei! Ele sabe quem é a outra pessoa que escreve?

— Não perguntei. Não estou preparada para acabar com isso.

— Você é muito esquisita. Não acredito que o suspense não deixe você morrendo de curiosidade — diz ela, balançando a cabeça.

Estou supondo que eu seja tão enigmática para ele quanto ele é para mim. É romântico (e tragicamente burro?), mas esse é o jeito perfeito de me revelar. Todo mundo em Rickman já sabe, neste momento, que Kayla e Craig mudaram de status para Noivos. Se o Capitão for um pouquinho esperto, ele vai saber. E vai juntar as peças e perceber que tem lógica a irmã mais nova da Kayla escrever uma letra de música sobre um casamento. Certo?

Talvez eu devesse apagar essa dica. Esse pingue-pongue constante entre querer conhecê-lo e querer manter tudo na carteira, em segurança e a distância, lateja na minha cabeça.

Deixo a letra da música. Reunindo coragem. Olhando para a frente, em vez de olhar para trás.

— Você devia estar pensando no baile de ex-alunos — diz Heather. — Ele é a pessoa que você devia convidar. Deixa uma pergunta ao lado da última letra de música.

— Não vou convidar o cara. — Mas, caramba, a tentação... é enorme. E paralisante.

— Bem, então, o que diria para Hayden, se ele convidasse você?

— Não. E ele não convidou.

— Bom. — Heather morde o lábio inferior. — Talvez a gente tenha falado no assunto. E talvez eu tenha dito que você gostava dele.

— Heather.

— Lex, eu sei que você nunca convidaria o Capitão Letra de Música, então alguma coisa tinha que ser feita. O baile é na próxima semana — diz ela.

A sra. Tindell está de pé e passeando pela sala. Heather olha para mim com expectativa, e eu pego a folha de exercício preenchida no meu fichário.

— Já terminou? — pergunta a professora quando se aproxima de nós.

— Sim, senhora.

Satisfeita, ela circula até o próximo grupo, e eu solto o ar.

— Eu sei que você ainda não tem com quem ir — sussurra Heather, enquanto mantém um olho na sra. Tindell, que está voltando.

— Não.

O jogo de futebol americano seguido do baile é importante. Mas posso ir em grupo, sem acompanhante. Muitas garotas vão juntas e dançam muito mais do que se estivessem acompanhadas. Mas, se eu quiser ir com Heather e Liz, tenho que ter um garoto fotogênico e que seja só meu.

Eu quero ir com elas.

E não quero.

Estar com Heather e Collie em um encontro é como ver um filme erótico com minha mãe na sala. Respiração pesada. Mãos em lugares onde não deveriam estar em público. Vergonhoso.

Ver os dois me faz lembrar... do que eu tento esquecer.

Liz e Ray são o contrário. Estão juntos porque acreditam que foram destinados um ao outro. Até que eles não se sintam mais destinados. Então, eles terminam... até serem destinados de novo. Por que isso? Eles se tratam como um leão e um antílope presos um ao outro por um elástico.

Talvez sejam solitários e orgulhosos demais para encontrar outras pessoas.

Heather ergue uma das sobrancelhas. Eu sei qual é a pergunta antes de ela fazê-la.

— Não, eu não vou ao baile com Bodee — digo.

— Tive medo de isso fazer parte de *ser legal* com ele — diz ela.

— Fala sério. — A verdade é que eu *iria* ao baile com Bodee. E não iria só para ser legal. Mas está perto demais. Cedo demais. Neste momento, nós dois somos um bazar confuso de emoções. Um centavo por dor. Dez centavos por amargura. Vinte e cinco centavos por sofrimento. Um dólar por silêncio. Isso nos une, mas eu não quero que ele pague o preço pelas partes de mim que foram usadas e quebradas. E é isso que o baile seria.

Além do mais, nós moramos juntos. Na mesma casa.

— Que alívio. Hayden gosta de você de verdade.

— Hayden não me conhece — rebato.

Heather copia a última parte da minha folha de exercício e diz:

— Ele vai conhecer, depois do baile. Sério, Lex, ele é um cara legal.

— É o que Craig diz também — comento.

De acordo com Craig, existem apenas alguns caras no time de futebol americano que eu tenho permissão de namorar. O *sr. Tanner*, sempre protetor, inflexível e determinado-a-fazer-tudo-do-próprio-jeito. Quero mandar ele calar a boca e me deixar em paz. Sou bem crescidinha e posso escolher meus próprios namorados, mesmo que eles não estejam em sua lista. Mas ele avisaria Kayla se eu quisesse namorar alguém que fosse uma *má influência*. E ela contaria à minha mãe e ao meu pai.

O que significa ser *mau*, afinal? Todo mundo é mau de algum jeito. Exceto Bodee.

— Bom, então pronto. Se Craig diz, é verdade — diz ela. — Acho que Hayden até frequenta uma igreja, como você e Liz.

— Nossa, caramba, Heather, agora você me convenceu. — Arregalo falsamente os olhos para ela. — Qualquer cara que frequenta a igreja está predestinado a ser o Sr. Perfeito.

— Ah, você sabe o que eu quero dizer. Ele tem, tipo, uma boa alma ou coisa assim, eu acho. E ele vai convidar você, se quiser.

— Uau. Obrigada, doutora dos encontros.

Quero dizer a ela que não preciso de encontros por pena, mas Heather sabe que eu não flerto com ninguém o suficiente para conseguir um encontro. Seus

esforços significam que eu sou importante para ela, e isso é legal, então é justo que eu demonstre alguma gratidão. E a vantagem de ir ao baile de ex-alunos com um jogador de futebol americano é que você mal vê o cara antes do baile. Basicamente, eu vou ficar na arquibancada a noite toda com Heather e Liz (e Ray). É suportável.

— Tenho certeza de que vou me arrepender por isso, mas por que não? Diz que eu vou, se ele me convidar — digo.

O gritinho abafado que Heather solta bem quando o sinal toca é alto o suficiente para lobos do Alasca ouvirem. E estamos bem longe do Alasca.

— *Perfeito*. Vejo você no almoço — diz ela, empilhando os livros e agarrando a bolsa. Ela claramente está tentando sair antes que eu mude de ideia.

Pego nossas folhas de exercício preenchidas e falo para a carteira vazia da Heather.

— Pode deixar, eu entrego isso por você.

Até amanhã, Capitão Letra de Música.

O corredor está lotado o suficiente para competir com a Times Square. Com calor e feliz pelo intervalo de almoço, encolho os ombros como um *linebacker* e abro caminho em direção ao meu armário. No próximo ano, quando eu for veterana, as águas se abrirão e eu caminharei como uma rainha do império do ensino médio, mas, por enquanto, eu me sinto uma caloura. No meio do caminho.

Bodee está encostado em seu armário, então aceno para ele do outro lado do corredor. Ele não é do tipo de acenar, mas me dá uma balançar de cabelo verde-limão.

Eu lembro que ele normalmente não está perto do armário durante o intervalo.

— Tenho uma pergunta — diz ele quando eu me aproximo.

Ai, meu Deus, espero que seja sobre roupas para lavar ou escovas de dentes ou até mesmo cuecas novas. Por favor, não me peça para voltar à cena do crime de novo depois das aulas.

— Claro. Deixa eu guardar os livros — digo, girando a combinação no cadeado do meu armário.

Sinto um tapinha no ombro.

— Espera, Bodee — peço.

— Hum, Alexi.

Quem deu o tapinha não foi Bodee. Sei disso sem me virar, porque a voz do Bodee não é tão grave. Três livros caem do meu armário quando eu enfio a mochila lá dentro. Bodee se agacha ao meu lado e me ajuda a empilhar os livros.

— Um admirador — murmura ele.

Um admirador que não me ajudou a recolher os livros. Bato a porta do armário com força e me viro.

Hayden: amigo do Collie. Um dos jogadores de futebol americano do Craig. Senta na nossa mesa do almoço. Voz grave. Namorou Janna Fields durante todo o ano passado. E, de acordo com Heather, frequenta uma igreja. Isso é tudo o que eu sei além do óbvio. Ele é muito fotogênico.

E provavelmente está aqui para me convidar para o baile de ex-alunos.

Heather não perdeu tempo.

— Hum, Alexi — diz ele de novo, agora que chamou minha atenção. — Eu estava conversando com Heather sobre o baile.

— É, ela me falou, na aula de psicologia — digo, querendo ter alguma coisa para ocupar as mãos. Onde se coloca as mãos quando um cara chama você para sair?

— Bem, eu queria saber se você gostaria de ir comigo.

— Hum, tudo bem. É, seria legal — digo.

Hayden pode ou não ser todas as coisas que Heather diz, mas vou acrescentar “direto” à lista. Ele claramente não curte conversinhas nem a chatice de quero-conhecer-você-melhor. Ele pediu o que queria; bem, o que Heather queria, e eu dei a ele. Pronto.

— Legal. Acho que eu vejo você no almoço, então — diz ele.

— É.

Ele se afasta com um sorriso satisfeito no rosto. Nenhum detalhe sobre planos ou horários. Nem mesmo trocamos números de celular. Ele vai me ver

no almoço; e isso pode ser mais fácil do que eu pensava. Hayden me parece um cara que não vai pensar em mim de novo até as dez horas da noite da próxima sexta-feira. Por mim, tudo bem. Porque eu também não vou pensar nele.

Exceto para me preocupar.

O sinal toca, e eu viro de novo para Bodee. Meu rosto fica quente, porque o dele está refletindo toda a minha conversa com Hayden. Nunca vi Bodee em um baile nem em nenhum evento depois das aulas, mas algo nos seus olhos sugere que ele poderia ter planos para esse.

— O que você queria me perguntar? — digo.

— Nada importante — responde ele, e se afasta pelo corredor em direção ao refeitório. Por que isso faz eu me sentir como se ele tivesse perdido a mãe de novo?

## capítulo 8

Bodee fica em silêncio pelos quatro dias seguintes.

Ele só fala quando é obrigado e só diz o necessário. Na loja, quando compramos algumas coisas. Na mesa do jantar ou em casa com meus pais. Mas, no carro com Heather e Liz, ele não diz absolutamente nada. Mesmo na igreja, que é um passeio obrigatório na Littrell-topia. Bodee tem um jeito de fazer seu silêncio parecer comum, não como se fosse uma arma, por isso não sei se ele está com raiva de mim ou se simplesmente não tem nada para dizer.

Heather e Liz saem com os namorados no fim de semana, enquanto eu faço o dever de casa dentro do closet e crio novas playlists para a semana. A maioria é grunge, mas, ironicamente, há uma lista só de músicas clássicas também. Esses gêneros normalmente não se misturam muito bem, mas meu cérebro precisa, ao mesmo tempo, da dor e da paz.

Os clássicos me fazem sentir saudade de estar na banda. Quando devolvi meu saxofone, no começo do ano, minha mãe foi a única que argumentou.

— Mãe, eu não vou para Juilliard — disse, e depois acrescentei uma desculpa sobre como eu precisava de mais tempo para o dever de casa com minha carga de aulas avançadas. Mentira total. A escola é fácil e eu adoro música, mas não posso passar tantas horas na banda. Perto demais do campo de futebol americano.

— Você quem sabe — disse minha mãe, mas sei que ficou preocupada de eu desistir de uma coisa que adorei fazer por tanto tempo.

Durante o fim de semana todo, não arranho o pescoço. Nem uma vez.

Mas não durmo. E isso me faz ficar com uma aparência horrível. Na verdade, na manhã de segunda-feira, antes de Bodee e eu sairmos para a escola, minha mãe pergunta:

— Lex, você está se sentindo bem?

— Sim. Não estou dormindo muito bem — explico. Melhor dizer a verdade sobre isso, já que minhas olheiras estão roxas como ameixas. Ela me dá um olhar maternal e tenta fazer a voz soar casual.

— E qual você acha que é o motivo? — Ela dá a mim e, depois, ao Bodee uma fatia quente de torrada.

— Muita coisa na cabeça, acho. O casamento. Não estou praticando o suficiente para dirigir. O baile é nesse fim de semana. Você sabe, essas coisas. — Passo manteiga na torrada e dou uma olhada rápida na expressão do Bodee. Indecifrável.

— Bem — minha mãe dá um tapinha de leve na minha bochecha —, talvez a gente precise passar um tempo longe de casa. Podíamos fazer umas compras em Nashville. Sei que você vai pegar uma roupa emprestada da Kayla para o baile de ex-alunos, mas a gente podia curtir um tempo só de meninas. O que você acha? Alguns mimos antes de ficarmos muito ocupadas com o casamento e as festas de fim de ano.

— Claro — respondo. Minha mãe provavelmente acha que eu estou surtando com as mudanças na nossa casa. A chegada de Bodee; a saída de Kayla.

— Você vai ao baile no fim de semana, Bodee? — pergunta minha mãe.

— Não, senhora.

— Porque você pode ir, sabe. John e eu queremos que você se sinta livre para fazer o que quiser, sair ou chamar alguns amigos para cá. Alexi vai pegar roupas emprestadas com Kayla; tenho certeza de que Craig não se importaria de emprestar alguma coisa para você também. Vocês têm mais ou menos o mesmo tamanho.

Têm? Eu nunca reparei que Bodee fosse grande como Craig, mas agora que minha mãe fala, percebo que eles são mais parecidos em tamanho do que eu pensava. Achei que as calças cáqui do Craig que Bodee usou no funeral estivessem presas com um cinto, mas talvez não.

— Obrigado, senhora, mas não pretendo ir.

— Que pena. Tenho certeza de que vai ser muito divertido. John e eu nos divertíamos tanto nesses bailes quando estávamos na Rickman. Mas, bom, isso foi há um milhão de anos. As coisas provavelmente mudaram.

— É, mãe, tipo, os dinossauros não andam mais sobre a Terra — brinco, e vejo seu sorriso antes de ir em direção à porta. — Vamos, Bodee, Heather chegou.

— Tenham um bom dia — diz minha mãe.

Antes de eu fechar a porta, sei, pela expressão no rosto da minha mãe, que ela está revivendo toda feliz o baile de ex-alunos da Rickman High School de 1980 ou coisa assim.

— Por favor. Se eu ficar assim, me mata — digo para Bodee no caminho até o Malibu.

— Achei que você gostasse de bailes — comenta ele.

— Nossa, não. — Aponto para o banco da frente e digo apenas com o movimento dos lábios: — Só vou por causa delas.

Bodee sorri pela primeira vez em dias.

As frases diárias adicionadas à minha carteira são os únicos pontos fortes durante o resto da semana.

Segunda-feira:

*Queria abraçar você nas montanhas*

**QUERIA BEIJAR VOCÊ NO MAR**

Terça-feira:

*Levar você para bem longe daqui*

**PARA UM LUGAR ONDE VOCÊ POSSA SORRIR**

Quarta-feira:

*Porque estamos longe da maldade*

**NÓS SOMOS A VERDADE**

Quinta-feira:

*Vamos fazer isso dar certo*

**CRUZAR OS MUNDOS, VER AS ESTRELAS DE PERTO**

Sexta-feira:

Deixando para trás tudo o que somos

**EU QUERO A ETERNIDADE COM VOCÊ**

— Esta semana está mais esquisita do que o normal — diz Heather enquanto se inclina e dá uma olhada na minha carteira, na sexta-feira. — Vocês não disseram muita coisa.

— Acho que dissemos mais do que nunca.

Heather enrola a trança para formar um coque e enfia meu lápis no meio.

— O que Hayden vai pensar quando descobrir que você está apaixonada por um cara aleatório que escreve na sua carteira?

— Ele não vai se importar. — Guardo meus livros. — A menos que seja algo sobre futebol americano. E eu não estou apaixonada.

— Você sente alguma coisa por ele. Assim como sente alguma coisa pelo Bodee. Sabe que a gente ouviu vocês sussurrando quando entraram no carro hoje de manhã, né?

Reviro os olhos.

— Esquece, Heather. O Capitão Letra de Música é uma ficção. E ninguém *se apaixonou* por uma ficção. Ele só existe nesta sala.

— E daí? Eu sou apaixonada por aquele cara da MTV desde o sétimo ano, e ele só existe na TV. O Capitão Letra de Música é bem mais real do que isso. — Heather aponta para a porta da nossa sala de aula. — Ele está lá fora em algum lugar.

— Mas eu não sei quem ele é. — Essa é a verdadeira questão. Que eu *poderia* me apaixonar por esse cara. Se eu soubesse quem ele é.

Mas tudo o que eu sei sobre ele são as palavras que ele escolhe das músicas de outra pessoa. Se for uma história de amor, é uma história curta.

— E, para sua informação — acrescento —, Bodee e eu estávamos falando sobre ele *não* ir ao baile. De novo, vamos lembrar: ele mora na. Minha. Casa. Não estamos *apaixonados*. Nós não estamos nada.

— Hum. Que pena, porque eu acho que estou começando a gostar dele.

— Então sai com ele você. — Eu me arrependo imediatamente de dizer isso. Bodee não é um peão de xadrez, e ele não é meu para eu repassar.

Evidentemente, Heather é grudada em Collie e não está interessada no Bodee. Mas a ideia de que ela poderia estar me dá a mesma sensação que eu tenho quando encontro um cabelo nos meus nachos.

Heather dá um sorriso irônico; ela está prestes a soltar uma risada de hiena. Estamos em sala de aula, então ela enfia o punho na frente da boca e fica vesga. Não ajuda. Fazemos barulho do mesmo jeito.

— Srta. Littrell, pode vir à minha mesa? — chama a sra. Tindell da frente da sala.

Ô-ôu.

Todo mundo levanta o olhar. Pareço um dos alunos do segundo ano da minha mãe enquanto ando pelo corredor em direção à mesa da nossa professora. O resto da turma espera minha punição.

A voz da sra. Tindell é tão baixa que ninguém mais consegue ouvir.

— Sei que você já terminou seu trabalho. Se importa de devolver esses livros à biblioteca para mim?

— Claro que não. — Suspiro de alívio. Estendo a mão para pegar os livros, mas ela toca minha mão.

— Só para você saber, srta. Littrell. Acho isso preferível a mandar você e a srta. Jackson... ficarem caladas... de novo... para todo mundo poder trabalhar. Entendeu?

Acho preferível que ela realmente nos ensinasse alguma coisa, mas digo:

— Sim, senhora. Hum, obrigada. — Pegos os livros da sra. Tindell e saio da sala de aula com os olhares de todo mundo fazendo buracos nas minhas costas.

A biblioteca fica do outro lado da escola. Quando chego lá e deixo os livros na pilha de devolução, o sinal toca. Minhas coisas ainda estão na aula de psicologia, mas é ruim atrasar para o almoço. As filas ficam enormes.

No caminho pelo corredor, alguém aparece para andar ao meu lado.

— Ei, Alexi — diz Hayden. — Está pronta para hoje à noite?

Ele está usando a calça cáqui obrigatória de sexta-feira para o jogo de ex-alunos e uma camisa vermelha, e é pouco dizer que ele está bonito. Alguns caras do ensino médio já são quase homens. Hayden e Collie já são. Talvez por causa de seus rostos bem-definidos e corpos musculosos pelo futebol americano, mas isso é intimidante.

— Vai ser divertido — digo, tentando demonstrar entusiasmo.

— Estou na corte do baile. Acompanhante da Janna. Só queria me desculpar por isso. — Ele bufa de raiva e para de repente. — Isso não vai estragar sua noite nem nada assim, né? Não sou muito bom com dramas.

Percebo que eu posso ser abandonada agora mesmo, se parecer chateada, mas digo:

— Nem eu. Não é nada de mais.

— Obrigado. Espera com Heather do lado de fora do vestiário. Collie e eu vamos sair depois de tomar banho.

— Hum, eu sei que isso é bem idiota, mas você se importa de conhecer meus pais antes? Eles não gostam que eu ande no carro de caras que eles não conhecem. — Isso é drama? Espero que não.

Hayden dá de ombros como se já tivesse ouvido isso antes. Talvez os pais da Janna também quisessem apertar a mão dele, quando eles começaram a sair.

— Claro — diz ele. — Muitos pais são assim em Rickman. Meio doido, na minha opinião. Até um psicopata consegue agir normalmente por tempo suficiente para um papinho rápido. — Ele sorri. — Quer dizer, eu poderia ser um *serial killer* ou estuprador maluco, e eles nunca perceberiam em um aperto de mãos. Por que se preocupar com isso?

Olho para o chão para ver se tem sangue, porque tenho quase certeza de que o meu acabou de sair do meu rosto e descer pelo meu corpo.

Suas mãos grandes de jogador de futebol americano sacodem meus ombros.

— Alexi, você sabe que eu não sou *serial killer* nem estuprador. Meu Deus, eu vou conhecer seus pais. Eu só estava dizendo...

— Eu sei que você não é — garanto a ele enquanto me afasto e penso que esse é o tipo de drama que vai me deixar sem acompanhante em um piscar de olhos. — Mas alguém atacou uma garota no verão. Então você provavelmente não devia fazer piada sobre isso.

As palavras saem da minha boca antes que eu consiga impedi-las. São vagas, mas é a primeira vez que eu disse... *qualquer coisa* desse tipo. Por que para Hayden? Por que agora? Talvez porque ele não tenha importância. Vamos para

o baile de ex-alunos, depois não vamos ter mais nada. Ele provavelmente vai voltar para Janna até o fim da próxima semana.

— Droga. Onde foi que você soube de um ataque?

Penso rápido e respondo:

— No banheiro.

Hayden expira.

— Provavelmente não é verdade. Alguma garota saiu com um cara e depois se sentiu mal por isso. Acontece com os garotos o tempo todo, e isso me deixa *furioso*. Depois que você é rotulado como “estuprador” — ele curva os dedos para fazer aspas no ar —, você sempre vai ser um estuprador. — Outro suspiro indignado. Ele dá a impressão de que está falando por todo o time de futebol americano desta vez.

Há uma explosão nuclear formando um cogumelo na minha cabeça. Neurônios fritos voando em um vácuo onde meu cérebro deveria estar. O impulso de fugir da frente dele como uma barata é esmagador.

— É, hum, provavelmente é isso. Vejo você à noite.

Eu me enfi no banheiro mais próximo. Três garotas estão no espelho retocando a maquiagem — provavelmente calouras, já que eu não as reconheço. Estão falando da enorme quantidade de calorias na comida da escola. Entro em uma cabine ao fundo e abandono toda a noção de higiene em banheiros. Caio sentada no vaso aberto e soluço em silêncio com o rosto escondido nas mãos.

Eu sou uma dessas garotas pelas quais Hayden tem tanto desprezo, as que ele acha tão injustas quando gritam “estupro”.

Porque eu não tentei impedi-lo.

*Ele* não teve nenhuma indicação, absolutamente nada de mim, de que ele não estava fazendo o que eu queria.

Exceto pelas lágrimas. Elas escorriam dos meus olhos e molhavam meu cabelo e entravam nas minhas orelhas.

Mas ele nem olhou para meu rosto. Eu sei, porque eu não pisquei. Não consigo contar as fendas da ventilação sem piscar, mas naquela noite era como se minhas pálpebras tivessem congelado abertas. Eu vi tudo. Tudo. Seus olhos

estavam fechados quando começou, quando ele se aproximou de mim, buscando algum consolo, e eu congelei. Quando ele me beijou e eu fiquei em silêncio. E seus olhos estavam fechados enquanto ele fazia tudo. Porque ele não queria lembrar que eu não era sua namorada. Ele não queria perceber que estava fazendo comigo as coisas que queria fazer com ela.

O sinal do fim do almoço toca. Eu não me mexo. Nem quando a porta do banheiro abre e fecha para meninas que precisam fazer xixi ou de um espelho. Elas entram apressadas, saem apressadas, e ninguém me vê escondida na cabine.

O sinal toca no começo e no fim do quinto tempo de aula. Tecnicamente, estou matando aula. Mas eu simplesmente não consigo me mover.

Ouçõ o sinal tocar no início do sexto tempo de aula e de novo no fim do sexto tempo. Continuo sem me mover.

Grupos de meninas terminam o dia no banheiro. Pedacinhos de conversa escoam por baixo da porta da cabine. Kate Applebee é a favorita para rainha do baile. (Eu concordo.) O professor de Espanhol II, sr. Moore, é gay. (Concordo.) Dane Winters tem a bunda mais bonita da sala. (Concordo.) O baile vai ser ótimo. (Não me importo.) Quero sair. E eu devia avisar que estou aqui e ouvindo tudo o que elas dizem.

Mas não consigo.

Em determinado momento, as garotas somem. E o barulho do corredor também.

Estou encolhida aqui, com lágrimas escorrendo pelo rosto, há duas horas e meia. O telefone no meu bolso vibra com quatro mensagens da Heather e três da Liz. Elas estão com meu livro de psicologia. Estão esperando. Estão no carro. Ainda esperando. Onde eu estou?

Elas não estão felizes. *Onde eu estou?*

É a necessidade de mentir que me desperta e me dá coragem para me mexer. Mando uma mensagem de texto para Heather e para Liz.

**Não me esperem. Desculpa. Conversando com um professor sobre o vestibular. Vejo vocês de vestido mais tarde.**

Se meus dedos conseguem se mexer, o resto do meu corpo também consegue. Eu me levanto. Minhas pernas me surpreendem ao sair da cabine.

Lágrimas lentas e discretas não estragam seus olhos nem a maquiagem do jeito que um festival-de-lágrimas-exageradas faz, então eu consigo secar o rosto com uma toalha de papel e parecer quase normal.

Fingir ser normal é uma habilidade que eu aprendi 77 dias atrás, mas hoje à noite vai exigir tudo de mim.

## capítulo 9

Vejo uma figura solitária encostada ao canteiro de tijolos do lado de fora da porta da frente da escola. Tem cabelo verde e levanta o olhar quando eu abro a porta e saio.

— Bodee, você não precisava esperar — digo.

O estacionamento vazio parece um deserto de concreto. Está muito quente para outubro.

— Precisava, sim.

Abro a boca para dizer a ele que eu estava falando com um professor sobre o vestibular, mas não falo nada.

— Dia difícil. — Bodee não está perguntando, está declarando instintivamente o que ele parece saber sobre mim.

— É — concordo. Há um consenso silencioso para irmos para casa; ele me acompanha e andamos juntos em direção à rua.

— Obrigado por não inventar uma desculpa — diz ele.

— Acho que você ia perceber se eu inventasse — respondo.

— Você não quer falar no assunto.

De novo, ele está declarando um fato. Está abrindo uma porta, mas já sabe que eu não quero entrar por ela. O poder do Bodee está no jeito como ele me decifra, vê através de mim e, depois, entende a verdade por trás da fachada. Ele é o cara que pode passar direto pela Casa de Espelhos na primeira tentativa. É quase irritante. Ninguém deveria passar por uma tragédia como um surfista profissional enquanto eu me afogo.

— Não estou no clima para falar — digo.

Falar vai provocar mais choro, e mais choro vai provocar olhos inchados, e olhos inchados vão provocar perguntas de pessoas que não são pacientes como Bodee.

— É o Hayden — diz ele.

— Não, não é o Hayden. — Eu suspiro. — Uma coisa que Hayden disse.

— Um homem é, em parte feito por suas palavras — diz Bodee. Depois disso, apenas andamos.

Então Bodee chuta uma bolota, fazendo-a girar até a grama. Continuamos andando, e ele chuta um toco de lápis que caiu da mochila de alguém. E, de repente, ele está chutando para a esquerda e para a direita. Qualquer coisa na calçada é chutada: mais bolotas, pedras espalhadas de uma entrada de carros, papel de bala e guimbas de cigarro. Lixo deixado por uma horda de alunos quando o dia escolar termina. Eu me junto a ele, e juntos limpamos a calçada com nossas emoções.

Quando o trecho à nossa frente está limpo, quando não há nada para chutar, Bodee fala.

— Minha mãe me deu dez dólares antes de... hum, você sabe. — Ele para e me encara. — Eu poderia ir ao baile hoje à noite se você... se isso for ajudar.

Agulhas de tricô cegas. Uma dúzia delas enfiadas no coração.

— Ah, Bodee — digo.

Eu poderia soluçar de chorar aqui e não me preocupar com os olhos inchados. Como pode um garoto que eu mal conheço ter se tornado a única pessoa no mundo em quem eu confio? Decide rápido, Lex. Peço a ele para gastar os dez dólares? O dinheirinho que ele tem (que sua mãe morta deu) para um baile onde ele vai ficar em um canto só para garantir que eu fique bem? Ou digo a ele para guardar o dinheiro e rejeito uma das coisas mais doces que alguém já me ofereceu?

— Não vou estragar seu encontro — acrescenta ele.

— Eu sei. — Eu tenho que aceitar sua oferta, mas não sei se é por ele ou por mim. — Sim, por favor. Vai ao baile.

Quero que ele segure minha mão, e ele faz isso, magicamente. Não de um jeito romântico, e é só um leve aperto. Mas longo o suficiente para uma semente minúscula de esperança crescer dentro de mim.

— Se você for, vai ter que dançar comigo — digo. É justo. Seus dez dólares valem mais do que uma dança.

— E Hayden? Ele vai saber que eu não estou tentando namorar você?

— Eu explico.

Bodee sabe que eu não vou explicar nada para Hayden. Ele sabe que isso significa que eu vou mentir, mas faz que sim com a cabeça.

— Eu nunca dancei com ninguém — diz ele. Um tom de cor-de-rosa aparece no seu rosto, e eu não vejo isso acontecer desde a noite em que ele empilhou as cuecas na minha frente.

— Ótimo — digo. — Eu danço muito mal.

— Nós *não estamos...* tentando... namorar um com o outro. Certo?

— Não. A última coisa que eu preciso é de um namorado — respondo, e estou falando sério.

— Ótimo. — Bodee expira, e eu ouço seu alívio. — Você é minha... primeira amiga, Alexi. Exceto pela minha mãe. E eu não... eu prefiro não pular etapas.

— Nada de pular etapas — concordo.

Essa coisa com Bodee é cheia de expectativas, mas elas são fáceis. E certas. Como quando eu seguro uma das minhas esculturas ou uma peça de cerâmica em andamento e sei que vou gostar da obra de arte. Mesmo enquanto ainda não está completa.

Amigos.

— Posso usar a limonada no cabelo. — Ele me dá um olhar de relance. — Parecer normal.

— Não ouse fazer isso — digo. — Quero dançar com um cara de cabelo verde.

Faço uma pequena oração de agradecimento. Minha mãe e meu pai pensam que convidaram Bodee para nossa casa para ajudá-lo, mas a verdade é que ele está me ajudando.

— Obrigada por esperar — digo a ele quando chegamos em casa. — E por hoje à noite.

— Tudo bem — diz ele.

E está mesmo.

As duas horas e meia no banheiro são esquecidas. O tempo com Bodee é como uma dose de vitamina C. Cura a alma.

Olho para o relógio. São quatro horas, e eu tenho uma hora para me arrumar antes de Heather vir me buscar.

— Preciso ir — aviso.

— Eu sei. Vejo você hoje à noite.

Depois de um banho rápido, me visto com um dos vestidos pretos da Kayla de que eu mais gosto. Sou mais alta, mas ela é maior do que eu em alguns pontos. Então eu mostro menos peito e mais perna do que queria. Só estou moderadamente feliz com a roupa, então gasto mais tempo com o cabelo. Isso significa que a buzina da Heather toca antes de eu terminar as unhas. Pinto os dois últimos dedos do pé com pressa, deixando uma gota prateada no carpete, e enfiio os sapatos de salto alto, guardo o celular na bolsinha de mão e grito “tchau” para Bodee. Minha mãe tem que fazer seu papel de mãe, me olhando e me elogiando, antes de me deixar sair pela porta.

— Está linda — diz Heather quando me ajeito no banco da frente do Malibu.

— Você também.

Heather está usando um vestido azul-petróleo tomara que caia com corte imperial que faz seus olhos parecerem fogo azul. Collie vai dar uma olhada nisso, nela, e vai tentar convencê-la a tirar. E essa pode ser a noite de sorte dele. Ela desliza os enormes óculos de sol cor-de-rosa para os olhos e diz:

— O vestido diz que você está pronta para uma noite inesquecível.

— Claro. — Fico surpresa com minha própria empolgação. Hoje de manhã, o baile era uma obrigação, mas agora que Bodee vai e é seguro, estou feliz de estar toda arrumada, usando joias.

— Adoro essas noites. São um bom motivo para tolerar o ensino médio. Estou muito feliz por você ter saído da banda. Eu ia sentir muita falta de você hoje à noite se você tivesse que sentar com eles. — Heather inclina a cabeça para perto da minha e segura uma câmera à distância do braço para tirar uma foto nossa. Nós duas sorrimos. — O jogo vai ser ótimo. Depois, o baile. E, em

seguida, tem uma festa na casa do Dane. Não tenho nenhum compromisso até segunda-feira às 7h45. Isso é o que eu chamo de fim de semana, baby.

— Eu provavelmente não vou na casa do Dane — digo.

— Chata. Bom, a gente vê depois. — Heather parece confiante. — Você sabe que Hayden vai querer ir.

— Hayden só vai comigo no baile para fazer ciúme na Janna. Eles vão voltar antes do fim do baile.

Heather olha para mim por cima dos óculos.

— Acho que você está errada nessa. Ele gosta de você.

— Vamos ver.

Passamos pela casa da Liz para tirar fotos com ela antes de Ray pegá-la. A mãe dela colocou pizza na mesa e, sabendo que a gente vai dançar para eliminar as calorias antes do fim da noite, cada uma de nós come duas fatias. Quando olho para Heather e para Liz, percebo que é por isso que vale a pena aguentar Hayden. Há uma energia feminina entre nós quando comemos e fazemos piadas e nos provocamos. E evitamos sujar os vestidos de gordura.

— Estou feliz porque vamos todas juntas — diz Liz. — A gente podia deixar os garotos para trás, e eu não me importaria.

— Eu também — concordo.

— Hã-hã, eu não. Estrogênio demais. Quero um pouco do Collie.

— A gente sabe — dizemos eu e Liz ao mesmo tempo.

— É bem provável que Collie também queira você — acrescento, mas ninguém ouve porque Ray toca a campainha.

— Vão lá, senão vocês vão perder o início da partida — diz Liz. — A gente vai logo atrás.

No jogo, a seção de alunos está cheia de vestidos elegantes, camisas sociais e gravatas de seda, e até mesmo um terno azul-claro de uma loja de doações. Mas a formalidade não roubou nosso espírito escolar. Os gritos são muito altos e as palmas e batidas de pés tão fortes quanto em qualquer outra noite de sexta-feira. Kayla e Bodee estão em um ponto mais alto, na arquibancada abaixo da sala de imprensa, e meus pais estão com eles. Kayla acena, aprovando o vestido e me chamando para ficar com ela, mas eu não tenho coragem para subir tantos degraus usando salto alto.

— Eu nunca vi Bodee usando nada que não fosse uma camiseta — diz Heather quando seus olhos seguem os meus.

Heather está certa. Bodee não está usando a roupa de sempre. Dou uma segunda olhada, e ele levanta a mão e acena rapidinho para mim. Não aceno de volta, mas sorrio.

— A roupa é do Craig — digo, querendo que tivéssemos ido comprar uma roupa nova.

— Isso é legal — diz ela.

— É, mas eu meio que sinto falta da camiseta. — É engraçado como as coisas que você não gosta são as coisas das quais você sente falta quando somem.

— Imaginei. — Heather revira os olhos para mim. Se revirar os olhos queimasse calorias, Heather seria pele e osso. — Ei, você está vestindo essa roupa sexy — ela dá uma olhada na barra do vestido da Kayla —, então deixa o cara usar uma camisa social.

Devolvemos o pontapé inicial para fazer um *touchdown*, e o álcool em copos de isopor passa bem debaixo dos olhos cegos de pais e professores. A festa começou.

Heather grita a plenos pulmões para comemorar, mas depois se inclina e sussurra:

— O que aconteceu?

— Marcamos um *touchdown* — respondo.

— Ah. Tudo bem. Isso é legal.

— Chega para lá — diz Liz quando ela e Ray sentam ao nosso lado. — O que nós perdemos?

— Marcamos um *touchdown* — diz Heather, como se fosse especialista.

— Ainda é difícil ver os caras jogando? — pergunta Liz ao Ray.

Ele toca o próprio joelho e responde:

— É.

Ray vai voltar da licença por lesão na próxima temporada, e aí ele vai ser o cara levando uma bronca do Craig como o número sete está agora.

— Por que você não está lá embaixo com o time? — pergunto, querendo que a noite fosse um evento só de meninas.

Ray dá de ombros.

— Porque o Alex é um caso perdido. O número 19. — Ele aponta para um cara no meio do grupo. — O treinador diz que eu deixo o cara nervoso e, como tecnicamente, eu não estou no time agora, ele não quer que eu fique lá embaixo perturbando a cabeça do receptor.

Eu entendo. Também estou cansada de ter alguém perturbando minha cabeça.

Os jogos de futebol americano geralmente são longos. Não o de hoje. Craig e os outros treinadores trabalham com nossos jogadores, gritando coisas. Eles escrevem em pranchetas e acenam com os braços como se estivessem jogando carvão de um caminhão. Percebo Craig cutucando o número sete sobre o número em seu peito antes de mandá-lo de volta para o campo.

— Aquele era o Hayden — diz Heather. Ela não sabe nada de futebol americano, mas sabe direitinho quem usa cada número.

— Fico feliz por eu não ser o Hayden — digo, vendo o rosto vermelho do Craig. Sinto certa culpa porque nunca pensei em ver o número do Hayden. No campo, todos os jogadores parecem formigas vermelhas correndo depois que um tronco é derrubado.

— Hayden fez alguma coisa errada? — pergunta Liz.

— Ele sofreu um *sack*. Imagino o que o treinador disse para ele — diz Ray. — Aposto que não foi nada bom.

Heather dá um risinho.

— Craig disse: “Se você fizer alguma coisa errada com minha irmãzinha, eu dou uma surra em você.” Só uma interpretação livre — diz ela, e contamina todos ao redor com uma risada.

Incluindo eu. Mas é claro que não foi isso que Craig disse. Por outro lado, eu não duvido de que ele diria — só que não seria durante um jogo.

— Bem, não importa o que Craig disse, deve ter funcionado. Hayden acabou de marcar um ponto — diz Liz.

Alunos que não conhecemos nos cumprimentam enquanto a banda começa a tocar o hino de guerra. Olho para cima e para trás na direção de Kayla. Ela está me mostrando os dois dedos para cima, e é porque meu acompanhante acabou de marcar o *touchdown* que nos colocou na frente no primeiro tempo. Aprovação. Na mente da Kayla, que é muito fácil de entender, agora eu tenho a melhor chance de ser verdadeiramente feliz.

O alto-falante anuncia a corte do baile e espera enquanto eles se ajeitam nas linhas do campo adequadas, e todas as meninas que normalmente iriam ao banheiro no intervalo esperam para ouvir quem vai ser rei e rainha por uma noite.

— Anda logo, anda logo; fala quem ganhou. Ninguém se importa com essa conversa — diz Heather enquanto eles apresentam cada princesa e seu acompanhante. Mas eu ouço o pequeno discurso sobre Hayden.

— Hayden Harper, representando o terceiro ano do ensino médio, tem 17 anos e é filho de Beth e Don Harper, de Horn Branch. Hayden é membro do time de futebol americano da escola e foi nomeado para o time principal regional no ano passado. Ele também é membro da equipe de corrida da escola e ativo no conselho estudantil, na IAC (Irmandade dos Atletas Cristãos) e na FFA (Futuros Fazendeiros da América). Hayden frequenta a Igreja Cristã de Horn Branch.

Liz imita a voz do apresentador.

— Hayden Harper está ao lado de sua ex-namorada, Janna Fields, enquanto sua acompanhante, Alexi Littrell, espera na arquibancada e fica vermelha. Alexi tem 16 anos e é filha de...

— Cala a *boca* — digo. Estou vermelha? — Além do mais, eu sabia que ele ia ser acompanhante da Janna. Ele me contou.

— Esquisito demais — diz Liz.

— E eu aviso logo — comento, quando o anunciante continua a tagarelar.  
— Hayden vai voltar com Janna até o fim da noite.

— Aceito a aposta. Cinco dólares que ele vai beijar você em vez da Janna antes da última música — desafia Heather.

— Pode aumentar para dez, e está apostado. — Acho que tem mais de um jeito de pagar pelo tíquete de dança do Bodee.

— Apostado.

— A Rainha do Baile de Ex-Alunos da Rickman High School deste ano e seu acompanhante...

O estádio inteiro fica em silêncio enquanto o apresentador faz uma pausa e aproveita o momento.

— Kate Applebee e Dane Winters.

Todo mundo aplaude por, tipo, trinta segundos e pronto. Nada de 15 minutos de fama. Tudo o que as garotas querem agora é comer pipoca, beber e dar uma olhada no espelho do banheiro. Alças do sutiã. Nariz brilhando. Batom. Vestidos iguais. E depois fofocar sobre alças do sutiã, nariz brilhando, batom e vestidos iguais a noite toda.

O segundo tempo passa mais rápido que o primeiro. Os Rickman Raiders continuam invictos, e eu consigo me divertir, rindo com Heather e Liz a maior parte do tempo. É o melhor momento para mim nos últimos dois meses, 14 dias e vinte horas.

Minha mãe e meu pai descem os degraus da arquibancada até nossos assentos enquanto a multidão se dispersa. Estão usando camisetas vermelhas idênticas dos Rickman Raiders. Não as atuais; eram as que *eles* usavam no ensino médio, meu Deus. Kayla e Bodee seguem atrás deles.

Minha mãe me abraça e sussurra para meu pai não ouvir:

— Você está linda, meu amor.

Meu pai surtou quando minha mãe me disse que eu tinha permissão para começar a namorar. Minha mãe diz que é porque eu sou o bebê dele, mas Kayla diz que foi igual com ela. Ele não deixava Craig ir à nossa casa quando eles não estavam nos primeiros três meses de namoro, o que significava que eles tinham que fazer tudo escondido. E isso é engraçado, porque agora Craig está na nossa casa o tempo todo, com ou sem Kayla. Ele e meu pai adoram todos os esportes do mundo e adoram falar sobre isso o tempo todo.

— Obrigada, mãe — sussurro em resposta.

Minha mãe aperta meu ombro e diz para o grupo:

— O acompanhante da Lexi parece um cara legal. Você não acha, John?  
Meus olhos encontram os de Bodee, que está se escondendo atrás de Kayla.  
Ele franze a testa ao ouvir falar do Hayden e diz:

— O apresentador não ia listar suas características ruins.

Bem, ele não diz isso em voz alta, mas eu consigo ler seus lábios.

— Parece que você está subindo na escala do mundo dos encontros — diz Kayla, chamando minha atenção. — Encontro na semana passada com o futuro rei do baile. Encontro hoje à noite com uma estrela do futebol americano. Está podendo, irmã. — Antes que eu consiga sorrir, ela acrescenta: — Se bem que a estrela do futebol americano parecia *muito* feliz ao lado da ex.

Vejo a boca do Bodee formar a palavra:

— Idiota.

Acho que ele nem sempre é delicado.

— Kayla, para — diz minha mãe.

— Só estou falando. Desculpa — diz ela, mas não há sinal de arrependimento no seu tom. Essa é Kayla. Ela morde e assopra. Estou acostumada.

— Bom, Heather é responsável pelo meu calendário social — digo —, então você pode dar o crédito para ela, não para mim. Ah, e, pai, Hayden disse que ia vir aqui para conhecer você e a mamãe depois de tomar banho.

Liz e Ray se despedem, e o resto de nós se dirige ao vestiário. Craig sai primeiro. Está suado e desarrumado, mas Kayla se agarra a ele como se Craig fosse uma árvore e ela fosse uma preguiça.

— Ei, amor. — Ele a beija e depois aperta a mão do meu pai.

— Ótimo jogo, Craig — diz meu pai. — Fiquei preocupado no primeiro tempo, mas, *cara*, o segundo! Você deve ter posto fogo nos meninos.

— Eles são todos ótimos quando ganhamos — diz Craig com um sorrisinho. Antes que ele e meu pai comecem a discutir o jogo, Craig me vê e fica surpreso.

Ele aperta a mão da Kayla e parece todo orgulhoso de mim.

— Lex, você está crescendo rápido.

— Eu sei. Aconteceu em algum momento no verão passado — responde Kayla por mim.

Vinte de julho, para ser mais exata.

Antes que Craig possa dizer mais alguma coisa, Kayla se inclina na direção dele e pergunta:

— Você se lembra de mim neste vestido?

Um leve rubor aparece no rosto do Craig enquanto eles trocam um olhar de meio segundo. Ele acaricia a orelha dela com o nariz como um bobo apaixonado.

— Como se fosse ontem.

Ai, ai. Tenho *certeza* de que tem uma história sobre esse vestido que nem Craig nem Kayla vão compartilhar, especialmente não com minha mãe e meu pai tão perto. Mais provável que ele esteja se lembrando da Kayla *sem* esse vestido. Todos ficamos meio constrangidos, porque é óbvio o que está acontecendo. Até Heather mexe os pés, e ela é alguém difícil de envergonhar. E agora eu queria ter lavado o vestido a seco antes de vesti-lo.

Meu pai agora perdeu todo o desejo de conversar com Craig sobre o jogo; na verdade, ele está fumegando. Acho que ele acabou de ser expulso da negação da existência da vida sexual da filha mais velha. E ele *não* é um homem feliz nesse momento. Achei que Kayla teria juízo suficiente para não falar disso na frente do meu pai, mesmo que agora eles estejam noivos.

Quando o silêncio fica meio longo demais, Hayden e Collie, cheirando a sabonete e colônia, surgem do vestiário e resgatam o *treinador Tanner*. Hayden parece apenas um pouco menor de terno do que no uniforme de futebol americano.

— Mãe, pai, este é Hayden — digo.

Ele aperta a mão dos dois.

— Sr. e sra. Littrell, prazer em conhecê-los.

— Vocês jogaram muito bem hoje — diz meu pai a ele, e inclui Collie no comentário.

— Obrigado, senhor.

Hayden é bom nisso. Bom demais. Ele tem o sorriso confiante, o aperto de mão e a educação do “senhor” e “senhora”. E o terno não está ruim. Porque todo mundo sabe que os caras do ensino médio que ficam tão bem de terno não bebem nem usam drogas. Nem fazem sexo. É, acho que essa é a Ilusão Parental nº 552. E o que Hayden me disse hoje à tarde no corredor é verdade. Ele poderia ser um tipo de psicopata e convencer totalmente meus pais, com um aperto de mão, de que ele é um cara normal e educado.

Há uma conversinha tranquila, e depois meu pai diz:

— O horário de chegada é meia-noite e meia, Alexi.

— Não se preocupa, sr. Littrell. — Hayden me dá um sorriso doce, do tipo claro-que-eu-vou-respeitar-sua-filha, que todos os pais querem ver, e diz: — Garanto que ela chegará em casa em segurança.

Atrás do meu pai, as sombras se mexem, e Bodee aparece.

Minha mãe se movimenta para incluí-lo no grupo e apoia um braço no ombro do Bodee.

— Hayden, você conhece Bodee, não?

— Não muito bem — responde Hayden, mas faz um sinal de positivo com a cabeça e estende a mão para apertar a do Bodee. Como a reação ao vestido, isso parece estranho. Eles apertam as mãos um do outro por tempo demais.

— Bom jogo — diz Bodee na sua voz baixa de sempre.

Até este momento, eu não pensava no Bodee como sendo muito durão. Ele não é tão musculoso e seus ombros não são tão largos quanto os do Hayden, mas ninguém tem ombros como os do Hayden. Nem mesmo Craig e meu pai. Agora que estou olhando, Bodee não é o mesmo Bodee. Tento não pensar que são as roupas emprestadas ou a dança de dez dólares que eu prometi a ele. Mas ele está com um olhar que eu nunca vi antes. E isso faz Hayden dar um passo atrás.

Então eu percebo: Bodee não está encolhido, e seu queixo não está enfiado na camisa. Ele está com a cabeça erguida, e seus olhos fazem contato direto com os de Hayden.

Hayden agradece rapidamente a Bodee e troca mais algumas palavras com meus pais. Depois, me dá um olhar que diz que ele quer sair daqui.

— Está pronta para ir, Alexi?

Também pensando em escapar, Heather e Collie são rápidos para ir em direção ao portão. Faço que sim com a cabeça, mas dou uma olhada para Bodee quando Hayden me oferece o braço. Um dos cantos da boca do Bodee se move. Não há um sorriso nem um franzir de testa no rosto dele, mas eu entendo. Sem palavras, ele está me dizendo para eu não me preocupar.

Ele vai garantir que eu volte para casa em segurança hoje à noite.

## capítulo 10

— Qual é o lance do Bodee Lennox? — pergunta Hayden assim que saímos do alcance dos ouvidos alheios.

— Ele mora na minha casa. — Digo isso com o tom mais casual possível e me concentro em manter os saltos longe dos canteiros de grama do estacionamento.

— Ah. — Hayden faz que sim com a cabeça, e vejo que ele está assimilando a situação. — Eu não sabia disso.

Heather me dá um encontrão com o ombro no meu antes de dizer:

— É, do mesmo jeito que eu também não percebi que você — ela me contorna e cutuca o peito do Hayden — era o acompanhante da Janna no baile. É bom você não sacanear minha amiga.

Agora, sou eu que dou um encontrão na Heather. Dói. Mas ela não se importa; está com um sorriso que deixaria um palhaço com vergonha. “Tensão” é seu nome do meio. “Flerte” é o primeiro nome. Querido Deus, eu queria que a caminhada entre o estádio e o ginásio não fosse tão longa.

— Não vou sacanear sua amiga. — Dois pontos cor-de-rosa pintam o rosto do Hayden. — Eu falei da Janna para você, não falei? — me pergunta ele.

— Falou, sim — concordo.

— Cuidado, cara. A garota ainda gosta de você — diz Collie. — Ela vai atacar hoje à noite. Lex, é melhor você ficar de olhos bem abertos com ela.

Collie não me chamava de Lex havia muito tempo; ele percebe isso, e eu também.

— Janna não é a única que pode atacar — diz Hayden. — Viu aquele olhar do Bodee para mim? Bem sério.

— Bodee sempre parece sério. Não tem nada a ver comigo — digo. Essa mentira é mais fácil do que deveria, porque é uma meia verdade.

— Se você está falando. — Hayden não fica convencido. — Mas, ei, ele não é um concorrente.

Hayden e Collie riem. Seu desprezo em relação a Bodee me irrita. Como quando Kayla faz um comentário racista, mas eu mordo a língua. Isso é um balde de água fria. Alguém (não eu) devia dizer a eles que, quando agem como se fossem bonitos, não são.

Ficamos todos meio chocados quando Heather diz:

— Sejam legais. Bodee é inofensivo.

Não vejo um momento mais apropriado para falar da dança que eu prometi ao Bodee, antes que eles façam outros comentários humilhantes.

— Olha. Eu não vou mentir. — *Totalmente*. — Bodee é meu amigo. Eu não planejei isso quando meus pais levaram ele para morar com a gente. Mas agora é difícil não conhecer o menino um pouco. E eu me sinto...

— Triste por ele. É, o resto da escola também. Que coisa horrível! O pai dele, quer dizer — diz Hayden.

— É. Foi por isso que prometi à minha mãe que ia dançar com ele pelo menos uma vez hoje à noite. — Uso todas as expressões de pena que eu conheço, incluindo o suspiro exagerado. — Vocês sabem, para ele não ficar totalmente sozinho.

Collie me dá um sorrisinho.

— Isso significa que você vai deixar a Janna dançar uma vez com meu amigo aqui?

— Não — respondo, porque é isso que Hayden espera ouvir, e eu não quero drama hoje. Mas Hayden foi mimado e adorado pela Janna durante um ano e meio. Eles provavelmente compartilham a primeira vez em muitas coisas. Se ela o quiser de volta, vai conseguir. Ela tem também aquela risada arrogante de *eu sou linda*. Mas isso não tem nenhuma importância para mim. Depois da dança, ela pode ficar com ele.

Na verdade, eu ganho dez dólares se isso acontecer.

— Se a Janna causar algum problema hoje, vou deixar Heather dizer a ela para onde ir — diz Hayden.

— Ahhh. Isso parece uma tarefa perfeita para você, amor — diz Collie, e aperta os ombros da Heather.

Babaca; em vez de olhar para Heather quando fala dela, Collie se concentra bem *nas garotas*, como Heather costuma chamá-las. Ele não era assim.

— E ela pode aproveitar Bodee, se o cara quiser mais do que uma dança — diz Hayden.

— Vocês sempre deixam Heather resolver seus problemas? — Só estou provocando um pouco.

— Hum, sim — dizem os dois ao mesmo tempo e se cumprimentam com o punho fechado, como se estivessem no campo de futebol americano. Heather ri como se também achasse engraçado.

Estou começando a pensar que vou ficar devendo dez dólares para Heather. Hayden não está me parecendo o cara que ela precisou convencer a sair comigo. E não entendo isso. Porque, no ano passado, os caras não faziam fila para me chamar para sair.

Então eu tenho que me perguntar. Será que *ele* me mudou? A imagem da sunga havaiana azul rasga meu cérebro. Rasga a paz à qual eu me agarrei com tanta força hoje à noite. Será que ele... *fez* alguma coisa comigo que os outros caras conseguem *ver*? Agora eles também querem fazer a mesma coisa?

Craig e Kayla comentaram que eu tinha mudado durante o verão. Parece que todo o trauma está acontecendo dentro de mim, mas talvez esteja transparecendo.

— Você sabe que a gente está brincando sobre Bodee, né? — pergunta Heather, com uma risada. — Ele é o cara mais não ameaçador e não namorável de Rickman. É mais fácil você dormir com Collie do que namorar o Bodee Lennox.

— É — respondo.

Collie rouba um beijo da Heather e diz rapidamente:

— Amor, por favor, não fique negociando meu corpo.

Apesar do calor, eu estremeço e me afasto do braço do Hayden.

— Está com frio? — pergunta Hayden. — Porque eu posso aquecer você.

— Estou bem — digo isso rápido, mas Hayden já está vasculhando o bolso interno do paletó. Ele sacode um pequeno cantil de metal para mim e depois para Collie.

— Opa! Seu irmão mandou bem — diz Collie.

— Ele sempre faz isso — fala Hayden. — É melhor do que uma coberta — me promete ele.

— A Alexi gosta de ponche — diz Heather com uma piscadinha para mim.

— Ah — diz Hayden. — *Ok*.

Dizer que eu gosto de ponche é como dizer que Bodee gosta de conversar. Mas dou um olhar agradecido para Heather pelo comentário protetor. Estou fora de perigo. Mesmo que eu quisesse beber hoje à noite, definitivamente não seria do cantil do Hayden.

— Bem, a gente vai se divertir hoje, cara — diz Collie.

— Só não deixe o treinador Tanner pegar vocês de novo — avisa Heather. — Vocês teriam sido suspensos na última vez, se ele não tivesse concordado em guardar seu segredinho.

— Suspensão teria sido mais fácil. Ele fez a gente correr até vomitar no treino do dia seguinte — diz Hayden. — Foi uma bela punição.

— Provavelmente ele não contou porque deve ter feito o mesmo no ensino médio. Certo, Alexi? — pergunta Collie. — O irmão mais velho do Hayden diz que o treinador era maluco naquela época.

— Não sei — digo. Craig sabia que não poderia vencer sem seus melhores jogadores, e talvez o motivo fosse eu. — Eu tinha, tipo, 7 anos naquela época.

Aquele pequeno cantil me deixa nervosa de muitas maneiras. Porque transforma um cara decente em um polvo com oito mãos. Ou, pelo menos, em um idiota. Mas não posso dizer nada. Esta é minha noite de agir normalmente. Minha noite de esquecer. E de lembrar que eu ainda gosto de garotos. De garotos que me acham bonita e querem segurar minha mão. E me pagar o jantar. E tirar fotos bregas e bobas no baile para minha mãe colocar no álbum.

— Aposto que o treinador tem planos com sua irmã. Ele não vai pegar a gente hoje à noite. — Hayden esconde o cantil em sua mão enorme como em um truque de mágica. — Nosso único plano é comemorar. Como qualquer outro cara do time. Certo, Collie? — Hayden apoia o braço no meu ombro. — Você não se importa, né, Alexi?

Há uma pausa enquanto Heather, Collie e Hayden esperam pela minha resposta.

— Contanto que você não me confunda com a Janna — respondo, e acho que mereço um Oscar.

Todo mundo ri, e Hayden toma um gole enquanto ainda estamos nas sombras dos carros estacionados. Daqui, vejo as portas do ginásio abertas e ouço a música. Dane provavelmente está feliz, porque um rap famoso está tocando palavras que eu nunca sonharia em escrever na carteira.

Uma sensação perturbadora, que sussurra que Hayden é um babaca que vai tentar se aproveitar de mim, está de volta. Junto com a necessidade de arranhar meu pescoço. Meus nós dos dedos estão brancos de tanto apertar meu punho, e respiro fundo.

— Prontos para entrar? — pergunto, e espero que a escuridão disfarce o pânico nos meus olhos.

— Totalmente — responde Hayden.

E nós entramos. Collie e Heather. Hayden e eu. E o cantil.

Quando Hayden entrega nossas entradas, penso em Bodee. Será que a nota de dez dólares está lisa ou amassada? Será que ele a manteve enrolada no bolso desde que ganhou ou a alisou entre as páginas de *Hatchet*, onde eu imagino que ele guarde coisas importantes? Será que vai doer quando ele der à sra. Ramsey para pagar a entrada de seu primeiro baile? A culpa é uma boa distração para meus medos. Bodee também. Ele deve estar atrás de nós em algum lugar.

— Vai querer foto? — pergunta Hayden.

— Claro — respondo, como se eu não tivesse pensado nisso ainda.

Hayden sorri e me puxa em direção ao fundo cafona para fotos. *Uma noite na Idade Média*.

Nós nos aproximamos um do outro por insistência do fotógrafo.

— Belo casal — diz o velho, olhando para nós através das lentes.

O flash dispara, e ele tira mais uma foto, prometendo que teremos nossas memórias impressas daqui a uma semana. Até lá, a gente nem vai se importar com o baile nem com os vinte dólares que Hayden desembolsou para ficar ao lado de uma estátua em tamanho real de um cavaleiro negro de plástico.

E da garota que não é a Janna.

Quando deixamos a entrada iluminada e pisamos no ginásio, meus olhos levam um minuto para se adaptar ao globo de espelhos e às luzes estroboscópicas. Meus ouvidos imploram por um par de protetores enquanto as batidas do meu coração se ajustam ao baixo nos alto-falantes do DJ. A Rickman High tem cerca de seiscentos alunos, mas deve ter umas mil pessoas aqui. Bem, provavelmente não, mas o cheiro é de mil pessoas.

— Dá uma olhada nos principiantes. — Hayden aponta para a lateral do ginásio. A turma de calouros é uma borda de aparelhos ortodônticos e timidez.

— Ei, você já foi assim um dia — digo.

Ele olha para um garoto de gravata-borboleta com camisa xadrez e diz:

— Eu nunca fui assim. — E depois aponta para um casal dançando devagar uma música rápida e comenta: — Eu era mais daquele jeito.

— Você e Janna eram quase uma lenda — comento.

— É seu dever me esconder hoje — diz ele.

Escondê-lo. Ele está brincando? Quando ele me puxa para a mesa de bebidas e as garotas percebem o jogador de futebol americano grudado em mim, cabeças se viram.

— Ai, caramba, ela está ali — diz ele.

— Onde? — Meus olhos vasculham o ambiente em busca da Janna-monstro. Só estou procurando Janna parcialmente, porque também estou vigiando Bodee. Mal consigo ver as pessoas perto de nós por causa da máquina de fumaça neste canto. Onde está meu amigo Ki-Suco? Será que ele ficaria na lateral com o garoto de camisa xadrez ou no canto, como a garota que está usando um smoking?

— Ali. — Hayden inclina a cabeça na direção da entrada.

Janna tem muito em cima e pouco embaixo, e a garota na entrada parece ter alguns números a menos que a ex do Hayden.

— Tem certeza de que é ela?

— Ah, tenho.

A garota vira de lado para falar com uma amiga, e eu percebo que Hayden está certo. A familiaridade entre eles é algo que só existe quando se passa muito tempo com a outra pessoa. Em uma sala escura e abarrotada, Hayden conhece as formas dela. Será que um dia eu vou conhecer o Capitão Letra de Música desse jeito? Ou Bodee?

O Capitão provavelmente está aqui em algum lugar hoje à noite. Dançando com uma garota que não o completa mais do que Hayden me completa.

Brinco do jogo “Onde está o Capitão Letra de Música agora?”. E se ele for o acompanhante da Janna? Isso seria irônico. Ou o garoto de camisa xadrez? Espero que não. Hayden? E se eu já estiver em um encontro com meu cara perfeito?

— Só preciso do suficiente para suportar o fato de que estou no mesmo ambiente que Janna — diz Hayden quando nos aproximamos da mesa de bebidas.

Estou suportando um grande peso nas costas, e nada vai mudar isso.

— Tudo bem — digo. Hayden não pode ser meu Capitão. O Capitão não bebe. Pelo menos não na minha fantasia.

Hayden batiza a bebida e vira tudo de uma vez.

— Agora estou pronto para dançar.

— Eu também — respondo, esperando me afastar da mesa de bebidas.

Quando me junto a ele na pista de dança, Capitão e Bodee não são os únicos pensamentos que ocupam minha mente. Meu silenciador pessoal também está aqui. Me lembrando de que foi Heather que recusou o álcool, não eu. Sugerindo que, quando as mãos do Hayden quiserem deslizar por lugares aos quais elas não pertencem, eu vou deixá-lo fazer o que quiser.

Dançamos duas músicas rápidas antes de Collie, Heather, Liz e Ray fazerem um círculo de casais.

— Ei! — grita Heather acima da música. — Perdemos vocês depois das fotos.

O cantil vai de Hayden para Collie. E volta.

Liz revira os olhos.

— Nenhum de vocês precisa disso.

Talvez precisem, porque é neste momento que Janna entra no nosso círculo e coloca a boca no ouvido de Hayden e as mãos na cintura dele.

O que ela diz provoca nele um olhar de raiva.

— Onde está seu acompanhante? — pergunta ele, e não parece a mesma pessoa.

— Ele me deixou. Sozinha no baile — diz Janna, fazendo um biquinho.

— Não consigo imaginar por quê — diz Heather.

Janna parece uma criança de 3 anos de idade que acabou de perder seu bichinho de pelúcia preferido. Vejo Hayden amolecer e, por um instante, quase sinto pena dela. Quase. Depois eu penso: que vagabunda. Mas não vou mandá-la sair; estou curiosa demais para saber o que Hayden vai fazer.

— Hayden, amor — tem álcool nesse gemido —, dança comigo só uma vez, pelos velhos tempos. Tenho certeza de que a Allie não vai se importar, hum, se preocupar.

— O nome dela é Alexi, *Janie* — solta Heather.

Hayden se inclina na minha direção e diz no meu ouvido:

— Essa pode ser a única maneira de me livrar dela. Que tal você encontrar o Ki-Suco agora? A gente dança com eles e pronto.

Faço que sim com a cabeça e me afasto do grupo enquanto a primeira música lenta começa. Os casais se esbarram em mim enquanto balançam ao som da música, com os corpos entrelaçados como cobras.

Nem preciso descobrir onde está Bodee, porque ele dá um tapinha no meu ombro. Como se ele estivesse ali o tempo todo.

— Agora? — pergunta ele, alto apenas o suficiente para eu ouvir.

— Sim, por favor.

Há lágrimas no meu rosto quando ele coloca as mãos no meu quadril.

— Eu posso não tocar em você — diz ele.

— Não é você. — Coloco as mãos nos ombros dele para ele saber que estou falando a verdade. Mas ele só usa os dedos indicadores e os polegares para me tocar.

— Tudo bem. — Vejo compaixão quando a luz do globo de espelhos atinge seus olhos. — Ele é mais importante do que você tinha em mente?

— Não. — Enxugo as lágrimas. — Só que é muito ruim não ser mais importante do que isso. Em menos de três músicas ele voltou para a Janna. Eu não achava o cara nada especial, mas achei que fosse durar mais do que fotos e álcool.

— Sinto muito. — Como uma árvore ao vento, Bodee se curva na minha direção e diz: — Às vezes o amor é estranho.

— Mas eu não amo Hayden.

— Que bom. — Bodee toca meu rosto. Só quando ele me mostra uma lágrima no dedo é que eu solto o ar dos pulmões. Ele sorri, mas não é um sorriso feliz, e diz: — Eu quis dizer que você tem problemas para se amar.

— Você acha?

— Acho.

Meu Deus, eu queria que esta música tivesse um milhão de versos.

— Posso ficar mais perto de você? — pergunta Bodee.

Considerando que estamos com os braços estendidos, e Hayden e Janna e os peitos da Janna poderiam caber entre nós, essa me parece uma ótima ideia.

— Pode.

Ele se aproxima tipo dois centímetros de mim. Uma ligeira dobrada de cotovelo. E depois me abre aquele sorriso feliz que mostra os dentes. Estamos próximos. Mais próximos do que Hayden e eu estávamos alguns minutos atrás, e Hayden estava totalmente dentro do meu espaço pessoal.

— Tenho um segredo — diz Bodee.

Ele pode me contar qualquer coisa.

— É? — pergunto enquanto uma mão agarra meu braço e me puxa.

— A gente vai embora. Agora! — diz Hayden.

## capítulo 11

— Por quê? — pergunto a Hayden enquanto olho para Bodee por cima do ombro. Ele está com outra das suas expressões indecifráveis. Talvez medo. Ou até raiva.

— Porque eu não aguento ficar no mesmo ambiente que aquela... — Hayden usa uma palavra para Janna que eu mal consigo ouvir por cima do solo de guitarra que encerra a música lenta — por mais um minuto.

Os casais se separam. À nossa frente, as pessoas fecham o caminho até a entrada, mas os ombros do Hayden dividem a multidão na pista de dança do mesmo jeito que ele passa pela linha de defesa. Atrás de mim, braços, troncos, vestidos azuis, ternos cinza, copos de ponche e gravatas listradas. Mas nada do Bodee.

Imploro mentalmente a Bodee, como se, de algum modo, estivéssemos conectados. Me segue. Me ajuda.

— Janna. Ahh. Eu odeio aquela garota — diz Hayden. — Ela estraga tudo. — E não é só isso que ele diz, mas é tudo o que eu escuto enquanto ele me arrasta atrás de si.

Preciso fazê-lo parar antes de chegarmos às portas do ginásio. Hayden, com raiva, bêbado e sozinho comigo, é um pesadelo que se repete.

— A gente mal dançou — digo de novo, procurando a camisa azul do meu salvador. Bodee vai aparecer. Ele prometeu que ia me levar para casa em segurança. Não foi?

— Não, mas pelo menos você cumpriu sua promessa à sua mãe em relação ao Bodee. Tenho certeza de que você vai se lembrar disso pelo resto da vida.

Enquanto Hayden tagarela sobre Bodee, percebo que a única coisa que Bodee realmente me prometeu foi que não ia interferir no meu encontro. Essas mentiras estão começando a me confundir. Claro, Bodee se ofereceu para vir ao baile comigo, mas só me olhou depois do jogo. Um olhar que eu devo ter interpretado mal, porque queria que fosse protetor e mais do que foi.

Hayden quase atropela uma garota do segundo ano e seu acompanhante quando olha para trás e diz:

— A gente pode dançar em outro lugar. Na casa do Dane. No Bottoms. Qualquer lugar, menos aqui.

Meu Jesus, ele quer ir ao Bottoms.

— Bottoms — murmuro para Hayden enquanto a luz estroboscópica para de piscar e o brilho do globo de espelhos parece uma lâmpada fluorescente. Por que o DJ parou de tocar? Minha cabeça rodopia. Como se Deus usasse a Terra para jogar bolinha de gude, e eu tivesse que girar vertiginosamente junto.

— É, é para lá que o time vai nas noites de sexta-feira. Você vai adorar — diz ele.

Heather já me contou tudo sobre o Bottoms. Andar de quadriciclo é a única coisa legalizada que acontece ali nos fins de semana. O bairro deveria colocar uma placa verde explicando que o Bottoms é o lugar mais popular para adolescentes beberem, usarem drogas e fazerem sexo. Ou quase sexo, no caso da Heather. Preciso impedir nossa ida. Esse desejo grita mais alto do que qualquer música do baile, mas um rato guincha pela minha boca:

— É, OK.

Quero ficar aqui. Quero dizer ao Hayden que Liz e Ray vão me levar para casa. Ou que Bodee, sem carro, vai dar um jeito de me levar para casa em segurança. Mas não. Estou amarrada a Hayden durante a noite toda. Seus dedos estão envolvidos nos meus como um laço, e eu vou aonde ele quiser.

O que há de errado comigo?

— Você não se importa com um baile idiota do ensino médio, né? — pergunta Hayden enquanto cambaleia pelo estacionamento.

Uma última olhada através das portas duplas do ginásio. Nada de Bodee.

— Não me importo — digo a Hayden.

— Ótimo, você pode dirigir.

— Eu só tenho permissão para fazer aula prática — digo.

— Então. Eu é que não devo dirigir assim.

Ele está certo. Seu discurso está normal, mas o equilíbrio está bem prejudicado. Não tenho a menor ideia de quanto ele bebeu de quê, mas ele não deve pegar no volante. Nem eu. Eu mal pratiquei depois de passar pelo teste escrito. A vida tem sido maluca demais para eu dirigir.

Quando chegamos à caminhonete do Hayden, ele me leva até a porta do motorista. Bem, na verdade eu é que o levo. Ele abre a porta. Na pausa, enquanto seus dedos se entrelaçam nos meus, ele me beija. Tirando o hálito de uísque, é perfeito de um jeito sem importância. No semestre passado, isso teria me levado até a Ursa Maior e de volta à Terra. Mas, agora, só estou pensando no que ele pode querer em seguida.

— Eu sempre quis fazer isso — diz ele.

Meu rosto fica vermelho; eu praticamente consigo ouvir o sangue bombeando nas minhas veias.

— Tudo bem. Eu sei que Heather convenceu você a fazer isso.

— Não. — Ele acaricia meu rosto com as costas da mão. — Eu que convenci Heather. Ela disse que você tem uma regra para sair com jogadores de futebol americano.

Tenho um motivo para isso. Encaro Hayden. Ele é todo bonito. Desde os olhos cinza-chumbo até o jeito como o nariz alarga suavemente e as covinhas se formam quando ele sorri. Ele está sorrindo, agora, e eu dou um sorrisinho falso em resposta, quando percebo que posso impedi-lo antes de ele começar.

— É, eu tenho uma regra sobre encontros com caras que dormem com metade da escola. — As palavras saem da minha boca como uma cavalaria passando.

— Ótimo. Porque eu tenho um problema com garotas que dormem com um quarto da escola.

— Tem?

— Alexi, não somos todos babacas. — Ele se agarra à porta para se equilibrar. — Eu prefiro uma garota difícil. Tipo você.

Quando as mãos *dele* exploraram por baixo do meu biquíni ou quando seu corpo fez pressão contra o meu no concreto enquanto eu contava as estrelas em vez dos beijos, minhas palavras sumiram. Apagadas. Destruídas. Mas aqui, enquanto ainda há espaço para respirar entre mim e Hayden, encontro coragem para enrolar.

— Muito difícil — confirmo.

— Tenho todo o tempo do mundo e gosto de desafios — diz ele, como se eu fosse o Saint X, o único time que nossos jogadores não conseguiram derrotar nas últimas três temporadas.

— E Janna? — Talvez esse lembrete coloque mais distância entre nós.

— Você — ele beija meu pescoço — não é nada parecida com a Janna.

— Eu sei. — E é por isso que eu acho que é uma péssima ideia. Um cara como Hayden estava com uma garota como Janna por algum motivo.

— Na verdade, você não se parece nem um pouco com ninguém que eu conheço — diz ele. — Por exemplo, quem dança com Bodee Lennox? O cara é um fracassado, mas você é legal com ele. Talvez porque a família dele esteja ferrada, mas Janna teria enfiado o salto do sapato na própria bunda antes de dançar com um cara como ele. Deus sabe que não sou perfeito, mas eu gostaria de ficar com alguém como você por um tempo.

— Alguém como eu. — *Por um tempo?* Escapo de suas mãos de aranha que parecem me prender à caminhonete. Andando de costas, consigo subir no apoio e me sentar de frente para ele no banco do motorista. — O que isso quer dizer? — pergunto.

O corpo do Hayden forma um Y perfeito enquanto ele se segura à porta e à caminhonete para me olhar.

— Não sei. Legal e tal.

— Você já disse isso. — Agarro o volante e o cinto de segurança frouxo e penso nas outras coisas que ele poderia ter dito. Tipo bonita. Ou especial. Ou... bem, esse é o fim da lista, mas ele poderia ter pensado em algo além de legal. — E eu não estava dançando com Bodee porque sou legal.

— Eu sei. É por causa da sua mãe. Mesma coisa. Você, tipo, promete coisas para sua mãe. Quem faz isso?

Estou me preparando para dizer “Não, é porque...”, apesar de não saber o que vem depois disso porque Hayden sobe no apoio e afasta meus joelhos com o próprio quadril.

— Alguém como você poderia me transformar em um cara melhor — diz ele enquanto o vestido preto da Kayla sobe pelas minhas coxas. — Você é difícil.

Isso não pode acontecer. Aqui não. De novo não.

— Você não é só legal, Alexi. — A mão dele está em minha pele; a mesma pele que tinha um vestido para cobri-la um instante atrás. — Você também é linda.

Aí ele tira o paletó e joga no banco de trás. Vejo o olhar — não tem maldade nem é insistente, mas eu sei o que ele quer quando me deita. Não é sexo, mas algo para se gabar depois com os caras do futebol americano. Seus ombros parecem ter um quilômetro de largura quando descem em direção ao meu peito.

— Uh — murmuro e me agito debaixo dele. Apenas duas camadas de tecido separam nossas peles. E um zíper e um pedaço de nylon entre a excitação do Hayden e meu pavor.

— Hum — diz ele. Ou alguma outra palavra que significa que ele está muito, muito feliz. Então sua boca encosta na minha com tanta força que seus lábios parecem feitos de concreto.

Devo dez dólares para Heather.

Beijo Hayden e o uísque porque não sei como impedi-lo. Minhas mãos encontram as dele nas minhas coxas e se entrelaçam. Ele não pode me alisar se as mãos estiverem ocupadas com as minhas.

— Uh. — Tento de novo, esperando que pareça remotamente com *para* ou *espera*.

— Alexi — diz ele, como se eu tivesse gemido de prazer.

Por favor, para. Por favor, para. *Por favor*. Mas pensamentos não são palavras. Ele não para.

Os olhos de Hayden estão fechados. Seus ossos do quadril mergulham nos meus enquanto todo o seu peso esmaga meu peito embaixo do dele. Meus

olhos estão arregalados, enquanto a pele cor de pêssego e o cabelo louro-escuro se tornam um borrão, como uma massa de argila. Não é loucura eu odiar - Hayden e aquele sorriso idiota, mas pode ser loucura eu me odiar ainda mais. Por que eu não consigo me salvar? Outra garota ia ficar aqui e gostar ou ia dizer para ele manter o pinto dentro das calças. Não sou nenhuma das duas; não sou nada.

Então ele se joga para trás, gritando.

Junto meus joelhos e me sento enquanto Bodee, que agarrou a camisa dele, acerta o punho no maxilar de Hayden.

O barulho parece uma bombinha em um jarro. Contido, oco e potente.

Eles começam a brigar antes de eu conseguir fechar a porta e implorar para pararem. O punho de Hayden atinge o estômago de Bodee e depois os dois estão no chão.

— Nunca mais toque nela — diz Bodee. Deve haver músculos naqueles braços em que eu achava que só tinha camiseta. Mas não são esses músculos que prendem Hayden no chão: é uma fúria incandescente tão visível quanto a careta de Hayden.

— Eu não a estava machucando — diz Hayden, e escapa do aperto do Bodee. — Eu estava beijando.

Bodee funga e prende Hayden rente ao chão.

— Você está bêbado. Você não sabe o que estava fazendo com ela.

— Ei! — grita uma voz bastante familiar enquanto caminha pelo asfalto em nossa direção. Craig afasta os dois tão rápido quanto Bodee tirou Hayden de cima de mim.

O suor brota em minha testa. Isto é uma confusão terrível. Craig é a primeira e a última pessoa que eu quero aqui.

— O que está acontecendo? — pergunta Craig. E ele é muito mais o sr. Tanner do que meu futuro cunhado.

— O Ki-Suco endoidou. Ele me atacou — responde Hayden.

Bodee está com um olhar que eu imagino que o pai dele devia ter enquanto perseguia a esposa pela cozinha, mas por um motivo diferente.

— Ele estava machucando a Alexi. — Ele lambe o sangue dos lábios.

— Não estava — diz Hayden. Mas não fala o que estava acontecendo.

Craig pega os dois pelo colarinho e se vira para mim, preocupado. O treinador Tanner agora desapareceu; só existe Craig, que me conhece desde que eu tinha 6 anos. Craig que se sentava ao lado da Kayla na minha cama e lia para mim à luz da lanterna para tornar as histórias mais assustadoras.

— Lex, isso é verdade? Hayden tentou machucar você?

Um par de olhos cinza de cachorrinho e um par de olhos castanhos raivosos esperam minha resposta.

— Isto tudo é um grande mal-entendido — digo.

— É? — pressiona Craig. Ele fica cara a cara com Hayden, ou melhor, respiração a respiração. É fácil ver o desgosto no rosto do Craig; o estádio todo viu no primeiro tempo do jogo de hoje à noite, antes de nosso time marcar. Hayden não tem como esconder o uísque agora.

— Você bebeu de novo — afirma Craig.

— Hayden não me machucou, mas eu entendo por que Bodee achou que fosse isso — digo, tentando manter os dois longe da punição. Porque, por mais que eu não tenha gostado que Hayden tenha ultrapassado meus limites, eu não pedi para ele parar, e eu não quero que todo mundo saiba desse incidente. Fingir que nada aconteceu é mais seguro.

— Acho que você pensou que ela fosse dirigir, né? — diz Craig, e solta Bodee, que alisa a camisa emprestada e estala os dedos sem fazer contato visual.

— Eu, hum... — tento explicar.

— Lex, para. Você devia ter ido me procurar.

É, claro. Como se eu fosse fazer isso. A raiva do Craig com Hayden é compreensível, mas, quando a gente saiu do baile, eu não sabia que isso ia acontecer. Agora Craig está em um estado de raiva diferente do que eu já o vi ter com Kayla. Do que eu já o vi ter com qualquer pessoa.

— Vocês sempre têm que comemorar. Não é? — diz Craig para Hayden.

— Você devia agradecer ao Bodee por ter entendido mal. Porque, se você tivesse feito a Alexi sair dirigindo deste estacionamento por estar bêbado, eu não ia só fazer você correr amanhã às cinco da manhã. Eu também ia entregar você para o diretor, e ele ia suspender você em um piscar de olhos. Bodee, tire a Alexi daqui. Vou cuidar de vocês dois mais tarde, em casa. Tenho mais umas palavrinhas para dizer ao sr. Harper.

Bodee e eu não nos mexemos.

— Vão — diz Craig.

E nós vamos. Rápido.

Bodee e seus dedos estalados. Eu e meu corpo trêmulo.

— Foi? — pergunta Bodee.

— Foi o quê?

Bodee coloca uma das mãos sob meu cotovelo e me encara.

— Um mal-entendido — pergunta ele, de um jeito carinhoso.

Toda a tensão ricocheteia pelo meu corpo enquanto eu respondo:

— Acho que tudo depende de para quem você pergunta. Muitas coisas são mal-entendidos.

— Bem, só para você saber, não estou arrependido de ter batido nele.

Meus ombros estalam quando o tremor percorre a parte superior do meu corpo, que enrijeceu como se fosse um nó de pretzel.

— Só para você saber, eu também não.

## capítulo 12

Um. Dois. Ai, meu Deus, continua respirando. Três. Continua a contagem. Alguma coisa está ferrada na minha cabeça? Por que eu sou tão fraca? Quatro. Cinco. Será que eu sempre vou odiar essa parte de mim? Seis. Sete. Oito. Se Bodee não tivesse batido nele, até que ponto eu teria deixado Hayden ir?

Maldita ventilação de ar. Nove. Dez. Onze. Não para de contar.

Bodee bateu no Hayden por minha causa. Isso aconteceu mesmo?

Doze. Treze. O que Craig fez com Hayden depois que a gente saiu? E Kayla? Será que consigo impedir que ela conte para meus pais? Minhas amigas. O que vai acontecer na escola segunda-feira? Quatorze. Quinze. Será que - Hayden me odeia agora? Dezesseis. Será que o time de futebol americano vai se vingar do Bodee? Dezessete. Será que Bodee está seguro?

Será que um dia eu vou ficar a salvo de mim mesma?

Até que ponto eu teria deixado Hayden ir?

Dezoito. Até que ponto eu teria deixado Hayden ir?

Pisco e não me importo de perder a contagem.

*Até que ponto eu teria deixado Hayden ir?*

De todas as perguntas, essa é a única que importa. Ela se repete automaticamente enquanto encaro as conhecidas fendas escuras no meu teto. Eu sei que ela se repete porque eu não tenho a resposta.

Ou talvez porque eu tenha.

Até o fim. Eu teria deixado Hayden ir até o fim.

Porque eu também não fiz com que *ele* parasse.

Começo o ritual de coçar e arranhar o pescoço. Minha autodisciplina da semana toda termina quando minhas unhas se cravam no pescoço e rasgam a pele. A dor é confortável, e a contagem para, mas não a realidade.

Impedir Hayden parecia tentar parar a órbita da Terra.

Mas *por quê?*

Eu não entendo porque sou assim. O inimigo invisível, essa incapacidade de dizer não. Preciso de respostas. Há um motivo para eu ter tanto medo de me afirmar?

Minha vida não se parece nem um pouco com a do Bodee. Quer dizer, eu nunca tive que morar em uma barraca, e meus pais amam Kayla e a mim. Eles nunca machucariam um ao outro nem uma de nós duas. Minha mãe até ouve meu lado quando estamos discutindo, então eu não sou uma daquelas crianças que não têm voz em casa. E, pelo que eu sei, não sofri maus-tratos quando eu era bebê. Nunca houve um evento traumático que causaria...

Mas... será que isso é verdade?

Imagens dessincronizadas das minhas memórias mais antigas. Elas entram e saem do ar, como a TV a cabo durante uma tempestade, e eu me esforço para tirar algum sentido delas.

Alguma coisa está se escondendo na minha infância. Alguma coisa *errada*.

Minhas unhas furam a palma das mãos, onde deixam marcas pequenas em forma de U.

Porque *tem* alguma coisa.

Estou com medo e estou molhada. E nua. Um cheiro úmido e mofado obstrui minhas narinas e fecha a garganta. Devo ter uns 3 ou 4 anos, uma garotinha gorducha com dois rabos de cavalo escuros.

E eu *me lembro*.

Aulas de natação no clube local.

— Não quero entrar aí — digo.

— Sinto muito, minha linda, mas mamãe se atrasou e você está matando aula. Não posso levar você ao banheiro das meninas, mas você pode ir no dos meninos. Desta vez, não tem problema.

Meu pai empurra a porta de metal azul e grita:

— Tem alguém aí?

Silêncio.

— Viu, meu amor, não tem ninguém lá dentro. Está tudo bem.

Sacudo os rabos de cavalo.

— Não *quero*.

Mas eu realmente preciso *ir*, então espero meu pai verificar o banheiro dos meninos.

— Viu, Lexi? — Ele se ajoelha e sorri, apertando minha mão. — Está tudo bem.

— Mas e se entrar alguém? Um *menino*? — pergunto.

— Vou ficar aqui na porta para garantir que ninguém vai entrar. E, se você precisar de mim, pode gritar. Combinado?

— *Promete?* — digo, e minha voz é um gritinho assustado.

— Prometo.

Entro correndo no banheiro dos meninos, passo pela coisa que parece uma pia baixa e entro na primeira cabine, porque a porta está aberta e as outras duas estão fechadas e são assustadoras.

Tiro o maiô com dificuldade e subo no vaso. Meu maiô escorrega do joelho para o chão de concreto antes de eu conseguir pegá-lo. Pingando e tremendo, eu faço xixi.

Estou me sentindo aliviada e então ouço um murmúrio e um movimento na cabine ao lado.

*Não estou sozinha.*

Meu corpo trava, e fico congelada no vaso enquanto uma bunda nua entra de costas na minha cabine.

— Quer brincar de espada? — diz um menino enquanto se vira com o quadril flexionado para a frente.

Ele arregala os olhos até quase saltarem da cabeça. Ele está me encarando, e eu o estou encarando. O piu-piu dele está bem na minha frente; lágrimas quentes enchem meus olhos.

— *Você não é um menino* — diz ele, como uma acusação. Mas ele não volta para a outra cabine, e eu fico presa entre o piu-piu dele e o vaso. — Meu nome

é Ray. Quem é você?

Minha língua está presa na boca, mas deslizo do vaso e, em pânico, tento puxar o maiô molhado.

— Tudo bem aí dentro? — grita meu pai do lado de fora do banheiro. — Precisa de ajuda, Lex?

Passo correndo pelo Ray pelado e corro até meu pai. Mas não conto nada do que aconteceu. Não ali nem nunca.

Empurro tudo para o fundo da minha mente até que parece que nunca aconteceu.

Mas agora a lembrança está tão viva que eu sei que é real.

O problema é: por que estou me lembrando disso agora? Especialmente porque... eu *conheço* o Ray nu.

É o Ray Johnson.

O Ray *da Liz*.

Rolo para fora da cama e vou até o escritório. Entra pela cortina meio aberta luz da rua suficiente para eu ver o sofá. Afundo no assento, passo as mãos no estofado e coloco uma almofada no colo. E desejo ter fechado os olhos quando Ray entrou na minha cabine no banheiro.

Ray Johnson me viu molhada e nua. E eu o vi. A gente tinha 3 anos, e isso não devia importar. Não importa. Meu cérebro processa a inocência dessa memória. Crianças não se importam de ficar nuas. Já fui babá vezes o suficiente para saber que os filhos da sra. Hampton da nossa rua não usariam roupas se ela não insistisse. Então, essa lembrança específica não importa. Tem um martelo latejando em meu cérebro que diz que falta uma peça. Será que eu me esqueci de outras coisas? Outras coisas que me silenciaram?

— O que você está fazendo?

O sussurro de Bodee me faz pular de surpresa. Ele está sem camisa, então eu olho para depois dele, para o corredor e para a porta do quarto dos meus pais, onde roncos e resfolegadas me garantem que eles estão dormindo. Bodee e eu poderíamos ser uma manada de elefantes, e eles não iam nos ouvir.

— Tentando descobrir algumas coisas — sussurro.

— Você devia dormir — sugere ele.

Há uma sombra de mancha roxa abaixo das suas costelas, cortesia do Hayden. Amanhã vai estar preta e inflamada, mas duvido que eu vá vê-lo sem camisa.

— Eu sei. Você está bem? — pergunto.

— Se você estiver. — Ele se senta na ponta do sofá e coloca a outra almofada no colo.

— Bom, você também não dormiu ainda — observo.

— É estranho me acostumar com uma cama.

Seja o chão duro e um saco de dormir ou um closet e unhas que arranham, as coisas conhecidas nos acalmam como um milk-shake deslizando pela garganta irritada.

— Mas você está tranquilo? — pergunto. Só se passaram duas semanas desde que a mãe dele morreu. Quando meu avô se foi, chorei durante semanas. Bodee não tem lágrimas, mas vejo a dor emanando dele.

— Defina “tranquilo”. — O pedido de Bodee é retórico, e não para eu responder.

Ele desliza a perna direita para baixo de si, e percebo que o pelo da sua perna é louro, macio e quase invisível. Eu sempre reparo nos caras da escola que nadam ou andam de bicicleta, porque eles depilam as pernas e os braços. Pelo no corpo costuma me dar nojo.

Mas não me importo com o pelo louro e quase invisível da perna de Bodee.

Engraçado, tem coisas que eu sei sobre Bodee que nunca achei que fosse saber. Ou me importar com elas.

— Você pode falar sobre ela, se quiser — digo a ele.

— Vou falar, em algum momento. — Ele retorce a ponta da almofada e depois a deixa girar. — Você pode falar sobre *o assunto* — diz ele.

Meu coração dá uma pancada como uma pedra dentro de uma lata de achocolatado quando eu pergunto:

— Que *assunto*?

— Não sei, mas você sabe. E eu sei que você devia contar para alguém. Mesmo que não seja para mim.

Sempre que estou com Bodee, parece que eu sou feita de vidro. Rímel, blush e sorrisos falsos nunca o enganam. Talvez seja pelos anos vendo a mãe esconder seus medos do mundo. Mas não estou preparada para compartilhar.

— Tem um lugar que eu quero lhe mostrar amanhã — digo, esperando fazer o assunto morrer.

— Tudo bem.

Bodee se levanta e me estende a mão. Meu pastor estendeu a mão para mim durante uma chamada ao altar em um culto matinal. Eu não hesitei naquele dia, e não hesito hoje à noite. Colocar a mão na dele é por mim e não tem nada a ver com *a gente*. É uma oferta de consolo. Um convite. Ele traça as linhas da palma da minha mão e me dá um tapinha como meu avô costumava fazer.

— Você vai ficar bem — diz ele, e aperta minha mão. Observo enquanto ele sai do escritório e sobe os degraus até o quarto extra. Talvez Bodee não seja um adolescente de verdade. Talvez ele seja um velho preso em um corpo de 16 anos. Se bem que ele deu uma surra no Hayden.

Por hoje à noite, pelo menos, vou confiar em suas palavras. Em vez de voltar para a cama, desdobro a manta nas costas do sofá e me encolho ali embaixo.

É o cheiro de bacon fazendo cócegas no meu nariz que finalmente me acorda.

— Lex, são dez e meia. Você vai dormir o dia todo?

Minha mãe se joga ao meu lado e puxa meus pés para o colo dela. Bocejo e digo:

— Ná-ão.

— Por que você dormiu aqui?

Eu me sento e escondo minha mentira com um bocejo enorme.

— Não era a intenção. Acho que fiquei ansiosa depois do baile.

Minha mãe tira os óculos de leitura do alto da cabeça e os joga na mesinha. Não há nada entre mim e seus olhos azuis.

— Craig me falou hoje de manhã que Hayden passou mal e teve que ir para casa cedo. Sinto muito, querida. Isso é uma chateação.

Alerta de palavra ultrapassada. *Chateação*. Alerta de mãe desinformada. Graças a Deus.

— É. — Vou manter a mentira do Craig.

— Achei que você tinha chegado em casa meio cedo ontem à noite, mas não quis me meter.

— Hayden provavelmente estava exausto do jogo. Nada de mais — digo, rezando para não surgirem mais perguntas. Bodee e eu esperamos no carro da Kayla até ela aparecer, mais ou menos 15 para meia-noite. Além de voltar para casa andando, o que seria impossível nos meus saltos altos, minha irmã era nossa única opção de transporte: algo que Craig deveria ter lembrado quando nos mandou embora. A gente não podia voltar para o baile. Todo mundo ia perguntar do Hayden, e eu não teria resposta.

Os olhos da minha mãe dispararam até a escada que dá no quarto do Bodee.

— O que você acha do Bodee, Lex? Ele está bem? Alguma garota dançou com ele ontem?

— Eu dancei — admito. — Tenho certeza de que outras garotas também dançaram.

— Ah, isso foi muito legal. Eu me preocupo com ele. Seu pai tentou conversar com ele, sabe, mas Bodee diz que está “bem”. Mas não vejo como. — Ela coloca os óculos de leitura de volta e depois os desliza para o alto da cabeça. Já vi minha mãe fazer isso milhões de vezes quando está pensando. — A gente consultou o psicólogo, e o sr. James diz que Bodee está indo bem na escola. Considerando tudo o que ele passou e o que teve que fazer só para sobreviver, ele provavelmente é bom de fingir com adultos.

Isso me faz dar um risinho de alegria e estremecer de arrependimento. Porque sua única preocupação com Bodee, sua capacidade de fingir ser normal, ela não vê em mim. Graças ao bom Deus. Fico *feliz* por não ter dado a ela motivos para se preocupar comigo.

— Bom, nós vamos sair juntos hoje. Vou prestar atenção nele. — Garanto a ela como uma boa espia.

— Perfeito. Seu pai e eu vamos àquele brechó na Old 48. Kayla e Craig também têm planos; eu esqueci o que ela falou. Tem comida na cozinha. Só

porcaria, na verdade. Eu *tenho* que manter seu pai longe do supermercado. Ele é viciado em açúcar e carboidrato. Ai, ai. — Ela dá um tapinha nos meus pés, depois beija a mão e toca minha testa. — Eu te amo, Bu-Bu.

— Também te amo, Mu-Mu — digo para ela voltar a sorrir.

Minha mãe é inocente e não suspeita que alguma coisa ruim já chegou perto de sua caçula. Quando ela sai da sala, decido que esse é meu presente para ela. Vou deixar tudo assim até quando eu puder.

A toalha do Bodee está molhada no banheiro. Ele acordou, e eu demoro para me purificar da noite de ontem. Meu pescoço não está tão ruim à luz do dia quanto eu pensava, então enfio o cabelo molhado em um boné de beisebol e saio para encontrar Bodee.

Ele está no deque dos fundos, comendo bacon em um prato de papel. Está com uma camisa de flanela azul e preta, que eu nunca vi, amarrada na cintura, mas, fora isso, ele voltou a usar camiseta branca e calça jeans.

— Pronto para sair?

Pego um pedaço de bacon e mordo antes que ele consiga protestar.

— Estou pronto a manhã toda.

Abro o portão da cerca ao redor da nossa piscina sem deixar meus olhos escaparem para a área perto da parte funda.

— Vem comigo — digo enquanto entramos no quintal dos fundos.

Não tem nada de mais na nossa casa: é apenas um rancho de tijolos com vários níveis que a gente ampliou três vezes. Mas eu adoro as árvores que nos cercam e tornam nossa casa uma ilha no meio do bosque.

— Vocês são donos disto tudo?

Bodee passa a mão pelo cabelo várias vezes. Hoje está roxo-escuro, e agora está levantado como se fosse uma floresta.

— É.

O loteamento termina junto com nossa casa, e nós somos donos de toda a terra até o rio. Ainda há um resquício do meu caminho. Aquelas plantinhas que eu chamo de guarda-chuva e árvores caídas se acumulam no que antes era uma passagem muito usada pelos meus pés descalços. Escolho o rumo a seguir, balançando os braços à direita e à esquerda para tirar as teias de aranha

penduradas nos galhos mais baixos. Se não fosse pelas aranhas (e o medo de cobras), eu poderia passear por este caminho em uma noite sem estrelas.

Craig e meu pai devem ter feito umas cem viagens de carrinho de mão por aqui. Deveriam ser menos vezes, mas eu sempre insistia em viajar em cima dos materiais de construção.

Meu pai cantava “Vocês já conheceram a Rainha da Terra do Nunca?”, e Craig sempre acompanhava e fingia que não conseguia me ver. Eu me lembro disso como se fosse hoje de manhã, e não oito anos atrás.

Eu rio, e Bodee ergue uma sobrancelha.

— Aqui é a Terra do Nunca — explico.

— Legal — diz ele. — Por que Terra do Nunca?

— Bem, *eu* teria chamado de Terra dos *Perdidos*, mas eu tinha língua presa, então Perdidos parecia muito com Pedidos.

— Eu me lembro. A gente fazia fonoaudiologia juntos na pré-escola.

— É mesmo — digo. E lá está ele em outra lembrança. Vestindo camiseta branca e calça jeans, sentado na carteira ao lado da minha.

— A gente ficou preso naquela tempestade também — comenta ele.

— Eu tinha me esquecido disso — respondo, me perguntando como pude ter esquecido algo que não tinha tanto tempo. Junho. Mas foi *antes*. E é como se eu tivesse apagado a parte boa junto com a ruim.

— Eu não. — Pausa longa. — Eu gosto da sua Terra do Nunca.

— Sabia que você ia gostar. Você pode trazer sua barraca para cá algum dia, se quiser.

— Posso — diz ele.

Não tem grama debaixo das árvores, mas em todos os outros lugares o verde está se transformando em vermelho, amarelo e laranja. Daqui a um mês, meu forte vai ficar visível daqui. Mas, neste momento, as folhas não abandonaram seus lares de verão rumo ao chão da floresta. Um dos riachos menores que atravessamos está totalmente seco, então não usamos a ponte de tábua que meu pai firmou em um enorme carvalho caído.

— Quase lá — digo, subindo pela margem seca.

Sinto a magia do meu antigo esconderijo me chamando. Era ali que eu brincava com G.I. Joes e Polly Pockets e Hot Wheels. Era ali que eu lia pilhas de livros da biblioteca. E fantasiava. Meu forte se tornou um avião caído, uma cabana de tábuas, uma estação espacial, um vagão de carga e dezenas de outras histórias na Terra do Nunca.

— Quem construiu isso? — pergunta Bodee quando dá a primeira olhada no meu forte.

— Meu pai e o tio Tommy. E Craig. — A urgência de entrar, de mostrar meu lugar seguro para Bodee, é impressionante. Abro caminho pela última parte da trilha para alcançar as quatro árvores altas que meu pai usou para emoldurar o forte. Primeiro, verifico a caixa de correio que Craig pregou na árvore. Vazia. Bom, *claro* que estaria vazia. Mesmo nos melhores anos, só havia cartas imaginárias. Depois, com uma das mãos na escada, digo: — Muito legal, né?

— Mais do que legal.

Eu me pergunto se Bodee está achando que este lugar é um palácio em comparação com sua barraca. Dois níveis de plataformas, janelas e portas de verdade têm que ser melhores do que o que estava naquela pequena sacola de nylon que coloquei no closet do quarto extra para ele. Nós subimos até o nível mais alto, provavelmente a uns 6 metros do chão, e eu abro todas as quatro janelas. Eu me inclino para fora e deixo a brisa beijar meu rosto e balançar os cachos soltos, que escaparam do boné de beisebol. Ah, eu esperei por isto durante meses sem saber.

Bodee estica a cabeça para fora da janela ao meu lado.

— É fácil respirar aqui em cima.

O suor da caminhada aqui fora está gelado nas minhas costas. Encosto a cabeça na dele, nossos ombros se tocam, e admiramos a vista do bosque. Tem muita coisa para ver, mas não são casas, nem loteamentos nem escolas. Em vez disso, há ninhos de passarinho e esquilos barulhentos, riachos correndo e uma nova leva daquelas sempre-vivas ao longo do limite ao sul. Até mesmo um cervo em alerta com o rabo branco ereto antes de desaparecer da nossa vista.

É um mundo distante do mundo.

Ficamos em silêncio assim por um tempo, olhando e respirando a magia e nos sentindo tranquilos. O tempo passa enquanto o sol é filtrado pelas copas das árvores e cria sombras que se mexem abaixo.

— Eu amo este lugar — digo a Bodee enquanto saio da janela e pego a vassoura no canto. Partículas de poeira pairam no ar antes de cair na abertura da escada.

— Quem não amaria? — diz ele sem se virar. — Alexi, tem uma coisa que eu preciso lhe perguntar.

Isso me deixa nervosa, mas digo:

— OK.

— Eu assustei você ontem à noite? — pergunta ele. Bodee se afasta da janela e se senta no chão de madeira.

Jogo a vassoura para o lado e me abaixo ao lado dele.

— Me *assustou*? Não.

— Tem certeza? Porque isso é a última coisa que eu quero fazer.

— Você foi protetor. — Por que ele não olha para mim? Esse é o Bodee antigo, o Bodee que ele mal me mostra ultimamente. O cara que encolhe os ombros e esconde a cabeça como uma tartaruga. — Ei. — Toco no joelho dele. — Eu juro.

Ele suspira.

— Está bom. Hayden disse... alguma coisa sobre eu ser louco como o meu pai.

— Você não é. — Encaro o topo roxo da cabeça dele.

— Lex, isto vai parecer esquisito, mas, quando eu era criança, eu acreditava em monstros. Você sabe, tipo vampiros. Lobisomens. Fantasmas. E eu acreditava neles porque sabia que existia pelo menos um monstro. Ele usava uma camisa com o nome bordado no bolso. E carregava uma garrafa de uísque como arma. E às vezes uma faca.

Bodee para e em seguida estala os dedos. Das duas mãos. Um de cada vez.

— Ele sempre me odiou — diz Bodee —, e eu não sei por quê. Devia odiar o Ben também, porque ele se alistou assim que completou 18 anos.

— Por que sua mãe não largou seu pai? — É uma pergunta de mau gosto que pessoas que não entendem nada de abuso fazem. Percebo isso tarde demais. Ele levanta o olhar e massageia as têmporas.

— Ela tentou ir embora uma vez. O brinco. A mãe dela tinha dado um par para ela, e ela penhorou um para comprar nossas passagens de ônibus. É por isso que só tem um. Mas ele descobriu, e ela nunca mais tentou. — A voz de Bodee fica mais firme: — “Se tentar me deixar, eu *mato você*”, ele dizia de vez em quando, só para ela não esquecer. E para onde ela iria? Os pais dela morreram jovens. Ela não tinha apoio. Não tinha estudo. Não tinha emprego e nenhum jeito de ganhar dinheiro; *ele* nunca deixou que ela tivesse nada no nome dela. — Os olhos de Bodee estão brilhando com lágrimas que não foram derramadas. — E ela só tinha a mim.

Ofegando, digo:

— Sinto muito.

— Minha mãe tentou me tirar daqui. Acho até que ela falou com sua mãe, uma vez. Mas eu não podia deixá-la. Eu sabia que um dia ele ia matá-la. *Sabia*. E eu estaria lá para impedir. — Uma lágrima escorre pelo queixo do Bodee e faz uma marca redonda e molhada na madeira velha. — A gente montou um plano para eu acampar no bosque à noite... assim, quando ele chegava em casa bêbado, não podia descontar a raiva em mim. De manhã, quando ele estava dormindo, eu entrava sem chamar atenção, tomava banho e olhava minha mãe. Sempre às sete da manhã. Sempre.

Mais lágrimas marcam a madeira, mas desta vez são minhas. Não consigo imaginar essa vida que Bodee levava.

— Até... *aquela* manhã. Acordei cedo porque estava quente. Eu estava a 15 metros da casa quando ouvi minha mãe gritar. Quinze metros.

Enquanto Bodee fala, a cozinha da casa dos Lennox aparece na minha mente. A pia. A mesa. O fogão. Consegui colocar tudo no lugar, e a vejo correndo, gritando, jogando panelas no pai do Bodee. Qualquer coisa para fazê-lo parar, para mantê-lo longe dela.

— Eu saí correndo. Ele nunca acordava tão cedo. *Nunca*. Meu Deus, Lex, ela estava gritando como louca, então peguei uma vassoura na varanda. Foi a

única coisa que eu encontrei, e eu ia matar meu pai. — Bodee está olhando por cima do meu ombro para o vazio e revive o momento. — Ela me viu na varanda e acenou para eu ir embora. E eu paralisei... como se tivesse sido colado com Superbonder na varanda. Eu não conseguia entrar nem conseguia sair como ela queria que eu fizesse.

Aperto o joelho dele porque não consigo aguentar, e ele coloca a mão sobre a minha com um aperto mortal.

— Lex, eu fiquei olhando. Fiquei parado ali assistindo enquanto ele matava minha mãe.

## capítulo 13

Penso primeiro na segurança de Bodee.

— Ele sabe que você viu?

— Não. Eu me escondi na varanda até ele apagar.

Bodee demonstra vergonha no nariz franzido e no maxilar travado. Isso poderia parecer raiva em outros caras, mas é pesado demais, doloroso demais para ser raiva. É como se ele quisesse que eu diga que ele poderia ter impedido o pai e está me dando um chicote para bater nele. Mas eu não vou fazer isso, porque estou feliz por ele ter se escondido. Feliz por ele estar ao meu lado, e não a sete palmos debaixo da terra.

— Graças a Deus que você se escondeu — digo.

Ele me solta e envolve a nuca com as mãos. Apertando os punhos. Soltando de novo.

— Mas eu a deixei morrer sem... Ela estava sozinha e eu... *a deixei*.

Ele fica em silêncio por um instante, enquanto penso na situação. Ele sabe que a mãe o tinha mandado sair e os motivos dela. Eu também. Mas essas lembranças ainda são uma jaula sem chave para ele. Mas eu não digo isso, porque percebo que ele não terminou a confissão.

— Então, ontem à noite — diz ele —, quando vi Hayden sair com você, algum alarme em mim simplesmente disparou. Talvez ele seja um cara decente, mas qualquer pessoa podia ver que ele estava bêbado. Pelo menos eu podia.

Bodee desamarra a camisa de flanela da cintura e coloca nas minhas costas antes de eu perceber que estou tremendo. A camisa está enorme em mim, mas eu aceito o calor e o cheiro dele e deslizo os braços pelas mangas.

— Então, quando eu cheguei no estacionamento e... estava em cima de você... foi como se tudo acontecesse de novo. Eu odiei Hayden. Como eu odeio meu pai por... por tudo. Tratar minha mãe como ele tratava e, depois... você sabe. — As mãos de Bodee estão agitadas. Ele molda o cabelo em um moicano e depois alisa de novo antes de falar. — Acho que perdi a cabeça.

Ele não me pergunta como eu me senti com Hayden em cima de mim. Não porque seja um tabu. Eu provavelmente contaria a ele, mas é como se ele já soubesse. Como se ele soubesse que eu não queria Hayden.

— Eu bati nele antes mesmo de perceber, mas não me importava. Eu queria que ele *saiisse de perto* de você. Saber onde bater debaixo do maxilar para ele não ficar marcado foi automático. Aprendi isso por causa *dele*. — Bodee fica quieto de novo, e eu o espero falar. Meu estômago está se revirando e dando nó ao redor de uma bola de dor. — E, se eu consegui fazer o que meu pai fazia com tanta facilidade, Alexi, talvez não seja seguro andar comigo.

— É seguro, sim — digo isso com confiança. Porque Bodee recua quando outros caras da idade dele vão em frente. Porque seus dois dedos no meu quadril quando a gente estava dançando e balançando com músicas lentas não me ameaçam.

Eu *sei* que é cem por cento seguro ficar perto dele.

— Mas, se o sr. Tanner não tivesse separado a gente, eu podia ter...

— Para. Você está se torturando sem motivo. Eu não conheço seu pai, além do óbvio, mas passei a conhecer você muito bem nas duas últimas semanas, e você não é como ele. — Não digo isso, mas penso: *Você não pode ser*. — Eu falei ontem à noite que não estava arrependida, e era verdade.

Mas um sentimento estranho me incomoda, como uma minhoca abrindo caminho em uma maçã. Talvez eu esteja um pouco desconfortável com o modo como Bodee é tão protetor comigo, como isso aparece nas suas ações. E o baile: o jeito de encarar Hayden e depois o jeito de socar Hayden. E como Bodee percebeu os arranhões no meu pescoço. Ele está próximo. Mais perto emocionalmente do que qualquer outro cara já estive de mim. E agora eu tenho que escolher: puxá-lo mais para perto ou afastá-lo. Mas não consigo

decidir o que fazer ainda, porque não consigo descobrir por que Bodee é Bodee.

Ele não fala. Só comigo. Não sorri. Só para mim. Não vai a bailes. Só por mim. Esse é o refrão da nossa música. Ele é diferente comigo, e eu sei que esse é o Bodee de verdade. Ele não está mais fingindo.

Será que é porque ele sente o peso da culpa? Será que eu sou apenas uma transferência para a mãe que ele não conseguiu ajudar e não salvou?

Eu me sinto bem com isso ou quero mais dele? Um relacionamento? Quase. Talvez. Mas eu nunca quis com mais ninguém.

Será que ele tem algo a doar em um relacionamento? Será que eu tenho?

Depois de tudo o que passei, sou meio que um bolo queimado e solado que um confeitiro disfarça com uma cobertura linda. Então, mesmo que ele goste de mim por fora, meu interior é uma porcaria sem gosto.

Não vamos pular etapas, lembro a mim mesma.

Bodee precisa de uma boa amiga agora, não de uma *namorada* egoísta. A vida desse menino é um horror. Ele sobreviveu a situações piores do que qualquer pessoa que eu conheço, e mesmo assim ele é fantástico.

— Eu devo ser como ele, senão não teria batido no Hayden — continua Bodee enquanto minha mente acelera a um milhão de quilômetros por hora.

— Espera, Bodee. Você bateu no Hayden pelo prazer de bater ou porque achou que ele estivesse me machucando?

— Porque achei que ele estivesse machucando você, mas...

— Então você não é como seu pai — digo e aperto o joelho dele. Bodee encara minha mão e depois levanta o olhar para encontrar o meu.

— Fico feliz por você acreditar nisso. — Ele balança a cabeça. — Tem, hum, mais uma coisa.

Fecho os olhos enquanto ele estende a mão na minha direção. Meu coração bate tão forte que qualquer pessoa a um quilômetro de distância poderia ouvir. Quando nada acontece, abro os olhos e percebo que ele só está fechando o último botão da camisa dele no meu pescoço. Envergonhada, meu rosto queima e desvio o olhar.

— A polícia sabe que eu vi tudo. Quando eu liguei, naquela manhã...

Ele para, e eu sei que ainda está vendo a mãe deitada no chão. Eu mesma quase consigo vê-la. Destruída e sem vida, diz minha imaginação. Com marcas em forma de dedos no pescoço, roxas como o cabelo de Bodee.

Expiro por nós dois.

— Eu contei tudo para a polícia — diz ele. — E agora os advogados querem que eu dê um depoimento antes do julgamento. Eles dizem que eu posso garantir que ele fique preso pelo resto da vida.

— Você vai fazer isso.

— Você viu o que aconteceu no funeral. Aqui com você... eu consigo falar. Mas é a primeira vez. Em um tribunal ou escritório, com todos aqueles advogados me olhando, eu vou paralisar.

— Mas, se ele escapar dessa, ele pode voltar e... machucar você.

— Eu sei — diz ele.

Eu só passei duas semanas da minha vida com Bodee. Mas agora, sentada com ele no meu forte, sei que essas duas semanas foram como se Deus entrasse na minha vida em carne e cabelo colorido com Ki-Suco. O evangelho de acordo com Bodee Lennox. Sua segurança. Sua proteção. E amor.

— Então você sabe que precisa fazer isso — digo. — Testemunhar.

— É. Mas saber e fazer são duas coisas totalmente diferentes. Você provavelmente acha que é fácil, já que são só palavras. Quer dizer, não pode ser difícil falar: “Eu sei o que ele fez.”

— *Muito* difícil. Quase impossível, mas... — Minhas mãos se agarram como se tivessem vontade própria. Vontade de arranhar e ferir meu pescoço até eu realmente acreditar no que estou dizendo. — A gente vai ajudar você a fazer isso. — Prometo a ele com mais medo do que segurança.

— Tem muita coisa acontecendo em volta. — Ele me cutuca com o joelho. — Você precisa conversar sobre ontem?

Essa é uma mudança de assunto intencional. Saímos dele e fomos para mim. Eu devia reconhecer a técnica. Já usei com minha mãe muitas vezes, apesar de ela nunca perceber.

— Meu herói apareceu, então não tenho nada para falar.

Bodee dá aquele sorriso aberto e não me pressiona mais sobre ontem à noite.

— Pronto para voltar para casa? — pergunto.

— Podemos voltar aqui logo?

Kayla e Craig e até minha mãe e meu pai foram proibidos de entrar no meu santuário (a menos que seja para reparos ou melhorias, quando necessário). Eu nunca quis compartilhar este lugar especial com ninguém.

— Quando quiser — digo a Bodee.

Assim que voltamos ao quintal, Craig está esperando por nós com seu olhar de treinador Tanner. Kayla está instalada em sua cadeira de balanço de madeira rústica e não parece muito feliz. Tiro o boné, e meu cabelo cai sobre o pescoço enquanto passamos pelo portão e contornamos a piscina.

— Precisamos conversar antes que seus pais voltem para casa. — Craig indica que devemos nos sentar na frente deles.

— Sr. Tanner — começa Bodee.

— Você só precisa me chamar assim na escola.

Craig suspira e apoia o tornozelo no joelho. Ele está tenso, mastigando um lado da bochecha. Está com sua cara de desaprovação. Alguma coisa aconteceu, e não é boa. Kayla terminou com ele? De novo?

Não; Craig costuma chorar quando ela faz isso.

Espero as más notícias.

— Sobre ontem à noite. Vocês dois... — começa Craig.

— Me desculpe, sr. Tanner — diz Bodee. — Realmente achei que Hayden estivesse machucando a Alexi.

— Ele entendeu isso — interrompe Kayla, impaciente. — Mas você teve sorte de ter sido encontrado pelo Craig, e não por outro acompanhante.

Bodee assente com a cabeça.

— Sinto muito mesmo.

Ele é educado demais para meu gosto.

— Não importa — digo a Kayla. — Acho que Craig é que teve sorte. Ele sabe que os caras não conseguem ganhar do Raxton na sexta-feira sem Hayden. Se ele fosse suspenso da escola, não ia poder jogar.

— Isso não é verdade. — Kayla revira os olhos para mim. — Mas essa não é a questão. Craig prefere cuidar das coisas sem fazer uma grande confusão. Agora,  *você peça desculpas ao Craig, como Bodee acabou de fazer, antes que eu decida contar para mamãe e papai.*

— Contar o quê? — Jogo o boné no chão de concreto e depois pego de volta, retorcendo como um pano velho. — Eu não devo nada ao Craig.

Craig dá um olhar de alerta para Kayla, como se achasse que isso poderia acalmá-la.

Kayla está mais do que preparada para discutir.

— Você deve, sim. Ele impediu você de se agarrar com Hayden. No mínimo, de dirigir ilegalmente, garotinha.

— N-não — gaguejo. — Eu não estava me ag... — Não consigo terminar a palavra nem olhar para Kayla. É isso que ela pensa de mim? Que sou fácil?

Os pés de Kayla tocam o chão do deque, e ela se inclina para a frente na cadeira de balanço.

— Lex, você ia dirigir fora do estacionamento. E tenho certeza de que o “ataque” — ela faz aspas no ar — do Hayden não foi nada disso. Mamãe e papai vão adorar saber que a filhinha perfeita e preciosa deles quase fez  *aquilo* na caminhonete do Hayden.

Aí está. Kayla ainda busca a aprovação da minha mãe e do meu pai, e me colocar para baixo é seu método de subir ao topo da lista de melhor filha.

Eu odeio Kayla por isso. E o ódio me dá voz.

— Kayla, eu não vou me complicar pelo que você acha que eu  *poderia* ter feito. — Olho da Kayla para Craig. — E vocês dois não são santos.

— A gente sabe disso. — Craig estende a mão para impedir que Kayla interrompa. — Olhe, esqueça seus pais. Eu estava preocupado com você ontem. Você não devia ter saído do baile com Hayden quando ele estava bêbado. O que você achou, Lex? Os caras entendem errado todos os tipos de sinais, especialmente  *nesses momentos*. — Ele suspira. — Esse é o problema real. Não é, Kay?

— É. — Kayla me dá um olhar meio sincero. — Somos adultos. Nós dois já fomos burros o suficiente para saber reconhecer uma burrice.

— Pode repetir isso — digo e percebo a acidez na minha voz.

— Bom, querendo ou não, eu ainda acho que você deve um pedido de desculpas ao Craig por colocá-lo em uma posição tão difícil. Por pedir para nós dois cobrirmos seu probleminha no encontro — diz Kayla.

Bodee olha para mim. Peça desculpas, imploram seus olhos. Acabe com isto. Mas não consigo. Não vou fazer isso. OK, eu sou uma burra por não impedir Hayden sozinha, mas isto é ridículo.

— Hayden costuma ser um cara legal, mas ele gosta de curtir. Acho que a maioria dos meus meninos gosta. E eu era um deles — diz Craig. Ele e minha irmã trocam outro olhar. Pelo modo como estão agindo, parece que a primeira vez deles foi na caminhonete velha do Craig, no estacionamento da escola. — Mas isso não significa que eu quero você perto dele quando isso acontecer. Foi por isso que o mandei cair fora ontem à noite.

— Hayden é minha menor preocupação — digo.

Ah, eu gostaria de forçar esse assunto. Gostaria mesmo. Gostaria de apontar para certa pessoa que estava bem mais fora de controle do que um Hayden Harper ligeiramente alcoolizado. Mas não faço isso. Não estou pronta. Não posso mostrar minhas feridas e parecer destruída na frente de nenhum deles. E por diferentes motivos.

— Alexi Austin Littrell, o que há de errado com você?

— Kayla Jane Littrell, não é da sua *maldita* conta.

Luto contra minha necessidade de contar para Kayla que seu rosto pode congelar nesse retorcido indignado.

— Olha — diz ela —, eu só quero um pedido de desculpas. Faça isso ou eu conto para a mamãe e para o papai sobre Hayden.

— Sério? Você ainda está no ensino fundamental? E você vai contar para eles exatamente o quê? — pergunto.

Normalmente existe algum tipo de confronto entre mim e Kayla, mas esse não pode ser um deles. Porque Craig não ia exigir um pedido de desculpas de mim. Ele não ia dizer essas coisas por conta própria. A menos que Kayla o convencesse. Talvez ela também tenha alguma coisa contra ele.

Minha irmã só fica em silêncio por um instante, depois me dá um golpe baixo. No ponto que ela aposta que vai me derrubar.

— Vou contar para a mamãe e para o papai que seu acompanhante não foi para casa porque estava doente. Vou dizer que ele foi embora porque Bodee deu um soco nele.

Faço malabarismo com a fúria, a preocupação e o medo, e deixo todas as bolas caírem ao mesmo tempo.

— Você não faria isso.

— Você sabe que eu faria.

— Mas isso não é justo. Bodee só fez isso porque achou que Hayden estivesse... — Eu paro e respiro. — Você não o puniria por minha causa, Kayla. Ele já pediu desculpas e...

O rosto da Kayla fica rígido de determinação. É por isso que ela e Craig terminaram tantas vezes. É por isso que ele só fica ali, sentado bebendo Sprite, deixando-a deturpar a situação. É o jeito dela ou nada.

E desta vez ela me pegou. Não posso permitir o *ou nada*, então cedo como ela sabia que eu faria. Eu me recuso a deixar minha voz tremer e digo:

— OK, você venceu. Desculpa, Craig.

E aí Kayla cai na gargalhada e corre até Craig, cujo rosto está indecifrável.

— Eu falei que ia conseguir. Falei que Bodee era a chave, não falei? Você viu a cara dela, Craig?

Não era a reação que eu esperava.

Kayla está histérica, se inclinando e com as mãos no quadril. Ela está rindo tão alto que a cadeira de balanço desliza no deque.

— Você devia ter *visto* sua cara. — Ela se esforça para fazer as palavras saírem. — Impagável, Lex. Impagável.

Ninguém mais acha engraçado. Nem Craig. Não sei em que idade a gente deve começar a se preocupar com a pressão arterial, mas, neste momento, acho que deve ser aos 16.

— O que está acontecendo? — exijo saber.

Craig balança a cabeça, como se não conseguisse acreditar que participou do teatrinho da Kayla.

— Ela apostou uma massagem de uma hora que ia fazer você pedir desculpas. Eu só concordei porque realmente quero que você seja mais cuidadosa se Hayden beber.

— Ah, muito obrigada. Vou deixar um bilhete para mim mesma: fique longe de babacas. Começando por vocês dois. — Craig abaixa a cabeça, mas eu não me importo se ele está arrependido, envergonhado, triste ou desapontado comigo. Sinto uma raiva crescente tomar conta de mim e não me importo com as relações que vou cortar. — Eu preferia ser dama de honra da Janna Fields do que de vocês. Estou fora.

Se o que estou sentindo é metade do que Bodee sentiu quando socou Hayden, é surpreendente ele não ter matado o cara.

Kayla se levanta e tenta aliviar o clima me abraçando de lado. Empurro ela para longe.

— Lex, espera, foi uma brincadeira.

— Uma brincadeira? Craig não está rindo. Eu não estou rindo. — Olho para Bodee, e seus olhos estão arregalados com uma emoção que eu não consigo decifrar. — Bodee também não está rindo. Ei, Bodee, aposto cem dólares com você que Kayla não vai pedir desculpas para nenhum de nós.

Então eu saio e deixo todo mundo lá. Deixa ela contar para minha mãe que eu me recuso a ir ao casamento. Deixa ela explicar o motivo.

Nunca tive problema com as palavras quando se trata da Kayla.

O resto do fim de semana é “passa a ervilha, compartilhar o hinário da igreja e fingir que está tudo bem” na frente da minha mãe e do meu pai. “Dever de casa” é a resposta que dou quando fecho a porta, e ignoro todos, até mesmo Bodee.

É fácil me esconder porque as mensagens de texto e as ligações que eu espero da Heather e da Liz não chegam. A falta de curiosidade sobre por que Hayden e eu saímos do baile tão cedo ou por que não fomos à casa do Dane é estranha. Mas sem dúvida vou ser interrogada no caminho para escola hoje.

— Você acordou cedo, para uma segunda-feira — diz minha mãe quando entro na cozinha antes que ela precise gritar meu nome. Quando vê meu cabelo ainda úmido, ela diz: — Ah, Lex, eu queria que você secasse o cabelo direito. Está ficando frio lá fora.

— Então você ia dizer que eu ia me atrasar — digo. Por mais que eu tenha descido cedo, Bodee desceu antes de mim.

Minha mãe balança a cabeça.

— Tenho uma solução para isso — provoca ela.

— Tudo bem, tudo bem. Eu acordo mais cedo amanhã — digo. E nós duas rimos.

— Hoje à noite — o tom da minha mãe agora está sério —, eu proíbo você de desaparecer no quarto de novo. Ninguém tem tanto dever de casa. Certo, Bodee?

A colher do Bodee para no meio do caminho entre a tigela de cereais e a boca, enquanto ele abaixa a cabeça laranja. Ela continua:

— Eu estava pensando que talvez nós três pudéssemos comer uma pizza e ver um filme hoje à noite.

— Claro, tudo bem — respondo. Um tempinho com minha mãe já me ajuda a conseguir o espaço de que preciso. Contanto que Kayla não seja convidada, não tem problema minha mãe querer mimar a gente com uma pizza de pepperoni e sacos de pipoca. — Ei, vamos lá, Bodee. Acho que ouvi Heather.

A buzina toca, e Bodee joga a tigela na pia enquanto eu me despeço da minha mãe.

Hoje não é apenas mais uma segunda-feira. Hoje tem potencial para ser diferente. Hayden vai estar no corredor e na mesa do almoço.

— Quer que eu vá a pé? — pergunta Bodee assim que saímos.

— Não.

— Elas estão zangadas comigo? — pergunta ele, inclinando a cabeça na direção do Malibu da Heather.

— Liz não vai estar. Nunca vi Liz zangada. Mas Heather é outra história. Depende da história que Collie contou para ela. E isso depende do que Hayden contou para Collie. Então, quem sabe? Eu não me preocuparia com isso.

— Então isso quer dizer que você não falou com elas — sussurra ele ao abrir a porta do carro e jogar a mochila no meio do banco.

Balanço a cabeça e deslizo atrás dele.

Não tem música tocando no rádio.

Mas essa não é a primeira coisa que eu percebo de diferente no Malibu hoje de manhã. Manteiga de cacau ou óleo de bronzear — alguma coisa com cheiro de praia — ataca meu nariz.

— Que cheiro é esse? — pergunto.

Liz dá um tapinha nos chinelos de papelão aromatizado pendurados no espelho retrovisor.

— Horrível, não é? Já ameacei reciclar essa coisa.

Heather faz os chinelinhos pararem de balançar.

— Eu gosto.

Alguma coisa está errada. Há um silêncio, quando normalmente há uma conversa animada. Bodee também percebe.

— Posso ir a pé — sussurra ele.

Balanço a cabeça.

— E aí, o que vocês fizeram no resto do fim de semana?

Liz ajeita o cinto de segurança para poder girar em direção ao banco de trás.

— Estudei para o teste ACT. E você? — Seus olhos estão curiosos e cuidadosos ao mesmo tempo. — Onde foi que você e Hayden foram parar na sexta-feira à noite? Heather disse que vocês não estavam na casa do Dane.

— Hum, não. Hayden... — Mentir para Liz é difícil porque ela nunca mentiria para mim — Foi para casa cedo — digo. — Bodee e eu pegamos carona com Kayla. — Heather faz contato visual pelo espelho retrovisor, mas não sei dizer o quanto ela sabe.

— Vocês se divertiram? — pergunto antes que elas possam me questionar ainda mais.

— Não muito — diz Liz. — Ray e eu terminamos.

— De novo — acrescenta Heather.

— Ah, Liz, que pena — digo. Ray pelado não é um cara ruim.

— Está tudo bem. Eu sei que é o certo. Nós dois concordamos, desta vez, mas ainda é difícil romper uma relação que foi tão... Ele é praticamente parte da minha família, sabe? E agora a gente tem que encontrar um jeito de agir como se fosse normal *não estar* juntos. Então vai ser meio chato e complicado.

É, eu sei.

— Porque dessa vez — diz ela com um olhar firme para Heather — realmente acabou.

Olhando para Liz com mais atenção, percebo uma camada adicional de base, o corretivo extra sob os olhos, que está escondendo o inchaço. Essa decisão provocou algumas lágrimas. Quero estender a mão para ela, mas não faço isso.

— *Eu* só acredito vendo. — O tom da Heather é firme.

— Pelo menos você e Collie ainda estão juntos — digo sem motivo específico além de conversar e porque eu sei que estão.

— Não — diz Heather, amarga. — Também terminamos. Acho que nós todas tivemos uma péssima noite, na sexta-feira.

Liz não reage. Essa informação não é nova para ela. Collie tentou me ligar no sábado e de novo no domingo, mas eu recusei as ligações. Acho que agora sei o motivo. Estou feliz por não ter ficado com pena e atendido. Esses términos provavelmente são o motivo de eu não ter tido notícias da Liz nem da Heather no fim de semana. A Cidade da Separação requer telefonemas entre melhores amigas, sem tempo para segundas melhores amigas.

— O que aconteceu? — pergunto enquanto ela encontra meus olhos de novo pelo espelho retrovisor.

Bodee estala os dedos, e eu o silêncio com um olhar de relance.

— Descobri que ele dormiu com alguém — diz ela.

Talvez eu *devesse* ligar para Collie. Ai, meu Deus. Isso é um pesadelo para Heather.

— Com uma das minhas amigas. Ou, pelo menos, foi isso que ele disse — acrescenta ela.

— Você sabe, hum, *quem...?* — pergunto. As palavras se prolongam quando passam por meus lábios rígidos e uma língua pesada.

— Ela não sabe — responde Liz pela Heather. — Passamos metade da noite passada tentando juntar as peças. Tentando descobrir. Eu disse a ela que não fui *eu*. E definitivamente não foi *você*. Quem faria isso com ela?

O carro passa perigosamente perto de outro veículo estacionado na frente do banco. Heather gira o volante e os pneus rangem. Quando diminui a

velocidade, ela diz:

— Desculpa. Estou muito revoltada. Por que ele me contou? Bodee, você é homem. Por que os caras fazem isso? — ela exige saber, com voz trêmula. — Abre o coração para a namorada dizendo que transou com uma garota, que por acaso é minha suposta amiga. *Claro*. E depois se recusa a dizer quem foi.

Bodee continua calado. Ele me olha, procurando ajuda, mas tudo o que eu consigo fazer é dar de ombros. Então encaro a janela do outro lado. Eu sei por que os caras transam com outras garotas. Ou, pelo menos, eu sei por que um deles fez isso.

Porque ele me disse o motivo.

— Estou tão sozinho — sussurrou ele enquanto sua boca sufocava a minha. *Sozinho*.

Um motivo para trair. Um motivo para não parar.

Não compartilho isso com Heather. Ela provavelmente só precisa gritar e atirar coisas.

— Collie é um babaca — diz Liz. — Graças a Deus que você não dormiu com ele. Os caras do ensino médio mudam de ideia sobre o que ou quem eles querem de um segundo para o outro. Sem ofensas, Bodee.

— Não sei se nós também não mudamos de ideia de um segundo para outro — digo para Bodee não se sentir obrigado a defender sua parcela da população. — Não que eu esteja justificando Collie. Ele é um babaca por fazer isso, Heather. E a garota com quem ele dormiu também é babaca. Mas, bom, talvez tenha sido melhor ele ter contado para você.

Heather fica em silêncio.

— Enquanto estamos falando de *babacas*... — Liz olha diretamente para mim, e meu coração para por um segundo. — Hayden. Lex, espero que você não tenha ficado chateada de eu mandar o treinador Tanner atrás dele quando vocês saíram do ginásio. Você não *gosta* dele de verdade, não é?

Então devo agradecer a Liz pelo fato de Craig ter aparecido na hora certa.

— Tudo bem. Eu não gosto dele — garanto a ela.

— Ótimo. É menos uma preocupação — diz ela quando paramos na escola. — Depois do jeito como ele estava bebendo, eu não quero mais você com ele.

— Nem eu — diz Bodee entre dentes.

A vaga número 164, a cena do crime do Hayden, não é visível do estacionamento dos alunos dos primeiros anos, onde sempre paramos o Malibu. É mais perto do campo de futebol americano, e nós estamos perto do refeitório, mas meu peito se aperta do mesmo jeito.

Heather abre a porta do carro e joga a bolsa sobre o ombro.

— Vamos lá, meninas, vamos fazer um pacto. Chega. De. Jogadores. De. Futebol. Americano.

— Chega de jogadores de futebol americano — dizemos Liz e eu juntas.

— Gostei dessa regra — murmura Bodee.

Claro que ele gostou.

Tem sido minha regra. O término da Heather com Collie significa que estamos a salvo do que Hayden contou ao Collie sobre a noite de sexta-feira. Significa que, se houver alguma briga entre o time de futebol americano e o Garoto Ki-Suco, Heather e Liz podem ficar do nosso lado.

O estresse de verdade é na hora do almoço, mas fico aliviada quando nenhum encontro inesperado com Hayden acontece antes disso. Estou no quarto tempo de aula quando a pergunta me atinge.

E se o Capitão Letra de Música for um jogador de futebol americano?

Nossa regra se aplica a ele?

— Eu sei o que você está pensando — diz Heather enquanto andamos até nossas carteiras. — E não é.

— O quê? Quem não é o quê?

— O Capitão Letra de Música. Ele não é jogador de futebol americano. É seguro continuar com seu namoradinho cheio de palavras.

Seguro é exatamente como eu gosto das coisas, mas dou a Heather meu melhor sorriso.

— Ele não é meu namoradinho.

— Claro.

— Tudo bem, ele é. — E, para minha surpresa, mesmo sendo segunda-feira e ele nunca ter feito isso antes, vejo um novo conjunto de frases impresso na carteira.

SEI O QUE VOCÊ PASSOU  
TAMBÉM TENHO UM PASSADO E NÃO SEI ONDE ESTOU  
SIM, EU CONHEÇO A SOLIDÃO  
ACONTECE EM UM BEIJO, ACONTECE EM UMA MULTIDÃO  
MAS SEI COMO MUDAR ISSO, COM MEU CORAÇÃO.

E, abaixo da letra, uma mensagem.

VOCÊ ESTAVA LINDA NA SEXTA À NOITE

Meu coração fica marcado contra minhas costelas. Porque... ele sabe quem eu sou. Não sou uma Garota da Carteira para o Capitão Letra de Música.

— Talvez ele *seja* um jogador de futebol americano — diz Heather. — Você sabe o resto da música?

— A última parte não é uma música — digo, como se alguém tivesse eletrocutado meu cérebro.

— Eu sei. Mas, caramba, o Capitão acertou hoje.

Pego o lápis, controlo o tremor nos dedos e escrevo logo abaixo da letra:

*E mudar nunca é em vão*

Penso por um instante e apago a mensagem adicional dele. Não há necessidade de outras pessoas que usam a carteira saberem que o Capitão deu um passo à frente. Tenho certeza de que nós somos uma novela para eles.

Ele sabe quem eu sou.

## capítulo 14

— Meninas, por favor. Não parece que vocês estão falando da hierarquia das necessidades, de Maslow — diz a sra. Tindell da mesa dela.

— Ah, mas estamos — murmura Heather sem mexer os lábios. Ela está sorrindo como um elfo no Natal.

— Desculpa, sra. Tindell — digo por nós duas e cutuco Heather com o cotovelo.

Heather consegue sussurrar, mas eu quase ouço o gritinho que ela está abafando.

— Não aguento mais isso. Vocês *precisam* marcar um encontro.

Eu prefiro andar em todas as montanhas-russas da Disney do que encontrar com o Capitão cara a cara; e prefiro arrancar as unhas do pé com uma colher do que andar em uma montanha-russa.

— Mas isso pode estragar tudo.

— Está maluca? Esse cara é seu próprio Romeu — argumenta Heather. — Não é um babaca qualquer, tipo o Collie.

— Mas e se for? — Essa pergunta me escapa enquanto a cena do Hayden no encontro-com-os-pais me vem à mente. Porque qualquer pessoa pode enganar outra por algum tempo. A vida — e o amor, se é que isso é amor — é mais fácil de encarar quando está escrita em uma carteira.

Eu nunca teria que dizer não para uma carteira. Uma carteira nunca me *machucaria*. Uma carteira nunca... me... e... Suspiro. A palavra com *E* é terrível até na minha cabeça.

— Você prefere palavras em uma carteira do que um Romeu de carne e osso? — pergunta Heather.

Ela não vai entender, e eu não posso explicar por que tenho medo de que o mistério seja melhor do que o homem, então abro um sorriso falso e minto.

— Claro que eu preferia ter ele.

— Então, pronto. Vou fazer um favor para você e descobrir quem é o Capitão.

— Estou surpresa por você ainda não ter descoberto — digo.

O sinal toca, mas não antes de eu xingar o ponteiro dos minutos por se mover à velocidade de uma tartaruga em areia movediça.

Bodee não está no armário dele, então eu largo os livros e vou para o refeitório sem ganhar um de seus sorrisos. Quando entro no refeitório, percebo que dei azar de novo. Hayden está na cadeira em que eu costumo me sentar, na nossa mesa do almoço. Escolho a fila mais comprida — dos nachos — e paro no fim dela.

Hayden se levanta e se aproxima de mim.

— A gente pode conversar?

— Prefiro não — respondo.

— Bom, você não precisa falar. Mas eu tenho que dizer isso. — Ele enfia as mãos nos bolsos de trás e se balança nos pés, esperando permissão.

Faço que sim com a cabeça e desvio os olhos. Quanto mais rápido ele falar, mais rápido isso acaba.

— Eu passei dos limites. Passei muito dos limites na sexta-feira — diz ele muito rápido.

— Craig mandou você falar comigo? — pergunto quando chegamos à servente.

— Feijão preto? — pergunta ela sem levantar o olhar.

— Não — dizemos eu e Hayden ao mesmo tempo.

— Quero outra chance — exige ele.

A servente faz que sim com a cabeça e acrescenta mais uma camada de queijo derretido aos nachos no prato do Hayden.

— Está me ouvindo? — pergunta ele.

— Olha, seu queijo extra está bem aí — diz ela, bufando, e ajeita a redinha de cabelo com as costas da mão.

— Eu estava falando com *ela*, não com você — diz Hayden para a servente.

— Bom, de todos os... — diz a senhora, e suas sobrancelhas desaparecem na redinha de cabelo. — *Grosso* — murmura ela.

— Obrigada, senhora — digo pelo Hayden antes de me virar para ele. — De jeito nenhum.

— Vou fazer você mudar de ideia — diz ele com um sorriso ensaiado, do tipo que caras arrogantes usam para impressionar garotas. Parece que ele lustrou sua autoconfiança e trouxe para o almoço.

Bodee nunca me diria isso. Acho que o Capitão Letra de Música também não.

— Hum. — Eu paro e pego meus nachos. Quero dizer “Você não vai conseguir” ou “Já tomei minha decisão”, mas palavras não vêm.

— Olha, Alexi, eu... bom, só estou pedindo desculpas... eu planejo recompensar você.

A súbita vulnerabilidade na voz dele me pega de surpresa. O rosto dele está em brasas e arrasta um pouco os pés. Eu me aproveito dessa fragilidade.

— Hayden, se você realmente quer me recompensar, não joga seus amigos do futebol americano em cima do Bodee por causa de sexta à noite. — Hayden para. Liz e Heather já estão na mesa, e eu desconfio que ele não quer que elas nos escutem. E acho que isso é bom. Nenhum de nós quer saber o que elas iam pensar.

— Qual é a sua com esse esquisito do Ki-Suco, afinal? — pergunta ele.

— Você tem sorte de o “esquisito do Ki-Suco” ter aparecido.

Repetir as palavras do Hayden dói em dois níveis. Um porque Hayden vê Bodee como um esquisito. E dois porque isso é parecido demais com como eu via Bodee.

— Se ele não tivesse interrompido... — digo, hesitante, mas sei exatamente o que teria acontecido.

— Nós dois estaríamos arrependidos. Mais arrependidos — diz Hayden.

Suor brota no meu lábio superior. Faço que sim com a cabeça.

— Vou propor uma coisa para você, Lex. Eu esqueço dele e daquela imitação de Mike Tyson — ele vira o maxilar sem machucados para mim —, se você concordar em me dar outra chance. Diz que você vai sair comigo de novo.

Eu conheço esse lugar. Conheço intimamente esse beco sem saída.

— Por quê? — consigo dizer.

— É tão difícil acreditar que eu gosto de você? — Como eu não respondo, ele insiste. — Olha, você sabe que os caras do time não vão deixar passar o que aconteceu sexta-feira, né? Ki-Suco me deu um soco. Mas, se eles virem nós dois juntos, eles podem *esquecer*. Eu mando eles esquecerem, se você... — Ele prende um dedo no meu mindinho e me puxa para perto, junto com minha bandeja.

— Mas...

Eu encaro nossos dedos entrelaçados. Ele pede desculpas em um minuto e me ameaça no outro. Eles ensinam essa tática de desarmar para os meninos no acampamento de verão ou nos treinos de futebol americano?

— Os caras já devem ter esquecido. É praticamente uma regra do nosso time — diz ele rapidamente. — E aí, o que você me diz? Me dá outra chance de mostrar para você que eu não sou só um cara que gosta de beber e fazer besteira. Posso ser — ele se inclina e sussurra no meu ouvido — um cara fofo.

Por que eu não consigo falar com ele como falo com Kayla? Parece simples demais dizer que é porque ele é um garoto e meu “não” está com defeito, mas é verdade. Fico impotente perto dos homens. Da maioria deles.

— Tudo bem.

Concordo com um encontro, sabendo que, mesmo que conseguisse dizer não, eu não aguentaria se o time de futebol americano, com Hayden de líder, fosse para cima do Bodee como o pai dele fazia. Sei que Bodee não vai entender quando eu sair de novo com Hayden. Talvez ele fique com raiva ou desapontado comigo, e eu vou odiar isso, mas parece mais fácil assim.

E tudo o que eu quero é que Bodee fique em segurança.

Dou cinco passos até nossa mesa e sento. Em vez de estender a mão para pegar um nacho, meus dedos voam para meu pescoço, procurando os

arranhões. Eu me obrigo a relaxar. Desejo que as feridas não cocem, não aqui na escola. Posso me controlar por mais duas horas e meia. Porque até mesmo a promessa de dor, onde meus dedos se infiltram por baixo da cortina de cabelo, me ajuda a lidar com o fato de ter dito sim para Hayden quando eu queria dizer não. De novo.

— Ei, tudo bem? — pergunta Liz.

— Só uma dor de cabeça — respondo.

Heather coloca uma batata frita na boca e diz:

— Não. É o Capitão. Ele sabe quem ela é. Isso deixa ela nervosa.

— Não é o Capitão. — Liz passa um braço pelos meus ombros para um abraço rápido. — Ela ficou presa ali com Hayden. Você está pálida, Lex. O que foi que ele disse?

— Que ele quer uma chance de me recompensar por sexta-feira.

— Ah, Lex...

— Não vem com essa de “Ah, Lex” para cima dela. Eu queria que Collie me dissesse isso — diz Heather. — Aquele idiota.

— O que aconteceu com nossa regra de Nada de Jogadores de Futebol Americano? — pergunto.

Heather retorce uma de duas tranças em um círculo e seca uma lágrima.

— Ah, eu não sei o que eu quero. Eu preciso dele. Eu odeio ele. Mas preciso dele.

— Você não *precisa* dele, você quer ele — digo.

— Você tem o Capitão. E, obviamente, Hayden. — Ela olha para Liz. — E eu dou uma semana para você voltar com o Ray. E aí o que eu vou ter? Um ex-namorado que transou com outra garota e não me ama mais. Nada.

— Você tem a gente — diz Liz.

— Mas não é a mesma coisa — argumenta Heather.

— Eu não quero Hayden e não tenho o Capitão — lembro a ela. — E garanto que Collie ainda ama você; ele só está sendo um idiota.

— Mas pelo menos você tem Bodee. E ele não é um idiota.

— Não é do jeito que você pensa — digo.

— Tem alguma coisa nele, Lex — diz Liz, procurando Bodee pelo refeitório. Ele não está à vista, então ela acrescenta: — Acho que ele é uma alma evoluída.

— Ele é — concordo. Isso não diz muita coisa.

— Então você gosta dele. Mas provavelmente não sabe o que fazer. O cara é uma ostra no deserto. Muita areia, mas nenhuma água.

— E o que é que significa essa frase complicada? — pergunta Heather.

— Ela só quis dizer que eu gosto dele — explico. — E é claro que eu *não posso*. Então eu... não gosto. — Liz assente, mostrando que entende. — Então, Bodee é um amigo — digo com firmeza.

Um *melhor* amigo.

Minha sinceridade com as meninas me surpreende. Mas eu amo o lugar que Bodee ocupa em minha vida. O quarto descendo o corredor e subindo a escada. Jantar em vez de um encontro para jantar. Uma mão para segurar em vez de lábios para beijar. Ele é minha fortaleza, meu santuário. E eu não vou fazer nada para estragar isso.

— Então você tem um amigo, um amante e um perseguidor. Você é uma diva.

— Até parece — digo, porque é muito mais complicado do que Heather pensa. O que eu tenho é meu segredo, o segredo de outra pessoa e um... estuprador (que eu tenho dificuldade de chamar de estuprador).

O resto do dia passa rápido, com pouca conversa. Exceto pelas músicas do meu iPod. Entre as aulas, eu abandono o grunge e deixo James Taylor acalmar minha alma com suas histórias. Por fim, o dia termina, e a gente caminha até o carro. Eu sigo o fluxo, colocando um pé na frente do outro e uma palavra na frente da outra. Como eu consigo tirar notas altas é um mistério para mim, porque minha cabeça está presa em um purgatório de punição e arrependimento.

— Quase não vi você hoje — digo para Bodee enquanto ele entra no Malibu ao meu lado.

— Eu vi você.

Suas palavras quase se perdem quando Heather aperta o botão de play para transformar o carro em uma sessão de karaokê. Garotas tristes precisam de músicas felizes. Todos nós cantamos, até mesmo Bodee. Não estou surpresa por ele saber cantar, depois de ter ouvido Ben, mas estou surpresa por ele cantar em um carro com três garotas.

— Quer ir para o forte? — pergunta ele depois que Heather nos deixa em casa.

— Claro. — Posso esperar mais uma hora para me punir por dizer sim para Hayden. Jogo nossas coisas perto da porta dos fundos e contorno a piscina em direção ao bosque.

— Você gosta de ter uma piscina? — pergunta ele.

— Eu gostava.

Ele não pede explicação; apenas caminha ao meu lado. Chegamos à escada do forte no que parecem ser três passos. Uma aranha fez sua casa no espaço entre os dois degraus de baixo. Bodee não a espanta, mas, ao contrário, dá um passo largo acima do bicho de oito pernas. Quero esmagá-la, mas também a contorno, já que ele se esforçou tanto para isso.

— Lex — ele olha para mim por sobre o ombro enquanto subimos pela abertura até o nível mais alto —, seus segredos estão aparecendo.

Não estou surpresa nem assustada pelo modo como ele vai direto ao assunto. Talvez, na verdade, eu esteja meio aliviada.

— Eu sei. Foi um dia esquisito.

A gente senta no chão, com as costas na parede, olhando para o grande riacho, e Bodee diz:

— Você pode soltar alguns, se quiser.

Por um instante, fico suspensa em um vácuo onde a incerteza me deixa vazia; então eu ouço a brisa farfalhando as folhas. O gorgolejar do riacho. O som dos pássaros.

E o suspiro de Bodee me liberta do silêncio.

— Acho que eu posso estar apaixonada — deixo escapar. Ele fica tão surpreso quanto eu. — Bom, talvez não seja, sabe, *amor*. Mas... eu gosto de uma pessoa.

Bodee não estala o dedo anelar nem o dedinho, mas eu observo ele dobrar os outros três até que as juntas fazem *crack, crack, crack*.

— Estou feliz de você ter, bem, um segredo bom.

— Mas não é bom. Você vai rir quando eu contar a história toda. — Dou um risinho. Do tipo nervoso. Porque eu não tenho que pensar antes de falar. Sou totalmente sincera com Bodee. — O problema é que eu nem conheço ele.

Espero a reação de Bodee, sua desaprovação ou descrença, mas ele sorri.

— E aí?

— Começou na primeira semana de escola, na aula de psicologia. Meu dia estava péssimo, mas quando sentei na minha carteira, no quarto tempo de aula, tinha uma letra de música escrita ali. A lápis. E eu sei que você provavelmente já percebeu, mas eu adoro música. Todo tipo de música.

Bodee estende a mão e retorce o fio dos meus fones de ouvido, sempre presentes. A mão dele roça de leve a lateral do meu pescoço e provoca um arrepio.

— Eu percebi — diz ele. — E você fazia parte da banda.

Bodee percebe tudo.

— Bom, na primeira vez que aconteceu, foi por acaso. Ele escreveu uma coisa, eu escrevi de volta e achei que tinha acabado. Mas aí ele escreveu de novo. “Estou bem. Assim como todos os dias, quando você me pergunta o que há de errado com meu sorriso.” Nesse dia, uma quinta-feira, aquela letra de música era exatamente o que eu precisava ouvir. Porque é uma mentira. O nome da música é...

— “Se eu disser que estou bem, é mentira” — diz ele. — Meu irmão ouve Fondue Fortunes.

— É. — Mesmo assim, fico surpresa por ele conhecer. — Eu nunca vejo você ouvindo música.

— Você não olhava muito para mim antes de a minha mãe morrer. — Ele suspira.

— Sinto muito. — A verdade dessa declaração dói, mas ele balança a cabeça como se não fosse nada de mais. — Bom, naquele dia, tudo o que eu sabia era que outra pessoa por aí me entendia. Me entende. Porque eu também estava

mentindo, dizendo as mesmas coisas e agindo como se tudo estivesse bem quando não está. — Bodee aperta minha mão. — Aí eu respondi com “Confia em mim”, que é como a música continua. E foi assim que começou. É isso que me ajuda a aguentar o dia na escola. — Eu paro. — Idiotice, né?

— Não.

— Você não acha que é maluquice eu achar que estou apaixonada por um cara que nunca me disse uma palavra?

— Talvez ele não saiba como falar com você — diz Bodee.

— Você descobriu um jeito — digo.

— Não, você descobriu. Você veio atrás de mim no funeral — responde ele. — Ei, quem diria; o Garoto Ki-Suco do primeiro ano fez uma amizade.

Viro a cabeça automaticamente quando ele usa esse rótulo.

— Ei — acrescenta ele com um sorriso torto —, pelo menos eu não sou “o garoto que levou uma surra do time de futebol americano”. Ainda.

— É — digo —, pelo menos. — E sorrio de volta para ele.

— Então você não quer conhecer o cara que escreve as letras de música para você?

— Do jeito que a gente se conhece? Ou “conhecer” significa ter um rosto para o nome?

— Rosto.

— Não, e acho que isso é ainda mais maluco.

O lado direito do rosto do Bodee se retorce; uma expressão que eu nunca vi, mas que imagino ser curiosidade.

— Isso com o Capitão Letra de Música é uma das poucas coisas perfeitas na minha vida. Tipo você. Eu não quero estragar. Não seria horrível se o Capitão fosse o garoto que me enlouquece na aula de inglês ou o cara que sempre leva um sanduíche de fígado às quintas-feiras?

Ou um cara que me machucaria.

Bodee não fica vermelho, mas percebo que meu comentário sobre ele ser uma coisa perfeita deixa ele feliz. Sua voz está firme quando ele diz:

— Nem um pouco maluco, Lex. A imaginação é uma coisa poderosa. Eu ficava imaginando... quer ouvir uma coisa doida...?

Eu me inclino para perto dele até nossos ombros quase se tocarem.

— Eu ficava imaginando que meu pai não era meu pai. Que meu pai de verdade era alguém importante, como o presidente. Ou alguém legal, como o vice-diretor Oswald. Ou um cara como... seu pai.

— Isso não é maluquice. Às vezes eu imagino que Kayla é mais legal, ou menos Rainha do Universo — digo com uma risada. Depois eu alivio. — Tudo bem. Às vezes ela é legal. Só não tem sido, ultimamente.

— É. — Bodee seca as palmas da mão na calça jeans e estala os dedos. — O negócio é que a verdade é uma coisa assustadora. Às vezes é melhor não saber.

— Eu sei, mas por quanto tempo eu posso amar esse cara?

— Indefinidamente — diz ele com um sorriso. Então, coloca o polegar nos lábios e depois na minha testa. — Minha mãe fazia isso comigo — explica ele. — E, à noite, antes de eu sair para dormir na barraca, ela deixava o dedo na janela da cozinha até eu sumir de vista. Significa...

Percebo que estou prendendo a respiração enquanto espero ele terminar a frase.

— Não vou deixar ninguém machucar você.

Se um coração é capaz de sorrir, o meu está sorrindo.

— Bodee, obrigada — digo, apesar de saber que ele não precisa disso. — Sinto muito por você ter perdido sua mãe.

— Pelo menos eu encontrei você — diz ele.

## capítulo 15

Bodee e eu ficamos sentados ali, tranquilos, até a hora de encontrar minha mãe.

Ela cumpre a promessa de levar a gente para jantar e ver um filme. Felizmente, ela não se mete nos assuntos do Bodee, mas eu percebo que ela quer muito preencher nosso silêncio com perguntas.

Quando voltamos para casa, Kayla está me esperando no meu quarto.

— Sai — digo e largo a bolsa na penteadeira.

— Não vou falar do casamento. Eu juro.

— Tudo bem, fala rápido. Tenho dever de casa para fazer. — Do tipo que eu faço na segurança do meu closet.

Kayla brinca com um de seus enormes brincos de argola, o que significa que ela está nervosa, e diz:

— Eu sei o que você contou para Hayden.

*O que* eu contei para Hayden? Que eu ia sair com ele? Ou que eu não queria que ele mandasse um jogador de futebol americano atrás do Bodee? De qualquer jeito, já discuti sobre isso com Kayla e prefiro pedalar um velocípede para ir e voltar da escola, por um ano, do que passar por isso de novo.

— Kayla, não começa a agir como mamãe e papai de novo. — Eu puxo o capuz sobre a cabeça.

— Não estou, e isso é outra coisa. Eu acho que você tem que contar para alguém. — Ela retorce o brinco até o lóbulo da orelha virar de lado.

— Por quê? — pergunto, me esquivando, porque ainda não tenho a menor ideia do que eu deveria contar.

— Porque *sim*. — Kayla está impaciente. — É importante demais para não contar, quando uma garota é... machucada.

Meu coração quase para.

— Do que, exatamente, você está falando?

Kayla para de girar o brinco e se senta na beirada da minha cama.

— Você *sabe*. Que um cara do time de futebol americano estuprou uma menina.

Foi *isso* que Hayden contou para Craig? Eu nunca falei que tinha sido um jogador de futebol americano.

Craig devia estar totalmente doido para deixar Kayla ficar sabendo. Ele sabe como ela é quando se envolve com alguma coisa. Eu me jogo ao lado dela sem me preocupar de colocar a parte de cima do pijama sobre a camiseta.

— Talvez seja só um boato, Kayla. Eu não posso remexer...

— Mas você sabe quem foi.

Não sei se ela está perguntando ou afirmando, mas digo:

— Não.

— Você não pode mentir para mim, Lex. Não sobre uma coisa dessas.

Errado. Errado. Errado.

— Eu sei que peguei pesado com você sobre transar com Hayden, mas, se eu pensasse, por um segundo — sua mão forma um punho —, que ele obrigou você...

— Hayden não me obrigou a nada — digo em uma voz firme.

Kayla apoia a mão no meu ombro, e eu me sacudo para afastá-la.

— Você sabe mais do que Hayden contou para Craig — continua ela. — E acho que você precisa fazer alguma coisa a respeito.

— Eu. Não. Sei. Nada — cuspo para ela. — Foi uma coisa que eu ouvi, por acaso, no banheiro. Pode ser uma mentira total, inventada por uma caloura.

— Está bem, olha. Eu percebi que Craig não acha isso. Porque ele está *preocupado* — diz Kayla. — E eu acho que ele está com medo de ter sido Collie.

Ah, não. Ah, *não*.

— Por que ele acha isso? — gaguejo e enfio os braços na camiseta para Kayla não ver meu rosto.

— Porque, quando eu perguntei quem podia ser, ele disse que pegou Collie e Heather juntos no vestiário, depois de ter expulsado Hayden. E *ela* estava arrasada. Chorando, com o rímel escorrendo, tipo, bom,  *você* sabe; ele não entrou em muitos detalhes. Então, acho que é melhor  *você* fazer alguma coisa; conversa com sua amiga, faz ela *falar*. — Kayla pega minha mão. — Quer dizer, imagina esse cara se forçando em uma garota? Tipo, e se fosse  *você*? Se um garoto,  *qualquer* garoto, tocar em  *você* sem  *você* querer, eu juro que dou uma surra nele. E, depois, deixo Craig acabar com o cara.

— Kayla...

—  *Você* pode me achar uma vaca egoísta agora, mas  *você* ainda é minha irmãzinha. Ninguém vai machucar  *você*.

Tarde demais. Mas essa declaração traz lágrimas aos meus olhos. Se as coisas fossem diferentes, eu poderia abrir essa represa e contar tudo para ela. Mas isso ia mudar nossas vidas para sempre, e eu não consigo.

— Se for Heather, faz ela contar para alguém. Está bem?

— Tudo bem — digo para Kayla, para ela ir embora.

Depois, atrás de duas portas fechadas, eu me encolho em uma bola e inspiro o cheiro familiar do carpete do closet. Quando não consigo ficar menor, eu choro e soco o chão. É uma arte chorar sem fazer barulho, e eu sou mestra nela.

Mas meu silêncio apenas amplifica a voz baixa do outro lado da porta do closet.

— Lex.

Incapaz de responder e incapaz de me mover, fico em silêncio.

— Lex — diz Bodee de novo.

Meus dedos do pé começam a ter câimbra, e eu tenho que me esticar um pouco.

— Oi.

— Eu estou aqui.

— Não posso sair — digo, o que é melhor do que “Vai embora”.

— Deve ser legal aí dentro.

Se eu me mexer um pouco, a luz da noite me permite ver a nova pilha de figurinhas de futebol americano rasgadas na noite anterior e a camiseta do pijama que eu mal consegui tirar antes que minhas unhas fossem direto para o pescoço. Aperto o Binky e digo:

— Alguém viu você?

— Todo mundo está nos quartos.

Solto o ar e percebo que a presença de Bodee não vai estragar meu santuário no closet, como não estragou o forte.

— Que bom.

— Não quero invadir, mas eu sei que você está chateada.

— Como? — Empurro um pouco do enchimento que vaza do Binky para dentro e desejo que fosse simples assim me consertar: que alguém pudesse empurrar tudo que eu perco de volta para dentro.

— Eu vi Kayla sair — diz ele. — E ouvi sua voz. Deu para perceber.

— Bodee — começo, mas não sei o que dizer.

— Porque consigo reconhecer quando escuto você sofrendo. Eu também sofro — confessa ele.

— Você fica sentado no seu closet? — Ouço ele se recostar à porta do closet, e há uma pausa.

— Não. Na maioria das vezes, eu fico deitado debaixo da cama — diz ele.

— Mas... — Na minha mente, vejo as sobras da decoração de Natal da minha mãe e alguns rolos de papel de presente guardados debaixo da velha cama que meu pai arrumou para Bodee. — Não tem uns enfeites de Natal e outras coisas lá?

— Não tem mais.

— O que você faz debaixo da cama? — pergunto.

— Eu me seguro entre o estrado e as molas da cama e me puxo do chão. Consigo fazer muitas vezes antes de ficar cansado o suficiente para dormir.

Ele não está se gabando; só está me contando. Mas isso explica por que existem músculos debaixo de suas camisas brancas largas, em vez da flacidez não atlética que eu achava que teria.

— Lex?

— Oi — respondo.

— Para de arranhar o pescoço.

— Não. — Minhas mãos têm um cérebro independente, estão desconectadas de qualquer lógica. — Não consigo. — Mas por que este *não* é tão fácil de dizer?

— Consegue, sim, Lex.

— Diz o cara que faz musculação debaixo da cama — digo, mas não de um jeito cruel.

— Não estou lá embaixo agora.

Eu me sento, escondo o nariz na camiseta e penso em suas palavras.

— Você não precisa sair — diz ele. — Mas para de se machucar.

— Acho que eu não consigo.

— O que seu Capitão diria, se estivesse aqui?

Penso por um instante e cantarolo:

— *Que palavras usar para descrever este momento da minha vida? É um terrível dia tranquilo.*

— O que vem depois? — pergunta ele.

— *Todo esse tempo, você tem me salvado. Roubado minha dor. Meu melhor amigo. Segura minha mão, por favor.*

— Isso é legal. Bom, então, imagina que eu sou ele — diz Bodee, e canta a letra. — *Todo esse tempo, você tem me salvado. Roubado minha dor. Meu melhor amigo. Segura minha mão, por favor.*

Não consigo sorrir, mas meu corpo começa a relaxar. Como uma reação involuntária ao Bodee e ao Capitão, que é uma boa mistura, e eu me sinto melhor. Um pouco melhor.

Como o quarto tempo de aula no meu quarto.

— Bodee, posso contar outro segredo?

— Eu contei um dos meus — diz ele.

— Está vendo aquela ventilação em cima da minha cama?

— Sim — responde ele.

— Me conta: quantas fendas tem na ventilação?

— Uma. Duas. Três. Quatro... — Ele conta até vinte, antes de dizer: — Não tenho certeza. Eu pisquei e me perdi, mas acho que são 22 ou 23.

— Vinte e duas fendas. Eu conto toda noite.

— Por quê? — Ele não parece achar isso besteira.

— Porque preciso me concentrar em alguma coisa — explico.

— Acho que é difícil fazer isso no escuro.

— Na verdade, eu conto as tiras de metal, em vez dos espaços. É mais fácil de ver.

— Então você tenta contar todas as 22 para chegar na 23? — pergunta ele.

— É, mas não consigo. — Ele suspira, compreensivo, e eu digo: — É impossível fazer isso sem piscar, então eu tenho que recomeçar várias vezes.

— É difícil — diz ele, depois de alguns minutos, e eu sei que ele tentou algumas vezes. — Se você sair, Lex, talvez... a gente possa contar juntos.

Ficar aqui dentro com os pedaços de figurinhas de futebol americano rasgadas ou contar as fendas da ventilação com Bodee? Não é uma escolha difícil.

— Tudo bem.

Ele se afasta da porta enquanto eu visto uma camiseta de pijama limpa, com cheiro de amaciante. Com os braços cruzados sobre o peito, eu saio do closet e entro debaixo das cobertas. Bodee está em pé perto do interruptor. Está sem camisa. Seu cabelo está bagunçado. Mas vê-lo desse jeito me ajuda a entender como ele é complexo. Mais adolescente que homem, por fora; mais homem que adolescente, por dentro.

— No escuro? — pergunta ele com a mão no interruptor.

— Escuro — respondo, esperando que isso me ajude a ir para o mundo dos sonhos.

Depois de vários segundos, meus olhos se adaptam à escuridão, e eu vejo a silhueta do Bodee. Eu me pergunto se ele consegue me ver, debaixo do edredom pesado. Meus pais nunca escutariam nossas respirações abafadas, mas meu coração acelera do mesmo jeito. O que eles diriam se nos encontrassem juntos no meu quarto escuro? Eles o mandariam de volta para morar com Ben? Não, decido. Meus pais não costumam tirar conclusões precipitadas. Mas ele nunca poderia voltar ao meu quarto se eles descobrissem.

— Você está bem? — pergunta Bodee.

— Sim.

Apesar do que diz, ele está calmo, e eu também. Sem choros e soluços. Somos um dueto de respirações silenciosas como o sussurro das asas de uma borboleta.

Bodee senta na cadeira da minha penteadeira e diz:

— Se você contar a partir da direita e eu contar da esquerda...

— A gente se encontra no meio.

Nós dois dizemos:

— Um. — E eu não consigo diferenciar minha voz da dele.

— Dois.

— Três.

— Quatro. — Somos um coro tão bom quanto qualquer outro que eu já tenha ouvido.

— Cinco.

— Seis.

— Sete.

— Oito.

— Nove.

Meus olhos começam a arder, mas eu os arregalo, tensionando os músculos para mantê-los abertos.

— Dez.

— Onze — sussurramos juntos.

Há satisfação na minha voz, porque sei que Bodee e eu estamos encarando a mesma fenda escura no meio da ventilação.

— A gente conseguiu — digo.

— E *doze* — acrescenta ele. — Vinte e três.

Ele me ultrapassa na contagem das fendas.

— Não é impossível — digo.

— Nada é, Lex.

— Nem mesmo o depoimento? — pergunto.

— Esse é seu 23, não meu — diz ele. — Podemos cuidar dos meus problemas outra hora.

A paz é uma coisa peculiar. Eu a sinto na Noite de Natal, quando minha família recebe a comunhão, à meia-noite. E quando eu fico presa no forte durante uma chuva de verão. Ou nas raras ocasiões em que minha mãe ainda me chama de Bu-Bu. A paz me invade agora, no 23 do Bodee, e me enche de uma exaustão tranquila.

— Dorme. Eu vou ficar aqui — diz Bodee.

Sob o luar que escapa por entre as cortinas da minha janela, olho para Bodee uma última vez, antes de fechar os olhos.

Ele está com o polegar para cima.

## capítulo 16

Alguma coisa está diferente, na manhã de terça-feira, quando vou para o chuveiro. Pela primeira vez em 81 dias, não estou exausta por causa de uma noite agitada e cheia de sonhos. Mas tenho que me perguntar: daqui a dez anos, eu ainda vou medir o tempo pelo número de dias desde que aquilo aconteceu ou vou pensar em anos?

— Bom dia — diz Bodee quando eu entro na cozinha.

— Bom dia — digo para Bodee e para minha mãe.

— Você está bonita — diz minha mãe, e puxa a ponta do cachecol marrom que eu amarrei ao redor do pescoço.

— Parece que vai fazer frio hoje.

— Hum. Eu adoro outubro. — Minha mãe cheira o ar como se o aroma do outono tivesse invadido nossa cozinha.

— Eu também — respondo.

Heather buzina e minha mãe diz:

— Tenham um bom dia, meninos.

Eu me despeço com um aceno porque minha boca está cheia de torrada.

No carro da Heather, a música está alta, e o aromatizador de baunilha está forte. Bem forte. Uma pena não ter cheiro de outono aqui dentro.

— Voltou para o vermelho — diz Heather para Bodee.

Ele passa a mão pelo cabelo vermelho-cereja, algo que ele tem o hábito de fazer quando uma de nós comenta sobre a cor. Ainda tem um toque de laranja nas pontas, o que me lembra um arco-íris.

Heather diminui a música um segundo antes de Liz parar de cantar, e todos nós rimos da sua nota desafinada.

— E aí, Bodee — diz Heather. — Você tem alguma aula na Ala Leste?

— Teatro — responde ele.

— Você está no grupo de *teatro*? — Como eu não sabia disso? Pensando bem, eu não sei muita coisa sobre o que ele faz na escola que não seja no armário ou na primeira aula. Depois da aula, eu planejo descobrir um pouco mais.

— Eu pinto cenários — explica ele.

— Ah — digo. Apesar de isso me surpreender, é mais fácil que imaginar Bodee no palco. Imagina, uma ostra no deserto.

— Nenhuma aula com a sra. Tindell? — pergunta Heather.

— Não.

Liz e eu reviramos os olhos ao mesmo tempo. Antes que Heather possa falar em “cara de escrota”, Liz sorri para ela e diz:

— Você não achou que seria tão fácil, né?

Bodee me olha em busca de uma pista.

— A busca pelo Capitão — explico.

— Tinha que começar por algum lugar. — Heather dá de ombros. — Menos um. Eu estava apostando em você, Ki-Suco. Eu estava apostando em você.

Liz enruga o nariz e arranca o aromatizador de baunilha pendurado no retrovisor e joga no porta-luvas.

— Noite passada, ela tinha uma lista com uns vinte caras. Começando com...

— Ei, ei. Não conta para Lex minhas suspeitas. Ela ainda não está preparada para saber quem é o Romeu dela. Mas eu vou encontrar o cara. Quer me ajudar, Ki-Suco?

— Tanto faz — responde Bodee sem um tom de sarcasmo.

— Cuidado, Lex, é com os quietinhos que você tem que se preocupar. — Liz gira no banco e olha para trás para dar um tapinha no joelho do Bodee.

Minhas amigas adotaram Bodee oficialmente e, pelo sorriso doce em seu rosto, ele não parece se importar.

— Vejo você no quarto tempo — me diz Heather enquanto ela e Liz se afastam de mim e do Bodee.

Chega o quarto tempo, mas Heather não aparece. Sento na minha carteira e encontro a letra bonita do Capitão, como um cartão de Feliz Terça-Feira escrito só para mim.

PRECISO PENSAR UM POUCO  
REPENSAR TUDO QUE ME DEIXA LOUCO  
AGORA EU QUERO VOCÊ,  
SEM TER QUE ESPERAR PARA VER

Rindo baixinho, eu escrevo:

*Porque ele não é certo para você, então, por favor, pode me escolher?*

Quem quer que ele seja, o Capitão tem um jeito de escolher o estilo certo de música que se encaixa ao meu humor. Não sei como ele faz isso, mas essa mensagem sutil me faz rir. Ele poderia ter dito “Larga o Hayden”.

A sra. Tindell tagarela sobre distúrbios do Eixo I enquanto eu tento pensar em uma nova letra de música para deixar para ele. Ele escolheu uma música antiga; eu devia voltar uma ou duas décadas.

*Rouba um carro, sequestra um trem  
Pega um mapa, um avião  
E me leva para algum lugar além  
onde a água não é boa para tomar  
E todo mundo aprendeu a pensar*

Se ele acertar essa, vou ficar muito impressionada.

A sra. Tindell está passando o dever de casa quando Heather entra pela porta aberta da sala de aula. Ela dá uma desculpa qualquer que faz a sra. Tindell dar um tapinha no seu ombro. Mas, quando Heather senta ao meu lado, ela murmura:

— Ninguém que a gente conhece está no corredor nesses primeiros trinta minutos de aula. — Ela faz uma careta para a folha de exercício antes de acrescentar: — Tinha um calouro que parecia desesperado por um banheiro, mas tenho certeza de que não é ele. Ele praticamente fez xixi nas calças quando eu perguntei onde era a sala 142.

— Você matou aula para espionar o Capitão?

— Sério, você está preocupada de eu perder alguma coisa? — Ela olha para nossa professora substituta, que já voltou para trás da própria mesa com um livro. — Mas minha conclusão: se o Capitão está avaliando sua reação, não está fazendo isso nos primeiros trinta minutos.

— Então você vai matar a segunda metade da aula amanhã?

— Eu fico no corredor o dia todo, se for necessário — diz ela, deslizando minha folha de exercício para a mesa dela para ler a primeira resposta. — Ou posso perguntar para a sra. Tindell quem senta aqui o resto do dia.

— Heather, isso tudo é maluquice. Por favor, não fala com ela. — Indico a sra. Tindell. — Eu prefiro não virar assunto de fofoca.

— Tudo bem. Eu disse que preciso de um namorado — sussurra ela. — Passei a cuidar da sua vida amorosa, em vez da minha.

— Você sabe que pode escolher qualquer namorado que quiser. Até mesmo Collie — digo, esperando tirar o foco de mim.

— Você acha que eu deveria? — Quando eu hesito, ela acrescenta: — Você sabe, perdoar ele?

— É sua escolha.

— *Caramba*, me fala o que você pensa de verdade, Lex. Ele é um cara horrível?

Puxo o cachecol até a seda pressionar as feridas do meu pescoço e digo:

— Caras legais e caras horríveis parecem ser igualmente idiotas.

— Bodee não é.

— Bodee não conta. Ele foi criado por lobos em Netuno ou coisa parecida — argumento eu.

— É. Voltando ao Collie. Será que eu perdoar? — tenta ela de novo.

Minha letra na folha de exercício está quase ilegível, então eu reescrevo as palavras antes de dar uma resposta com a qual eu consiga viver.

— Perdoar Collie e aceitar ele de volta são duas coisas totalmente diferentes.

— O que você faria?

— Por que você está perguntando para mim, e não para Liz? — questiono.

— Eu já perguntei.

— E?

Heather encara a sra. Tindell, que está corrigindo exercícios, em vez de olhar para mim.

— Liz não confia no Collie.

— Pronto — digo, como se o assunto estivesse encerrado.

Apesar de tudo, eu ainda tenho um pouco de pena de caras legais que fizeram coisas idiotas, e não consigo simplesmente dizer “Não namora ele; o cara é um babaca”. Eu sou mais complexa do que a maioria dos caras entende, e eu sei que ele também é. Collie não é um demônio. Ele é egoísta. E idiota.

Mas eu também sou.

— Sabe do que eu preciso? — sussurra Heather.

De pais que amem você. De um A em psicologia. De caras que não traem você com suas amigas.

— Não — respondo.

— De um acampamento.

— Do quê? — Infelizmente, digo isso alto o suficiente para a turma toda ouvir.

— Desculpa, galera. — Heather abafa minha pergunta surpresa. — De volta aos exercícios. Foi só um pequeno surto psicótico.

A sra. Tindell sorri da piada de Heather, e todo mundo volta para suas folhas e canetas.

— Um acampamento — repete Heather. — E você também precisa de um. Pelo menos, você precisa de *alguma coisa* para se distrair do que anda deixando você tão fixada.

— Duvido muito — respondo.

— Vamos lá — implora Heather. — Vai ser divertido. Podemos passar a noite em claro e ficar nos assustando enquanto devoramos jujubas e refrigerantes.

Hum, tirando as jujubas e o refrigerante, ela está descrevendo uma noite típica na minha casa. Estou quase dizendo *De jeito nenhum* quando ela acrescenta:

— Por favor.

A profunda tristeza por trás dessas palavras me faz dizer:

— Vou pensar.

Liz adora a ideia quando Heather fala com ela no caminho para casa, mas Liz é louca por jujubas. E eu desconfio secretamente de que ela está preocupada com como Heather está se virando sem Collie.

— Não tem jogo de futebol americano na sexta à noite. Nenhum cara bonitinho para observar. O que a gente vai fazer, se não for isso? — pergunta Heather enquanto vira na minha entrada de carros.

— O que vocês duas sempre fazem nos fins de semana — digo.

— Bodee, fala para ela que ela precisa sair com gente — pede Heather.

— Hum... — começa Bodee.

Minha mão agarra o joelho da calça jeans dele como se fosse uma boia salva-vidas. Ele ergue minha mão, envolve com a dele e aperta o polegar contra o meu. É meu novo sinal universal para *Você está em segurança*.

Fico feliz de nem Liz nem Heather perceberem.

— Me convençam amanhã — digo enquanto saio do carro e bato a porta, isolando o cheiro de Paraíso de Baunilha.

Bodee e eu largamos nossos livros e entramos no bosque. Depois de subir até o último nível, não falamos nada. Em vez disso, relaxamos, compartilhamos a vista da janela e simplesmente ouvimos os sons do bosque. A chuva da noite passada, que eu não ouvi porque estava *dormindo*, murmura sobre as pedras do riacho. E as folhas que estão secando rodopiam na brisa, farfalhando pela clareira e crepitando sob os pés de uma criatura que não está à vista. Dois pássaros compartilham um galho na árvore em frente à nossa.

“Tika-tika-tika”, gorjeiam eles, como se quisessem nos lembrar de que é hora de voar para o sul.

Às vezes, quando ele está olhando a clareira e eu pareço estar olhando a clareira, estou olhando Bodee. Ele está parado, mas inclinado para a frente, como se o que está lá fora fosse melhor do que o que está atrás dele.

Aproveitamos cada segundo da luz do dia no forte. E voltamos para casa antes de alguém chegar.

Bodee coloca a mochila no ombro e diz:

— Dever de casa. — E desaparece no quarto extra.

Apoio os pés na grade da varanda da frente e penso em como nossa varanda é parecida com a da casa do Bodee. Será que todas as vezes que ele sobe esses degraus ele pensa na própria casa? Ele sofre pela mãe? Ou tem medo do pai? Eu me pergunto se ele considera nossa casa seu santuário ou se é apenas mais um lugar que o faz lembrar que a mãe está morta. Ainda estou tentando livrar minha mente do armário de remédios da sra. Lennox, da bagunça na cozinha e das fotos penduradas tortas na parede do corredor, quando minha mãe chega em casa com compras.

O jantar é mais uma oportunidade para ignorar Kayla e Craig. Um acompanhamento de ressentimento com minhas ervilhas e batatas. Eu me afasto na primeira oportunidade, e vou para o quarto fingir que estou fazendo o dever de casa. O closet está fora do meu campo de visão, me provocando com seu conforto; me implorando para buscar sua segurança. Afasto essa necessidade e termino o dever de casa.

Às dez e meia, apago a luz, finalmente obedecendo à desagradável voz interior que me diz para subir na cama e pelo menos tentar dormir. Passo pelo meu ritual: a arrumação elaborada das cobertas, virar a cabeça para o travesseiro, Binky, fechar os olhos. Como sempre, acabo virada de costas, tensa e a quilômetros de distância do sono. O teto atrai meus olhos como um ímã poderoso.

Eu pisco.

Com os olhos semicerrados e se ajustando à escuridão, eu não *vejo*. Procuro o abajur ao lado da minha cama.

A ventilação *sumiu*.

Uma capa de *Hatchet* esconde as 22 linhas e as 23 fendas.

E eu estou sorrindo e secando lágrimas repentinas. Porque ele colou seu único bem precioso, usando quatro pedaços de fita, sobre o local que eu quero evitar.

Um pouco depois de eu apagar a luz, minha porta se abre silenciosamente, e Bodee assume seu lugar protetor na cadeira perto da janela.

— Adorei — digo a ele.

— Achei que Gary Paulsen não ia se importar — diz ele.

— Não, acho que não. Obrigada — sussurro, e me pergunto quantas vezes vou dizer essa palavra para Bodee.

— Dorme, Lex.

— Você vai ficar?

— Um pouquinho.

Bodee é uma silhueta escura contra a janela. Ele levanta o polegar e, pela segunda noite seguida, eu me viro na cama, com os músculos relaxados e os olhos pesados. E deixo o sono tomar conta de mim.

## capítulo 17

Heather já está tagarelando sobre o acampamento quando eu e Bodee nos juntamos a elas no carro.

— Já falou com sua mãe? — pergunta ela antes de eu prender o cinto de segurança.

— Ainda não. Você está nessa? — pergunto a Liz.

— Eu não estava tão empolgada com a ideia, mas...

Liz deixa a conclusão no ar, e eu sei que isso significa que ela já deu um sim definitivo para Heather. O convite é tentador; um ano atrás, elas teriam ido acampar sem mim. O que me leva a dizer “não” são as (muitas) mentiras que eu vou ter que contar durante a “Conversa sobre garotos”, e não a estadia ao ar livre.

— Ela vai. Você vai. *Todo mundo* vai. Bom, exceto Bodee. Porque garotos não são permitidos. Não podemos falar de você, se você estiver lá — diz Heather, dando um sorrisinho rápido para Bodee por cima do ombro.

Bodee enfia o resto da barra de cereais na boca, mastiga e fica quieto. Ele olha pela janela. Nenhuma reação a essa informação, nem mesmo o rosto vermelho. Mas talvez ele suponha que elas já falam dele. Talvez já tenham falado tanto dele que não se incomoda mais.

— Então. Você vai — diz Heather de novo.

Heather Rolo Compressor achata minha resolução como a uma panqueca.

— Se eu topasse, onde seria esse acampamento? — pergunto.

— Não pode ser na *minha* casa — diz Heather.

Considerando que pode haver qualquer coisa, desde um laboratório de metanfetamina até uma *farmácia*, na garagem da Heather, nós concordamos totalmente.

— Ei, Lex, você tem um bosque — diz Liz.

— Ah, essa é uma boa ideia — diz Heather, e soa ensaiado demais. — E aí, o que você acha? Se sua mãe deixar.

Bodee não está mais olhando fixamente pela janela; está olhando para mim. A pergunta nos meus olhos está refletida nos dele: será que eu devo compartilhar o forte com elas?

— Acho que a gente pode montar uma barraca em algum lugar lá nos fundos — digo.

— Você não tem aquela coisa, tipo, casa na árvore, lá? — pergunta Heather. Na minha casa tem fotos minhas no forte. Tiradas no ano passado.

— É — respondo.

— Perfeito — guincha Heather. — Sério, Lex, é tudo o que a gente precisa.

— Meninas, fica muito longe do banheiro. — Heather não parece o tipo de pessoa que faz um buraco, mas, para o caso de esse não ser um motivo convincente, eu acrescento: — E, se vocês ficarem com medo, vão ter que atravessar metade do bosque para voltar. — Porque Heather parece ser do tipo medrosa.

— Você adora aquele lugar, né? — pergunta Liz. — E é seguro?

— Adoro, e sim.

— Ei, Bodee, ajuda a gente. Você já viu esse forte? — quer saber Heather.

— Para de pedir a ajuda dele — digo, um pouco mais bruscamente do que pretendia. — Toda vez que ele entra no carro, você pede para ele fazer isso ou aquilo.

— Lex, isso é muito importante, e você ouve o que ele diz — implora Heather.

Os lábios de Bodee se mexem, mas ele não diz nada.

É Liz que me faz mudar de ideia.

— E você acha que é um lugar especial — diz ela. — É tipo seu esconderijo, né? Depois do último fim de semana, todas nós precisamos de um

esconderijo.

Liz está certa. Como sempre. Mas não posso dizer que tudo bem até Bodee aprovar. Ele sorri, e eu rezo para que deixar as duas entrarem naquele lugar não mude o que ele significa para nós dois.

— Tudo bem. Só dessa vez — cedo e espero que isso as satisfaça pelo resto da semana.

Eu vivo entre as letras de música do Capitão e a presença gentil de Bodee até sexta-feira. Não me esqueci de um único detalhe do que aconteceu em julho, ao lado da piscina, mas, com o ar fresco do outono representando a mudança de estações no Tennessee, percebo que também há uma mudança em mim.

De triste para menos triste.

A batida na porta da sala de aula, na tarde de sexta-feira, à uma e meia, provoca outra mudança.

— Srta. Littrell, está sendo chamada na secretaria — anuncia o sr. Wingo para a sala de aula.

Meus colegas de turma, incluindo Hayden, que senta na parte de trás da sala de aula, prestam atenção. Eles sabem, assim como eu, que bons alunos só são chamados na secretaria por dois motivos: uma morte ou uma entrega. Em Álgebra II, no ano passado, uma garota descobriu que seu pai morreu caindo em um tonel de alguma coisa, na fábrica de papel. E, no meu primeiro ano, eles chamaram um garoto da aula de artes à secretaria porque o avô dele morreu. Fiquei feliz por ter estado ao lado do meu avô, no hospital, quando ele morreu, e não na escola, ouvindo a notícia pela secretária.

— Levo meus livros? — pergunto. Tradução: vou voltar para a aula de psicologia?

— Não, srta. Littrell, acho que não é necessário — responde o sr. Wingo com um sorriso forçado.

Deixo tudo como está e sigo o auxiliar da secretaria, um aluno do último ano, até o saguão de entrada. Não nos falamos.

Quando chegamos à secretaria, o auxiliar desaparece em um escritório e surge com um vaso cheio de rosas vermelhas. Não conto as rosas, mas o buquê parece ter custado o preço de uma parcela do carro da Kayla.

— São para você — diz o auxiliar, e me entrega o vaso, parecendo desconfiado. Ele me empurra as flores, de modo que eu quase deixo o vaso cair sobre nós dois.

— Cuidado — diz a sra. Peggy, a secretária, enquanto apoio o vaso sobre a mesa dela.

Procuro entre as florzinhas e a folhagem com espinhos e encontro o envelope branco que mal aparece na lateral do arranjo. Meu nome está escrito a caneta do lado de fora. Alexi Littrell, com um *T* faltando no Littrell. Erro da florista ou do remetente? Espero que seja da florista. Se você gasta o valor de uma parcela de um carro em uma coisa que morre em uma semana, o mínimo que você pode fazer é aprender a soletrar o nome da garota que vai receber.

Meus joelhos quase cedem de expectativa enquanto eu rasgo o envelope. Respiro fundo antes de tirar o cartãozinho e ler:

EU GUARDO TODOS OS MEUS PEDIDOS  
DE DESCULPAS PARA VOCÊ. — HAYDEN

O cartão cai da minha mão e flutua até o chão do escritório. Porque as palavras não são só palavras; são uma letra de música.

Maldito Hayden Harper... e CJ Schooler por escrever essa música.

Hayden Harper não pode ser o Capitão Letra de Música.

Mas e se for?

Não posso amar alguém em quem não confio. Posso?

Então estou com *ele* de novo.

A umidade do verão aquecendo minha pele e morcegos voando sobre a piscina, ao luar. As mãos dele baixando a alça do meu maiô até os cotovelos, seus lábios no meu pescoço nu.

— Você é linda. Como ela — sussurra ele. Confiança. Amizade. Uma forma de amor que surge com a familiaridade diária.

— Srta. Littrell, você me *ouviu*?

A voz da sra. Peggy faz o pesadelo sumir e eu percebo que ela está me olhando de cara feia por sobre o monitor do computador.

— Hein? — digo.

— Eu *disse*: nada de parar aqui. Pegue seu lindo buquê e volte para o quinto tempo de aula.

— Mas eu não quero o buquê — respondo.

Ou eu sou de Marte ou a sra. Peggy não consegue imaginar por que uma menina de 16 anos não quer ganhar rosas.

— Bom, você *não* vai deixar as flores aqui. Agora sai — diz ela.

Já recebi flores do meu pai no meu aniversário, mas nunca uma dúzia de rosas. Nunca esse tipo de extravagância. O vaso acaba nos meus braços com algumas pétalas macias no meu rosto. São muito bonitas, mesmo. Mais claras que as rosas comuns; um vermelho meio desbotado, como a bandeira americana depois de ser exposta ao tempo. Ou o cabelo sabor cereja do Bodee, no fim do dia.

Achei que Hayden estava me evitando, depois do nosso confronto na fila dos nachos. Mas, se ele for o Capitão, ele não estava me evitando de jeito nenhum. Ele apenas continuou se comunicando de uma forma que eu evidentemente adoro. E me dando tempo. Eu gosto disso.

E agora ele está me amaciando com flores.

Penso no que o Capitão escreveu. Lembro das letras da primeira semana, do Stonewalls e do Modern Beatniks. E na quinta-feira ele escreveu:

VOCÊ É A SOMBRA E RAIOS DE LUZ. UM QUARTO ESCURO,  
BRANCO E PRETO. E VOCÊ ACHA QUE EU SOU UM SEGREDO.

Então, hoje minha resposta foi:

*Mas você me conhece tão bem, você sabe. Minha verdadeira  
identidade.*

Ai, meu Deus. Será que o momento foi planejado? Para eu ter que escrever *essa* letra no dia em que recebo rosas?

Quando volto à sala de aula, passei o tempo todo pensando que Hayden é o Capitão e nenhum tempo pensando no fato de que ele está nessa aula comigo. Eu me pergunto se ele deu uma gorjeta para a florista para entregar as flores durante o quinto tempo de aula, para ele poder ver minha reação.

Então, o que eu faço em relação ao pedido de desculpas? E à generosidade dele?

Encontro uma lata de lixo?

Uma rejeição nesse nível é perigosa. Se ficar irritado o suficiente, ele ainda pode decidir descontar no Bodee. E, se Hayden realmente *for* o Capitão, isso muda tudo. Esse tipo de pensamento em espiral me leva à única opção possível. Andar de volta para minha carteira como se eu recebesse uma dúzia de rosas todo dia, e tentar adiar tudo até eu saber o que fazer.

Eu provoco um espetáculo.

Palmas dispersas, pés batendo no chão, algumas meninas fazendo “oohh” e “aahh”.

Ray dá um soco nas costas do Hayden, como um pai orgulhoso. Quer dizer que ele também está nessa? Hayden, em uma Escala de Convencido, de um a dez, está chegando pelo menos a cem. Dou um sorrisinho para ele, coloco o vaso ao lado da minha mesa e sento.

Maggie me dá um tapinha no ombro.

— São tão lindas — diz ela, e eu vejo que ela está tentando descobrir *quem*.  
— Queria que alguém me mandasse flores.

— Talvez alguém mande — digo, porque é muito cruel dizer para Maggie que suas práticas de namoro não levam a rosas.

— Provavelmente não — diz ela. — São do Dane?

— Hayden.

— Uau, garota, você está *rodada*.

Estou pensando a mesma coisa sobre ela, mas não digo.

Por fim, o sr. Wingo restaura a ordem acenando com folhas de exercício, como uma ameaça.

E, quando a aula termina, as flores e eu saímos voando da sala antes que Hayden me alcance, mas eu sei que está chegando a hora de encarar a música.

Literalmente.

Consigo sobreviver ao sexto tempo de aula e à campanha final. E encontro Bodee esperando nos canteiros perto da porta da frente.

Seu rosto faz uma coisa curiosa quando ele me vê carregando toda aquela floricultura até o carro.

— Bonitas — diz ele.

Dou de ombros, e meu desejo é que a gente estivesse indo a pé para casa, embora, vestindo apenas uma camiseta, Bodee fosse congelar.

Heather e Liz aparecem de braços dados e com as cabeças inclinadas como se fossem coladas pelo cérebro. Quando veem as flores, guinchos que fariam inveja a porcos ecoam pelo asfalto.

— Ai. Meu. *Deus* — diz Heather.

— Acho que você sabia disso.

— Está brincando? Hayden contou para todo mundo na mesa do almoço — diz Liz. — Não *por quê* — garante ela —, só que ele ia mandar flores para você. — Ela envolve com as mãos uma flor especialmente grande e inspira. — São lindas, mas não tenho certeza de que flores compensam a noite de sexta-feira.

Não, não compensam. E ela nem sabe a história toda.

— Ah, Liz — diz Heather, sentando ao volante. — Você normalmente é a doida do perdão. E todo mundo erra. O modo como as pessoas compensam os erros é que conta.

Diz a garota que terminou com Collie por ele ser honesto.

— Você é que tem problemas para perdoar — diz Liz para Heather.

— Por um bom motivo — diz Heather.

— Flores não fazem você esquecer — diz Bodee enquanto equilibramos o vaso entre nós, no banco de trás.

Acho que ele está se lembrando de todos os arranjos no funeral da mãe, e eu mostro meu polegar para ele.

— O que diz o cartão, Lex? — pergunta Heather.

— Que ele está arrependido.

— Só isso? Ouvi o que ele disse para a florista, e devia ser uma música. Eu estava bem ao lado quando ele fez o pedido — comenta Heather.

Droga. Então foi Heather que fez ele mandar as flores? O que mais ela fez ele fazer?

— Acho que eu desvendei *um certo mistério* — diz Heather, tão contente consigo mesma que bate no volante com força suficiente para buzinar. E destruir minhas esperanças.

— Não acredito nisso — diz Liz.

— Pode acreditar, baby. Cer-te-za agora. Hayden é o Capitão — se gaba Heather com um sorriso orgulhoso no espelho retrovisor.

Eu queria poder ver o rosto do Bodee, mas as flores estão entre nós, e não consigo espiar sem ser óbvia. Não acho que ele esteja feliz.

— *Você* acha que é o Hayden? — me pergunta Bodee.

— Não — respondo.

Bodee, sendo Bodee, provavelmente vai perceber a incerteza na minha voz, mas ele é legal o suficiente para não falar nisso na frente da Liz e da Heather.

## capítulo 18

Coloco as flores na bancada da cozinha, e Bodee e eu vamos para o balanço na varanda da frente. Temos pelo menos duas horas juntos antes de Heather e Liz voltarem para levar as coisas para o bosque.

— Está friozinho — comento.

— Um friozinho gostoso — acrescenta Bodee.

— Você vai ligar para aquele advogado, sobre o depoimento? — pergunto. Ele fica em silêncio.

— Se você me ajuda, eu também ajudo você — digo.

— Tudo bem — diz ele, e mastiga o colarinho da camiseta. — Mas não hoje.

Aceito sua trégua com um aceno de cabeça. É preciso tempo para criar coragem. E nenhum de nós tem tido tempo suficiente.

O ar frio do outono e o sol se pondo deixam meus braços arrepiados. Eu me encolho ainda mais, pensando na sra. Lennox e em como eu gostaria de ter conhecido ela melhor, até perceber que Bodee parece estar sentindo frio, só de camiseta.

— Eu já volto — digo e corro até o quarto extra para pegar a camisa de flanela no closet dele. Fazer alguma coisa por ele, depois de ele ter sido tão compreensivo, é um prazer para mim.

A barraca dele não está no local onde eu guardei, na noite em que ele se mudou para cá, mas vejo uma pilha bem-arrumada das nossas caixas de Natal no fundo do closet. Exceto pela cama e pelo brinco de diamante da mãe dele, brilhando sobre a mesa, nosso quarto extra parece intocado; parece que

ninguém mora aqui. Tem alguma coisa muito militar no modo como Bodee vive, mas acho que ele passou por mudanças suficientes desse jeito.

Controlado e quieto, como o próprio garoto.

Meu quarto — os prendedores de cabelo largados, os sapatos jogados longe e três dias de roupas espalhadas sobre cesto de roupa suja — deve deixá-lo maluco.

Estou me intrometendo no espaço dele, sem querer, então saio correndo e desço as escadas e atravesso a casa para dar a camisa a ele. Bodee fica meio cor-de-rosa com minha preocupação.

— Obrigado, Alexi.

— É o mínimo que eu posso fazer — digo.

O tempo passa. A primeira hora e, depois, a segunda. Heather e Liz vão chegar logo, e eu consegui não dizer nada importante.

— Hum, Bodee, o que você vai fazer hoje à noite?

— Ray me chamou para comer pizza e jogar Xbox.

— Ray *da Liz*? O *ex-Ray* da Liz?

— É. Você está surpresa — diz ele.

— Bom. Um pouco. Não achei que você e Ray tivessem muita coisa em comum.

— Não temos. Tenho certeza de que Liz obrigou ele a fazer isso. Ela se preocupa comigo. — Ele encolhe os ombros e sorri ao mesmo tempo; um olhar que eu passei a entender. Traduzido, significa que ele tem certeza de alguma coisa que a maioria das pessoas não entende. — Eu deixo os adultos nervosos, e Liz é meio adulta. Na verdade, acho que não só os adultos.

— Eu não.

— Você não.

Bodee com Ray pelado me deixa nervosa, mas não vou falar para Bodee que não quero que ele vá. Especialmente não hoje à noite. Vai ser bom ele ter um amigo, e quem sou eu para dizer que não pode ser o Ray? Bodee tem a intuição de um profeta; se Ray for ruim para ele, ele vai saber.

— E depois do Xbox? — pergunto, querendo ter enfiado as caixas de Natal debaixo da cama. Não quero que ele fique debaixo da cama. — Você vai ficar

bem, sozinho lá em cima? — A pergunta parece idiota no instante em que sai da minha boca.

— Está preocupada comigo ou com você?

— Os dois — admito.

— Vem comigo — diz Bodee, e se levanta, estendendo a mão.

Nossas mãos se unem, e a dele é quentinha ao redor da minha mão fria.

Quando chegamos ao escritório, ele me dá um tapinha de leve e diz:

— Já volto.

Do alto do mezanino, perto do seu quarto, ele me joga seu saco de dormir.

— Achei que podia ajudar.

É macio e tem cheiro de Bodee, o que significa, basicamente, o cheiro do seu sabonete e do pó de Ki-Suco. Aperto o saco de dormir contra o rosto e o peito.

— Você está preocupada com hoje à noite — diz ele.

— Eu adoro as duas, mas às vezes é difícil...

— Mentir com tanta frequência — termina ele.

— É. Não que eu tenha a intenção ou queira mentir, mas elas não podem saber — digo.

— Por que não?

— Vai mudar tudo.

Bodee desce os degraus até estar bem na minha frente.

— Algumas coisas *precisam* mudar, Lex.

— Não desse jeito.

Ele se senta no degrau mais próximo, e os joelhos esfarrapados de sua calça - jeans se rasgam quando ele esfrega as mãos ali.

— Se fosse eu...

— Não é.

— Mas, se fosse — Bodee aumenta o buraco na calça jeans —, você ia querer que eu contasse?

Eu o impeço de puxar os fios da calça, e ele estala os dedos.

— Ia — respondo, porque ele é a única pessoa para quem eu não mentiria.

— Mas é diferente. Se eu contar, a vida de uma pessoa acaba; ou, pelo menos,

muda radicalmente, e eu não posso fazer isso. E eu não preciso que todo mundo sinta pena de mim.

— Ah, tipo o que as pessoas diriam na escola: aquela é a garota que... — Ele se levanta e recua um degrau. E depois mais um. E outro. — Tipo eu sou o garoto que o pai matou a mãe? Sabe, Lex, eu não seria esse garoto se eu tivesse contado para alguém, *para qualquer pessoa*, muito tempo atrás, que meu pai machucava a gente.

Agora eu quero devolver para ele o saco de dormir e envolvê-lo.

— Eu sei que parece a mesma coisa, mas não é — digo, por fim.

Meu agressor nunca vai machucar mais ninguém. Ele é bom e decente, e eu fui um consolo conveniente no que ele achava que era a pior noite da sua vida. Isso não melhora o que aconteceu *comigo*, mas eu sei que o torna diferente do pai do Bodee.

— Você está errada — diz ele. Bodee se recosta na grade da escada e abaixa a cabeça; ele se encolhe e cobre a passagem. Ele parece grande, como naquela noite com Hayden, mas, mesmo assim, seu fardo o ofusca.

— Não importa. Não vou falar.

— Lex, se ele olha você nos olhos todos os dias, como eu acho que faz, e ele não consegue *ver* o que eu estou vendo... ele não é tão diferente do meu pai. As pessoas não nascem monstros; eles se tornam.

— E você também vai enfrentar *seu* monstro? — pergunto.

— O assunto não sou eu — diz ele. Mais um passo. Para longe de mim.

— Você disse que era. Foi você que falou do seu pai.

— Só porque eu acho que o jeito que você está engolindo tudo isso está funcionando como um veneno em você. Um veneno que eu já provei e testei.

— Bom, a gente conversa depois que você for ao depoimento.

Bodee se senta no último degrau, mas agora existem cem degraus entre nós, e não dez. Eu me arrependo de forçar a barra com ele, mas ele não está mais preparado para falar do que eu.

Se Bodee está com raiva, isso só transparece na linha rígida do seu maxilar quando ele se levanta de novo e estala os dedos. Ele vira em direção ao próprio quarto, mas para e diz:

- Vou estar no bosque hoje à noite, se você precisar de mim.
- Perto do forte? — Será que ele percebe que estou torcendo que sim?
- À distância de um grito.

Seis horas, uma pizza grande e dois pacotes de jujuba depois, ainda não precisei gritar. Liz, Heather e eu estamos sentadas de pernas cruzadas sobre o saco de dormir do Bodee, e já falamos sobre tudo... *exceto* sobre os garotos que nos fizeram ir para o forte.

- Está bem, então. Quem começa? — pergunta Liz.

Nós sabemos o que ela quer dizer, mas eu me levanto para trocar o tubinho de propano da nossa segunda lamparina.

— Achei que a gente tinha decidido só falar sobre a escória da terra depois de meia-noite — diz Heather. — Você sabe, na Hora Escrota.

Liz dá um tapinha em seu relógio azul e sorri.

- Falta pouco.

— Já que você está tão preparada, vamos começar com o Ray — diz Heather.

A menção ao Ray me lembra que Bodee passou a noite com ele. Os dois certamente já pararam de jogar no Xbox agora. Como meus pais não dormem muito tarde no fim de semana, já devem estar roncando neste momento. E Bodee escapou para a escuridão da noite. Para o bosque.

Volto ao meu lugar entre as duas e decido testar a teoria do Bodee sobre Liz.

- Você sabia que Ray estava com Bodee hoje à noite?

Liz apoia a cabeça no meu ombro.

- Eu posso ter sugerido isso — diz ela.

- Por quê?

— Os jogos fora de casa têm sido muito difíceis para o Ray, desde que ele se machucou. Não viajar com o time e tal. Achei que isso poderia distrair a cabeça dele do jogo. E acho que Bodee é bom para ele.

— Você não vai superar o Ray se não parar de proteger o cara — diz Heather, e joga outra jujuba na boca.

— A gente terminou. Eu não odeio o Ray — diz Liz. — Ele é um cara legal, Heather; só não fomos feitos um para o outro.

Ray Johnson pelado. Estou a ponto de dizer para meu cérebro parar com isso, quando Heather fala:

— Não de acordo com a Alexi. Ela faz uma careta, como se estivesse com hemorroida, sempre que ele está por perto.

— Não faço nada — digo.

— Você definitivamente torce o nariz.

— *Não* torço — insisto, mas sei que estou torcendo o nariz enquanto falo.

— Você faz isso um pouco, sim — diz Liz. — Então fala logo: do que você não gosta no Ray?

Eu rio e digo:

— Eu gosto do Ray.

Não posso dizer para elas que toda vez que eu penso no Ray, um coro canta na minha cabeça: Eu já vi ele pelado. Eu já vi ele pelado.

E Liz não viu.

— E Collie? — me pergunta Heather. — Vocês eram tão amigos, e agora você faz essa cara de hemorroida com ele também.

— Eu não tenho uma cara de hemorroida. E Collie e eu ainda somos amigos.

— Não como antes. Caramba, Lex, eu passei a maior parte do nosso namoro achando que vocês dois iam acabar juntos. Eu tinha medo de ele me deixar para ficar com você.

— *Até parece* — digo, balançando a cabeça.

Estou muito surpresa de Heather achar que tinha alguma coisa entre mim e Collie. Além dela, claro. Porque a maior questão da minha amizade com Collie, exceto no ensino fundamental, era ajudar a planejar como fazer Heather se apaixonar por ele e como não agir nem um pouco parecido com o pai imbecil dela.

— Lex, você sabe com quem ele transou? Se ele contou para alguém, foi para você — diz Liz.

— Desculpa. — Balanço a cabeça e agradeço a Deus pelas minhas aperfeiçoadas habilidades de mentir; um traço que eu tenho certeza de que Ele não gosta. Espero que Ele não me cobre pelas mentiras de uma vez só, porque

eu sei exatamente com quem Collie dormiu e quando. Sei desde a noite do amistoso de futebol americano dos ex-alunos.

— Nada? Ele não falou nada para você? — pergunta Heather.

— Eu sei que ele está muito arrependido e quer você de volta — digo.

— Não aceita ele de volta, Heather. Pelo menos até ele provar que mudou — implora Liz. — Você não quer um cara que pode ficar como seu pai. Um *quarterback* de futebol americano acabado, drogado ou bêbado o tempo todo. Você precisa de alguém que seja... — Há uma lista, como o anuário do ensino médio, que eu quase vejo Liz repassar, antes de dizer: — Um cara como Bodee.

Engulo a jujuba sem mastigar. Heather não ri como eu achei que ela fosse.

— Você não quer nada com Bodee — digo a ela.

— Hum, bom. Eu gosto do sorriso dele, e daquele cabelo maluco e fofo. Você tem que admitir: aquele jeitinho tímido, tem seu charme.

— Bom, você não é tímida — digo, tentando manter meu tom equilibrado.

— *Você* não quer o cara — argumenta Heather. — Vocês são só amigos, como você fica dizendo para a gente o tempo todo. E, além do mais, você acabou de ganhar um buquê de cem dólares do Hayden que diz que ele quer você.

— Lex, você tem que admitir: Bodee é muito melhor para ela do que Collie.

— Bom, é, mas vários caras da escola também são. E Collie não é como o pai dela. Ele só cometeu um erro.

— Um erro. — Heather saiu do saco de dormir. Ela anda de um lado para o outro do forte como uma advogada esperando a decisão do juiz. — Ele *transou* com alguém.

— Os caras são assim — argumento. — E ele provavelmente estava bêbado. — Pelo menos um pouco, pelo que eu me lembro. Ou mais que um pouco. E muito triste.

— Esse é um problema tão grande quanto o erro — diz Liz. — Eu realmente fiquei aliviada quando Ray não pôde jogar futebol americano nessa temporada. Alguns desses caras bebem demais.

Heather não voltou para o saco de dormir, mas está parada e ouvindo.

— E é por isso que eu não quero Hayden — digo. — Número um, ele é jogador de futebol americano. *Jogador*. Acho que aprendi a lição com vocês. Número dois, ele bebe. Acho que aprendi essa lição mais ainda.

— Verdade — diz Liz, olhando alternadamente para mim e para Heather. — Mas não é porque eles jogam futebol americano. Não exatamente. Quer dizer, Ray é um cara legal. Só não é para mim.

— E Hayden é diferente — diz Heather e senta de novo. — Ele não é fofo como Bodee, mas é um cara muito legal. Nenhum dos nossos namorados, *ex-namorados*, jamais pensou em mandar cem dólares de rosas para nós.

— E daí? Só quer dizer que o papai deu um cartão de crédito para ele — digo.

Liz coloca uma das mãos no joelho da Heather e a outra no meu.

— Mas vocês estão se esquecendo de um fato importante.

— Qual? — perguntamos eu e Heather ao mesmo tempo.

— Ele provavelmente é seu Capitão Letra de Música. Supondo que Heather esteja certa.

Heather faz que sim com a cabeça, como se esse assunto já estivesse resolvido.

— Por que vocês duas estão tão empolgadas em pensar que ele é o Capitão? Eu não consigo imaginar Hayden Harper cantarolando *Midsouth Hyatt*.

— Nem eu — concorda Heather —, eu só sei que ele ligou para a florista e, quando ela perguntou o que escrever no cartão, ele virou para mim e disse: “Tenho que usar uma música.”

— Você falou para ele o que dizer? — pergunta Liz.

— Está brincando? A mulher da loja que sugeriu — explica Heather.

Ótimo. Uma mulher de 30 anos escolheu o pedido de desculpas do Hayden. Que romântico.

— Hayden como Capitão. Não é absurdo. Quando foi que ele terminou com a Janna?

— Na última semana do verão — digo baixinho.

— E quando foi que você começou a receber as letras de música?

— Na primeira semana de aula — respondo. Eu já fiz esse cálculo. Já cheguei a essas conclusões.

— Ele me contou, na sua festa depois do jogo de ex-alunos, antes de tudo dar errado com Collie, que você era uma das metas dele para esse ano — diz Heather.

Se isso for verdade, muita coisa aconteceu naquela festa. Muita coisa.

— Mas por que você quis me juntar com o Dane primeiro? Se Hayden gostava de mim do jeito que você está falando?

Heather morde o lábio inferior e depois me responde, com um sorrisinho de compaixão.

— Tudo bem. Acho que não vai doer se eu contar agora. Hayden perdeu no jogo de cara ou coroa. Uma coisa de futebol americano que eles fazem quando dois caras gostam da mesma garota.

— Eles jogaram uma *moeda* — digo, enquanto minha agitação se transforma em raiva. — Sou eu que decido com quem eu vou sair.

Liz, sempre sensível, normalmente correta, diz:

— Mas, Lex, você nunca diz *não* para ninguém. Pensa nessa coisa da Heather com Bodee. Você podia estar de quatro pelo cara, mas ia aceitar, pelo bem da Heather ou, talvez, do Bodee.

Eu esperava um anestésico, mas Liz está esfregando álcool e palha de aço. Mordendo o interior da minha bochecha, eu me pergunto se ela percebe com que frequência eu tenho que mentir para esconder meus sentimentos, e descubro que não sei o que dizer.

— Mas você não está, né? — pergunta Heather.

— Não estou o quê? — rebato.

— De quatro pelo Bodee.

— Hum, não.

Nós dois compartilhamos um quarto platônico, uma ventilação de ar e uma capa de livro surrada. Isso não é amor, não no sentido de estar de quatro.

— Então eu acho que... vou pedir para ele sentar na mesa da frente, na segunda-feira, e ver o que acontece — diz Heather.

Liz finge estar chocada e abana o próprio rosto.

Eu digo:

— Faz isso. E, se *Collie* um dia mandar um buquê de cem dólares para você, o que acontece com Bodee?

— Ah — diz Heather.

— Ela está certa — diz Liz. — Bodee não é um brinquedinho. Ele não é um substituto. Ele é legal demais para magoar.

— Mas eu não ia fazer nada de propósito. — Heather estremece e pergunta: — Onde estão as jujubas de ursinho? — Ela vasculha a sacola de suprimentos, puxando coisas para a direita e para a esquerda, enquanto eu imagino Bodee grudado na Heather pelos lábios.

Eu me encolho ao pensar nisso. Heather, de marca famosa, e Bodee, simples e genérico. Heather, que fala tudo o que pensa, com Bodee, que só fala a verdade.

Eles se tocando.

*Eles se beijando.*

Eu preferia ver Bodee com Liz antes de vê-lo com Heather.

Mas beijando uma das duas? Não quero pensar em como Bodee beija uma garota. Nem no que *Heather* pode pensar sobre como ele beija.

Mas eu penso. Ele seria inseguro? Intenso e apaixonado?

Talvez uma combinação dos três.

— Tudo bem, qual de vocês comeu todos os amarelos? — resmunga Heather, segurando o pacote de jujuba de ursinhos para nos mostrar os restos. Verde. Laranja. Vermelho. As cores do cabelo do Bodee. Ela arranca a cabeça de um ursinho verde com os dentes e diz: — Você está certa sobre Collie. Eu nunca vou me esquecer dele.

— Se ele pedisse desculpas, você aceitaria ele de volta? — pergunto e roubo um ursinho vermelho.

— Lex, ele *pediu desculpas* quando me contou. Caramba, ele até... *chorou*. Mas...

Liz estende a mão e segura a da Heather quando a voz dela começa a tremer.

— Ele me contou esse *segredo* horrível depois... depois que nós *dormimos* juntos. No meu carro. Muito romântico, né?

Heather baixa a cabeça; lágrimas escorrem pelo seu rosto, enquanto ela mastiga o resto do ursinho tão devagar que eu mal vejo seu maxilar se mexendo. O queixo da Liz, por outro lado, não cai como eu achei que cairia. Ela só assente para essa bomba secreta que Heather jogou sobre nós.

Eu sei do que Heather precisa, então eu a puxo para mim até meu queixo estar apoiado no cabelo dela. Heather chora, mas algumas frases reconhecíveis escapam entre seus soluços. Frases que eu poderia ter escrito.

“Sou muito idiota” e “Doeu” e “Eu achei que ele gostava de mim”.

Liz chega perto, abraçando nós duas. E depois ela diz a única coisa que eu nunca esperei ouvir.

— Eu *sei*, Heather. Eu dormi com o Ray.

Somos um montinho de corações partidos.

## capítulo 19

Quando nos afastamos, Heather pergunta:

— Quando, Lizzie?

— Ano passado. Depois que aquele menininho morreu. Você lembra...

Heather cobre a boca com a mão, mas não censura a melhor amiga por ter escondido a verdade por mais de um ano.

— Foi por isso que eu tentei tanto avisar para você não dormir com Collie — explica ela. — Meu Deus, eu me senti tão culpada. Então você dormiu com ele depois do baile da escola?

Heather fecha os olhos para responder.

— Ele andava tão estranho. Aí eu pensei, bom, eu pensei que se a gente finalmente fizesse, depois de tanto tempo esperando, tudo ficaria... normal de novo, sabe? Mas depois, logo depois, ele me contou que eu não era a primeira. Que, no verão, ele tinha dormido com... com uma garota.

— Ah, meu bem, sinto muito mesmo. — Liz acaricia as costas da Heather.

Fico chocada de me ver nesse novo tipo de amizade de abraçar-e-compartilhar com Heather e Liz.

Mas elas não perguntam sobre minha vida sexual, e eu não me ofereço para falar. Que elas tirem suas conclusões.

— Ah, Lex, você deve achar que nós somos horríveis — diz Liz. — Que eu sou uma hipócrita.

— Não — digo. *Ela* não é a hipócrita.

— Somos idiotas, isso sim — diz Heather.

— Não, vocês *não* são idiotas. Só normais. Infelizmente, várias garotas dormem com caras e se arrependem — digo. É triste, mas pelo menos foi uma escolha delas, não algo que elas foram obrigadas a fazer.

— Verdade, e isso é uma droga. Uma droga mesmo. Fico feliz por você ser mais esperta que a gente — diz Heather.

É. Essas mentiras, embora sejam muito fáceis de contar, são difíceis de conviver.

— Eu não tenho namorado — digo —, então não lido com as mesmas pressões.

— Mas vai lidar. Hayden começa a *cantar* para você, ao vivo, em vez de escrever na sua carteira, e aí pode ser você chorando no forte — diz Heather. — Se você não tomar cuidado.

Prefiro chorar no closet.

— Não se preocupa, *Hayden* não vai cantar para mim.

— Olha, Lex, eu realmente acho que sim. Que ele é o Capitão, quer dizer. Talvez você só precise tomar coragem e perguntar para ele.

Liz limpa o rímel com a parte interna da camiseta. Parece aquarela preta em seu rosto pálido.

— Nada *disso*, Heather, ela não pode fazer isso. Não é romântico. Nós duas namoramos atletas sem um toque de romantismo no corpo, mas eles não eram o Capitão. Se Hayden *for*, essa é uma daquelas verdades que ela simplesmente tem que descobrir.

— E como eu faria isso?

Heather olha para Liz como se isso fosse óbvio.

— A gente podia planejar alguma coisa. Um encontro ou coisa parecida.

— *Festa* — corrige Liz. — Vamos fazer uma festa.

— Eu odeio festas — digo, e estremeço ao pensar na de julho.

— Mas você não pode odiar uma festa a fantasia — diz Liz, empolgada. — O Halloween está chegando.

— Isso! — acrescenta Heather, gostando da ideia.

Evidentemente, o período de gestação de uma má ideia é de cerca de dez segundos. Assim que um vislumbre é concebido, ele vira um *plano* completo,

escrito-nas-estrelas-e-mágico-entre-amantes-e-fantasias. Minha cabeça ainda balança de um lado para o outro, dizendo não, mas elas não parecem perceber. Ou se importar.

Um ruído. Um ruído de passos. Ao longe.

Coloco um dedo sobre os lábios para calar Heather e Liz. E escuto.

Outro ruído de passos.

Alguma coisa ou alguém está por perto. Revelado pelas folhas mortas que estalam no silêncio. E o ruído é alto demais para um animal.

Com cuidado para não fazer barulho, diminuo a luz da lamparina mais próxima de mim e vou até o canto da janela para espiar. Pode ser Bodee, mas eu não digo isso para Heather e para Liz.

Depois eu ouço um risinho.

Bodee não dá risinhos.

Heather se encolhe mais perto da Liz.

— O que é? — sussurra ela.

— Tem alguém lá fora.

Quando fico em silêncio, totalmente em silêncio, eu ouço tudo no bosque. Noto até mesmo as coisas que normalmente são inaudíveis. Como o solo sendo esmagado por um sapato. Mas eu mal consigo ouvir qualquer coisa agora, exceto a respiração ruidosa da Heather.

— Shhh — sussurro eu, acenando a mão para elas.

Heather e Liz puxam o saco de dormir do Bodee até o queixo.

— Está tudo bem — digo, mas elas não acreditam até ouvirmos uma voz masculina levemente bêbada.

— Ah, lindas *Julietas*... — risinho — desçam. Seus Romeus *aguardam*.

Mais risinhos.

— É o Collie — dizem Heather e Liz juntas.

— Juro por Deus, se eles estavam ouvindo... — diz Heather.

Ah, *não*. Isso não pode ser bom. Os caras, os caras do *sexo*, invadiram.

Agarro a lamparina e Liz pega o saco de dormir do Bodee, enquanto descemos nos arrastando, uma mão após a outra, seguindo Heather até o chão. Levanto a lanterna para ver melhor e enxergo quatro rostos conhecidos. Um

com um sorriso radiante, e dois que parecem um pouco nervosos. Hayden, Ray e Collie. E, meio passo atrás da linha “ofensiva” da Rickman High, Bodee; seu rosto está indecifrável quando ele me olha.

Como um duelo, com nós três alinhadas ao pé da escada.

— E como vocês, meninas, estão nesta linda noite de outono? — pergunta Hayden em um tom ridiculamente alegre.

— Estávamos bem — respondo, quando Heather e Liz ficam em silêncio. *Estávamos.*

— O que vocês estão fazendo aqui? — pergunta Liz, indo direto ao assunto, e eu percebo que ela está mais desconfortável do que empolgada.

— Nossas mulheres... — diz Collie.

— *Ex*-mulheres — lembro a ele.

— Nossas *mulheres* — Hayden continua a frase do Collie e, mesmo com pouca luz e muitas sombras, eu vejo o sorrisinho — estavam acampando, e nós queríamos... garantir que vocês todas estavam em segurança.

*Em segurança.* Até parece.

Pelo que estou vendo, o nível de álcool no sangue do Collie pode estar bem acima dos limites, como tem estado desde que Heather terminou com ele.

Por que Bodee está com esse grupo?

— Estamos ótimas — respondo.

— Nós não — diz Collie. — A gente — risinho — se perdeu.

Hayden olha para mim como se precisasse de um pouco de ajuda para controlar o amigo bêbado.

— Olha, Lex, a gente pode ficar um pouco? — Ele aponta para Collie, que está balançando sobre os pés. — Ele não parou de falar sobre Heather e o forte desde que descobriu, pelo Ray, que vocês iam acampar hoje à noite.

— Bom, hum — digo, mas Hayden já está com o pé na escada, mostrando o caminho.

Ray vai logo atrás, e Liz olha para mim e dá de ombros, como se a gente pudesse aguentar essa invasão. Fico parada ali, como um pinheiro cortado, enquanto Heather e Liz vão para a escada atrás deles.

— Você vai garantir que eles não destruam o lugar? — pergunto para Bodee, já que Hayden está com metade do corpo pendurado para fora da janela, e Ray está uivando para a lua como um lobo.

Bodee responde entre dentes:

— Desculpa, foi uma situação tipo mantenha-seus-inimigos-mais-perto.

Isso deixa Collie, a lamparina e eu ainda no chão. Não tenho certeza do que fazer com Collie, que não está em condições de subir 6 metros.

Tonto de tão bêbado, ele oscila em direção à escada, tropeçando nos próprios pés. Antes que eu consiga sair da frente, todo o seu 1,90 metro e seus 88 quilos caem em mim. A lamparina voa da minha mão e, desequilibrada, caio no chão.

O corpo dele, como um peso morto, desaba em mim, me pressionando contra o chão, me sufocando. Estou esmagada e cega pelo Collie e pelas sombras escuras provocadas pelo forte. Todas as partes dele me tocam. Acidentalmente, e depois de propósito. Suas mãos, seu hálito quente, seus lábios no meu pescoço... estou congelada. Um grito fica preso na minha garganta e não sai.

Não tenho voz.

— Heather — murmura Collie. — Eu te *amo* — diz ele, e começa a me beijar. — *Heather*.

Estou levemente consciente das vozes quando a lamparina no andar de cima lança um brilho fraco sobre nossos membros entrelaçados.

O som do nome da Heather me liberta do pânico.

— *Não sou a Heather* — resmungo, me esforçando para empurrar Collie. Ele sai de cima de mim quando os outros chegam ao solo, embolados como bombeiros a caminho de um incêndio.

Collie sacode a cabeça para ver melhor e olha de mim para Heather, que está parada, rígida, perto da escada, com as mãos nos quadris. E ele percebe o erro.

— Amor — ele ainda está de joelhos —, achei que ela fosse *você*. — Ele pisca para o rosto sério da Heather. — Eu amo você. Vim aqui para dizer que eu *amo você* — implora ele.

— É verdade — concorda Ray.

Eu me levanto com dificuldade, com os cotovelos nos joelhos, enquanto seguro as lágrimas. *Crack. Crack. Crack.* Bodee está estalando os dedos para não socar a cara do Collie. Ele se aproxima e me ajuda a levantar.

— Estou bem — digo a ele. — Ele só tropeçou e caiu em mim.

— Caiu em você com a droga da boca? — Heather cospe as palavras.

Não sei dizer quem Heather está acusando. Collie. Ou eu.

— Heather, ele está muito bêbado — diz Liz. — E, no escuro, você e a Lexi meio que se parecem.

Heather me lança um olhar furioso. Definitivamente *furioso*.

— Não — diz ela —, a gente não se parece *tanto*.

Mas Collie está balançando a cabeça como um idiota.

— Ei, espera aí! — A voz do Hayden interrompe a tensão que vai aumentando. — A gente veio aqui para pedir desculpas, não para piorar as coisas. Só porque esse palhaço não consegue ficar em pé e diferenciar vocês duas quando está bêbado, não significa que as coisas precisam se complicar. Se alguém devia estar irritado, esse alguém sou eu. Nenhum de vocês está namorando agora.

— Nem nós dois — murmuro.

Sinto a reação do Bodee, cada músculo flexionado, e me pergunto o que ele está pensando.

— Sou eu que vou complicar as coisas — uma nova voz ecoa pela clareira.

— Venham aqui, vocês todos — grita ele para os meninos. — Vocês três. Aqui fora. AGORA.

— *Treinador* — gritam os três jogadores ao mesmo tempo.

## capítulo 20

Craig ainda está usando o casaco da Rickman e as calças cáqui do jogo. Já perdi a conta de quantas vezes o vi vestido assim, mas nunca vi essa expressão. Raiva e empatia por seus jogadores, nenhuma das duas emoções vencendo a outra.

— Treinador — diz Ray. — A gente só estava...

— Indo embora — diz Craig por eles.

— Mas, treinador, *você* tem uma namorada — diz Hayden.

E Collie choraminga:

— Você sabe como é quando a gente faz besteira.

Será que ele sabe?, penso. Craig conhece tão bem a casinha do cachorro que já fez um segundo andar para tornar o local mais confortável.

— É. — Craig ajeita a viseira para esconder os olhos e se aproxima do Collie o suficiente para segurar seu ombro. — E também sei que ficar bêbado à uma da manhã não é um bom jeito de consertar as coisas.

Hayden. Ray. Collie. Craig. Os quatro formando uma fila perfeita. A visão me faz balançar. A mão do Bodee é uma âncora. Ele encontra meu cotovelo no escuro, enquanto uma corrente oculta de medo ameaça fazer minhas pernas falharem. Todas as minhas ansiedades, todo o meu silêncio, todos os meus segredos estão em pé, ali, naquela fileira de homens.

Craig está dizendo alguma coisa, mas não escuto primeiro. Bodee aperta meu cotovelo, e eu tento me concentrar.

— Lex, você está bem? — pergunta Craig.

Mas minha cabeça lateja e meus pulmões queimam por segurar tudo dentro de mim. Consigo fazer que sim com a cabeça.

— Sr. Tanner, eu cuido de tudo por aqui — diz Bodee.

Craig deve ter concordado, porque ele marcha com os garotos para longe da nossa clareira, em um silêncio em fila única. Não tenho a ventilação, mas começo a contar. Um, dois, três, quatro e repito de novo, até não conseguir mais vê-los. Eles foram embora, mas eu ainda o sinto, seu *fantasma*, apertando o corpo no meu, pedindo desculpas enquanto me beija, chorando enquanto me penetra.

Bodee solta meu cotovelo quando Liz vem ver se eu estou bem. Limpo minha calça jeans para não ter que olhar para ela. Em vez disso, meus olhos seguem Heather subindo a escada. Apesar de estar no meu santuário, neste momento ela me odeia.

Ela não pode me odiar mais do que eu odeio a mim mesma.

Você deixou ele fazer isso. Você deixou ele fazer isso. *Você deixou ele fazer isso.*

Liz pega minha mão; a limpeza compulsiva da calça jeans e o coro de *Você deixou ele fazer isso* desaparecem.

Ela tira uma folha do meu cabelo e ajeita os fios soltos atrás da minha orelha. E pergunta baixinho:

— O que realmente aconteceu com Collie?

Solto o cabelo imediatamente, cobrindo o pescoço com a palma da mão, embora não tenha como ela ver as feridas no escuro.

— Nada, Liz. Ele tropeçou e caiu em mim. Depois ele me chamou de Heather e me beijou. — Minha resposta é mecânica.

— Você está machucada?

*SIM*, grita meu coração.

— Não — respondo, e olho para o outro lado.

— Mas você ainda está chateada — diz Liz. — Collie não é exatamente pequeno.

— Estou bem. Mas Heather não está. Você devia ir ver ela — digo.

O modo como o cérebro da Liz funciona é bem visível, como se eu pudesse ver as engrenagens compreendendo: “Alguma coisa aconteceu. Não é o que a gente está pensando. Mas a Alexi não pode falar nisso agora.”

— Eu explico para ela; não se preocupa, Lex. Por que você não deixa Bodee levar você para casa? — sugere ela.

— Vocês ainda querem ficar aqui? — pergunto. — Sozinhas?

Liz dá o saco de dormir para Bodee.

— É. Acho que ela vai precisar falar sobre tudo isso. Não se preocupa — diz ela de novo.

Bodee faz um sinal com a cabeça para nós duas, e Liz sobe a escada.

— Vem comigo — diz ele.

E eu vou. O caminho que ele percorre não vai para minha casa.

Sinto o calor do corpo do Bodee e de seus dedos entrelaçados nos meus dedos congelados. Não me lembro de pegar a mão dele nem de ele pegar a minha, só que é bom, seguro e certo. Ele sabe aonde a gente está indo, e cada passo é calculado. Meu entorpecimento diminui. O gelo que está ao redor do meu coração desde julho começa a derreter enquanto o calor de Bodee cauteriza as feridas.

— Foi... um deles — digo.

— Eu sei.

Agradeço por ele não perguntar qual deles, porque essas palavras estão presas na minha garganta. Quando ele para, meus olhos se ajustaram à escuridão o suficiente para ver a redoma formada por sua barraca.

Seu forte no chão.

Bodee abre a aba e me guia para dentro.

— Você está com frio — diz ele, colocando o saco de dormir ao redor dos meus ombros. — Agora me diz o que ele fez com você.

Ele apenas espera eu falar. E eu consigo.

— Foi umas duas semanas antes do começo das aulas. Todo mundo se reuniu na minha casa, depois do jogo do passado, como Craig chamou. Era só uma noite de verão, normal e divertida. Um momento entre o segundo e o terceiro ano, quando você realmente se sente diferente e adulto. Mais perto de ser um veterano. Mais perto de sentir que a vida real está acontecendo. Sabe?

Bodee faz que sim com a cabeça.

— Meu Deus, estava muito quente; a piscina estava ótima, e todos nós estávamos rindo e gritando. Claro que alguns caras beberam, mas pouco, para os meus pais nem perceberem a diferença entre adolescentes bestas e animados e adolescentes bêbados.

— Eu me lembro de como estava quente naquela noite. — Bodee toca a parede da barraca. — Eu nem armei a barraca. Só dormi ao ar livre. Continua — diz ele com calma.

— Todos os caras estavam mergulhando. A gente ainda não sabia que a lesão do Ray, durante o jogo, era grave o suficiente para deixar ele de fora a temporada toda. Eu me lembro de Liz ficar sentada, olhando para o telefone em vez de nadar, esperando notícias. A gente estava ouvindo uma música animada. Os meninos diminuíram a profundidade da piscina em uns 30 centímetros, imitando bolas de canhão e jogando a água para fora. Achei que todo mundo estivesse se divertindo.

— Parece divertido — diz Bodee.

— Estava. Só que Heather e Collie começaram a discutir perto do escorrega. E Kayla ficou irritada com Craig, porque ele estava passando tempo com os caras, depois do jogo, e não com ela. Eu não sabia que as vidas deles estavam desmoronando. Eu só estava pensando que o Dane estava flertando demais comigo e me perguntando o que isso significava.

— Você gostava do Dane? — pergunta Bodee.

— Eu gostava da ideia. Naquela época — respondo. — Então, quase ao mesmo tempo, Heather deu um tapa no Collie, e começou a fazer uma cena enorme. E aí *Kayla* começou a gritar com Craig e saiu bufando de raiva para dormir na casa de alguma amiga. Craig ficou puto, muito puto, porque Kayla terminou com ele na frente dos seus jogadores. E Heather disse para todo mundo que nunca mais queria falar com Collie. *Babaca* egoísta, foi o que ela disse dele; e *ela* foi embora. Isso acabou com a festa. Acabou. E aí, antes que eu percebesse...

— Você estava sozinha com um estup... — diz Bodee, depois que eu não consigo terminar a frase.

— Isso. — Eu interrompo antes que ele possa terminar a palavra com *E*. — Minha mãe e meu pai tinham ido dormir porque Kayla e Craig estavam lá. — Bodee não consegue ver meus olhos nem as lágrimas que não escorrem, mas passa o braço sobre meus ombros.

— Mas nós já tínhamos ficado sozinhos milhares de vezes. Ele estava sofrendo, e eu odiava ver ele daquele jeito. Então eu puxei uma cadeira para ficar perto dele. A gente falou do jogo e de garotas, e por que as garotas são tão complicadas e os caras são tão simples. E eu disse que ela ia perdoar ele.

— Você acreditava nisso?

— Ela sempre perdoava — digo. — Mas *ele* não achava isso. “Acabou. Acabou mesmo”, ele disse várias e várias vezes. E estava muito chateado. Eu não conseguia convencer ele.

Enquanto falo e me lembro das palavras dele e da sua vulnerabilidade, a lacuna entre a história que estou contando e a história que eu vivi diminui.

— Ele se levantou atrás de mim, e eu escutei as pernas de metal da cadeira arranhando o concreto. E aí ele segurou meus ombros e começou a massagear. A música ainda está tocando.

— Isso preocupou você? — pergunta Bodee.

— Não. A gente ficava confortável um com o outro. Sinceramente, eu nem pensei muito no assunto.

Não no começo.

Eu me lembro das mãos fortes e tensas dele segurando meus ombros, e a lembrança me leva de volta para o cheiro e para a sensação de julho. Ele está massageando meus músculos cada vez mais forte. Mais forte do que é confortável para mim, mas ele não está pensando em mim. Ele só está se distraindo da dor de perdê-la, e eu não digo que estou sentindo um pouco de dor.

Mas então suas mãos não estão mais nos meus ombros.

— Ele começou a me tocar. Mais baixo. Não nos ombros. E aí ele me puxou da cadeira — digo.

Do meu lado, Bodee está agitado, e eu estou consciente da sua tensão.

Naquela noite, eu senti a tensão *dele*. O choque me mantém parada, e eu não me afasto. Ainda estou molhada do último mergulho na piscina; meu cabelo pinga gotas de água, meus pés deixam pegadas úmidas quando ele me gira para encará-lo.

— “Vocês são parecidas”, ele me disse. E eu disse que meu cabelo é mais comprido que o dela. Que ela é mais bonita.

— Não pode ser — diz Bodee.

— É tão estranho, tão impossível, que eu não consigo falar quando ele me toca. Nós sempre fomos amigos. Sempre. — Passado e presente se misturam quando eu digo: — Mas naquela noite ele só queria se sentir melhor; ele me beijou. Meu pescoço. Meu rosto. Minha boca. Eu lutei um pouco e tentei dizer que ela ia voltar, mas não consegui.

— Ela não voltou — diz Bodee.

— Não naquela noite — digo.

Não quando ele me guia até os fundos do deque. Não quando ele tira meu maiô e me deita de costas.

E eu deixei. Permiti. Não estávamos bêbados, e eu não queria. Por quê, então? Essa pergunta não vai embora.

Bodee aperta minha mão e me deixa saber que eu posso terminar. E eu quero terminar. Contar essa história — cada palavra — é como arrancar um pedaço de esparadrapo da minha pele.

— Quando ouvi ele rasgar o plástico da embalagem de camisinha, foi que eu fiquei consciente, quando eu realmente entendi o que ele queria. — As lágrimas que eu tentei tanto segurar inundam meu rosto. — Não sou esse tipo de garota, mas não consigo dizer não para ele. Não entendo o motivo agora, mas eu não consegui. Eu simplesmente não consegui fazer ele parar. E eu odeio não ter conseguido. Bodee, eu deixei ele fazer aquilo.

— Lex, não foi culpa sua. Ele se aproveitou de você, da sua vulnerabilidade.

— Obrigada por... me defender, mas... eu sei como foi.

E volto para aquele momento. Essa é a realidade do meu mundo: o aroma, o plástico rasgando, o estalo quando a camisinha se estica e vira uma proteção em 3-D. Não foi comprada para mim; não *era* para mim, mas naquele

momento não importa para ele. Seus olhos estão fechados, seu hálito está no meu rosto, seus braços estão apoiando seu peso, e ele se força para dentro de mim.

E ele não cabe. Mesmo depois de se mexer, ele não cabe.

— Sexo dói — digo para Bodee. — Eu odiei. Odiei ainda mais por não significar nada. *Nada*. E eu... chorei.

— Ele nem *olhou* para você? — pergunta Bodee, e eu sei que minha dor está espelhada no rosto dele.

— Não. Ele também estava chorando, pedindo desculpas e dizendo que eu era linda. E eu não sei se é por ele... ou por causa dela. Mas os olhos dele estavam fechados, e ele não parava de forçar, nem de... — Os sons que *ele* faz não se comparam aos que eu mantive dentro de mim. As exclamações indignadas e os gritos guturais, como leões brigando, se arranhando e se batendo na minha garganta.

— Lex, você pode deixar isso sair. Deixa sair. — Bodee afunda meu rosto em seu peito. — Fala — diz ele.

— Dói.

— Não isso. Me diz o que ele fez com você.

— Ele me machucou — repito.

Bodee me abraça mais forte, seu peito firme contra meu maxilar.

— O que ele fez com você, Lex?

Essas palavras saem em um tom bem baixinho.

— Ele me estuprou.

— O quê?

— Ele me estuprou. — Essas palavras saem mais alto, sussurradas.

— O quê? Fala, Lex. Para de se culpar. Culpa *ele*. *FALA*.

— ELE ME ESTUPROU! — grito. E grito e grito. Bodee abafa meus gritos no tecido xadrez da sua camisa. E me deixa soluçar e fechar os punhos. Ele me segura enquanto eu soco e soco até meus músculos doerem; até eu ficar quieta, fraca e sem lágrimas.

E os leões brigando ficam em silêncio.

## capítulo 21

O tecido xadrez da camisa do Bodee está úmido, mas mais macio por isso.

Ele não me cala nem diz que eu estou bem. Ele sabe que não estou. Ele não tenta me acalmar, como eu temia. Bodee é apenas braços e batidas do coração. Apenas sentimentos inabaláveis e uma força infalível. Um beijo toca o topo da minha cabeça, mas ele é muito delicado. Como se nenhuma parte dele fosse roubar minha segurança. Nunca.

— Você está segura, agora. Você está segura — murmura ele, acariciando meu rosto. Eu afundo e me encolho, e meu rosto descansa contra a textura grossa do chão da barraca. Bodee coloca a mão no meu cabelo e continua sentado.

— Você me abraça? — peço.

Bodee se ajoelha e se estica para pegar algo do meu lado. Uma lanterna brilha, laranja, quando ele a segura na palma da mão. Devagar, ele deixa a luz aumentar até nossos olhos se adaptarem. Depois ele diz:

— Lex, olha para mim.

Ele coloca a palma da mão no meu rosto, um toque leve. Seus olhos esperam os meus encontrá-los, depois ele pergunta:

— Quem sou eu?

— Bodee — respondo.

— Está bem, então. Lembra de quem eu sou. Eu vou abraçar você, agora — avisa ele.

E faz isso. O saco de dormir nos aproxima quando ele o puxa ao redor de nós dois. Minhas costas descansam no peito dele, e ele toma cuidado para

posicionar o braço ao meu redor de modo que eu sinta seu calor, mas não me sinta ameaçada.

Hoje à noite, nada de ostra; ele é todo pérola.

Ficamos desse jeito, acordados e quietos e quentes e relaxados, até o sol começar a surgir no horizonte e seus raios atravessarem a barraca em um tom azul-claro.

— Acho que é melhor você voltar antes delas — sussurra Bodee.

— Elas ainda não acordaram — digo com certeza.

Cuidadosamente, eu me viro e o encaro. Estamos enrolados como um burrito no saco de dormir, eu do lado do zíper e Bodee do lado da costura. Sei que minha respiração está acelerada e minha boca está com gosto de pizza de pepperoni de ontem. A boca dele está fechada, então talvez ele também esteja pensando no que comeu na noite passada.

A essa distância, todas as linhas do seu rosto são minhas para examinar. A barba loira que está um pouco crescida e mal aparece em seu maxilar forte. Cílios encurvados e cabelo pintado de vermelho. As raízes estão visíveis, e eu vejo o louro do menininho-na-praia nas têmporas. Olhos vibrantes, do tipo marrom chocolate.

O mosaico de Bodee Lennox.

Mas, sob essa luz matinal filtrada pela barraca azul-clara, o que ele vê em mim? Cabelos castanho-claros, rebeldes e bagunçados a esta hora. Olheiras de guaxinim pioradas pelo rímel escorrido. Lábios rachados.

Uma noite de lágrimas e problemas emocionais visíveis no meu rosto.

Sou apenas a garota arrasada que Bodee abraçou durante a noite. Na barraca que era seu quarto. O estupro destruiu partes de mim que nem a mágica do Bodee consegue consertar. Se ele colocasse seu coração na minha mão, poderia nunca mais encontrá-lo. E eu não sou cruel o suficiente para deixá-lo se machucar enquanto tenta curar o impossível.

— Em que você está pensando? — pergunta ele.

Mas não posso contar para ele.

— Acho que no Capitão Letra de Música. Quero saber quem ele é.

— E se for o Hayden? — pergunta Bodee, no modo cão de guarda.

— Não sei. Eu sou bem idiota. Talvez eu devesse dar outra chance para ele.  
— Essa é uma frase de “sinal”. O tipo de frase que uma garota diz para um garoto para criar distância entre os dois. Um jeito de falar para onde ela acha que o relacionamento está indo. Temos que ser o casal que compartilhou um saco de dormir, mas não um beijo.

O canto da boca de Bodee se curva e, por baixo do tecido acolchoado, eu ouço seus dedos estalando.

— Eu preciso saber. Hayden não é *ele*, é?

Ele está falando do meu estuprador.

— Não, não é o Hayden.

O alívio transparece, mas ele fecha os olhos ao continuar.

— E ele não estava machucando você na noite do baile, né?

— Não. Mas *eu* me machuquei não dizendo para ele parar.

— Por que você não disse?

— Essa é a questão. Era como a piscina de novo, como um flashback. Eu queria que Hayden parasse, mas não conseguia falar.

Bodee coloca um dedo sobre meus lábios enquanto mais explicações se atropelam para sair.

— Você não precisa dizer mais nada; eu só preciso saber que não foi ele.

— Heather meio que gosta de você — digo, mudando de assunto.

Bodee afasta a mão e diz, sem interesse:

— Isso é legal.

— Ela vai aceitar Collie de volta, então... toma cuidado.

— Obrigado, Lex, mas minha meta não é a Heather.

— Você tem uma meta?

— Todo cara com um coração que funciona tem uma meta — diz ele.

— Quem é a sua? — As batidas do meu coração traem minha voz calma e, a essa distância, Bodee consegue perceber sua aceleração.

— Bom — ele me dá o sorriso tímido que eu adoro e raramente vejo —, você tem seus segredos, e eu tenho os meus.

Imagino que, como estamos compartilhando o mesmo saco de dormir, estamos próximos o suficiente para eu pressionar e obter informações.

— Eu conheço?

— Ainda não — diz ele.

Engulo o gosto amargo em minha boca e pergunto:

— Algum dia eu vou conhecer?

— Acho que sim — diz ele.

Percebo que são 6h15 quando olho para meu relógio, me contorcendo e me agitando para ter alguma coisa para olhar além dele. Agora eu sei que ele gosta de alguém.

— É melhor eu ir — digo.

— Deixa eu abrir o zíper — diz ele. — Chega mais para cá.

Eu me aproximo, e ele alcança o zíper atrás de mim. Ele desliza até embaixo, e o ar frio toca minhas costas. A centímetros do coração dele, da sua boca, eu sinto seu hálito perto da minha orelha.

— Hum, Lex, me desculpa se... eu não devia pedir, mas eu posso... — Ele hesita, depois diz: — Posso beijar você? Antes de você sair perseguindo o Capitão — acrescenta.

Agora meu coração está disparado.

— Antes de Heather começar a perseguir você? — pergunto e faço que sim com a cabeça. Dizendo sim. Porque ele é Bodee o suficiente para me dar a chance de decidir.

E porque existem poucas coisas que eu gostaria mais de fazer agora do que beijar Bodee Lennox. Descobrir se o que eu sinto quando ele me beija é igual ao que eu sinto quando ele segura minha mão. Posso me afastar, digo a mim mesma, assim que a gente sair da barraca.

— Hum, eu nunca beijei ninguém — diz ele.

— Bom, só para você saber, as garotas não costumam ter gosto de pizza de ontem — digo.

— Ah, e os garotos nem sempre têm gosto de sanduíche de mortadela.

Nós dois rimos um pouco, depois inclinamos os queixos até nossos lábios se encontrarem. Eu conduzo, ele segue. Isso nunca aconteceu antes. Não dura muito. E, definitivamente, é o primeiro beijo dele.

Mas poucos primeiros beijos podem ser tão doces.

— Nós... nós não podemos fazer isso de novo — digo quando nos separamos.

— Claro que não — diz ele, e, pela primeira vez, acho que Bodee está mentindo para mim.

Há uma pausa enquanto nos encaramos.

— Vejo você em casa — digo, saio do saco de dormir e engatinho para fora da barraca. Fecho o zíper da aba, deixando Bodee no seu paraíso.

Apesar de eu conhecer o bosque, não tenho certeza para que direção está o forte até eu chegar ao riacho. Seguindo pela margem, eu choro um pouco e digo a mim mesma que foi só um beijo e eu não posso ficar triste. Eu *não vou* ficar triste.

Mas os fatos são simples.

Eu estou arrasada, e Bodee sabe, porque eu não escondi isso dele.

Não estou triste por ele saber.

Eu quero Bodee, mas não posso tê-lo. Não porque ele não é certo para mim, mas porque eu não posso mais expor Bodee aos meus problemas. Ele merece muito mais.

E, de qualquer maneira, ele disse que tem outra garota como meta.

Vou procurar o Capitão e seguir em frente. E Bodee vai fazer a mesma coisa.

As meninas estão em seus sacos de dormir — uma pilha no meio do forte. Elas não me ouvem subindo os degraus nem andando até a mesinha. Usando ursinhos de jujuba, eu escrevo *Desculpa* no chão perto dos sacos de dormir. Se eu falar com Heather antes de segunda-feira de manhã, vou saber que Liz a convenceu de que o que aconteceu com Collie foi um engano. Se Heather ainda estiver com raiva, o que normalmente dura alguns dias, eu peço carona para minha mãe.

Quando o fim de semana termina, Liz já ligou para saber se eu estou bem e Hayden deixou dez mensagens no meu telefone. Antes que ele possa deixar a 11<sup>a</sup>, mando uma mensagem de texto agradecendo pelas flores. Isso dá início a uma conversa e meu coração relaxa um pouco. Melhor me abrir mais para ele, ou vou acabar querendo beijar Bodee todas as noites.

**Vc me perdoa?**, chega a mensagem de texto do Hayden.

**Vc vai parar de beber?**

**Vou tentar**, responde ele.

**Vejo vc segunda.**

**Na porta da frente**, diz ele.

Não mando mais mensagem, nem ele.

Quando peço à minha mãe para deixar a gente na escola, ela dá um tapinha no meu ombro e diz:

— Você e Heather brigaram?

— Mais ou menos — respondo.

A buzina do carro da Heather significa “escola” mais do que a campainha da aula. Sinto falta dela nessa segunda-feira chuvosa, assim como sentiria falta do Ki-Suco se o cabelo do Bodee não estivesse da cor de uma amora.

— Meninas dramáticas. Bodee, não deixa elas atingirem você — diz minha mãe enquanto pega uma pilha de álbuns de fotos, seus óculos e uma garrafa de água.

— Não, senhora.

No carro, minha mãe pressiona para saber do acampamento e das flores. Ela teria feito isso na noite de sábado ou no almoço de domingo se ela e meu pai não tivessem ido a um evento com o grupo da igreja. Deixo alguns detalhes de fora: o mistério da carteira, a chegada dos garotos, a raiva da Heather, os, hum, arranjos para *dormir*.

— Craig disse que, enquanto vocês estavam acampando, os garotos fizeram um péssimo jogo contra o Saint X.

— Fiquei sabendo.

— Uma pena quebrar a boa sorte deles. Achei que eles podiam ter um ano perfeito.

— Tarde demais para isso — digo. Não estou falando de futebol americano.

A entrada da escola está engarrafada, então Bodee e eu saltamos do outro lado da rua e andamos.

— Ela fala muito — diz Bodee.

— Você acha? — brinco eu. Minha mãe nunca considera ninguém um desconhecido.

— Eu gosto disso — diz ele. — Eu gosto *dela*.

Sei que ele está se lembrando da própria mãe. Quero pegar a mão dele, mas Hayden aparece. Tenho que pensar no Hayden, e não no Bodee. Não vou magoar Bodee.

— Posso acompanhar você até a primeira aula? — pergunta Hayden.

— Hum — digo, hesitando. — Claro. — E decido não ir até meu armário. Não preciso esfregá-lo na cara do Bodee.

Heather não aparece no quarto tempo de aula, e eu tenho certeza de que, desta vez, ela não está espionando o Capitão. Não precisa mais fazer isso, segundo ela. A carteira, em branco como normalmente está na segunda-feira, leva a maior parte do tempo que tenho para fazer o exercício para ser preenchida. Apesar de Heather estar convencida de que Hayden é o Capitão Letra de Música, eu não estou pensando nele quando escrevo as seguintes palavras a lápis:

Há uma casa na árvore  
Há uma barraca ao luar  
São lugares seguros  
onde posso descansar

Heather também não aparece no almoço, e eu me pergunto se ela sequer foi à escola hoje. Liz está sentada com uma caloura do Clube de Ciências, mas acena para mim do outro lado do refeitório.

Hayden está lá, esperando para aproveitar a ausência das minhas amigas.

— Quer comer lá fora? Não está muito frio hoje. — Ele aponta para uma mesa do lado de fora da janela, onde um grupo de alunos de artes costuma se reunir.

— Claro.

— Você gosta de respostas curtas, né? — provoca ele enquanto pega pizza para nós dois.

— Não — respondo, e recebo uma risada.

Ele tagarela em um fluxo constante, principalmente sobre futebol americano, até voltarmos para o quinto tempo de aula. É claro que ele pega o lugar da Maggie e senta atrás de mim, e Maggie senta em outra carteira, do outro lado da sala. Ela me faz um discreto sinal de positivo com o polegar.

E isso só me faz lembrar do Bodee.

Depois da aula, Hayden oferece carona para nós dois até em casa, mas eu recuso e espero Bodee perto dos canteiros.

— Dia cheio? — pergunta ele, pendurando a mochila nas costas.

— Não muito. E o seu?

Um trovão interrompe a resposta. Nós dois olhamos para o céu. Raios. A chuva, do tipo de lavar a alma, está a menos de um quilômetro. Vamos ficar ensopados antes de chegarmos em casa.

— Não. Só foi um dia longo — diz ele quando o primeiro pingo de chuva cai na minha cabeça.

— Que aulas você tem com sua garota?

O céu se abre, e ele diz:

— O quarto tempo.

Enquanto estou lendo e escrevendo letras de músicas, Bodee está olhando para uma garota. Tudo bem. *Tudo bem*, digo a mim mesma. A gente se beijou uma vez, mas eu decido ser feliz. Que ele seja feliz.

Mas a chuva reflete meu humor. Uma enxurrada cinza de emoções. Bodee anda perto de mim, e eu desejo que nós estivéssemos de volta ao Malibu, antes de eu saber que ele tinha uma *meta*.

Não ouço a caminhonete diminuir a velocidade até estar andando ao nosso lado, a 8 quilômetros por hora, passando por uma poça que respinga na calçada.

— Ei, entrem — grita Craig do banco da frente, pela janela aberta.

Bodee abre a porta da caminhonete, que quase escapa da sua mão, no vento, e eu sento no banco do carona. Já estamos pingando. Minha calça jeans está grudada nas pernas, e meu cabelo está grudado no rosto.

— Obrigada — digo, e seco as mãos no banco de tecido.

— É, obrigado, sr. Tanner — ecoa Bodee.

— Sem problemas. Preciso mesmo falar com a Alexi.

O polegar do Bodee aperta minha coxa em um lugar que Craig não pode ver. Será que ele acha que ficar sozinha com qualquer cara que não seja ele me deixa nervosa? Provavelmente, já que eu sei que ele gosta do Craig. Seu polegar fica colado em mim até chegarmos à entrada da garagem. Craig deixa claro que está esperando Bodee sair da caminhonete. E ele sai, mas só vai até a varanda da frente.

Eu deslizo no banco até a porta do carona.

— Por favor, não comece a falar dos garotos — digo, esperando uma discussão sobre o acampamento. — Eu não sabia que eles iam aparecer.

Craig gira o botão do rádio até que a única coisa que ouvimos é a chuva no teto da cabine. Olho na direção da varanda; minha respiração forma um pequeno quadrado na janela e eu marco o centro com o nariz.

— Não é sobre os garotos. Eles comemoram e sofrem demais, mas são bons meninos.

— Ah. — Isso me deixa nervosa. Craig e eu não temos uma *conversa* de verdade há muito tempo. Kayla sempre sente ciúme quando qualquer pessoa, além dela, passa um tempo sozinha com seu homem. Até mesmo sua irmã mais nova. *Especialmente* sua irmã mais nova.

— É sobre o casamento.

— O que tem? — resmungo.

— Fala com Kayla. Por favor!

— Olha, Craig, eu amo a Kayla, mas não vou mais jogar os joguinhos dela. Eu sei que você a ama, mas ela precisa crescer.

— Talvez — concorda ele. — Mas, Lex, ela quer que você vá ao nosso casamento. Isso não é pedir muito, é?

Ah, é. Definitivamente é.

— É melhor ela esquecer — digo. — Minha mãe e meu pai já disseram que vão honrar minha decisão.

— Por favor, Lex. Mesmo que você não faça isso por ela, faz por mim?

— O que você disse?

— Faz isso por mim? Pelo bem do seu *melhor* amigo? Vai, Lex, diz que sim.

Não consigo olhar para ele. Ele vai ver tudo nos meus olhos.

Essa frase. *Faz isso por mim?* Já ouvi isso antes. Anos atrás. No escritório. E o termo *melhor amigo* sela minha memória. Passando a mão pelo embaçado do vidro, eu paro e tento decidir o que fazer.

A mão do Craig encontra minha nuca. Ele toca meu cabelo. Meus olhos estão fixos no porta-luvas. E eu não vejo nada.

Ai, meu Deus. Estou congelada. Completamente.

Devagar, ele separa as mechas escuras até meu cabelo estar dividido sobre meus ombros. Em que ele está pensando enquanto seus olhos perfuram minha nuca?

— Lex, meu Deus, o que *aconteceu* com seu pescoço?

## capítulo 22

Eu me arrasto para longe do Craig, me lanço para fora da cabine e corro. A chuva me atinge, e cada pingo é uma ferroadada gelada. Como se Deus estivesse brincando de paintball com tiros de cristal.

Mas a lembrança me leva voando até Bodee.

Bodee me encontra a meio caminho da varanda. Ele faz um guarda-chuva com sua camisa, sobre minha cabeça, e não faz perguntas.

— Eu sei *por quê*, Bodee. Por que eu não fiz ele parar. — As palavras saem ofegantes.

— Para o forte — diz ele.

Não tenho fôlego para dizer sim ou não, mas corremos em direção ao bosque como dois patinadores que se exibem juntos com tanta frequência que se movem em perfeita união. Temos que diminuir o ritmo quando chegamos debaixo das árvores. O caminho está escorregadio, e a lama respinga enquanto corremos descuidadamente em direção ao riacho. Folhas molhadas grudam no meu sapato, e eu escorrego. Bodee nos mantém de pé; não por que a tração dele seja melhor que a minha, mas por que isso é o que ele faz. Ele coloca a tábua sobre o riacho, testa seu peso, equilíbrio e a firmeza da madeira. Sempre verificando, sempre cuidadoso. E protetor. Se eu tivesse virado amiga do Bodee anos atrás, talvez eu tivesse encontrado minha voz. Talvez eu estivesse com ele agora como sua namorada, não como sua paciente. Ele segura minha mão enquanto atravessamos a faixa estreita do riacho enfurecido e não solta até chegarmos à escada do forte.

— O que aconteceu? — pergunta ele, depois que estamos no alto.

Há ursinhos de jujuba e formigas sobre a mesa. Eu os encaro e torço a água do meu cabelo.

— O que aconteceu? — repete ele. O cabelo dele está pingando chuva de amoras.

— Craig me implorou para mudar de ideia sobre ir ao casamento. E ele disse “Faz isso por mim?”.

Bodee observa meu rosto.

— E?

— Ai, meu Deus, foi anos atrás. Eu devia ter uns 6 anos de idade. Ou 7. Não, eu devia ter 6, porque Craig começou a ficar mais tempo com a gente depois que o vovô morreu. Bom, Craig e Kayla estavam tomando conta de mim. Eles faziam isso nas noites em que mamãe e papai tinham reuniões na igreja.

— Minha mãe também ia — diz Bodee.

— Eu já estava na cama, depois de tomar um suco e da minha historinha. Eu sempre pedia para Craig ler “só mais *uma*”. Ele fazia as melhores vozes. Naquela noite, ele leu *A sra. Frisby e os ratos de NIMH*, e a gente estava quase na parte em que a sra. Frisby vai até a roseira para encontrar os ratos. Você já leu? — pergunto.

Bodee balança a cabeça.

— Bom, eu não conseguia dormir porque meu pai tinha um vaso daquelas rosas em miniatura no escritório. E eu coloquei na cabeça que *a gente* tinha um Nicodemus, o rato chefe, morando na roseirinha do meu pai. E eu tinha que confirmar.

Enquanto eu penso na estupidez dessa ideia, pela perspectiva de um adulto, Bodee me ajuda a tirar o moletom encharcado e pendura em um prego.

— Mas, quando eu cheguei no escritório — cubro os olhos como se isso impedisse a imagem de aparecer —, Kayla e Craig estavam no sofá. E Kayla estava por cima... achei que ela estava *machucando* ele. Sabe? Eu só tinha 6 anos.

Não conto que Kayla saiu do sofá nua quando eu gritei.

— O que ela fez?

— Os dois saíram tropeçando para pegar as roupas. Depois ela me agarrou e gritou que, se eu *contasse*, mamãe e papai iam obrigar Craig a ir embora. Ele *nunca mais* ia ler histórias para mim nem me levar no restaurante, nem ia ver os Ewoks comigo de novo. Ele ia embora e nunca mais ia voltar.

— Você realmente gostava dele.

— Mais do que da Kayla — admito. — Eu gritei que mamãe e papai amavam Craig e que eles eram legais e eles não mandavam as pessoas embora. Mas ela disse que *isso* era diferente.

— E provavelmente teria sido. Quantos anos Kayla tinha?

— Ela é oito anos mais velha que eu, então devia ter 14. Nova demais para isso — concordo. — Ela me prendeu na cadeira, aquela azul feia no canto, e eu disse que mamãe e papai iam se livrar dela e manter Craig. Ela me bateu e eu chorei, mas ela não se importou. Ela me obrigou a olhar para Craig e disse: “Você nunca, nunca, *nunca* mais vai ver ele de novo se contar para mamãe e papai o que você viu. Amanhã, quando eles perguntarem sobre hoje à noite, você diz que a gente leu uma história para você e você dormiu. E *só isso*.”

Estou tremendo com a lembrança. E a chuva. E Bodee parece perdido, sem saber como me ajudar.

— Craig me afastou da Kayla, me abraçou e secou as lágrimas do meu rosto e me disse que ele era meu amigo. *Melhor* amigo, eu disse, e nós fizemos nosso cumprimento especial. — Mostro ao Bodee o cumprimento nas costas, girando, que Craig me ensinou a fazer. — Então ele me perguntou se eu queria continuar saindo com ele.

— Claro que você disse sim.

— Claro. — Na minha memória, Craig estava sorrindo o tempo todo. Agora, percebo que ele estava tenso e nervoso, fingindo estar calmo. — Ele disse que tudo bem, mas que a gente precisava guardar segredo sobre o que eu tinha visto. Que melhores amigos guardam os segredos uns dos outros.

Ouçõ minha voz aos 6 anos perguntando “É mesmo?”, e o Craig de 16 anos repetindo: “É mesmo.”

A cabeça do Bodee cai para trás, em vez de cair para a frente, como sempre, e ele suspira.

— “Você só precisa esquecer, Lexi. Não pela Kayla, mas você faz isso por mim? Pelo seu melhor amigo?” — imito a voz do Craig.

“Aham”, eu respondi, sem perceber que eu realmente ia esquecer. Que ia enterrar tudo até o próprio Craig escavar a verdade hoje.

— Eles me fizeram repetir o que tinham me mandado falar. *Ótimo*, eles disseram, e aí Craig leu para mim até eu dormir.

— Nada bom — diz Bodee.

— Não. Eles me ensinaram a mentir. Me ensinaram a esquecer. E nesse verão, quando Craig... quando ele me levou para o canto dos fundos da piscina, eu ainda pensava o que ele me ensinou a pensar. Que melhores amigos guardam os segredos uns dos outros.

## capítulo 23

Bodee respira fundo. E respira fundo de novo. Enquanto eu prendo a respiração.

— O sr. Tanner? — diz ele através dos dedos. — Foi o sr. *Tanner*?

Percebo o choque total na voz do Bodee e vejo que a verdade escapou e não tenho como guardá-la de novo.

Bodee sabe. *Ele sabe.*

Isso me apavora, mas principalmente porque não é mais um segredo só meu. Não está mais sob meu controle. Minhas mãos vão para o pescoço, arranhando, rasgando e cortando, antes mesmo de eu perceber que elas não estão mais nos meus bolsos.

— Lex, para. *Para.*

Mas eu não paro.

A pele se rasga sob minhas unhas no primeiro arranhão — partículas microscópicas e sangue —, e é tão fácil quanto passar as unhas pela areia. Vou para o segundo round e arranho mais pele, freneticamente. Estou rasgando e sangrando. Cada vez mais rápido, em uma raiva na qual a voz do Bodee não consegue me alcançar.

Eu brigo, me debato e luto com ele, desesperada para conter meu segredo, para voltar no tempo. Um tempo em que eu não contei para Bodee sobre Craig. Não fofoquei sobre meu melhor amigo.

*Estuprador.*

Craig me estuprou. Ele me estuprou. Eu grito na flanela da camisa do Bodee, e choro, gemo e me encolho de dor.

Não quero que isso seja verdade. Quero contar até 23, fingir que isso nunca aconteceu e fazer as sombras desaparecerem.

Mas a escuridão me vence.

Esse tempo todo, eu vi Kayla e ele e o relacionamento idiota de montanha-russa dos dois. Terminam. Voltam. Terminam. Ficam noivos. Eles sempre acabavam juntos. Sempre. Como se Craig já fosse da família. Inevitável. Permanente. Então eu inventei desculpas e tentei esquecer tudo. Mas aconteceu. É real. Como as batidas do meu coração. Como minha respiração. Como o fato de que agora Bodee sabe de tudo.

Ai, meu Deus, se eu pudesse voltar atrás.

Era *meu* segredo. *Meu*.

Mas agora é nosso.

E Bodee me abraça. Ele também está ofegando, tentando ficar calmo e me acalmar ao mesmo tempo. Mas eu percebo na voz dele, sua voz calmante e reconfortante, bem antes de ouvir as palavras. Essa confissão — o *quem* — o surpreende do mesmo jeito que ainda me surpreende.

— Achei que era o Collie.

— É o Craig — choro.

— E é por isso que você não conseguia contar. Ele é seu amigo.

— Meu *melhor* amigo. — Parece que eu tenho 6 anos e, no momento, eu tenho mesmo. — Ele não tinha a intenção de me machucar. Ele não é como seu pai. — Paro de lutar. — Não posso destruir a vida dele.

— Mas você está deixando ele destruir a sua.

Pelo menos nós concordamos que está destruída.

Desde que aconteceu, tenho vivido uma vida imaginária. Como um paciente amputado que ainda sente o membro removido onde só existe um cotoco. Eu sou um cotoco, e Bodee, o ensino médio, o Capitão e os jantares de domingo são apenas imaginação.

Tento me arranhar de novo, mas Bodee é mais forte.

— Você pode achar que Craig é um cara legal — diz ele.

O fato de ele não dizer mais *sr. Tanner* não me passa despercebido.

— Mas isso não muda o fato de que ele se aproveitou de você, *machucou* você. Não me espanto de você não conseguir impedir. Ele é um homem. Você só tinha 16 anos.

— Quinze. Meu aniversário é dia 30 de julho — digo, atordoada.

— Exato. Ele não tinha o direito de fazer isso com você aos 15 nem aos 16. Nem em momento nenhum. Colocar você em uma posição em que precisaria dizer não para ele. Além do mais, se ele casar com Kayla, você nunca vai se livrar disso.

— Mas ele vai perder o emprego. O futebol. Kayla. Tudo — soluço.

— Isso não é problema seu, Alexi.

— É, sim. Ele é da família — digo.

— Não. Família é minha mãe. Sua mãe e seu pai. E Kayla. Não Craig. Não o cara que estuprou você.

— O cara que me destruiu. Foi isso que você disse — comento, jogando suas palavras contra ele. — E, se eu contar, não só minha família vai ficar arrasada e Kayla me odiar para sempre, mas todo mundo vai saber que eu estou destruída.

— Você não está destruída, e Kayla não vai odiar você. Meu Deus, Lexi, ele é *professor*. E se ele fizer isso com outra garota?

— Ele não vai fazer — argumento. — Mas você já disse: ele destruiu minha vida. E você obviamente não conhece Kayla.

— Lex, não estou dizendo que não vai ser difícil; estou dizendo que você consegue aguentar. Você já foi tão corajosa. — Ele suspira. — Não posso desfazer as coisas, você sabe, com... a minha mãe — a voz dele está tremendo —, mas também não posso fugir do que aconteceu. Além do mais, toda a questão com a minha família não impediu você de ser minha amiga. Você pode superar tudo isso e não deixar isso definir você. Se decidir assim.

— É isso que você está fazendo?

— É. Eu escolhi superar. Estar aqui com você em vez de estar lá, na varanda, com uma vassoura nas mãos. Impotente.

Isso tudo é muito lógico, mas eu não quero lógica. Não quero uma história de sobrevivência que funciona para outra pessoa. E eu nunca conseguiria

sobreviver, como Bodee, se meu pai matasse minha mãe; eu ainda estaria em um buraco profundo.

Tudo o que eu quero é manter a vida do jeito que *está*.

Kayla é difícil. Craig é um herói. Minha mãe e meu pai não sabem de nada. E eu sou uma *normal* virgem, intocada. Eu mantive tudo assim por três meses.

Posso continuar fazendo isso. E vou continuar, se Bodee não falar nada.

— Eu consigo lidar com isso — digo para Bodee.

— Lex, você está arrancando a pele do seu pescoço. Você está mentindo para todo mundo, inclusive para si mesma. Você *não* está lidando com isso. Você mal consegue chamar a situação pelo nome correto. Aquele homem *estuprou* você.

Estico as mãos, que ainda estão presas por ele, e mostro a pele sob minhas unhas.

— Eu escolho essa dor em vez da dor de...

— *Se curar?*

— Você não vai contar — digo. Estou inflexível.

A essa distância, sinto ele se enrijecer com indecisão. Traição.

Eu me solto dele e me afasto.

— Não vai — repito.

— Eu prefiro que você conte — diz Bodee, por fim.

— Esse é exatamente o motivo de eu ter guardado segredo — digo. — Eu confiava em você.

— Você ainda pode confiar.

— Não. Não se você contar para alguém — rebato.

— Eu não sei o que eu vou fazer, Lex. Eu não imaginava, realmente não imaginava que pudesse ser ele. Isso complica uma coisa que já é complicada.

Sei que esse fardo que ele me pediu para compartilhar é mais pesado do que ele imaginava. Ele também gosta do Craig.

Gostava.

— Está vendo? É assim que tem sido. Todas as vezes que eu penso naquela noite, eu deixo o rosto dele borrado e desejo que fosse outra pessoa. *Qualquer outra pessoa*. Mas não é. Ele lia histórias para mim e ele... me machucou.

— O que ele disse depois?

Como se importasse.

— Que ele estava arrependido. Que eu devia entender. Que eu sou parecida com a Kayla da época em que ele tinha certeza de que ela o amava. E ele foi sincero. Eu senti pena dele e disse que estava tudo bem.

— E ele acreditou em você?

— Não. Claro que não. Acho que ele perdeu uns 9 quilos desde aquela época. E todas as vezes que ele me olha, eu vejo no rosto dele. Mas eu conheço o jogo. Sei que ele está fazendo o mesmo que eu faço, quando me olha e depois vira a cabeça para Kayla. Ele está tentando fingir que nunca aconteceu.

— O arrependimento dele não muda nada — diz Bodee.

— Muda para mim.

— Bom, não muda para mim. Pelo amor de Deus, Lex, ele usou camisinha. Ele teve tempo suficiente para pensar no que estava fazendo. — A raiva que fez Bodee dar um soco em Hayden está na sua voz. — Ah, como eu queria...

*Crack. Crack. Crack.*

— O quê? — pergunto.

— Machucar Craig. Punir. Fazer ele pagar.

— Você não pode — digo, sabendo muito bem que ele pode. Uma acusação desse tipo muda tanto uma vida quanto provar o que aconteceu. — E você não pode simplesmente levantar o polegar e consertar isso para mim, assim como eu não posso trazer sua mãe de volta.

— Eu não posso simplesmente... — Bodee passa a mão pelo cabelo. — Preciso de um tempo, Lex.

E, pela primeira vez desde que Bodee chegou, ele se afasta de mim.

Craig e Kayla não aparecem para jantar naquela noite. Eu divirto minha mãe e meu pai com histórias inventadas de uma escola de ensino médio que é mais parecida com o que eles se lembram do que com o que é de verdade. O espírito escolar, as serventes com redinha no cabelo e o excesso de pepperoni. Até as correções da sra. Tindell. Eu exagero, para eles ouvirem meu tom, mas não olharem nos meus olhos. Mas, depois de alguns minutos, graças ao bom Deus, eles estão imersos no seu próprio mundinho de empréstimos bancários e

alunos do ensino fundamental. Bodee não diz nada além de “por favor, me passa o pão” e “obrigado, senhor”.

Ele não contou. Eles ainda não têm ideia.

Desde o momento em que minha mãe perguntou se eu queria chá ou limonada, eu percebi. Ela não estava constrangida quando olhou para mim. Nenhum sinal de pena nem incerteza sobre o que falar ou como falar, como ela sempre fica com Kayla. Minha mãe tem um olhar específico para quando está pisando em ovos; e ela não está com esse olhar hoje à noite.

Todos nós ouvimos Kayla chegar em casa. Caramba, nossos vizinhos, tão distantes que eu precisaria de um braço de arremessador para atingir a casa deles com uma bola de beisebol, provavelmente ouviram Kayla chegar em casa.

— O casamento está *cancelado* — anuncia ela de um jeito desafiador.

Minha mãe se levanta ao ouvir a notícia.

— Cancelado? — pergunta ela. — Ah, meu amor.

O garfo do Bodee para no meio do caminho entre o prato e a boca.

— Não está cancelado de verdade — digo para ele, revirando os olhos.

— Querida, o que aconteceu? — pergunta meu pai.

— Ele quer adiar o casamento. E pensar um pouco. *Adiar* — diz ela, indignada. — Estamos juntos há dez anos. Precisa pensar em mais o que?

— Então... ele não cancelou — diz minha mãe, tentando acalmar os ânimos. — Para quando ele quer adiar?

— Ele não falou. — Kayla tira a aliança novinha do dedo e joga na bancada da cozinha. — Ele *disse* que tinha algumas coisas para resolver. Meu Deus, eu parei minha *vida* toda por ele. Não fui para a faculdade. Fiquei no banco. Eu nem *sai de casa* por causa dele.

— Querida, Craig vai mudar de ideia. E você já terminou com ele algumas vezes antes. Isso vai se resolver.

O argumento do meu pai apenas faz Kayla socar a bancada. O anel quica com esse terremoto.

— É melhor para você ele ter certeza — diz minha mãe.

— Ele já devia ter certeza.

— Com esses ataques? Duvido muito — digo para Bodee.

Minha mãe me olha de cara feia antes de perguntar para Kayla:

— Você sabe se algo aconteceu?

— Sei que ele conversou com a Alexi hoje à tarde. — Ela aponta para mim, e eu paro de comer. — O que ele falou? — grita ela. — O que você falou para ele? Você fez alguma coisa, não foi?

Bodee cutuca meu pé por baixo da mesa. Como a ponta de seu tênis consegue dizer *A oportunidade é essa*, não sei como, mas consegue. Eu podia contar para ela, contar para todo mundo, e eu nunca mais teria que me preocupar. Pelo menos não com Craig. Bodee me cutuca de novo. *Conta para eles.*

— Nada. Ele não me disse nada — respondo. — Não sei do que você está falando.

Bodee suspira. Um suspiro profundo que todos nós percebemos.

— Você estava lá? — Kayla pergunta para ele.

— Estava — responde Bodee.

Agora sou eu que chuto Bodee. Será que ele não entende a linguagem dos pés tão bem quanto eu?

— Estava chovendo, e Craig — ele faz uma pausa — deu uma carona para a gente até em casa.

— Só isso?

— Não ouvi ele falar quase nada — diz Bodee. — Mas...

— Mas o quê?

— Eu não fiquei lá o tempo todo — diz ele.

— Lex? — diz Kayla. — Quero saber o que ele disse.

— Nada — repito.

— Não acredito. Você está mentindo. Sempre teve alguma coisa entre vocês dois.

— Querida, não tem absolutamente nada entre a Lex e Craig. — Minha mãe fica chocada com a ideia; ela bate com o prato na pia, e minha mãe não bate as coisas. — Ele é dez anos mais velho que Alexi. Você está sendo ridícula.

*Viu, era disso que eu estava falando*, diz meu pé para o do Bodee.

— Kayla, se controla — diz meu pai de um jeito firme. — Para de culpar sua irmã. Você e Craig vão se entender. Ou não. Mas isso é entre vocês dois.

— Vocês sempre ficam do lado dela! — grita Kayla, e sai correndo da cozinha, batendo coisas no caminho. Deixa para trás uma avalanche de emoções.

— Vocês me dão licença? — pergunta Bodee.

— Claro — diz minha mãe, e parece desejar também ter permissão para deixar o cômodo. — Ela precisa sair de casa e crescer — diz ela para meu pai enquanto limpa a mesa. — Já perdi a paciência.

Eu ouço uma tigela de vidro tremer na pia enquanto meus pais descontam sua frustração na louça, e não em Kayla. Quando tudo está de volta ao normal e a lavadora de louças está zumbindo, minha mãe me pede desculpas.

— Eu não devia ter demonstrado para você minha frustração com Kayla, Lex. Vou tentar consertar as coisas com ela.

— Deixa ela para lá — diz meu pai.

— Não posso. Ela é meu bebê.

Ele sorri.

— Eu sei. — Ele aperta a mão da minha mãe antes de ela sair da cozinha.

Kayla está com raiva de mim. Minha mãe e meu pai não me conhecem. Bodee foi se esconder no quarto, desapontado comigo.

Então eu mando uma mensagem de texto para Hayden.

**Vc é quem eu penso q é?**

**Quem vc pensa q eu sou?,** responde ele.

**Alguém com as palavras certas,** dou uma pista.

**Espero que sim,** diz ele.

**Vejo vc amanhã.**

**Bj.**

Vou para meu quarto e me surpreendo de encontrar Bodee lá, fazendo o dever de casa na minha mesa.

— Quer que eu saia? — pergunta ele.

— Não.

Ele estuda até minha mãe vir à minha porta, várias horas depois.

— Ah, oi, Bodee. Estudando muito?

— Sim, senhora.

O rosto dela pede desculpas.

— Você se importa se eu conversar com a Lex?

— Não, senhora.

Enquanto Bodee pega seus livros, eu me pergunto se ele vai voltar ou se nós dois estamos chateados o suficiente para ser uma noite debaixo-da-cama-em-vez-de-em-cima.

— Você está bem? — pergunta minha mãe, se referindo ao surto da Kayla.

— Ela sempre está com raiva de alguma coisa.

— É *difícil*. Craig faz parte da família há muito tempo. Vou odiar se ele tiver que ir embora, e sei que você também vai. Vocês dois sempre tiveram um relacionamento especial, mas, Lex, você não pode consertar isso.

— Não vou.

— Ótimo. Não precisa se sentir culpada nem responsável ou achar que Craig vai ouvir você. Se os dois tiverem que ficar juntos, eles vão ter que aprender a brigar.

— Você e o papai não brigam.

Minha mãe me dá um tapinha e faz tsc, tsc.

— Claro que brigamos. Só que, mesmo quando brigamos, sabemos que gostamos mais um do outro do que de ter razão. Não concordamos em tudo.

Eles provavelmente discordam sobre os destinos das férias ou sobre as cores para a reforma do banheiro, penso eu, quando ela sai do quarto. Eles não brigam sobre contar aos pais que foi estuprada pelo cara que *faz parte da família há muito tempo*.

No outro lado do corredor, a porta do quarto da minha mãe se fecha, e eu escapo para o quarto do Bodee. Não há nenhum sinal de que ele esteja ali, mas eu tenho uma pista de onde ele está. Eu me agacho e levanto a colcha da cama.

— Posso ficar aí com você? — pergunto.

Ele estreita os olhos por causa da luz.

— Claro.

Eu me deito e escorrego de lado, com o nariz a centímetros do estrado, até encostar o quadril no do Bodee.

— Lugar legal — comento.

— Obrigado.

Viro a cabeça e os ombros na direção dele, até minha bochecha estar em seu ombro; estou na diagonal e ele está reto.

— No que você está pensando?

— Na minha mãe — responde ele.

Pego a mão dele.

— Tenho me perguntado o que ela diria para eu fazer, se ainda estivesse viva.

— E? — pergunto.

— Ela diria para eu sair de baixo dessa cama velha e ir sentar no quarto da Lexi até ela dormir — responde ele.

— Mulher sábia.

— A melhor de todas — comenta ele.

E nós dois saímos dali mais rápido do que eu entrei e seguimos o conselho da mãe do Bodee.

## capítulo 24

Na manhã seguinte, eu lembro que meu celular tinha vibrado, na mesa de cabeceira, pouco antes de eu pegar no sono. Ignorei, achando que era Hayden. Mas, quando olho agora, vejo que era Heather. Ela voltou da Cidade da Raiva um dia antes do que eu tinha previsto.

*Pego você de manhã.*

Escolho mais uma roupa que combine com um cachecol, tiro os lençóis da cama e junto com a pequena pilha de roupas manchadas pelo meu pescoço arranhado, que está no closet. Enfio tudo na máquina de lavar antes que alguém perceba que estou na lavanderia, rezando para o sangue sair dos lençóis.

— Quer carona? — grita minha mãe enquanto ainda estou me maquiando.

— Não — grito de volta.

Passo o rímel, pego a mochila no quarto e me junto à minha mãe e ao Bodee na cozinha.

— Heather está vindo — digo.

Minha mãe abre o pacote de muffins e o desliza para mim pela bancada.

— Acabou a crise, é?

Faço que sim com a cabeça, jogo um muffin para Bodee e tiro a embalagem do meu enquanto minha mãe continua falando.

— Quarenta e oito horas. Bodee, um pequeno fato para você: a maioria dos problemas com as garotas, pode ser resolvida em 48 horas.

— É por isso que não existe esperança para mim e para Kayla — digo.

— Alexi — diz minha mãe, e seu humor alegrinho desaparece. — Não fala isso.

— É verdade. Só estou dizendo a verdade — explico e jogo o papel do muffin no lixo. — Vamos — digo para Bodee antes que minha mãe possa fazer outro comentário.

— Como ela vai estar? — pergunta Bodee quando Heather para na entrada de carros.

— Não faço ideia.

O banco do carona está vazio, e Liz está no banco de trás.

Ouçõ Heather dizer:

— Está frio aí fora, Bodee. Você vai com a gente ou não?

Eu rosno um pouco enquanto sento ao lado da Liz. Por educação, espero eu, Bodee senta ao lado da Heather.

E Heather age normalmente. Como se o acampamento tivesse sido esquecido. O assunto do dia é tabu, e ela não tem nada a dizer sobre outras coisas. E eu não comento nem menciono Collie nem o fato de que ela realmente está seguindo com a ideia de dar em cima do Bodee.

Liz puxa um assunto.

— Minha mãe disse que a gente pode fazer uma festa de Halloween lá em casa. Ela já preparou um cardápio.

— Aham. — Meus olhos estão na Heather. Encaro intensamente sua nuca e desejo saber, passo a passo, como fazer uma lobotomia. — O que — falo apenas com o movimento da boca e aponto para Heather — ela está *fazendo*?

Isso começa a conversa dupla. A conversa para o carro todo. É a que só acontece no banco de trás.

— Testando — diz Liz, sem voz também, e depois completa, com voz: — Eu já tenho uma lista básica de convidados, mas preciso que vocês duas vejam se eu me esqueci de alguém.

— Magoando Collie — sussurro.

— Ele magoou ela. Não consegui conversar com ela sobre... — Ela aponta para Bodee em silêncio e depois diz: — A decoração vai ser muito legal.

— Tudo o que você faz é muito legal — diz Heather. — Então, Bodee...

(Detesto o jeito como ela diz o nome dele.)

— Você quer ir à festa da Liz comigo?

— Não sou muito de festas — responde ele depois de um tempo.

— Isso é algo que a Alexi diria. É *chato* ficar em casa o tempo todo. Vamos lá, é só uma noite. A gente vai se divertir.

E, se não se divertirem, ela vai mandar você para o banco de trás antes de você piscar.

— Quando é? — pergunta Bodee.

Heather diminui a marcha do carro e diz:

— Na próxima sexta à noite.

— Vou visitar meu irmão. Ben.

Prendo um suspiro de alívio.

— Mas talvez eu possa ir depois — acrescenta Bodee.

Agulha de tricô cega. Ele devia dizer *não* para ela.

— Não é perfeito — diz Heather, e soca a coxa dele. — Mas está bom. Talvez eu pinte meu cabelo igual ao seu. Que cor você acha que fica bem em mim?

— Cereja pode ficar legal — diz ele.

— Que sabor é esse? — Ela coloca uma mecha de cabelo dele para trás da orelha.

— Ponche Tropical.

— Estamos atrasados — anuncio, e saio em disparada do carro. Digo a mim mesma que é a vida dele. A vida dela. Se eles quiserem ter encontros Ki-Suco, eles podem. Mas *não* na minha casa.

Hayden está esperando na porta.

— Cara com as palavras certas às suas ordens.

— Que bom — digo, e queria que fosse verdade.

Ele sorri, e eu faço o mesmo, mas não me esqueço de que Bodee disse sim para Heather.

E continuo sem me esquecer disso. Quando ele senta na minha sala, à noite. Ou quando a gente mantém o acordo de não se beijar de novo. Ou quando ele anda no banco da frente com Heather todos os dias por uma semana e meia. Ou quando Craig me evita no corredor da escola. Ou quando eu digo para Hayden que o vejo na festa da Liz.

Não me esqueço.

Não consigo.

Na carteira, esta semana, passamos por Joni Mitchell, um rap que eu quase não lembrava, e Beatles. Ontem, quinta-feira, por insistência da Heather, eu acrescentei:

*Se quiser me encontrar, esteja na casa da Liz Pullman amanhã à noite. Use roupa preta.*

— Vai ser Hayden — aposta Heather.

— Você sabe ou você acha?

— Intuição.

— Ele ainda não me disse nada para eu saber que é ele — digo.

Ela retorce uma trança, e eu sei que vamos mudar de assunto de mim para ela.

— Você acha que tem alguma chance de Bodee gostar de mim?

— Claro — respondo, mas ele não falou nem uma palavra sobre ela. Nem sobre a garota do quarto tempo de aula.

— Ele fala de mim?

— A gente não conversa muito em casa.

Pelo menos, não ultimamente. Não passamos menos tempo juntos; na verdade, passamos mais. Quase todos os minutos que estamos em casa. Ele garante que eu não desconte a dor no meu pescoço, e eu não faço isso há seis dias. Eu garanto que ele não acabe fazendo musculação debaixo da cama.

Mas houve uma breve recaída na noite passada, depois de outra conversa difícil.

— Você voltou a pensar em contar? — perguntou ele.

— Não. Você voltou a pensar no depoimento?

— Para de comparar as duas coisas — argumentou ele. — Não são iguais.

— Não, porque Craig não tentaria me matar.

Minha crueldade não o afasta, mas o silencia. E faz ele ir para baixo da cama.

Por um lado, estou melhor. Contar para Bodee aliviou um pouco da pressão. Mas, por outro lado, estou pior, porque não posso dizer para ele que estou melhor. Nossa definição de “melhor” é diferente.

Melhor é um dia em que eu não penso em arranhar meu pescoço, não um dia em que eu pense em entregar Craig.

Há uma guerra fria entre mim e Bodee, sem esperança de derrubar o muro. Ultimamente, a única coisa que me faz voltar para o closet é quando eu o vejo com Heather. Na verdade, eu não acho que ele está interessado nela, mas ele a mima.

— Você e Bodee vivem grudados — diz Heather depois de assinar a folha de exercício. — Se vocês não falam de mim, de quem ou do que vocês falam?

— Da mãe dele. A maior parte do tempo.

— Ah, faz sentido. Você é tipo o antidepressivo dele ou alguma coisa assim — diz ela.

— É.

— Eu falo com Hayden sobre você.

— E eu ainda falo com Collie sobre você. — Tudo bem, foi só uma vez. Mas uma vez já conta. Depois do fiasco do acampamento, eu finalmente atendi uma ligação dele, e ele pediu desculpas por ter me beijado. Ele tagarelou sobre ter sido estranho e ele nunca ter tido a intenção. E como ele gostaria que eu parasse de afastá-lo. Ele sente falta da nossa amizade.

E eu também. Maldito efeito colateral de julho. Talvez, depois de um tempo, a gente se cure.

Ela estremece ao ouvir o nome dele.

— Liz disse que convidou Collie. — Ela abaixa a voz. — Ouvi dizer que ele vai com a Maggie.

Meus olhos se arregalam, mas eu me recupero antes de ela perceber.

— Você vai com Bodee.

— Esse ano está *muito, muito* estranho. Se você dissesse, em outubro do ano passado, que Collie ia beijar você e eu ia convidar Bodee Lennox para qualquer coisa, eu teria dito que você é maluca.

O sinal toca, e eu digo:

— E eu teria dito que você tinha razão.

Na sexta-feira, o dia da festa, só tem duas palavras na carteira.

## ESTAREI LÁ

— Você não está usando fantasia — diz Bodee quando me vê esperando Heather à mesa da cozinha.

Eu o evitei hoje à tarde, e ele sabe disso, porque está andando na ponta dos pés. Ele faz isso quando está nervoso.

— O que você vê é o que você leva — digo.

Ele ri da ironia.

— Vejo você mais tarde.

Heather não esconde sua decepção por eu não estar fantasiada quando ela me pega, trinta minutos depois do horário combinado. Ela é uma rainha egípcia, mas tudo o que eu percebo é seu cabelo, que está natural, e não da cor vermelho-cereja do Ki-Suco.

— Gostou? — pergunta ela, sacudindo a barriga de fora e os quadris, vestindo calças Saruel que fazem mais o estilo do MC Hammer do que da Rainha de Sabá.

— Você vai congelar — digo a ela.

— Não se alguém aparecer para me esquentar — diz ela.

Rangendo os dentes, respondo:

— É.

Meu coração bate forte no peito, como garrafas pet de dois litros balançam na mala do carro, enquanto vamos para a casa da Liz. Há carros enfileirados nos dois lados da rua, e eu queria ter prestado mais atenção na lista de convidados e resmungado menos. Teias de aranha se esticam de uma magnólia a outra, e há fileiras de lápides arrumadas no jardim da frente. Para chegar à porta da frente, eu tenho que passar por um vampiro, um Michael Jackson e uma daquelas ovelhas de comerciais de colchão.

— Tem um cara todo de preto no quintal dos fundos — sussurra Liz quando me abraça.

— É o Hayden? — pergunto.

— Não tenho certeza. — E não tem mesmo. — Pode ser; é alto o suficiente. Vai lá — diz Liz, e me empurra porta afora. — Vai ver o cara.

— Gostei da fantasia — digo e me sento. O banco de plástico balança quando o dementador todo de preto desliza para abrir lugar para mim.

Ele levanta um dos dedos, com dificuldade para se livrar de tantas camadas do tecido preto, e indica que eu devo esperar. O Capitão se inclina para a esquerda e tira um pequeno quadro branco de debaixo do banco. No topo, ele rabiscou *CARTEIRA* e sublinhou com um piloto grosso.

Dou risada dessa ideia maluca e pego o piloto da mão dele. Nossas letras parecem trêmulas quando eu escrevo meu nome à esquerda de *CARTEIRA*, um ponto de interrogação à direita e devolvo o piloto, esperando que ele escreva o nome dele também. Ele empurra o quadro de volta para mim.

Obrigada por me encontrar, escrevo.

**ISSO NÃO É UMA MÚSICA**, escreve ele em resposta.

Fiz uma fita para você escutar  
E tive medo de você odiar  
Mas você me ligou às três da manhã  
Com ela tocando  
Sussurrando  
A música número três  
É sobre mim e você  
E me senti um pouquinho do mesmo jeito

**ESPERTINHA... ESCREVE OUTRA.**

Tenho guardado essa letra de música desde setembro, mas agora parece o momento certo para usar.

Quero saber quem você é  
Um nome e um rosto  
Um coração para consertar  
Quero saber quem você é

Uma risada debaixo do tecido, e eu sei que é o momento da revelação.

O.

Tempo.

Para.

É Hayden. Hayden Harper vestido como um dementador e rindo como um palhaço. Aproveitando cada minuto de sua brincadeira.

Rio com a boca também, mas meu coração chora. Tão ingênua. As mentiras que eu conto para mim mesma são as que mais doem. Só agora, enquanto estou olhando para um jogador de futebol americano, eu percebo o quanto achei que estaria encarando Bodee.

— Está surpresa? — diz ele, e pega minha mão.

— Não. Heather está dizendo que é você há semanas.

Ele abre um sorriso irônico.

— Desapontada? — pergunta ele. Mas o modo como a pergunta soa me diz que ele não acha que isso é possível. Quem não ficaria empolgada de ver seu cabelo louro-sujo, agora suado, e seus olhos cinza-chumbo?

— Só pelo mistério ter acabado — minto.

— Vou continuar escrevendo letras de músicas para você. Como essa do Cameron Roots que você acabou de escrever. Foi ótima — diz ele.

Eu o corrijo:

— Bandana Rhoades.

— Ainda bem que existe o Google — diz ele com uma risada.

As letras de música não estão dentro dele.

São apenas palavras. Isso eu já sabia dele.

Mas o Capitão Hayden é minha realidade. Ele está aqui, na minha frente, e é a folha em branco de que eu preciso. Ele não sabe do Craig nem do closet nem do meu pescoço. Ele não sabe nada de mim e nunca vai saber.

Destruída. Arrasada. Arruinada. Se eu consigo esconder essas coisas da minha família, vai ser muito mais fácil esconder do Hayden. Podemos passar pelo terceiro ano com fotos e músicas na carteira e uma pilha de memórias da turma. Liz vai voltar com Ray, provavelmente hoje à noite. E Heather uma hora vai acabar perdendo Collie. E aí seremos três garotas e seus jogadores de futebol americano.

Aceita. Aceita, digo a mim mesma. É como encontrar uma calça jeans na promoção com irregular escrito na etiqueta: você olha e não vê nada de errado com ela.

*Aceita.*

E é isso que eu faço.

Beijar Hayden é diferente, dessa vez. Não é esquisito nem tem gosto de uísque. Tudo o que eu preciso para deixar minha vida normal está nesse beijo. Profundo, penetrante. Só saio do transe do beijo quando ele tenta tocar meu pescoço. Eu estremeço um pouco, ele me puxa para o colo dele e se esquece do meu pescoço.

Tento esquecer que ele não é Bodee, e beijo Hayden com mais entusiasmo.

E ele gosta disso.

Ele está gostando bastante quando a porta de tela bate com força, e eu percebo que não estamos sozinhos.

— Eu estava esperando isso acontecer — sussurra Hayden quando eu saio do colo dele.

Bodee. Não está de preto. Não veio por mim. Não é o Capitão Letra de Música.

Não está feliz.

— Ei, Ki-Suco — diz Hayden.

— Não chama ele assim — digo e me levanto.

— Na última vez que eu beijei você, ele me socou. Então eu acho que “Ei, Ki-Suco” é bem suave.

— Bodee — digo do jeito mais arrependido que eu consigo.

Mas Bodee vira e vai embora.

Hayden me puxa de volta para o colo dele.

— Deixa ele ir — diz ele, e beija meu rosto.

— Você não entende.

— Ah, acho que entendo, sim. — Tem uma covinha no queixo do Hayden que eu nunca percebi antes, e ela balança arrogantemente na minha frente. — Ele gosta de você, e você tem pena dele. Então você, sem querer, dá mole para o cara. Mas, confia em mim, você não está fazendo nenhum favor para o Ki-

Suco ao fazer essa cara de sinto-muito-que-você-está-triste. Garotas como você não saem com caras como ele.

— Ele é importante para mim — digo, e ignoro o resto.

— Está bem. Vai lá. Fala com ele. — Ele me solta. — Mas volta rápido, Alexi. Tenho outro jogo para a gente usar o quadro branco.

A multidão na casa aumentou desde que eu fui para o quintal. Empurro a Marilyn Monroe para cima do Elvis, depois o Capitão América para cima da Betty Boop (Maggie) para chegar até a porta da frente.

Bodee está quase chegando na caminhonete do Ben, na esquina, quando eu o alcanço.

— Espera. Por favor, espera — grito.

Por favor e Bodee são manteiga de amendoim e geleia. Ele para.

— Ele é o Capitão — digo, esperando que isso explique minhas ações.

— Claro que é.

Chuto o poste de luz da rua.

— Por que você está tão irritado comigo? Você veio para festa para ficar com a Heather.

*Crack. Crack. Crack.*

— Você gosta dele? — pergunta ele.

— Você gosta dela? — mando de volta.

— Não, você sabe disso — responde ele.

— E a garota do quarto tempo de aula? Você gosta dela?

Agora é ele que chuta alguma coisa. O pneu da caminhonete do Ben.

— Gosto — diz ele.

— Bom, então, estamos empatados.

— Não acredito que você escolheu ele. Ele, Lex. Ele é...

...uma vida normal, penso eu. Minha chance de ter uma vida normal está no quintal, e não aqui no meio da rua. Além do mais, é melhor para Bodee. Ele precisa da sua garota do quarto tempo de aula, descomplicada, inteira e intacta.

Não de mim.

Esses pensamentos em espiral me queimam como álcool em uma ferida, mas jogo outra garrafa sobre meu coração podre e levanto o queixo.

— Eu escolho ele — digo.

E, dessa vez, Bodee acredita na mentira e me deixa sozinha na rua.

## capítulo 25

Heather me leva para casa dentro do horário preestabelecido. Meia-noite e meia.

Ela não fala nada sobre o aparecimento e o desaparecimento rápidos de Bodee na festa. Ele é apenas um aperitivo, e Collie é o prato principal, de qualquer jeito. E Collie, que chegou com Maggie, largou Maggie e ficou com Heather. E Heather permitiu.

As coisas entre mim e Bodee ainda estão tão bagunçadas quanto a parte de dentro de uma abóbora, mas a relação da Heather com Collie não precisa ficar destroçada e espalhada sobre o jornal de ontem.

— Você quer saber o que realmente aconteceu com Collie? — pergunto a ela.

— Ele contou para você... da garota.

— Contou. — Ele sempre me contou tudo, desde o jardim de infância. Até o jogo dos ex-alunos. Mas então, quando nossas vidas desmoronaram ao mesmo tempo, e minha com uma desgraça que eu não podia compartilhar, eu passei a evitá-lo. Porque a história dele é parecida demais com a minha. Sexo. Erros. Arrependimentos. — E eu disse que não ia contar — explico. — Mas eu não conseguia olhar para ele, por causa do que ele fez com você.

— Então, por que você está me contando agora? — pergunta ela.

— Porque estou cansada. — Cansada demais. — E por causa da outra noite, Heather. A confusão no forte. Você precisa saber que não tem nada entre mim e Collie.

— Eu sei. Eu sei. Só que é chato ele ter contado para você, e não para mim.

— É diferente. Eu sou só amiga dele. — Não lembro a ela que Collie chegou a contar para ela. Mas em um momento péssimo, escolhido com a idiotice típica dos homens, que cancelou sua sinceridade. — Aconteceu na noite do jogo de ex-alunos. Na minha casa — digo.

Heather gira o volante com as mãos em punho.

— Ai, meu Deus, brigamos feio aquela noite — lembra ela. — Porque ele bebeu demais com os garotos. E eu disse que, se fosse para agir como meu pai, ele podia sumir. Que eu já tinha fracassado o suficiente na minha vida e não precisava de outro.

— E, depois que você foi embora, ele ficou arrasado.

— Quem foi? Julie Raimer? Ela sempre teve uma queda por ele.

Balanço a cabeça.

— Tanya?

— Heather, foi a Maggie — digo, antes que ela faça uma lista de todas as garotas que já sentaram conosco no almoço.

— Maggie. Mas ela... por que ele faria isso?

Olho para ela.

— Maggie, Heather. Ela estava *lá* — digo.

Meio que como Hayden.

Agora Heather soca o volante, e eu não a interrompo.

— A gente esperou. A gente esperou tanto tempo, e ele dormiu com *ela*.

— Ele estava bêbado. Você sabe que ele não liga para Maggie.

— Mas isso só piora as coisas. Por que os caras dormem com garotas que eles não amam?

— Porque... — Não tenho uma resposta. — Me desculpa por não ter contado — digo.

— Lex, eu duvido que você tenha mentido para mim só porque prometeu para ele. Então por quê?

Respiro fundo, porque ela agora foi ao centro da questão.

— Porque Collie é uma das poucas constantes na sua vida. Com sua família e tal. — Quando paro e olho para ela, Heather balança a cabeça. — E, se você

não precisava passar por isso, não era eu que ia contar. — Coloco a mão sobre a dela, e ela não se afasta. — Sinto muito mesmo.

Ela faz que sim com a cabeça, de um jeito compreensivo.

— Se eu soubesse de alguma coisa assim sobre você, eu também não contaria. E, Lex... o que quer que esteja acontecendo com você, eu espero... espero que melhore logo. Eu sinto falta do seu sorriso.

Eu sorrio.

— Do seu sorriso de verdade — diz ela.

— Vejo você segunda-feira — digo.

Ouçõ roncos no escritório. Tranco a porta da cozinha depois de entrar, vou na ponta dos pés até o sofá e cutuco minha mãe para ela acordar.

— Cheguei — aviso. — Pode ir para cama.

Ela esfrega os olhos e fecha o livro caído sobre seu peito.

— Você se divertiu?

— Sim. — Talvez um dia eu pare de mentir para ela também.

— Que bom, querida. — Ela me dá um beijinho no rosto e fecha o roupão para ir para o quarto. — Vejo você de manhã.

Meu coração está pastoso, como se tivesse sido socado e amassado, enquanto eu subo as escadas e abro a porta do meu quarto.

Está vazio.

Tento ir para o closet, achando que consigo apagar esse dia horroroso deitada no chão, mas a porta está fechada. Tem um post-it sobre a maçaneta que diz: *Trancado*.

Bodee. Sempre um passo à frente da minha dor.

Então eu me arrasto até a cama, sem me importar com pijamas ou com a escuridão, e faço uma caverna com minhas cobertas. Eu me enterro nelas, e as palavras que saem tropeçando são abafadas pelo travesseiro: só pedidos e orações.

— *Por que eu sou tão burra... as coisas sempre dão errado... não importa o que eu faça... o quanto eu me esforce... o que eu vou fazer... ah, Bodee... algum dia você vai me perdoar por isso... por favor... Bodee... por favor... Bodee... por favor... você precisa me perdoar.*

— Eu perdoo você, Lex — diz uma voz debaixo da cama.

É constrangedor saber que você disse coisas que nunca quis que alguém escutasse. Seco o rosto no travesseiro e me viro para deixar minha cabeça pendurada na cama e espiar embaixo.

— Ei — digo.

— Você fica engraçada, de cabeça para baixo — diz ele.

— Eu fico engraçada de cabeça para cima. Por que você está debaixo da minha cama?

— Porque alguém colocou as caixas de volta debaixo da minha. — Está escuro demais para eu ver seu sorriso, mas não é difícil percebê-lo.

Eu também sorrio, porque, pela primeira vez, eu estive um passo à frente da dor dele.

— Quer sair daí? — pergunto.

Ele não responde, mas coisas se amassam, batem, deslizam, e ele aparece.

De tênis e tudo, ele deita na minha cama.

— Quem sou eu, Lex? — pergunta ele.

— Bodee — respondo.

— Se lembra disso — diz ele, e, cuidadosamente, coloca um braço ao meu redor enquanto eu me aninho no peito dele.

Mesmo eu tendo escolhido Hayden, Bodee ainda está aqui. Constante. E nós dormimos de roupa. É mais preciso dizer que nós ficamos acordados de roupa, porque nenhum dos dois fechou os olhos por muito tempo.

Bodee não fala do Craig de novo até a manhã de terça-feira. É cedo. Talvez umas quatro e meia. A pressão por essa conversa tem aumentado desde que Craig apareceu na igreja, no domingo, sentou no nosso banco e foi comer carne assada e batatas à nossa mesa. Ele e Kayla estavam tensos, mas civilizados. Mamãe e papai estavam estranhamente reticentes. E Bodee e eu... bom, a gente sobreviveu.

E agora Bodee e eu estamos discutindo e teimando um com o outro.

— Lex, você precisa contar para ela antes que eles se acertem — diz ele. — Não deixa ele voltar para cá.

— Não consigo. — Eu me afasto do abraço dele.

— Bom, eu não posso continuar fazendo isso.

Eu me apoio em um dos cotovelos e digo:

— Fazendo o quê?

— Ficando no seu quarto.

— Desculpa ser um fardo tão pesado.

— Shhh. Alguém vai nos ouvir.

Ele está certo, mas ouvir “shhh” me irrita.

— Então — digo, sarcástica. — Você não pode mais continuar fazendo isso.

— Não faz assim. Você sabe que eu só...

— E se eu dissesse a mesma coisa para você? E se eu dissesse: “Você está destruído, e eu não quero você na minha vida a menos que você testemunhe contra seu pai”? — Ele não tem defesa a não ser se afastar de mim.

— Está vendo, Bodee? Não é tão fácil.

— Nada é fácil. E eu *estou* destruído. A diferença entre nós não é estar destruído ou não; é o que nós vamos fazer com isso.

— Bodee, isso é mentira. Não podemos continuar tendo essa mesma conversa. Você já sabe que eu estou decidida; eu não *quero* que ninguém saiba. Tenho que lidar com Craig em particular.

Ele me encara de novo, e a luz noturna deixa os planos do seu rosto muito nítidos. Com o maxilar travado e inflexível, ele diz:

— Não posso deixar você fazer isso.

— Você vai *contar*.

— Vou. Já decidi. Se você não contar, eu conto.

— Então, não importa o que isso aqui seja, o que nós somos, *acabou* — digo.

— Eu nem sabia que tinha começado.

— Você me *beijou*. — As palavras trazem a lembrança de nós dois no saco de dormir dele.

— Você beijou Hayden — diz Bodee. — Você escolheu ele.

— E vou fazer isso de novo. Vou mentir até o fim se você contar para Kayla ou para meus pais sobre Craig.

Bodee rola e sai da cama; os tênis fazem um barulho suave no carpete.

— Não, Lex. Você vai rasgar seu pescoço e, daqui a dez anos, vai olhar para trás e perceber que está presa no mesmo closet, rasgando figurinhas de futebol americano.

Enquanto eu ainda estou ofegando, ele abre a porta para sair e para de repente com uma exclamação de susto.

Faço “shhh” para ele enquanto Bodee volta para meu quarto.

Seguido da Kayla.

— Ora, ora. Isso não é interessante? — diz Kayla, sarcasticamente, e fecha a porta do quarto atrás de si.

— Ah, não começa. A gente só estava conversando — digo.

— Craig e eu conversávamos.

Bodee vira o rosto para mim e resmunga:

— Não duvido nada.

— Sai dessa, Kayla, a gente não estava fazendo nada.

— Às cinco da manhã? No seu quarto? Sei. Você não é nada inocente como mamãe e papai pensam.

— Acredita no que você quiser. A gente só estava conversando.

Tudo o que eu vejo do Bodee são suas costas, mas ele está estalando os dedos como se fossem nozes.

Kayla avança para dentro do quarto, e nossos sussurros vão ficando mais altos.

— Eu acho o seguinte. Você vai me dizer exatamente o que falou para Craig, naquele dia, que fez ele terminar comigo. *Ou* eu vou dar um jeito de seu amiguinho de quarto aqui ser posto para fora da nossa casa.

Não reajo ao soco no estômago.

— Eles ensinam você a fazer ameaças no banco ou o quê? Eu não falei nada para Craig.

— Você falou para ele terminar comigo — diz ela.

— Não falei nada. Por que eu faria isso? — *Além dos motivos óbvios.*

— Porque você me odeia e tem inveja e não consegue me ver feliz.

— Kayla, eu não odeio você. Você é minha irmã.

— Craig sempre foi seu herói, e eu sempre fui a bruxa — diz ela.

— Ele *não* é o herói dela.

Kayla deve ter esquecido que Bodee estava no quarto, porque ela dá um pulo ao ouvir a voz dele.

— O que você sabe? Você só está aqui há um mês.

— Trinta e quatro dias, e eu sei mais do que você — diz ele, e sai da beira da minha cama, onde estava apoiado.

Eu conheço esse tom. Ele vai cumprir a ameaça de contar para ela, agora mesmo.

— Não, Bodee — digo, tentando acalmar a tempestade.

— Sim, Alexi — diz ele.

— Eu não sou burra. Vocês dois estão escondendo alguma coisa, e eu vou descobrir o que é.

— Não vai.

— Vou fazer o que for preciso para ficar com Craig.

Bodee está entre mim e Kayla.

— Não vai, não.

Ela bate no peito dele. *Tump. Tump.*

— Você não pode dar opinião nesse assunto.

Bodee agarra o pulso dela e, apesar de ser delicado, Kayla tenta escapar como se ele quisesse bater nela.

— Que pena, porque eu vou dar minha opinião — diz ele.

Ai, merda. Ai, merda.

— Bodee.

— Eu sei tudo sobre você e Craig *conversando* enquanto deviam estar tomando conta da Alexi — diz ele na cara dela. *Crack. Crack. Crack.* Ele está enrolando. — Você sabe do que eu estou falando, Kayla — diz ele com desprezo. — Que tipo de pessoa ameaça uma criança de 6 anos? E você fez esse tipo de ameaça a vida toda. Bom, chega. Você ameaçou a Alexi pela última vez. E eu juro, se você me provocar, vai descobrir que eu não estou blefando. Sou eu que vou garantir que Craig nunca mais volte.

Respiro fundo quando ele termina. Em parte porque ele não contou e em parte porque eu nunca o vi falar com tanta firmeza.

— Você vai se arrepender disso — sibila Kayla, com o rosto contorcido de tanta raiva. — Você vai se arrepender muito.

— Ah, acredita em mim, eu já estou arrependido — diz Bodee. — Lex, conta para ela.

— Não tenho nada para contar — insisto.

— Ótimo — diz ele, e vai até a porta. — Você está por sua conta. Para mim, chega.

— Ele é tão maluco quanto o pai — diz Kayla quando Bodee sai.

— Você. *Nunca. Mais.* Vai. Dizer. Isso.

— Ah, quem está fazendo ameaças agora? O que foi isso tudo, afinal?

— Nada. Nada. — *Tudo.*

Kayla já está quase fora do meu quarto; seus dedos seguram a moldura da porta.

— Quero que ele vá embora, Lex. Quero que ele saia dessa família. E vou fazer isso acontecer.

Ela sai antes que eu consiga dizer:

— Ele já saiu.

## capítulo 26

As toalhas do banheiro não estão molhadas quando eu me arrasto para o chuveiro. Não tem um pacote de Ki-Suco rasgado no lixo. E nenhuma escova de dentes molhada na pia.

Vestígios do Bodee.

Desaparecidos.

E não tem um Bodee sentado com as pernas cruzadas na bancada da cozinha, esperando para ver qual comida congelada a gente vai dividir hoje.

A cabeça da minha mãe está na geladeira.

— Está com fome?

— Hoje não.

— Bodee deixou metade da barra de cereais para você.

— Deixou para mim?

— É. — Ela desliza uma caixa de suco de maçã pela bancada, na minha direção, como se estivesse trabalhando em um cabaré do centro da cidade. — Ben veio buscá-lo hoje. Ele não contou para você?

— Não.

Saio da cozinha e subo até o quarto extra. *Ben veio buscá-lo*, ouço minha mãe dizer. Ele se mudou? Foi embora? Não vai voltar?

Ele não pode continuar a fazer isso, foi o que ele disse.

Provas. Quero provas de que ele vai ficar. Provas que eu não encontrei no banheiro.

Mas a primeira coisa que eu vejo é a Cinderela. Virada para cima no seu vestido amarelo. Sorrindo sobre a cama, como se não fizesse ideia de que eu

preferia nunca mais vê-la. A pilha de camisetas brancas, as cuecas que fizeram ele corar na minha frente no primeiro dia, tudo sumiu. Três camisetas lisas que costumam ficar penduradas em cabides de plástico e não nos de metal: sumiram. E o brinco de diamante da sra. Lennox também sumiu.

Levanto a colcha da cama, me perguntando como vou encarar o último prego desse caixão.

As caixas estão empilhadas debaixo da cama.

Meu mundo todo fica abalado e oscila, como se eu estivesse de pé em um barquinho na piscina. Meus joelhos ficam bambos e eu me sento, depois caio com o rosto para baixo na cama dele.

*Não posso continuar fazendo isso.*

Empurro as almofadas decorativas para o chão e... minha mão toca o que eu tinha medo de não encontrar.

*Hatchet.* A capa surrada foi recolocada.

Abro o livro com a lombada presa por fita adesiva e leio:

*Para Bodee,*

*Meu pequeno e corajoso Brian. Eu te amo.*

*Mamãe*

Ele levou tudo e deixou isso para trás.

Para mim.

— Lex! — grita minha mãe da cozinha. Deixo ela gritar. Mesmo enquanto a ouço subindo a escada e chegando ao mezanino. Fico deitada na cama, passando os dedos nas palavras da mãe dele.

— Heather chegou — diz minha mãe.

— Ele disse quando vai voltar? — pergunto eu.

— Não. Ele disse que precisava de um tempo com o irmão. — Ela dá um tapinha na minha perna. — Está preocupada com ele?

Faço que sim com a cabeça e sento, deixando minha mãe ver minhas lágrimas, mas não o livro nem a dedicatória da mãe dele. Ela supõe que essas lágrimas são por causa do Bodee, e não por sua filha.

— Vai ser bom ele ficar com o Ben. Eles também precisam de um tempo. Talvez ele converse com o irmão. — Ela desvia o olhar e me dá espaço para secar o rosto. — Heather está esperando — me lembra ela.

Eu adoro isso nela. O fato de ela ser como eu. Emotiva, e envergonhada por ser emotiva.

Enfio *Hatchet* na minha mochila e ando como um zumbi até o carro da Heather. Liz voltou para o banco da frente.

— Você tinha mais um minuto — diz Heather. — Cadê Bodee?

— Com o irmão dele.

— Ele não vai se mudar, vai? — pergunta Liz. — Porque ele normalmente não visita o irmão, né?

— Não sei. Talvez.

Nosso trio, que virou um quarteto e depois um trio de novo, fica em silêncio. Pensando no Bodee.

Heather diz: “Hum, bom”, e Liz suspira, me olhando pelo retrovisor. Eu me mexo e viro o rosto para a janela, em um ângulo onde ela não consegue me ver. E choro lágrimas lentas e silenciosas.

Hayden segura minha mão na porta da frente e me conduz, como uma boneca, até a primeira aula. Ele beija meu rosto, como se sua revelação como Capitão Letra de Música desse a ele essa nova permissão para me tocar dentro da escola.

Bodee não está na primeira aula.

E nem no armário, depois.

Quando Hayden percebe que eu girei a combinação do cadeado do armário duas vezes e não consegui abrir, ele pede a combinação e assume meu lugar. Pela primeira vez, ele percebe meu estado de letargia.

— Você está bem, Lex?

— Acho que não — digo quando meu armário se abre.

— Posso fazer alguma coisa?

— Acho que não.

Hayden me dá os dois livros para os quais eu aponto e diz:

— Eu poderia perguntar o que aconteceu, mas você provavelmente não vai me contar.

Hayden está certo. Então eu digo “obrigada” e me afasto, deixando o armário aberto e o cadeado na mão dele.

Eu não levo meu livro do terceiro tempo de aula, e temos uma prova com consulta ao livro. Meu nome é a única coisa que eu escrevo.

Percebo algo enquanto ando pelo corredor.

Qualquer capacidade que eu tenha de seguir em frente — até decisões idiotas, como escolher Hayden porque ele não *sabe* ou achar que eu poderia ter um relacionamento normal e me esquecer de tudo que houve com Craig — é por causa da força do Bodee. Não sei como fazer isso sem ele.

Deito a cabeça na carteira, no quarto tempo de aula, na carteira em branco, e fecho os olhos.

— Você não vai escrever? — pergunta Heather.

— Estou sem palavras — respondo.

Quando a campainha finalmente toca, eu peço dispensa da escola com a desculpa de uma enxaqueca, ando até em casa e vou direto para o forte.

Quando chego ao alto, vejo um pássaro minúsculo pousar na minha janela — aquela onde Bodee e eu ficávamos ombro a ombro observando o bosque.

— *Piu* — diz o pássaro para mim, sacudindo as asas.

— É outubro, amigo. Seus companheiros devem estar na metade do caminho para o sul agora — digo a ele.

Ele pia de novo.

— Chato, né?

O pássaro puxa as penas cinza-chumbo do rabo, e uma delas flutua até o peitoril aberto.

— *Piu. Piu.*

— Ah, é? Talvez seja por isso que eles deixaram você para trás.

— *PIU.* — Ele voa para longe, deixando a pena na janela.

Hoje de manhã, por um segundo, entre minha dor e o medo de Bodee contar, eu imaginei como seria ser livre.

Acho que é isso que Bodee está imaginando para mim. O que ele quer para mim.

Liberdade.

A escolha é minha, percebo. Posso ser o pássaro apoiado no peitoril de uma janela, no Tennessee, quando todos os meus amigos estão na Flórida, ou posso ser o pássaro que voa para longe.

Eu posso ser livre.

Eu decidi manter meu segredo e, agora, decido deixar ele partir.

Quero minha vida de volta. Quero que as mentiras e a solidão terminem. Não quero escolher Hayden só porque ele não sabe nada de mim. Hayden, que procura letras de música no Google e bebe uísque. Eu nunca vou me apaixonar por ele.

Mas, neste momento, se eu não me arriscar, vou cair em um relacionamento grudento porque é fácil. Fácil é vazio.

Hayden é bom na carteira, mas ele não é bom para mim. E eu já tenho um garoto que me conhece.

Se ele me perdoar. Confiar em mim. Depois que eu transformar as mentiras em verdade.

Uma vez Bodee me disse — na única vez em que ele sentou comigo no closet — que eu devia escrever o que eu não conseguia falar.

— As palavras vão dar voz a você — disse ele.

Com cuidado para não danificar o livro, eu tiro a capa e pego uma caneta no bolso da minha mochila. A parte de dentro da capa está em branco, esperando minhas palavras.

Preciso de coragem para escrever o óbvio.

*Craig me estuprou.*

Mordo a tampa da caneta e deixo as palavras saírem. No início, são como uma chuva de verão na praia, fazendo marquinhos na areia que o vento vai apagar.

Eu não chamei de estupro, porque eu não disse não. Mas ele sabia. Ele SABE que estava errado. Que um homem de 26 anos não faz sexo com uma

menina de 15. Ele usou camisinha, então teve tempo para pensar e para parar. E teve tempo para acertar as coisas. Para contar. O que nunca consertaria as coisas, mas ajudaria. Em vez disso, ele quer que eu finja que nada aconteceu, que eu fique na vida dele para ele poder beijar minha irmã e mentir para ela. Dizer que ele ainda é um cara legal. Algum dia ele pode voltar a ser, mas não para mim.

Então minha raiva vira fúria, e eu aperto a caneta para escrever as palavras que eu devia ter dito para Craig.

Sua dor não é uma desculpa para tomar algo de alguém.

Sua solidão não é uma desculpa para trair.

Seu desejo não é motivo para estuprar.

Você me estuprou, e agora eu também vou tomar coisas de você. Vou fazer você perder Kayla, nossa casa como sua segunda casa, seu emprego e eu como sua cunhada.

E vai doer, mas não tanto quanto doeu o que você fez comigo.

Não vou me arrepender disso. Você não é meu MELHOR AMIGO, você é um babaca egoísta, e eu odeio o que você fez comigo!

## capítulo 27

Quando volto para casa, Kayla e Craig estão no escritório. Não se tocando, mas no mesmo sofá e próximos. Meu manifesto, o fim da vida normal do Craig e o início da minha, está queimando dentro de mim.

*Craig me estuprou. Eu odeio o que você fez comigo.* E todas as palavras que estão no meio.

Mas Bodee não está aqui, e eu quero que ele esteja.

Ele está com raiva de mim, mas eu o conheço. Se eu pedir por favor, ele vai vir e me perdoar por tempo suficiente para ficar do meu lado e segurar minha mão enquanto eu mando Craig para o inferno. O garoto que me ensinou a encarar as coisas deve estar aqui para me ver fazer isso.

Então eu vou esperar.

Mas Bodee não aparece magicamente. Não posso desejar que ele esteja aqui como desejei a mão dele na minha no dia em que chutamos pedrinhas no caminho para casa.

Chega a hora do jantar, e eu passo uma fatia de pizza para Craig, mal conseguindo conter minha fúria, agora que ela está na superfície. Então eu passo o aipo e o molho *ranch* e depois mais Sprite. Quero jogar o Sprite nele e gritar como uma criança de 2 anos de idade.

Craig está diferente. A camuflagem e as mentiras também não estão mais funcionando para ele. Ele não me olha mais como se fôssemos melhores amigos. Ele não come as coisas que eu passo para ele no jantar. Ele não come quase nada, eu percebo. Sua perda de peso, meu pescoço; nós destruímos os disfarces um do outro.

Mas eu não vou sentir pena dele. Como sentia.

— Cadê seu *namorado*? — pergunta Kayla.

— Ele não é meu namorado — respondo sem olhar para ela. — Ele foi embora. Com o irmão dele, Ben.

Ela diz “Ótimo” e ignora os olhares de desaprovação da minha mãe e do meu pai.

Em momentos como este, eu quase consigo misturar os dois e formar o KaylaCraig. Uma palavra, um ser, uma pessoa, para desprezar pelo que eles fazem comigo. Mas eles não são iguais, e ela é minha irmã. A tristeza por ela diminui minha raiva, porque eu não posso arruinar a vida do Craig sem arruinar a dela.

Ela pode não me perdoar por isso.

Ela pode me odiar pelo que eu vou tirar dela assim como odeio Craig pelo que ele tirou de mim.

Ela pode contar à minha mãe antes de eu estar preparada.

Na superfície, esta é uma refeição normal. Nós comemos, conversamos, passamos a comida e limpamos a cozinha. Mas, no meu cérebro, as listas de possibilidades relacionadas à minha mãe e ao meu pai começaram. Eles podem me levar para um psicólogo. Podem me vigiar de perto demais. Podem sentir pena de mim. Podem me tratar como se eu fosse uma relíquia de família que pode ser olhada, mas não pode ser tocada.

“Pode quebrar”, ouço eles dizendo sobre a lâmparina da minha bisavó. “Ela pode quebrar”, ouço eles dizendo sobre mim.

E minha mãe e meu pai não vão dar queixa do Craig. Eles não acreditam em vingança.

Essa ideia está impregnada em mim. Outro motivo para ter levado tanto tempo para eu chegar a esse ponto com Craig. Entender que contar o que já aconteceu não é vingança. Ver a diferença entre sofrer as consequências e adotar uma atitude olho por olho.

Mas eles acreditam em honestidade, meus pais. Se eles estivessem na minha cabeça e pudessem ver esses pensamentos deturpados, eles diriam: “Querida, nós temos que ser honestos, mesmo quando é difícil.”

Eu vou ser honesta.  
Mesmo que seja difícil.  
E eu vou me curar.

Hoje à noite, eu jogo fora minhas blusas manchadas de arranhar o pescoço. Se eu precisar de outra, e provavelmente vou precisar, penso nisso depois. Por hoje, não vou dar ao Craig mais do que ele já tomou de mim.

Sinto falta do Bodee como sinto falta da minha virgindade. Como se ele tivesse ido embora para sempre e eu nunca mais fosse recuperá-lo. Na cama, eu não consigo dormir, mas me recuso a olhar para a ventilação. Tento virar para um lado e depois para o outro. Travesseiro afogado; travesseiro achatado. Joelhos dobrados; joelhos retos. Encolhida e com os braços abertos.

Contar não vai trazê-lo de volta.

Quanto mais tarde fica, mais sincera eu fico. *Hatchet* não foi a única coisa que ele deixou para mim... Ele me deixou... *eu*. Eu. Eu mesma.

E, mais do que isso, Bodee me deixou esperança. No amor. De querer que alguém me toque de novo e deite comigo sem que minha primeira reação seja medo. Porque Bodee dorme de tênis, porque Bodee pediu um beijo em vez de tomá-lo e porque manteve um espaço entre nós. E ele dançou quase sem me tocar até eu dizer que ele podia ficar mais perto... e pôr sua mão no meu quadril.

Eu sei que ainda estamos arrasados. *Nós dois*. Mas Bodee tem o que é preciso para nos deixar bem de novo.

Ele é amor.

Espero o despertador desligar.

Heather e Liz não perguntam do Bodee no carro. Elas nem dizem “Feliz Halloween”. Pela primeira vez este ano não conversamos no caminho para a escola. Estou com o exemplar rasgado de *Hatchet* na mão. Quer Bodee esteja kiwi, amora, cereja, ponche tropical ou qualquer outro humor, vou devolver a capa para ele no armário. Se ele estiver lá.

Passo direto pela mão estendida do Hayden e, embora eu veja as sobrancelhas levantadas e o olhar questionador que ele dá para Heather, não

paro. Talvez ela dê de ombros para dizer a ele que não sabe o que houve, mas não tenho certeza, porque eu não me viro.

Bodee não está no armário dele.

Não tem letra de música na carteira, o que leva Heather a dizer:

— Você foi meio grosseira com ele, hoje de manhã.

— É — digo. — Ei, diz para ele que eu pedi desculpas.

Eu também não escrevo nenhuma letra de música, porque agora eu sei quem ele é, e a magia desapareceu.

O sinal das 14h45 toca, e eu saio pela porta da frente. Bobamente, olho na direção do canteiro onde Bodee costuma esperar por mim. Um pedaço de tecido xadrez me faz olhar de novo, e eu sou empurrada por um garoto a caminho da aula de tuba. Eu tropeço e olho de novo.

Ele está lá, ele está lá de verdade, e eu corro até ele.

Seus braços se abrem e me envolvem. Ele me gira até eu ficar tonta.

— Senti saudade de você.

— Deve ter sentido mesmo, você está me abraçando na escola — diz ele.

— Senti *saudade* de você — repito. Mais como se eu não conseguisse respirar sem você.

— Eu estava com Ben — diz ele.

Ele balança o cabelo, que está mais curto e louro. *Apenas* louro, percebo; como estava no funeral da mãe dele. Quando ainda havia um quilômetro entre nós.

— Minha mãe me disse que você estava com ele.

— Lex, eu fiz. — Ele está sorrindo. Aquele sorriso com dentes, todos brilhando para eu ver.

— Fez o quê?

— Dei o depoimento.

Nós giramos de novo, e eu aperto ele.

— Você fez mesmo?

— Fiz — diz ele. — E me sinto diferente. — *Crack. Crack. Crack.*

— Você não *parece* diferente — provoco, pegando as mãos dele.

— Você também está diferente. — Bodee ajeita meu cabelo na nuca e sorri quando toca meu pescoço. Sorri porque percebe que não tem arranhões novos.

Dou a ele a capa do livro.

Ele lê uma vez, duas vezes, talvez três.

— Quando foi que você escreveu isso?

— Ontem.

— Você vai...?

— Vou enfiar na bunda dele.

Não é engraçado, mas nós dois rimos. Talvez de surpresa; talvez de nervoso.

— Tem certeza de que você está pronta? — pergunta ele.

— Não — respondo. — Mas não importa. Eu tenho que fazer isso, mesmo que seja difícil.

Liz nos vê no caminho até o carro da Heather.

— Vocês vêm? — grita ela, com uma expressão curiosa no rosto.

— Não. A gente vai a pé! — grita Bodee de volta e me diz: — Você não se importa, né?

Balanço a cabeça, e nós caminhamos.

— Você sabe que eles vão falar de nós — digo.

— Não vai ser a primeira vez.

— E não vai ser a última — completo. E nós dois sorrimos de novo.

— Você se importa se a gente parar aqui? — Bodee aponta, através dos portões de ferro batido do Cemitério Pleasant Grove, para a fileira de pedras do outro lado. — Eu meio que quero contar para ela sobre hoje.

— Você acha que ela sabe de mim?

Ele aponta para cima e diz:

— Tenho quase certeza de que ela está olhando. Provavelmente está lá em cima mexendo as cordinhas com os anjos.

— Talvez ela tenha me mandado um passarinho. Se foi ela, agradece por mim.

— Não duvido nada.

Ele fala enquanto o sol desaparece, e eu o observo. E penso no que vou dizer para Craig.

Criancinhas fantasiadas dividem a calçada conosco. Um cachorrinho salsicha fantasiado de cachorro-quente trota ao lado de um menininho que é o Batman hoje à noite. Eu não me lembro do Batman ter um cachorro-quente, mas eu rio de ver os dois passeando pelo bairro.

O pôr do sol acabou de escurecer a cor do outono quando chegamos na entrada de casa. Um grupo de crianças fantasiadas toca nossa campainha quando passamos atrás deles.

— Espera aí — digo a eles, e entro para pegar a tigela de balas que minha mãe preparou.

— Obrigado — dizem eles em coro, descendo os degraus aos pulos e indo em direção à próxima casa.

— Onde estão seus pais? — pergunta Bodee.

— Minha mãe e meu pai sempre ajudam na Festa da Colheita no estacionamento da igreja. — Acendo as velas nas abóboras esculpidas e coloco a tigela de balas perto da porta. — Sempre faço isso. Não tem muitas crianças pedindo doces aqui no fim da rua.

Quando Craig para na entrada de carros, ele e Kayla saem da cabine pelo lado do motorista. Se ela estava sentada no meio, *na corcunda*, como eles chamam, devem estar juntos de novo.

— Está pronta? — pergunta Bodee.

— Aham.

Bodee me puxa para baixo do seu ombro.

— Não vai ter laço de fita, mas Deus vai amarrar as coisas — diz ele.

— O que isso significa?

— É uma coisa que minha mãe dizia quando sabia que alguma coisa difícil estava para acontecer — diz ele.

— Olha quem voltou — diz Kayla.

— Oi, Kayla — diz Bodee, ignorando o sarcasmo.

— A gente precisa conversar — digo à minha irmã antes que ela comece a falar do Bodee.

— Você finalmente vai abrir a boca? — pergunta ela. — Precisa que seu amiguinho de quarto segure sua mão?

Não respondo, e nós esperamos enquanto Craig vasculha a geladeira. Todos os sons são amplificados, até mesmo o barulhinho que a porta da geladeira faz ao fechar. Esta é a última vez que ele pega alguma coisa na nossa cozinha, penso, para me dar forças.

Craig passa pela porta e me dá uma olhada.

E *sabe*.

Ele aperta a lata de Sprite na mão como se fosse sua arma de defesa.

— Kayla quer saber o que está acontecendo. — As primeiras palavras são as mais difíceis. — Você quer contar, Craig, ou quer que eu conte?

Existe algo no silêncio, na imobilidade, que eu sempre vou associar a este momento. Como se o tempo perdesse o fôlego e tivesse que respirar fundo para recuperá-lo.

Kayla olha do Craig para mim, e agora ela está apavorada. Como se nada que ela imaginou pudesse ser tão ruim quanto este momento antes de ela *saber*. Ela está certa. E está prestes a piorar.

— Lex, não — diz Craig, estendendo uma das mãos. — Não faz isso. Por favor.

“Por favor” não funciona para mim como funciona para Bodee. Como funcionou comigo quando Craig e eu éramos melhores amigos.

— Eu ou você? Decide agora.

Craig afunda no sofá e cobre o rosto com as mãos, e eu vejo ele tremer. Eu também estou tremendo, mas Bodee mantém o braço ao meu redor.

— Craig, o que é? O que está acontecendo? Me conta — exige Kayla, e senta como se suas pernas não conseguissem sustentá-la. Ela deixa uma almofada entre ela e Craig, apoiada ao descanso de braços, como se pudesse escapar da tempestade de merda que está para acontecer.

— Não consigo — diz ele, com a voz abafada pelas mãos.

— Como você quiser. — Passo *Hatchet* para Kayla com a capa aberta.

— Um livro? Mas que droga é essa? O quê...?

Ela grita quando seus olhos caem nas palavras, quando ela absorve o que está vendo.

— Não! Não! *Não!* — grita ela, para mim, para ele, para nós dois. Ela continua lendo, a alma que eu despi, as mentiras que eu parei de contar.

E ela sai tropeçando da sala.

Bodee fita os olhos do Craig e diz:

— Se você tocar nela enquanto eu estiver ali fora, eu mato você. — E sai atrás da Kayla. Ele para na porta por um segundo para garantir que Craig acredita nele, depois vai aonde eu não posso ir para dizer o que eu não posso dizer.

Eu não sei o que Bodee está dizendo para Kayla. Talvez: “Sim, isso aconteceu. Sim, Craig é um canalha. Sim, Lex estava escondendo. Sim, a Lex precisa do seu apoio. Sim, eu sei que você está sofrendo.”

Ou talvez ele apenas esteja em silêncio, parado ao lado dela. Porque até seu silêncio é brilhante.

Seja o que for, enquanto Bodee acalma e Kayla chora, eu observo a vida escoar da expressão do Craig. Ele sabe, como eu sei, que não tem como voltar atrás.

Nada foi dito entre nós até Bodee e Kayla voltarem. Bodee está com o braço sobre os ombros dela enquanto a conduz para meu lado. Lágrimas escorrem por seu rosto.

Ela acredita em mim.

Hoje, ela não é namorada do Craig; ela é minha irmã e me puxa para seus braços.

Nós choramos juntas, mas as lágrimas dela são mais intensas que as minhas.

Porque eu já chorei.

— Ele fez isso com você? — Não é uma pergunta, mas ela precisa confirmar.

Minha cabeça se mexe no ombro dela.

— Ele fez isso com você. — Sem esperança, sem dúvida de que ela possa estar errada. — Ai, meu Deus, sinto muito, Alexi. Sinto muito mesmo.

Para fazer ela parar, eu digo:

— Eu estou bem.

— Não está, não. Não pode estar. Porque ele ainda está aqui. Como você pode estar bem?

— Porque você sabe. Você finalmente sabe. — As lágrimas se acumulam, escorrem e formam poças no piso de madeira. — Que ele me estuprou — digo. Não para Kayla; eu digo para mim, em voz alta, na minha casa. Para ouvir o eco. Para saber que a mentira, como um câncer que se espalha, está morrendo. A sensação de alívio é inigualável, ainda maior do que na primeira vez que eu contei para Bodee.

De todas as reações que eu imaginei, essa não foi uma delas. Kayla protetora; Craig murcho, como um macarrão cozido no nosso sofá. Ela seca as lágrimas, que são um tanto por ela e pelas mudanças que isso vai causar, mas principalmente por mim. Depois ela vira e encara Craig.

— Você fez isso? — grita ela, e bate nele com o livro que tem minhas palavras. — *Você fez isso com ela.*

Craig chora de verdade, desviando os olhos do livro, cheios de culpa, arrependimento e medo.

— Desculpa. Sinto muito mesmo.

Para quem ele está pedindo desculpas? Para Kayla ou para mim? O braço do Bodee aperta ao meu redor quando Kayla se levanta.

— Por que você ainda está aqui? — ela grita com ele.

Ele não responde.

— Seu filho da... — Kayla começa, liberando a própria dor, deixando-a voar, inventando xingamentos. — Só fica sentado aí *chorando*. Eu queria arrancar suas bolas!

— Sinto muito mesmo, Kayla. Sinto *muito*.

E sente mesmo. A tristeza cobre Craig como uma mortalha.

— O que você quer, Lex? O que você quer que eu diga para ele? — pergunta Kayla.

— Eu só quero que ele vá embora.

— Uma semana — diz Kayla. — Dou uma semana para você pedir demissão e sumir de Rickman. Ou eu conto para todo mundo o que você fez com Alexi.

— Ah, *não*, Kayla. Amor, você não está falando sério!

Agora ele se concentra nela. Ele está horrorizado, como se isso estivesse além do que ele pode aguentar. Não é a punição que ele esperava.

Vejo sua expressão de *estou tão sozinho*, mas é como se eu ainda ouvisse o pacote de camisinhas rasgando, pois a imagem é muito intensa em minha cabeça. Não vou olhar para o coração partido dele nem ouvir os pedidos de desculpas. Já chega.

— Não ouse agir como se isso não fosse nada — diz Kayla por entre dentes trincados. — Não ouse pensar que você pode simplesmente...

— Mas... mas Alexi vai ficar bem. Quer dizer, agora que todo mundo *sabe*. A gente pode consertar isso, Kayla. Podemos...

— Você está falando sério? Você está completamente louco? Você realmente acha que essa é uma opção? Você tem sorte de eu não chamar a polícia agora mesmo e mandar você preso por estupro qualificado.

Bodee faz sinal de positivo com a cabeça, e eu me sinto mais forte com a fúria da Kayla.

Não há nenhuma dignidade no Craig quando ele chora:

— Mas, Kayla, eu... eu não sei para onde ir. Nem o que fazer.

— Não é problema meu.

— Mas você me ama — diz ele.

— É — diz ela com sinceridade. — Mas tem que ter alguém por aí que seja... *melhor* para amar... do que um cara que estuprou minha irmã mais nova.

— Kayla — implora ele.

Kayla terminou, mas eu finalmente encontro minha voz, *minhas* palavras.

— Não chama a Kayla, Craig. Nunca mais fala o nome dela, seu filho da puta. — Bodee pega minha mão enquanto eu recupero o fôlego. Ele aperta, e eu sei que a raiva que estou sentindo está no meu rosto. — Não tem volta, Craig. Não tem como consertar isso. Só existe a opção de você pedir demissão do emprego e se mudar para longe de Rickman. A única possibilidade é você sair desta casa. Das nossas vidas.

Craig fica sentado lá, mudo e chocado.

— Você ouviu a Alexi: levanta — diz Kayla, e chuta a perna dele para tirá-lo do sofá.

Minhas lágrimas secam quando eu vejo que Craig compreende, por fim, o que está acontecendo.

— Sai. *Agora* — digo, e minha voz está calma, forte e determinada. Finalmente.

Craig se levanta e sai tropeçando pela porta da frente. Enquanto eu encaro o Sprite fechado no nosso chão de madeira, ouço a caminhonete dele sendo ligada.

E penso: os Littrell não precisam mais comprar Sprite.

Craig era o único que bebia.

Ele foi embora.

Não temos um acordo verbal para manter isso só entre nós, mas, quando minha mãe e meu pai chegam da Festa da Colheita, Kayla diz:

— Eu terminei com Craig hoje à noite, e está tudo acabado. Terminei com ele para sempre. É hora de eu... seguir com a minha vida.

Minha mãe começa a dizer “Ah, querida”, mas Kayla estende a mão e interrompe a compaixão dela.

— Ele não vai mais aparecer por aqui. Pai, tem umas caixas com as coisas dele na porta dos fundos. Você pode queimar?

Minha mãe e meu pai trocam um olhar. Vejo que eles acham que isso é só Kayla sendo Kayla.

Meu pai diz:

— E se você mudar de ideia amanhã?

— Não vou mudar — diz ela, e olha para mim.

— Tudo bem — diz ele, e dá um abraço demorado nela. Imagino que ele está pensando: Ela *vai* se arrepender, mas isso vai ensinar uma boa lição para ela.

Minha mãe e meu pai provavelmente vão chorar quando perceberem que o quase genro realmente foi embora, mas, por enquanto, eles dão todo o apoio para Kayla. Por mais forte que seja, quando está debaixo do braço da minha

mãe, ela soluça. Eu sei que vai chegar um dia em que eu vou estar neste mesmo lugar, contando a história verdadeira para minha mãe.

Minha mãe falou para Bodee que a maioria dos problemas com garotas pode ser resolvida em 48 horas. Kayla e eu precisamos de uns dez anos, para começar.

Eu também abraço Kayla.

— Você vai contar para a mamãe, né? — pergunta ela no meu ouvido.

Não consigo imaginar como, mas sei que tenho que fazer isso. Faço que sim com a cabeça.

— No fim de semana.

— Eu ajudo você — diz Kayla.

Na proteção do nosso círculo familiar, eu olho para Bodee e penso no que a mãe dele disse.

Porque ela estava certa. *Não vai ter laço de fita.*

Acho que Deus vai amarrar essa situação por muito tempo ainda.

## capítulo 28

— Mãe, Bodee e eu vamos para o forte.

— Amanhã tem aula — lembra ela.

— A gente não vai demorar.

Bodee e eu precisamos conversar. Longe dos closets e das ventilações de ar e dos estrados de cama. A tarde de hoje foi uma montanha-russa, desde o canteiro da escola até todos os abraços em família. Não falamos muito sobre o depoimento, nem sobre a mudança do Bodee, nem sobre o que fiz quando ele foi embora, nem mesmo sobre como as coisas aconteceram com Kayla e Craig.

— Achei que você tinha ido embora para sempre — digo, quando estamos no bosque.

— Eu pensei nisso — diz ele.

— Eu sei.

— Porque achei que você tinha desistido. E achei que não ia aguentar ver isso acontecer. Mas depois eu comecei a perceber que eu não era muito melhor. Eu criticava você por não falar, mas eu também não estava falando. Como você me disse.

— Não tenho certeza de que você é capaz de criticar — digo, deixando ele saber que o perdoei por suas palavras mais duras.

Ele me agradece com *aquele* sorriso.

— Eu decidi que, se eu não podia mudar você, talvez eu pudesse inspirar você. O que foi? O que fez você decidir contar?

— Você — respondo.

— Mas você não sabia do depoimento.

— Não. — Talvez um dia eu encontre as palavras para explicar. — Mas foi você.

— Bom, eu queria que você tivesse feito isso por si mesma — diz ele. — Porque eu dei o depoimento por mim mesmo. — Ele pensa por um instante e acrescenta: — Tudo bem. Por nós.

— Um conceito meio confuso, né? Eu. Você. Nós — digo, soltando a mão dele para poder subir a escada. No forte, compartilhamos nossa janela, ombro a ombro, fitando a clareira apesar de estar quase completamente escuro. Como se fosse um daqueles gráficos 3-D em que uma nova imagem surge se você encarar por tempo suficiente.

Alguma coisa surgiu.

Eu: uma garota que foi estuprada. Ele: um garoto cujo pai matou a mãe.

Nós: uma garota e um garoto que sobrevivem.

— Eu fiz por mim. Por nós — digo, usando suas palavras.

— Não foi pelo Hayden? — pergunta ele.

— Não — respondo. — Acho que não vai ter mais Hayden.

— Por que não?

— Você — respondo, e pego a mão dele.

— Eu?

— Você. Eu escolho você.

Eu desvio o rosto da janela, e Bodee também. Ele não parece se importar quando eu o abraço e afundo o rosto em sua camisa.

— Bodee, quem sou eu? — pergunto, envolta por seus braços.

— Alexi.

— Errado — digo e levanto para encontrar seus olhos.

Ele está com uma expressão curiosa, e eu me pergunto como ela ficaria sob mechas verde-kiwi em vez desse simples loiro-limonada.

— Bom, então quem é você?

— Acho que sou uma nova pessoa. Ainda não tenho certeza. Tudo bem para você?

Bodee ergue meu cabelo e beija meu pescoço, depois minha testa e minha bochecha. Seus lábios se entreabrem, e pressinto sua pergunta.

— Você não precisa pedir um beijo — digo a ele.

E ele não pede. É o melhor beijo da minha vida.  
Talvez porque Craig foi embora.  
Mas provavelmente é só porque é Bodee, e ele está aqui.  
Quando a gente finalmente se separa, ele diz:  
— Lex, quem sou eu? — Um sorriso, não o completo, curva seus lábios.  
— Não tenho certeza — respondo, sabendo que a resposta não é tão simples quanto dizer seu nome.  
— Nome? — diz ele, de um jeito brincalhão.  
— Bodee — respondo.  
— Outro — diz ele.  
— Garoto Ki-Suco? — pergunto, tocando o cabelo louro sem tinta e torcendo uma mecha no dedo.  
— Outro.  
— Eu... não sei nenhum outro.  
— Quer saber um segredo? — pergunta ele.  
Faço que sim com a cabeça.  
— Você é a garota do quarto tempo de aula.  
— Sou? — pergunto, sem entender o que isso significa. — Mas...  
— *Sozinho. Diante dessa multidão. Sozinho, nesse sonho horrível. Quem sou eu nesse silêncio visível? Será que eles me ouvem gritar?* — ele canta muito suavemente, sem desviar os olhos dos meus. A primeira letra que o Capitão deixou para mim.  
Eu o encaro, sem reação, por um segundo, depois entendo.  
— Você é o Capitão Letra de Música? — Parece muito um livro de ficção para ser verdade. — Mas por quê? Como?  
— Porque você estava sofrendo, e eu não encontrava as palavras. Naquele primeiro dia de aula, perto dos nossos armários, eu vi seu pescoço. Eu sei dessas coisas por causa da minha mãe. Eu queria fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. — Ele passa o polegar suavemente pelos meus lábios. — Você sempre está usando os fones de ouvido, então eu arrisquei.  
Sentamos no chão do forte, e ele me conta que, às vezes, fica vagando pelos corredores na hora do almoço. E que, naquela primeira semana, Heather e eu

ficamos sentadas conversando, no quarto tempo de aula, depois que o sinal tocou. E ele me viu. Foi assim que ele descobriu qual era minha carteira. E que ele escreveu as primeiras palavras, na sala de aula vazia, depois que a gente saiu. E depois esperou para ver se eu ia escrever de volta.

— Mas você me disse que gostava de uma garota.

Bodee sorri.

— Eu não falei que ela estava na *minha* turma do quarto tempo de aula.

— Eu perguntei se eu conhecia a garota, e você...

— Lex, eu queria que você pudesse olhar para si mesma um dia e entender o que eu vejo quando olho para você.

— Mas e a festa? — pergunto. — Quando eu pedi para a gente se encontrar?

— Eu estava lá naquela noite para contar para você.

— Mas você não estava de preto — digo.

— Lex, você já viu tudo o que eu tenho. Achei que você não ia se importar.

— Não ia. Mas... *ah*. — Eu me lembro do beijo no Hayden. — Eu queria que fosse você. Eu queria ter sabido.

— É. Eu também. — Ele também está pensando no beijo que testemunhou.

— Mas por que Hayden estava lá? Por que *ele* estava de preto? — Tenho tantas perguntas. Mas quero tanto que isso seja verdade que preciso verificar e reaverificar tudo.

— Heather — diz ele simplesmente. — Mas não fica com raiva dela. Ela queria tanto consertar as coisas para você que contou para Hayden sobre o Capitão Letra de Música. A carteira, o encontro, tudo.

— E Heather contou para você?

— Contou — responde ele, segurando minha mão com delicadeza. — Depois de um tempo.

— Bodee, por que você não me contou antes? — pergunto. Tivemos tantas oportunidades.

Ele suspira.

— Na primeira vez que você falou das letras de música, você estava tão feliz. — Ele olha para outro lado. Depois olha para os pés. — Eu não tinha certeza de que você ia ficar tão feliz se soubesse que era eu. Nós prometemos...

— Nada de pular etapas — completo, me lembrando da nossa caminhada para casa, no dia do baile.

— Nada de pular etapas — repete ele.

— Só para registrar, estou feliz por ter me apaixonado por você, e não só pelas suas palavras.

— Eu também. — Ele me avalia, me analisa, parece, e depois diz: — Já que estou confessando, você precisa saber de mais uma coisa. Eu contei para outra pessoa sobre Craig.

Meus membros viram geleia.

— *Quem?* — Bodee honesto. Ele disse que ia contar e contou mesmo.

— Liz. — Ele range os dentes e espera, mas depois não aguenta esperar. — Está zangada?

Penso por mais um longo instante.

— Não. — Liz é a pessoa perfeita para saber.

— Você precisa de uma amiga.

— Eu tenho você — digo, e o abraço.

— Você precisa de mais do que eu. Ainda tem um longo caminho para percorrer, Lex. Para você. E para mim. Para Kayla. Com seus pais, quando eles souberem o verdadeiro motivo para Craig estar indo embora de Rickman. Não vai ser fácil. E se eu passar uma noite com Ben ou você for para outro acampamento? Você precisa de outra pessoa que saiba. Que ame você.

Penso nisso durante todo o caminho até em casa, me concentrando no jeito sutil que Bodee disse que me ama sem dizer. Penso em como ele é sábio. Ele nunca se apressa. E eu também não vou me apressar. Temos tempo suficiente para dizer essas palavras e muitas outras no futuro.

E ele está certo sobre Liz, e eu estou feliz por não precisar recontar a história para ela entender. Porque, quando penso no Craig, eu ainda quero rasgar coisas.

Mas hoje é melhor do que ontem. E essa dor ainda é um buraco em mim, mas é um buraco que está diminuindo.

Hoje à noite, estou na cama, e Bodee está deitado ao meu lado de ténis. E é tarde e estamos muito cansados. E completamente sem palavras.

Sinto a necessidade de contar.

A compulsão é esmagadora. Mesmo agora, 104 dias depois...

Um.

Dois.

Três.

Quatro...

Vamos continuar *contando* até chegarmos a 23...

Cinco...

Mas agora eu não preciso me preocupar em piscar...

Seis...

Porque... *sete*... eu posso contar os beijos do Bodee com os olhos fechados.

# Aos leitores

Querido(a) Leitor(a),

Muito obrigada por ler *Um dia de cada vez*. Como você pode imaginar, esse projeto é muito querido para mim. Embora esta seja uma obra de ficção, a dor que contei nestas páginas é uma dor que eu entendo. A história da Alexi não é a minha, mas tenho uma história.

Você também tem uma história?

Se tiver, quero falar com você por um minutinho. Não porque eu seja especialista no assunto. (Não sou.) Não porque eu seja uma heroína em um pedestal. (Minha cura é muito recente para isso também.) Não porque eu seja uma autora com muita coisa para dizer. (Sou tagarela, mas não sobre esse assunto. Isso é *difícil*.)

Sou apenas outro ser humano que passou por isso. Estou tentando ser corajosa neste momento também, porque estou preocupada com seu sofrimento. E eu odeio isso. O único jeito que conheço de ajudar é contar algumas verdades que pessoas fantásticas me mostraram ao longo dos anos. Estas são as lições que continuo aprendendo:

1. O QUE ACONTECEU COM VOCÊ NÃO É SUA CULPA. Não importa o que você estava vestindo, o que você disse ou não disse, ou se você bebeu ou se drogou no dia. Ninguém tem permissão para tomar nada de você. Talvez você ainda não acredite em mim, mas essa é a verdade. Você não provocou isso. Culpar a si mesmo(a) não é a resposta.

2. VOCÊ NÃO ESTÁ PRESO(A) EM UM CICLO DE SOFRIMENTO INFINITO. Eu sei que parece. Sei que você está se perguntando se vai sentir para sempre o sofrimento que sente agora. Você pode escolher seguir pelo caminho maravilhoso, assustador e transformador da cura. Cada caminho é diferente, mas aqui estão alguns pontos por onde começar:

— *Procure um psicólogo ou um centro de apoio para vítimas de violência sexual.* Existem recursos nacionais para isso, e provavelmente algum na sua cidade. Você pode entrar em contato com o Disque-Denúncia nacional, discando o número 100 no seu telefone. O serviço funciona das 8h às 22h, inclusive nos fins de semana e feriados, e garante o anonimato de quem liga. Para denunciar casos de abuso na internet, procure a SaferNet, no link <http://www.safernet.org.br/site/denunciar>. Outra forma de buscar ajuda é procurar uma **Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente ou uma Delegacia da Mulher.**<sup>1</sup>

— *Por favor, converse com um profissional que entenda como você está se sentindo e que possa ajudar você a planejar uma estratégia para se curar.* Sei que isso é assustador, mas falar com um profissional é um passo para a cura. É confidencial e vai libertar as palavras de dentro de você. Vai dar a você uma forma segura de falar da dor e ajudá-lo(a) a ter alguma perspectiva sobre a situação.

— *Conte para alguém em quem você confie; alguém que ame você.* Se você for como a Alexi, neste momento vai estar pensando: *Não. Eu não posso. Courtney, você não entende. Se eles souberem, eu sempre vou ser “aquela garota” ou “aquele cara”.* Mas eu entendo, sim, e o único jeito de você continuar sendo *aquela garota* ou *aquele cara* é guardando tudo trancado dentro de você. A dor tem um jeito de escapar mesmo quando a gente tenta abafá-la. Crie coragem: conte a verdade para alguém que ame você.

— *Avalie como você está lidando com a situação.* Alexi tem vários mecanismos: arranhar o pescoço, contar os buracos na ventilação e se esconder no closet. Essas coisas nos dizem que ela não está bem. Uma das minhas partes

favoritas de *Um dia de cada vez* é o modo como Bodee ajuda Alexi a contar até mais do que 23 e superar a escuridão. *Vinte e três* era o título original deste livro, porque o número representava um lugar que Alexi não conseguia alcançar sem ajuda. Como você está lidando com a situação? Os mecanismos que você usa são perigosos? Você está tentando controlar a dor com outra dor? Por favor, não se machuque mais. Tente encontrar mecanismos saudáveis para lidar com o que aconteceu.

3. NÃO É SEU DEVER PROTEGER SEU AGRESSOR DAS CONSEQUÊNCIAS. A punição do Craig não foi incluída em *Um dia de cada vez* porque é uma história à parte. Para Alexi, naquele dia, tirá-lo de casa foi a vitória inicial. Alexi terá muitas opções nos próximos dias. Acredito que ela vai encarar todas com coragem. Será que ela e a família vão buscar uma punição jurídica? Será que vão dar um jeito de Craig nunca mais dar aulas? Será que ela vai contar a alguém, além da família?

A coragem vem aos poucos. Buscar justiça é um direito e um privilégio jurídicos no nosso país, e espero que todos que possam fazer isso realmente o façam. É necessário haver consequências mais duras para os agressores, e precisamos fazer todo o possível para acabar com a banalização e a cultura do estupro. Escrevi *Um dia de cada vez* na esperança de inspirar o primeiro passo, mas rezo para que todos nós continuemos caminhando em direção a um mundo mais seguro.

4. EXISTEM BODEES NO MUNDO. Essa pode ser uma verdade difícil de acreditar, mas eu juro que existem garotos e garotas por aí que não querem apenas se dar bem. Existem garotos e garotas que vão respeitar seus limites, que vão dançar com você mal tocando seu quadril, que vão dormir de tênis, se isso for necessário. Confiança é uma palavra muito difícil quando o abuso sexual faz parte da sua história. Não estou sugerindo que você confie em todo mundo; estou apenas lembrando que existem pessoas confiáveis por aí que não querem machucar você. Tente encontrar um jeito de manter seu coração aberto. Fazer isso mudou minha vida de muitas maneiras. Eu tive um amigo que me amou

dos piores momentos até a dor começar a diminuir, do medo até a confiança, de “todo mundo quer se dar bem em cima de mim” até “existem caras legais”.

5. CHORE SUAS DORES, MAS SE LEMBRE DE QUE ESSE MOMENTO NÃO DEFINE VOCÊ. Não dê ao seu agressor mais poder do que ele ou ela já tem. Você era um lindo ser humano antes que isso acontecesse, e nada mudou. A pessoa que fez isso não roubou seu futuro, sua capacidade de amar, sua capacidade de seguir em frente, sua capacidade de se ver como uma alma linda e maravilhosa no nosso planeta. Sofra pelo que ele ou ela tomou, mas não lhe dê nem um pouquinho a mais do que isso. Você é mais do que uma vítima: você é um(a) sobrevivente.

6. ESCREVA. A coragem da Alexi começa quando ela escreve o que aconteceu com ela na capa de *Hatchet*. Escrever foi fundamental para minha cura. Escrever também pode ser um bom começo para você. Use um diário. Use a capa de um livro. Use um pedaço de papel. Esse é um jeito simples de trazer à tona sua coragem.

Sei que um livro como *Um dia de cada vez* não apaga uma dor do tamanho do abuso, mas rezo para que ele sirva como um abraço, um pouco de amor e uma dose compartilhada de coragem. Você é amado(a) e valorizado(a). E você vai conseguir. Continue contando para afastar a escuridão!

*Court*

[1](#) Os números, órgãos públicos e sites aqui indicados são os brasileiros.

# Agradecimentos

Tentei isso uma vez e ficou longo demais. Estou resumindo para ter espaço, mas, por favor, saibam que eu continuaria falando de todos vocês por todas as páginas deste livro, se me permitissem.

Primeiro, a Deus. Ele é o cara que me ama de qualquer maneira (como Bodee é para Alexi), e Ele é o motivo pelo qual eu entendo que há paz e amor depois da dor.

Agradecimentos, parabéns, elogios, bênçãos e amor:

Para Kelly Sonnack. Ela é fantástica, durona e brilhante, e eu confio nela com todo meu coração.

Para Rosemary Brosnan. Você me deu o melhor presente de aniversário da minha vida. Você é um tesouro, cheia de coragem, honestidade e fé, e *todas* as palavras para elogiar você não cabem aqui, mas, por favor, saiba que, desde os meus dedões do pé, eu agradeço por me permitir fazer parte do seu time.

Para Andrea Martin. Eu sinto que, se estivéssemos no FBI (já pensou?), você seria a melhor agente do mundo.

Para toda a equipe da Harper: Brenna Franzitta, Valerie Shea, Cara Petrus, Laura Lyn DiSiena, Kim VandeWater, Patty Rosati, Olivia deLeon, Susan Katz, Kate Jackson e todas as pessoas que eu ainda não conheço, mas que trabalham muito. Obrigada por estarem do meu lado e por fazerem essa experiência ser fantástica. Devo chocolate a todos vocês.

Para Ruta Sepetys e Sharon Cameron. Não haveria livro sem aquelas conversas de “você precisa escrever isso” em Los Angeles. Beijos.

Para minha vila: Erica Rodgers, Kristin O'Donnell Tubb (vida longa para Annie e Eve), Rae Ann Parker, Hannah Dills, Jessica Young, Genetta Adair, Patricia Nesbitt, Janice Erbach, Alina Klein, Kate Dopirak, Jolene Perry, Tricia Lawrence, Sarah Davies, Tiffany Russell, Taryn Fagerness, SCBWI, todos os professores de inglês que eu já tive, crianças e famílias da SSUMC, famílias da BUMC, alunos da LWC, Portia Pennington, Susan Eaddy, Katie McGarry, David Arnold, Ashley Schwartz, Cassie Frye, Lauren Thoman, Tracy Barrett, Jennifer Jabaley, S. R. Johannes, CJ Redwine, Myra McEntire, Katie e Matt Corbin, Leah Spurlin, Brooke Buckley, Jami Unland, Dr. Bruce Harris, T, - Sarah Elizabeth, CJ Schooler (nº 007) e Victoria Schwab. Vocês leem. Vocês escutam. Vocês amam. (Alguns até jogam paintball.) Vocês estão presentes. Sempre. Tenho uma dívida eterna com vocês. Suas impressões digitais estão por todo o livro e pela minha vida.

Para Adam. Seja uma explosão. Rinocerontes para sempre.

Para minhas famílias Stevens, Ledbetter e Potter: amo vocês. Obrigada por me amarem.

Por fim, a todos vocês, leitores. De nós dois, vocês são minha melhor metade.